



Margot Berwin



Novo



Plantas

do

Desejo



Flora



de



Estufa



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Margot Berwin

Nove Plantas do Desejo e a Flor de Estufa

TRADUÇÃO DE
Adalgisa Campos da Silva



Copyright © 2009 Margot Berwin

Tradução publicada mediante acordo com Pantheon Books, uma divisão de Random House, Inc.

TÍTULO ORIGINAL

Hothouse Flower and the Nine Plants of Desire

TRADUÇÃO

Adalgisa Campos da Silva

PREPARAÇÃO

Anna Lee

REVISÃO

Cris Bastos

Julio Ludemir

CAPA

Roberto de Vicq de Cumptich

GERAÇÃO DE EPUB

Xeriph

REVISÃO DE EPUB

Luana Gonçalves

E-ISBN

978-85-8057-021-2

Edição Digital: 2013

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3^o andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



Para Armand

Para mim, o mundo é estranho porque é estupendo, assombroso, misterioso, insondável. O que me importa é convencê-lo de que você precisa assumir a responsabilidade por estar aqui, neste mundo maravilhoso, neste deserto maravilhoso, neste tempo maravilhoso. Eu quis convencê-lo da necessidade de aprender a tornar cada ato relevante, uma vez que seu tempo aqui é curto; aliás, muito curto para assistir a todas as maravilhas deste mundo.

DON JUAN EM Viagem a Ixtlan, DE CARLOS CASTAÑEDA

Nota da autora

Este livro é uma viagem que vai do mundo publicitário da cidade de Nova York às florestas tropicais da península de Yucatán. Dos negociantes de plantas da feirinha de produtos orgânicos da Union Square aos curandeiros, herboristas, xamãs e charlatães, e até mesmo ao espírito das próprias plantas.

A história se baseia no relacionamento com meu grande amigo Armand, que teve a gentileza de me autorizar a usar seu nome nestas páginas. Acho que ele tem um belo nome e eu não poderia imaginar outro mais adequado.

Ao longo dos anos, Armand me ensinou muito sobre as plantas e sobre a vida. Aproveitei um pouco desse conhecimento e escrevi este romance. Eu diria que suas circunstâncias são fictícias nos detalhes e muito reais no todo.

Interprete-o como quiser. Leia-o como considerar mais prazeroso.



GLOXÍNIA
Gloxinia speciosa



ZÂMIA
Zamia furfuracea



CACAU
Theobroma cacao



BOA-NOITE
Ipomoea alba



SINSEMILLA
Cannabis sativa



LÍRIO-DO-VALE
Convallaria majalis



MANDRÁGORA
Atropa mandragora



CHICÓRIA
Cichorium intybus



DATURA
Datura innoxia

As nove plantas do desejo

- ~ Gloxínia — A planta mítica do amor à primeira vista.
- ~ Zâmia — A planta da imortalidade. Um dinossauro vivo ressurgido do período jurássico.
- ~ Cacau — A árvore do alimento e da fortuna.
- ~ Boa-noite — Agente da fertilidade e da procriação.
- ~ *Cannabis sativa* na forma de *sinsemilla* — A planta da sexualidade feminina.
- ~ Lírio-do-vale — Libera força vital. Uma pitada dessa bela planta pode substituir a *digitalis* como medicamento para a insuficiência cardíaca.
- ~ Mandrágora — Segundo William Shakespeare e a Bíblia Sagrada, essa é a planta da magia.
- ~ Chicória — A planta da liberdade. Oferece invisibilidade a quem se atreve a ingerir seu leite amargo.
- ~ Datura — A planta da viagem mental e das aventuras. Provoca alucinações e sonhos premonitórios.

Há ainda uma décima planta. A planta sem nome da paixão. Para saber mais sobre ela, você terá de ler o livro.

 **PARTE UM** 

Nova York



Ave-do-paráíso

(Strelitzia reginae)

Natural da África do Sul, da família da bananeira, valorizada por suas estruturas altas e muito coloridas. Essa planta não é indicada para quem se frustra ou perde a paciência com facilidade, nem para aqueles que gostam de mandar, pois pode levar sete anos para dar uma única flor. Perfeita para quem é generoso e age assim sem esperar nada em troca. Você sabe quem você é.

Sem perceber, comecei a me interessar por plantas tropicais, persuadida pelo homem da feirinha de produtos orgânicos da Union Square.

Eu acreditava nisso, mas agora tenho certeza. Agora sei que tinha de ser assim.

Eis como aconteceu.

Eu acabara de me mudar para um pequeno conjugado recém-reformado e sem nenhuma personalidade, na rua Quatorze com a Union Square. Era um cubículo de pé-direito baixo, com o assoalho de tacos, sem sancas, sem

detalhes, pintado de branco — exatamente o tipo de apartamento que eu queria. O fato de ser novo significava que não havia recordações entranhadas nas paredes nem no assoalho. Nada de discussões nem de cenas angustiantes de amor não correspondido que me encarassem do espelho do banheiro. Era novinho em folha. Exatamente como eu desejava que minha vida fosse.

Achei que um pouco de verde pudesse colorir a casa — sem trocadilho — e adicionar alguma cor. Por isso é que atravessei a rua e fui à feirinha da Union Square comprar uma plantinha.

O homem no quiosque de plantas parecia uma imagem surgida do passado. Tinha o cabelo louro escorrido e um bronzeado cor de terra de quem está o tempo todo ao ar livre. Com sua camisa de sarja surrada e seus Timberlands batidos — usados para trabalhar, não por uma questão de estilo —, ele se destacava dos metrossexuais bem-cuidados que andavam pelo mercado, com cestos de vime numa das mãos e óculos Gucci na outra. Esse homem era diferente. Era um tipo rústico — um “*roçassexual*”.

Ele me pediu que descrevesse meu apartamento não em relação ao tamanho ou ao modelo do fogão e da geladeira, mas em termos de luz, temperatura e umidade.

Disse-lhe que tinha janelas que iam do piso ao teto, o que em grande parte era verdade, embora elas fossem mais do teto até o aquecedor que do teto ao piso.

Contei-lhe que tinha uma vista livre para o Sul, coisa difícil de encontrar na cidade de Nova York, e que, desde que houvesse sol, o apartamento era quente e ensolarado o dia todo, mesmo no inverno.

Como ainda não havia passado nenhum inverno no apartamento, não sei direito por que disse aquilo, mas acho que soou bem para mim e acredito que para o homem também, porque ele se abaixou em meio às plantas, com a cabeça coberta de flores roxas e o traseiro para cima, e emergiu com um sorriso largo e um maço de folhas de sessenta centímetros de altura.

Fiquei decepcionada.

— Que é isso?

— Uma ave-do-paraíso — respondeu ele, levantando o vaso na direção do céu e girando-o com a ponta dos dedos.

— Uma planta tropical? — perguntei, subindo o zíper do casaco para me proteger do vento de fim de março e imaginando a morte iminente da planta.

— Havaiana, para ser mais exato. *Strelitzia reginae*. Da família da bananeira. Precisa de muita luz do sol, não muito direta, e é necessário que a terra seque entre uma rega e outra. Ela é difícil de cultivar e passa cinco, seis ou até sete anos sem florir, dependendo do clima. E do amor — acrescentou, dando uma piscadela.

Abri o zíper do casaco.

— Seis ou sete anos? Meu casamento não durou tudo isso. Você tem algo que floresça em menos tempo, em uma ou duas semanas?

— Essa é a sua planta — disse ele. — É uma beleza.

— Quanto?

— Trinta dólares, e dou de quebra um folheto sobre plantas tropicais raras, para que aprenda a cuidar dela.

— Três, zero? Ali na esquina eu poderia comprar uma dúzia de rosas, todas já grandes e cheirosas, por dez dólares.

— Poderia, mas elas morreriam em uma semana. Você teria de comprar rosas novas todo sábado. Se fizer as contas, estou lhe oferecendo uma pechincha. Além do mais, esta ave-do-paraíso é *tropical*. Pense nas agradáveis brisas do mar, nos coqueiros ao vento, nos garotões dos quiosques e nas *piña coladas* em praias de areia branca e água azul-cristalina e morna.

Não sei se foram as *piña coladas*, os garotões dos quiosques ou o azul-celeste dos olhos dele, mas, como publicitária, eu tinha de respeitar uma boa lábia de vendedor. Paguei-lhe, e ele me entregou a ave-do-paraíso, o folheto sobre plantas tropicais raras e um cartão, que dizia: “David Exley, o Homem-planta.”

— Parece nome de super-herói — comentei.

— Bem, eu tenho, sim, uma coisinha especial com a flora e a fauna, se entende o que quero dizer.

Não entendi, mas concordei assim mesmo.

— Volte se as folhas começarem a amarelar nas bordas. Estou aqui às segundas, às quartas e aos sábados, das seis da manhã às dez da noite.

— É melhor não amarelarem — disse eu, olhando para trás. — Por trinta dólares, é melhor que continuem muito verdinhas e brilhantes.

Atravessei o mercado com minha ave-do-paraíso estendida à frente como se fosse uma oferenda. Era gostoso carregar um pedaço da terra. Achei que me fazia parecer uma daquelas mulheres que usavam Bierkenstocks, estudavam Cabala e todas as noites preparavam refeições nutritivas para os filhos, alunos de uma escola antroposófica, em vez da solitária divorciada de 32 anos, sem filhos e sem plantas, que eu era.

De volta ao apartamento, coloquei a ave-do-paraíso no parapeito da janela. O vaso tinha uma base muito larga, e tombou. Peguei minha planta tropical de trinta dólares antes que ela se espatifasse no chão. Não havia nem cinco minutos que estava comigo, e sua vida já corria perigo. Não era de espantar.



A ave-do-paraíso foi a primeira coisa viva com a qual dividi meu espaço após o divórcio. *Nada de bichos de estimação, nada de plantas, nada de gente, nada de problemas* tinha sido meu lema nos últimos nove meses.

Conheci meu ex-marido no trabalho: bonitinho, inteligente, bem-sucedido... e um erro colossal. Ele era um homem que bebia como um gambá e queria um monte de filhos. Eu era uma mulher que não queria um monte de filhos e bebia como gente. Sei que os casamentos, em sua maioria, são complexos e têm várias fases, mas o nosso não teve. Nosso casamento de quatro anos foi mais ou menos assim:

Ano um — “Eu te amo, Lila.”

Ano dois — “Eu te amo, Lila.”

Ano três — “Eu te amo, Lila.”

Ano quatro — “Lila, vou te deixar para ficar com a produtora da agência de publicidade.”

A produtora da agência, também conhecida como a mulher que levava café e reservava as passagens aéreas para ele. Que clichê! Na época me perguntei como uma coisa tão parecida com filme de tevê podia doer tanto.

Mas na verdade não foi a bebida nem a produtora. O problema do nosso casamento era genético.

Meu marido era de uma numerosa família católica irlandesa, na qual todo mundo se casava e tinha filhos, a menos que fosse gay ou doente terminal. Eu era de uma família na qual ninguém se casava, a menos que tivesse filhos primeiro, e em geral por descuido.

Meus pais, a quem amo de paixão, se divorciaram quando eu era jovem. Após o divórcio, os dois namoraram ardorosamente, como adolescentes, e nunca voltaram a se casar. Minha irmã e meu irmão, ambos mais velhos, tinham filhos, mas não eram casados.

Muita gente se casa para manter a tradição. Eu era rebelde. Casei-me para rompê-la.

O estranho foi que, contra todos os prognósticos, adorei estar casada. Adorava os pequenos rituais. Os apelidos engraçadinhos. “Gatinho” para ele. “Florzinha” para mim. Adorava fazer compras na Whole Foods, preparar ensopados de carne e canjas de galinha em panelas enormes, com montes de legumes. Adorava lavar louça ouvindo Curtis Mayfield. Gostava de lavar, de secar e de dobrar roupa. Caramba, eu adorava até passar aspirador! Acho que posso dizer que, durante os anos de casamento eu me tornei a pessoa mais chata do mundo — e achava isso o máximo.

Acontece que meu ex, que, em todos os aspectos e pelo histórico familiar, era o homem ideal com quem casar, achava isso um horror. Ele tinha mania de espaço. Foi criado numa casinha mínima com muitos irmãos e não suportava ter alguém por perto. Vivía me arrastando para comprarmos camas maiores e nos mudarmos para lugares mais amplos. No fim, dormía-mos num colchão tão largo, que dava para abrirmos os braços e as pernas sem que um encostasse nos dedos do outro, e morávamos num *loft* do tamanho de um hangar.

Só para ter certeza de que não era maluca, fiz uma pesquisa sobre a cama. Meu amigo Oliver, um famoso decorador, disse que era o maior móvel que ele já vira em um apartamento de Manhattan. Minha amiga Lisa disse que a cama fazia com que ela se sentisse minúscula, como um bebê que tivesse se metido na cama dos pais. Minha mãe se ofereceu para mandar fazer *lençóis especiais*. E meu colega de trabalho e grande amigo Kodiak Starr, que era

surfista, disse que aquele edredom azul-esverdeado o fazia pensar no mar. Era fato: minha cama era tão grande quanto o Atlântico. Eu dormia em Nova York, e meu marido, no outro extremo do colchão, estava em Londres.

Meu Gatinho, meu rochedo, revelou-se um fragmento de pedra-pomes: quebradiço e friável sob pressão e incapaz de falar sobre os próprios sentimentos ou mesmo de saber o que sentia. Em nosso apartamento gigantesco com nossa cama gigantesca, ele se afastou cada vez mais, até o dia em que simplesmente não voltou para casa. Não estou brincando. Foi de repente, sem mais nem menos.



Foi meu colega de trabalho, Kodiak Starr, quem comprovou ser meu verdadeiro rochedo. Kody era um pouco filósofo/surfista alternativo demais para alguém com um nome tão glamoroso, e mais bonito que a maioria das mulheres que eu conhecia. Usava palavras irritantes como “maneiro” e “cara” e fazia coisas como meditação transcendental e sonhos lúcidos. Provavelmente seria considerado *new age*, se não tivesse nascido em 1984, oito anos depois de mim.

Como dividíamos um escritório, quase toda a faxina mental diária era por conta de Kody, que me escutava e me ajudava a entender o que tinha acontecido com meu ex. Quando supostamente devíamos estar trabalhando num novo comercial para os tênis Puma, trabalhávamos, principalmente, nas questões mais prementes do meu casamento. Quando perguntei a ele por que meu marido tinha saído de casa sem nunca ter tentado resolver a situação, ele respondeu com metáforas de surfe repletas de cadência e ondulação, fáceis de digerir. Pôs o sedoso cabelo louro atrás das orelhas, botou os pés calçados com sandálias de dedo em cima da mesa e cruzou as mãos na nuca.

— Cara — disse ele —, só quem surfa na elite e com pranchão tem disciplina para pegar todo tipo de onda, grande ou pequena, em qualquer condição. Seu marido era um amador, que só surfava com prancha pequena.

— Mas por que eu? — Perguntei pela centésima vez. — Por que preciso passar por isso?

— Porque terminar uma relação é como respirar — disse ele. — Todo o mundo faz isso.



Após a morte do meu casamento, eu estava absolutamente determinada a manter viva a ave-do-paraíso. Iria aos poucos. Primeiro as plantas. E, se tudo corresse bem, então eu passaria às pessoas.

De manhã, antes do trabalho, eu afagava suas hastes com as pontas dos dedos, porque elas eram ligeiramente felpudas e gostosas de tocar, e, de vez em quando, com uma esponja molhada, eu lavava as folhas grandes como as de bananeira, quando a poeira da cidade se acumulava sobre elas.

Eu tratava aquela ave como a um hóspede, exceto por lhe dar água, em vez de vinho, e evitava jogar fumaça de cigarro em sua direção. Deixava as persianas abertas o dia inteiro, mesmo quando batia tanto sol, que eu não conseguia ler na tela do computador. Eu atendia ao que imaginava ser cada um dos caprichos dela, e, para minha surpresa, a ave-do-paraíso desabrochava. Novos brotos saíam de suas hastes. Eu os adulava com gotas d'água que espremia sobre eles e palavras carinhosas. Os brotos viraram gigantescas folhas verdinhas, lustrosas e translúcidas, com as veias delicadas à mostra.

Eu queria voltar à feirinha para agradecer a David Exley e contar vantagens sobre meu progresso (isto é, para vê-lo de novo e flertar descaradamente), mas estava com medo: em relação a homem, eu estava com medo e tinha perdido a prática. Então, em vez disso, liguei para Kody.

Ele estava na praia quando atendeu, e gritou mais alto que a arrebentação.

— Você tem de voltar lá, Lila. Tem de voltar lá e pegar umas ondas. Só volte quando tiver cãibras nas panturrilhas, de tanto ficar agachada no tubo. Livre como um passarinho, garota. Livre como um passarinho.

Desliguei o telefone e segui para a feira, agachada no tubo.



— Minha ave está linda — disse.

David Exley, o Homem-planta, apontou para trás de si com o polegar.

— Lá de onde essa veio tem mais um monte.

— Não quero comprar, só olhar.

— Por mim, tudo bem, olhe tudo. Mas se tiver um minuto posso levá-la lá dentro e lhe mostrar como fazer aquela ave criar asas.

— Tenho um tempinho — falei. — Mostre-me como fazê-la voar.

Ele abaixou o tom de voz e se aproximou.

— Antes de eu revelar os segredos de meu ofício tropical, preciso saber com quem estou falando.

— Sou Lila.

— Lila, nome bonito. Lila de quê?

— Nova.

— Tem um nome do meio, Lila Nova?

— Grace.

— Lila Grace Nova. *A nova* Lila Grace.

Ele me pegou pelo cotovelo e me levou para dentro de seu quiosque. Era uma barraca verde e úmida, com água gotejando constantemente e repleta de plantas, do tamanho de um apartamento pequeno. Ali, a temperatura era pelo menos quinze graus mais quente que do lado de fora, e sentia-se cheiro de terra molhada, chuva e vegetação.

Em uma mesa de madeira de piquenique, ele tinha cinco aves-do-paraíso altas. Suas folhas eram firmes e apontavam para o céu.

— Me dê sua mão, Lila Grace Nova.

Ele pegou minha mão e correu a ponta de meus dedos por uma folha grande.

— Sentiu?

— Está molhada.

— Molhada, não. Orvalhada. Consegue sentir a diferença?

— Como as mantém assim? Orvalhadas, quero dizer. Sem que fiquem molhadas?

Ele largou minha mão, que ficou coberta da terra de sua luva de jardinagem, como se ainda a segurasse.

— Compre uns umidificadores. Não os coloque muito perto da planta: a intenção não é encharcar as folhas. Mas também não os coloque muito

longe: o objetivo não é que elas sequem. Devem ficar suficientemente perto, de modo a cobri-las com um orvalho fino, suave. A planta vai adorar. Vai crescer tanto, que você vai ter de se mudar para uma casa nova, só para acompanhar o ritmo daquela ave.

— Odeio me mudar.

— Isso é porque você está enraizada. Prova de que é uma verdadeira pessoa-planta.

Gostei de ouvir isso. *Uma verdadeira pessoa-planta*. Era muito mais interessante, afetuoso e feminino do que uma *verdadeira publicitária*.

Olhei para Exley. Seus olhos eram da cor de uma camisa de sarja azul desbotada, contornados por um leque de rugas, provavelmente de tanto passar o dia com os olhos franzidos por causa do sol. Ele me fazia sentir como se eu não estivesse em Manhattan, e achei isso bom. Esse homem é um verdadeiro profissional, pensei. Um autêntico paquerador florista.

— Em que você trabalha? — perguntou ele.

— Em publicidade.

— Trabalho glamoroso, hein?

Fui com tudo. Se ele ia bancar o garoto bronco do campo, eu ia bancar a mulher urbana sensual.

— É — eu disse, tirando o cabelo louro ondulado dos ombros com as duas mãos e balançando a cabeça —, é um trabalho muito glamoroso.





Publicidade

Uma maneira de vender produtos convencendo as pessoas de que precisam de algo que na verdade é totalmente inútil para elas. Não é uma profissão para quem tem muitas preocupações éticas, mas é perfeita para quem é prático e gosta de ganhar dinheiro com a criatividade.

A verdade era que meu trabalho *tinha* se tornado glamoroso. Não sei se foram as horas extras que dediquei a tentar evitar o sofrimento ou apenas o universo me fazendo um agrado, mas em meio ao divórcio, entre os advogados, a conciliação, os telefonemas embriagados, a troca da fechadura, a mudança e o choro, Kody e eu conseguimos criar e depois vender um comercial para os tênis Puma. Era sem dúvida o melhor trabalho de nossa carreira, e iríamos acompanhar a gravação para televisão com uma *top model* (embora, na qualidade de redatora, eu odiasse admitir que a palavra *top model* pertencesse à língua inglesa).

Na manhã da gravação, fiquei parada diante de meu armário tentando decidir o que usar ou, mais precisamente, o que vestir diante da modelo.

Experimentei alguns visuais diferentes: *sexy*, urbano, punk e finalmente me decidi pelo de bailarina. Deixei o cabelo solto caindo ondulado por cima de um vestido curto cor-de-rosa. Enrolei-me num xale prateado e calcei um par de sapatilhas cintilantes. Eu estava leve, despreocupada e graciosa. Num raro momento de felicidade, dancei pela casa sabendo que se minha carreira ganhasse um impulso, o restante de minha vida com certeza iria a reboque.



O estúdio de gravação no Estaleiro Naval do Brooklyn parecia um enorme armazém, com operadores de câmera, videografistas, clientes, o pessoal da agência, o diretor e o *entourage* da modelo, todos aglomerados numa cozinha improvisada, tomando o café da manhã. A modelo fumava em pé sozinha, ao lado de uma mesa de jogo marrom dobrável que fazia as vezes de mesa de cozinha. Carregava uma bolsa Balenciaga, usava jeans com botas pretas de bico fino até as coxas e uma camiseta por baixo de um casaco vintage de pele, curto e esfarrapado. Estava elegantíssima às sete da manhã, mesmo antes de fazer o cabelo e a maquiagem.

— Ai meu Deus, cara, olhe para ela! — disse Kody.

A modelo apagou o cigarro num *doughnut* com cobertura, e aproveitei o ensejo para me apresentar.

— Oi — disse eu. — Sou Lila, redatora do comercial.

Ela se abaixou para me olhar, o que fez com que me sentisse do tamanho de uma criança.

— Está lindo, lindíssimo — disse ela num sotaque britânico absurdamente encantador.

Eu nunca deveria ter calçado um sapato baixo, pensei.

Aproximei-me de Kody, que estava bem ao lado de nosso chefe, Geoff Evans. Nós três observamos a modelo de longe, como se fosse um animal do zoológico. Ela fumava como se os cigarros fizessem parte do café da manhã, comia pipoca com moderação e não parava de falar ao celular. Parecia feliz — e por que não? Eu também estaria, se conseguisse balançar a cabeça de um lado para o outro e ser o centro das atenções enquanto subalternos

acendiam meus cigarros Winston e colocavam pipoca em minha boca, de grão em grão, todos perfeitamente estourados.

Quando o pessoal que cuidava de cabelo e maquiagem chegou, Kody e eu ficamos por ali para vê-los transformar a adolescente gigante numa *top model*. As duas pessoas incumbidas dessa transformação eram tão andróginas, que, por mais que tentasse, não conseguia identificar seu sexo, e olha que sou de Nova York, uma cidade em que a tarefa de decifrar gênero é normal. Acompanhei-as quando levaram a modelo para um quartinho iluminadíssimo por lâmpadas fluorescentes no teto, mas Kody não foi autorizado a entrar.

— Tire uma foto com seu telefone — sussurrou ele. — Serei seu melhor amigo para sempre.

— Já somos grandes amigos.

A modelo se despiu completamente e ficou parada de braços abertos enquanto seus lacaios andróginos pulverizavam seu corpo com grandes latas prateadas de base. Usavam máscaras no rosto e a cobriram da cabeça aos pés, borrifando a base como se apagassem um incêndio. Com a ajuda de um aerógrafo, eles a transformaram em um ser humano de um metro e oitenta e cinco de altura sem veias, mamilos, unhas, lábios nem cílios visíveis, como uma coluna monocromática.

Quando tudo que era real na modelo desapareceu, o maquiador vasculhou uma mala de pincéis e centenas de tubos de tintas cor de carne e começou a desenhar feições humanas no rosto dela. Ao mesmo tempo, o cabeleireiro costurou meticulosamente, com agulha e linha, longos cabelos louros, mecha por mecha, em seus finos cachos castanho-claros, criando uma vasta cabeleira dourada.

A modelo havia trazido o próprio chef, que lhe preparou na hora uma sopa de espinafre. A sopa foi dada a ela por um de seus lacaios, que estava ali unicamente para esse fim. O menino louro ficava parado diante dela, soprando a sopa e depois a colocava em sua boca com uma pequena colher infantil de prata, no tamanho exato para passar entre seus lábios. A boca da modelo estava apenas entreaberta, talvez uns sete milímetros, para não estragar a maquiagem, quando o inimaginável aconteceu. O laçao soprou um pedaço de espinafre da colher no peito da modelo. A sala inteira sufocou um grito quando ele foi removê-lo com a ponta do dedo. O maquiador

agarrou-o pelo braço antes que ele encostasse na modelo, deu um piparote no espinafre com o indicador e pediu que todos recuassem e fizessem silêncio enquanto ele colocava uma máscara e pulverizava novamente a área com base. Já era hora do almoço.

Fiquei por ali sentada tossindo por causa do spray, lendo o folheto de Exley sobre plantas tropicais, comendo nacos de ceviche de robalo cru e bebendo Chardonnay além da conta.

Foram necessárias seis horas para transformar a criança na *top model* que o mundo inteiro reconhecia, e finalmente o diretor começou a filmar. A modelo dançou num cenário montado, usando um vestido vermelho de lycra tão apertado, que não havia espaço nem para uma tanguinha ali embaixo. Começou descalça como uma garota da selva e se transformou numa pantera tão logo calçou os tênis Puma prateados. A música era alta e estridente, e a garota se movia de modo provocante, arrastando-se pelo chão da selva falsa como um bicho, empinando o traseiro, erguendo-se para arranhar troncos de árvores de plástico com as unhas compridas, arreganhando os dentes. Sua pele brilhava sob a luz negra, e ela balançava os cabelos com apliques sempre nos momentos certos, captando perfeitamente o falso luar misterioso.

O diretor, conhecido por seus muitos vídeos para a mtv, gritava clichês de arrepiar para se fazer ouvir com o barulho da música:

— Você está linda. Deslumbrante. Perfeita. É isso aí. Me dá. Assim mesmo.

Não pude deixar de imaginar como era a cabeça da modelo depois de passar metade da vida ouvindo aquelas palavras dia após dia.

A filmagem estava indo tão bem, que julguei ser um bom momento para entrar na sala de onde meu chefe, por um vídeo, acompanhava a gravação e receber um tapinha nas costas por um trabalho benfeito.

— Volto já — disse eu a Kody. — Vou falar com Geoff.

Kody não conseguia tirar os olhos da modelo.

— Ela é igualzinha a uma pantera, cara. É uma metamorfose ambulante.

— Você é que vai se metamorfosear se me chamar de “cara” de novo.

Bati à porta de Geoff Evans duas vezes e ninguém respondeu. Imaginei que ele estivesse tão embriagado com a modelo quanto Kody e entrei.

Em geral, o diretor de criação fica sentado sozinho diante de um monitor de vídeo, concentradíssimo, para garantir que seus clientes tirem o maior

partido de seus milhões. Mas, de onde eu estava, a imagem no monitor era um emaranhado de vermelho e preto que não tinha nada a ver com o que estava sendo filmado do lado de fora.

Cheguei mais perto, apertando os olhos. Demorou um pouco até que me desse conta de que ele não estava olhando para o filme. Debruçado sobre o monitor, ele olhava por baixo do vestido da *top model*, sob o qual não havia absolutamente nada.

Imaginei que ela estivesse sendo monitorada por debaixo do palco: um buraco no chão do set, criado pelo famoso diretor de videocliques, para que o diretor de criação da famosa agência de publicidade pudesse ver as partes íntimas da famosa modelo.

— Quem está aí? — perguntou ele da cadeira, sem se mexer nem tirar os olhos do vídeo.

— Sou eu, Lila.

— A porta não estava trancada?

— Não.

— Hã.

Ele não se virou para mim, e não mexi nenhum músculo. Eu não tinha a menor ideia do que fazer em uma situação como aquela.

Finalmente, ele se virou.

Minha boca estava congelada formando um “o”.

— Ah, dê um tempo, não me olhe assim — disse ele. — Afinal, não é essa a principal razão para a gente entrar nessa profissão? É uma das vantagens do trabalho. Na verdade, é a vantagem de trabalhar nessa área.

Abaixei-me e segurei os joelhos.

— Ninguém vai saber de nada disso — disse ele. — Não é que eu vá vender o filme on-line nem nada desse gênero. Ele fica comigo. Propriedade particular.

Fui recuando para sair.

— Espere aí, Lila. Você é a redatora. Eu lhe dei liberdade total nesse comercial. Você escolheu o vestido de lycra. Colocou a modelo girando no palco. Fez o roteiro dessa droga. Não é essa a reação que queria?

Fiquei nauseada, sentindo-me responsável por um *peep show* em que uma criança era a estrela.

— Vou sair um pouco. Kody pode dar cobertura.

— Já estamos quase terminando. Tem certeza de que não quer voltar comigo no carro que está a nossa disposição?

— Estou bem.

Ele tornou a se virar para o monitor.

— Acha que ela vai à festa de encerramento na semana que vem?

Saí do estúdio o mais depressa que pude. Nem me dei o trabalho de dizer a Kody que estava indo embora. Atravessei correndo a cozinha improvisada, sabendo que eu nunca tiraria aquela cena da cabeça. Toda vez que eu visse a cara daquela modelo num gigantesco cartaz na Times Square, eu veria Geoff Evans arquejando diante do monitor de vídeo.

Peguei o trem L de volta para Manhattan, concedendo-me uma hora inteira para torturar meu espírito com culpa. Por que a vida era sempre cheia de coisas que a gente planejava de uma forma e que na prática aconteciam de um jeito totalmente diferente? Eu me perguntava se a vida de todo o mundo era assim, ou só a minha.

Saí da estação do metrô e fui direto para o meu bar preferido, na Primeira Avenida. Eu estava no meio da quadra entre as ruas 12 e 13 quando parei de repente. Justamente entre uma bodega espanhola e um bar japonês de saquê, eu a vi. Havia uma planta estranhíssima pendurada na vitrine de uma Laundromat antiga. Suas folhas vermelhas e flores amarelas brilhavam sob a luz de um poste. Elas imediatamente chamaram minha atenção. Aproximei-me da janela, quase encostando o rosto na vidraça engordurada. Reconheci a planta do folheto de Exley. Eu sabia que ela era tropical, e sabia que era muito, muito rara.





Samambaia-de-fogo

(Oxalis hedysaroides rubra)

Natural da Colômbia, do Equador e da Venezuela, raramente vista. Num só dia, sem razão aparente, perde todas as folhas, que só tornam a brotar quando a planta está pronta outra vez. Não é para principiantes, para as pessoas carentes nem para quem busca aprovação dos outros. Não é uma samambaia de verdade, mas disfarça bem. Todos nós já vimos alguns exemplares dessa espécie.

Abri a porta e coloquei os pés em algo escorregadio. Era um musgo macio e aveludado, que criava um tapete verde-esmeralda sobre o piso da lavanderia. Tirei as sapatilhas prateadas, e meus pés afundaram no chão.

Tive um desejo fortíssimo de deitar, mas combati-o respirando fundo e inspirando os odores parecidos com detergente e água sanitária para clarear as ideias.

Andei de um lado para o outro, primeiro pisando na ponta dos pés para não danificar o musgo, depois com o pé inteiro, firme, sentindo aquilo se

moldando aos arcos de meus pés como uma palmilha natural. Os ossos de meus pés estalaram de prazer após terem passado o dia inteiro calçados.

Uma grama espessa crescia em quadrados de terra que se encaixavam perfeitamente nas tampas das lavadoras e secadoras industriais. Tufos de flores coloridas com hastes compridas e finas brotavam da grama. Havia papoulas vermelhas, campânulas roxas e margaridas amarelas. A lavanderia parecia uma campina. Um campo de flores silvestres.

Havia plantas penduradas no teto entre os trilhos de lâmpadas fluorescentes, de um lado ao outro da Laundromat. Flores coloridas brotavam dos vasos e pendiam sobre os bancos e as mesas de armar. Os vasos eram pendurados com linha de pesca, e as flores pareciam flutuar no ar.

A Laundromat lembrava uma selva onde tivessem jogado fora algumas máquinas de lavar, ou talvez uma lavanderia na qual tivesse crescido uma selva. Era tal o emaranhado de plantas e máquinas, que era difícil dizer o que chegara primeiro.

Uma gata cinzenta ronronava na grama em cima de uma secadora. Fiquei desorientada e me sentei num banco branco. Uma borboleta pousou em meu braço. Suas asas turquesa brilharam contra meu xale prateado.

— Se olhar bem, verá muitas outras criaturas — disse uma voz masculina do fundo da Laundromat. — Além de borboletas, pássaros e mariposas. Ajudam a polinizar minhas flores.

Eu não via quem estava falando, mas a voz era grave, calma e áspera.

— Cuidado com as abelhas. Tem gente que é alérgica à picada.

Fiquei na ponta dos pés, molhados do musgo, e procurei a voz por entre as flores.

— Gosta das minhas plantas? — perguntou o homem.

— Gosto. São magníficas.

— São mesmo — disse ele, passando entre duas grandes folhas de palmeira e vindo em minha direção.

Ele tinha no mínimo um metro e noventa e cinco de altura e pesava mais de cento e dez quilos. Não dava para adivinhar sua idade. Poderia ter tanto 50 como 70 anos. Com aquelas calças cargo verdes, a camiseta verde e os óculos escuros pequeninos de lentes amarelas à John Lennon, ele próprio parecia uma planta. Uma árvore psicodélica.

— Sou Armand — disse, estendendo a mão. — Às ordens.

— Ah, não. Não obrigada — disse eu. — Só entrei aqui um instantinho. Não trouxe nenhuma roupa para lavar. Eu mesma lavo em casa. Não gosto que estranhos toquem em minhas roupas. Está vendo — disse eu olhando em volta —, nada de saco de roupa suja.

A gata em cima da secadora gritou como um bicho no cio e pulou em meu ombro. Sacudi-me para me desvencilhar do animal, mas ela estava agarrada em mim.

— Dawn, saia de cima da moça — disse Armand, envolvendo a barriga branca da gata com as duas mãos e arrancando-a de cima de mim.

— Sua dança foi muito sensual. Não admira que minha gata tenha pulado em você.

Ao ouvir a palavra “sensual”, recuei em direção à porta. Já estava farta daquilo.

— Por que está na minha Laundromat toda bem-arrumada e sem roupa para lavar? — perguntou ele antes de eu me retirar.

Apontei para a planta na vitrine, e ele pareceu relaxar.

— Ah, a samambaiazinha-de-fogo. Ela é o diabo que a atraiu para mim.

Pus a mão na maçaneta da porta.

— Não fui atraída para você. Não sei quem você é.

— A samambaia-de-fogo é da Colômbia. Como ela adora claridade, eu a deixo na vitrine, que dá para o Sul. A Colômbia também fica para o sul, de modo que é ali que ela se sente mais à vontade.

— Foi um prazer conhecê-lo, Armand.

— Ah, deixe disso! Ela é só uma gata, e aqui é só uma Laundromat. Uma bela lavanderia, não acha?

Tive de concordar.

— Na verdade, não parece nem um pouco com uma lavanderia, parece?

— Não, não parece. Lembra mais um mundo. Um mundo tropical.

— Os trópicos podem existir em qualquer lugar, sabe? São um estado de espírito.

— Todas elas são plantas tropicais?

— Algumas são.

— Como conseguiu fazer com que crescessem aqui dentro?

— Feche os olhos e me diga o que vê quando imagina uma Laundromat.

Pensei um pouco. Era difícil lembrar qualquer outra lavanderia em meio à extravagância de cores e formas em que eu estava. Era como se aquela fosse a primeira e única Laundromat que eu conhecera. Fechei os olhos.

— Vejo cestos de plástico branco com rodas, cheios de roupa suja, e caixas de detergente com letras azuis, verdes ou vermelhas. E fiapos cinzentos e vermelhos no chão. Gente suada e malvestida sentada em bancos surrados, fitando máquinas de aço grandes e barulhentas, olhando as roupas rodando, como um estranho ritual ou uma forma esquisita de hipnotismo. Vejo quadros de avisos com fotos de gatos perdidos e anúncios feitos à mão, que oferecem favores sexuais a preços baixos.

Fiquei surpresa com a quantidade de imagens que a palavra Laundromat me inspirava.

— Quer saber o que vejo?

Fiz que sim com a cabeça.

— Vejo uma sala com condições de cultivo absolutamente perfeitas. Muito calor emanando das secadoras industriais, névoa e umidade saindo das lavadoras poderosas e a quantidade certa de luz entrando pelas vidraças, não muito direta, porque numa Laundromat tão antiga elas normalmente são arranhadas. Para mim, esse tipo de lavanderia é uma estufa ideal que por acaso tem umas roupas circulando.

A explicação de Armand me encantou.

— É sua?

— É — disse ele, com um gesto semicircular, como se estivesse me mostrando o Taj Mahal.

Fez uma pirueta tão leve e graciosa, o braço direito estendido à frente, a palma da mão no ar, que, por um instante, parecia uma bailarina de um metro e noventa e cinco e cento e dez quilos.

— Antes de ir embora, gostaria de uma muda da minha samambaia-de-fogo?

— Estou indo embora?

— Você tem de voltar para seja lá qual for o lugar de onde veio. E eu tenho de fechar a Laundromat. — Armand farejou o ar à minha volta. — Aliás, sabia que está cheirando a peixe, e peixe caro por sinal, por isso minha

gata gostou de você? Ela tem muito bom gosto, sabe? Algum tipo de robalo, sem dúvida, pois está na moda.

— Comi ceviche de robalo no trabalho hoje.

— O que você faz?

— Trabalho com publicidade.

— Glamoroso, hein?

Por que todo o mundo pergunta isso?, pensei.

— Não. Nem um pouco — respondi.

— Gosta do que faz?

— Não, nem um pouco — repeti.

— O que você gostaria de fazer?

— Se eu não tivesse de trabalhar?

— Claro.

— Acho que eu gostaria de fazer o que todo o mundo quer fazer. Viver grandes aventuras, me apaixonar, ficar rica. Nada de especial.

— Então por que não faz essas coisas?

— Tempo, dinheiro... os mesmos motivos pelos quais você está preso aqui nesta lavanderia...

— Eu não estou preso. Adoro isto aqui.

Armand riu. Deu uma risadinha, na verdade, com a mão tapando a boca, como uma garotinha.

— Então... quer uma muda da minha samambaia-de-fogo?

— Eu não saberia o que fazer com ela. Tenho uma ave-do-paraíso em casa. Mas já estava num vaso quando comprei.

— É mesmo? — perguntou ele com interesse. — Conhece outra pessoa que trabalhe com plantas tropicais?

— Eu não o conheço. Ele me vendeu a planta na feirinha da Union Square.

— Vai comprar mais?

— Não sei.

— Volte e compre mais plantas. Fazem bem à alma, sabe?

Ele arrastou uma escada até a janela.

— A samambaia-de-fogo falou com você através da vidraça. Será sempre uma planta especial para você.

Subiu um ou dois degraus, mas com bastante dificuldade para um homem que havia poucos instantes parecia uma bailarina. Afastou umas folhas de palmeira e tirou uma muda da samambaia para mim.

— Ponha num copo com água morna num lugar totalmente escuro. Quando criar umas boas raízes compridas, traga-a de volta para mim. Se tiver sorte, mostro-lhe o quartinho dos fundos. É onde estão as tropicais de verdade.

— Como assim, as tropicais *de verdade*?

— Tenho umas plantas muito especiais naquele quarto — disse ele, balançando na escada e apontando para uma porta fechada atrás dele. — São nove, para ser preciso.

— O que as torna tão especiais?

Armand me analisou antes de falar, olhando-me da cabeça aos pés, movendo os olhos em zigue-zague por meu corpo, deixando-me constrangida, sem ação.

— As pessoas vêm aqui, lavam a roupa, e minhas nove plantas fazem com que se sintam tão bem em relação a si mesmas, que elas voltam sempre. Elas voltam, e trazem amigos. Cada vez mais. Agora vem gente da cidade toda. Do West Side, do Upper East Side, de Tribeca, do SoHo, e do West Village só para lavar roupa em minha loja. Já recebi gente até de Connecticut. O movimento é tanto, que minhas máquinas estão começando a se desgastar. É um problema, admito, mas não me incomoda nem um pouco.

— E isso é por causa das plantas que estão atrás daquela porta?

— Você parece não acreditar.

— Não sei se acredito que plantas possam trazer gente para uma Laundromat, especialmente se você as mantém trancadas. Eu até entenderia se elas fossem bonitas e as pessoas viessem vê-las, mas você não as mostra para ninguém.

— Bem, minhas máquinas são iguais a todas as outras nas demais Laundromats da cidade. Mas minha lavanderia vive cheia, e as outras nem tanto. Então eu digo: sim, é por causa das nove plantas naquele quarto. Acredito nisso.

— Por que elas ficam lá nos fundos?

— Porque são muito valiosas. E devo acrescentar logo que se você algum dia mencionar o paradeiro delas para alguém, é muito provável que, por uma razão ou outra, você nunca consiga vê-las. E isso seria péssimo para você. Pode acreditar, você quer ver as nove plantas naquele quarto.

— Por que não me deixa vê-las agora? Que diferença poderia fazer se eu as visse agora ou na semana que vem?

— A muda da samambaia-de-fogo é difícil de criar raiz. Ela não se dá bem nesta parte do país, nem nesta parte do mundo. É uma planta enjoada, mesmo em seu hábitat. Se você tiver algum sucesso com as raízes, se conseguir fazer a muda criar uma ou duas, é sinal de que está pronta para ver as nove plantas.

— O que posso fazer para ajudá-la?

— Só a samambaia pode decidir se vai ou não criar raízes em sua presença. Nesta semana, na semana que vem, no ano que vem, talvez nunca. Vamos ver o que acontece.

Armand desceu da escada e estendeu a muda para mim. De certa forma, eu esperava que ele agarrasse meu braço e me arrastasse até o quarto dos fundos quando peguei a muda de sua mão, mas ele se limitou a abrir a porta da lavanderia e a me desejar boa noite.

Na rua, virei para trás e olhei para ele. Armand mantinha a porta aberta e acenava para mim, movendo os dedos de uma maneira estranha, ritmada e ondulante — o dedo mínimo primeiro, depois os outros. Esse aceno me deixou perturbada. Os dedos dele pareciam gavinhas tentando me puxar de volta para dentro da Laundromat.

— Volte logo — disse ele da porta. — E boa sorte com a samambaia!

Fiquei parada na rua tentando me orientar. Eu sentia um incômodo físico segurando a muda que ele me dera. Olhei o relógio e congelei. Era quase meia-noite. Eu passara mais de duas horas na lavanderia.

Fui para casa olhando para a muda, tentando entender por que não a jogava fora. Ou simplesmente a deixava cair ali na rua. Ela era igual a qualquer outra muda que eu já tinha visto: uma haste verde de dez centímetros com algumas folhas espaçadas saindo para os lados. Mas de alguma forma eu sabia que não era igual às outras. Peguei-me segurando-a com mais força do que segurava a bolsa com o dinheiro, o celular e os cartões de crédito.

Quando cheguei a casa, coloquei a muda na bancada da cozinha. Tirei a maquiagem, lavei o rosto, mudei de roupa e estava quase pronta para me deitar quando uma sensação desagradável tomou conta de mim. Era uma bobagem, e eu não sabia por quê, mas percebi que estava mantendo uma discussão interna, debatendo comigo mesma, sobre a muda. Eu não queria colocá-la na água, mas me sentia compelida a fazer isso. A lembrança de Armand me acenando com aqueles dedos repulsivos me fez ir até a cozinha e colocar a samambaia-de-fogo num copo com água morna.

Não sou uma pessoa supersticiosa, nem mesmo leio meu horóscopo só por diversão, mas sabia que queria ver aquelas nove plantas do quarto dos fundos daquela lavanderia.





Palmeira-moinho-de- -vento-da-China

(Trachycarpus fortunei)

A palmeira-moinho-de-vento-da-China se adapta muito bem a climas mais frios e não cresce muito, o que a torna a planta perfeita para apartamentos pequenos em cidades grandes e frias. Em vez de perder as folhas mais velhas, como a maioria das árvores, essa bondosa palmeira simplesmente as deixa pendentes, criando uma espécie de saia quente e protetora em volta do tronco, dando-lhes assim uma segunda chance.

Amanhecia quando acordei e entrei na cozinha para ver a muda. Seguindo as instruções de Armand, não acendi a luz. Em vez disso, tirei a samambaia do copo e inspecionei-a bem de perto. Girei-a diante dos olhos, deixando-os vesgos enquanto procurava vestígios de raízes. Claro que era cedo demais, e eu sabia que não haveria nenhuma, mas verifiquei assim mesmo, porque sou uma fiscal de nascença: fiscalizo lâmpadas, fogão, o espaço embaixo da cama e, agora, ao que parecia, hastes de plantas. A vida estava ficando complicada.

Rolei a muda entre o polegar e o indicador, procurando sentir qualquer vestígio de crescimento em sua superfície, algum broto que sinalizasse o desenvolvimento de raízes. Fiquei tonta girando a haste, como se *eu* estivesse girando, e não a muda. Encostei-me na bancada e rapidamente tornei a jogar a muda no copo de água. Peguei uma esponja molhada na pia da cozinha, fui até a janela que dava para o sul e limpei as folhas da ave-do-paraíso. O ato de limpá-la parecia sempre me acalmar o espírito. Limpei-a até me sentir eu mesma novamente. Quando terminei, dei uma olhada no apartamento. Com uma única planta, parecia nu e vazio, se comparado com a beleza colorida e exuberante da lavanderia de Armand. Ele tinha razão. Eu precisava de mais plantas.



— Ei, publicitária! — gritou Exley de dentro do quiosque.

— Sou Lila, lembra? — respondi em voz alta.

Ele veio a meu encontro.

— Você sumiu. Como está sua ave-do-paraíso?

— Maravilhosamente bem.

— Eu sabia que seria assim. Sempre consigo encontrar a casa certa para as minhas plantas. Posso lhe oferecer alguma coisa hoje?

— Claro — disse eu. — Tem algo que transforme completamente toda a minha vida?

Exley sorriu.

— Isso é pedir muito.

— Preciso de muito.

— Aquela planta realmente mexeu com você, hein?

— Mexeu.

— Hmm. Acho que você precisa de uma coisa ainda mais tropical e exótica. Uma coisa perfumada, porém ousada. Excitante e colorida, com um aroma doce.

— É exatamente disso que preciso!

— Então você vai apreciar minha mais nova aquisição.

Ele me fez sinal com o dedo indicador. Prendi o cabelo com um elástico para evitar que meus cachos se arrepiassem e entrei na barraca úmida e verde, fechando a lona atrás de mim.

— Chegou agora da China — disse ele baixinho, quase com reverência, envolvendo com os braços uma planta bastante grande dentro de um saco de aniagem marrom.

— Espero que não vá tentar me vender essa árvore, ou o que quer que esteja aí dentro. Eu precisaria de uma transportadora para levá-la para casa.

— Esta não é uma árvore comum — disse ele, puxando a corda de um modo teatral, deixando o saco cair no chão. — Esta aqui é uma *Trachycarpus fortunei*. Uma palmeira-moinho-de-vento-da-China.

As palmas em leque balançaram para cima e para baixo ao saírem do saco, refrescando Exley e a mim como se estivéssemos numa varanda no sul da China.

— Fazem açúcar com a seiva dessa planta — disse ele. — E estofamento de móveis também. Escovas de cabelo, verniz, contas de rosário, peças de xadrez, chapéus, botões de roupa, sacos de água quente, margarina, óleos de cozinha, xampus, condicionadores, cosméticos, umidificadores, capachos, sabão, latas e goma para lavanderia. Tudo isso vem da palmeira.

Observei os olhos azuis de Exley se acenderem enquanto ele falava da palmeira-moinho-de-vento. Vi como ele segurava seu tronco com a mão enluvada e como a abraçava e se encostava todo na planta, maravilhado com suas muitas utilidades. Esse era um vendedor de plantas inato. Eu não sabia ao certo se era Exley ou a palmeira, mas perguntei-lhe quanto ele queria.

— Para você, fica por duzentos.

— É muito dinheiro para uma planta.

— Não quando ela veio da China — disse ele, puxando para baixo uma das palmas grandes e soltando-a depois, refrescando momentaneamente a barraca úmida. — Se tiver espaço e gostar, ponho junto um cróton da Jamaica. De graça.

Apoiando-se com uma das mãos, contornou a *Trachycarpus fortunei* e parou na frente do cróton.

Era uma planta pequena com folhas alongadas e coloridas em tons de púrpura-claro, vermelho-escuro e laranja.

— Se olhar bem para ela, vai quase sentir o cheiro do frango *jerk*¹ saindo de uma barraca de beira de estrada — disse ele. — Essa menina cresceu na Jamaica, mocinha. Ela é quente! Se levar essas duas plantas, você vai ter a suavidade do Caribe e o exotismo do Oriente em seu apartamento. Nunca mais vai precisar sair de casa.

— O que é isso na haste dela?

Exley se abaixou.

— Bem, olhe só — disse ele sorrindo e inclinando-se em direção à planta. — É uma *Alsophis anomalus*. A clandestinazinha malandra arranjou uma passagem só de ida para a Grande Maçã bem nas costas desta planta.

Num piscar de olhos, Exley agarrou a cobra marrom por trás da cabeça e desenrolou-a da haste. Segurou-a no alto. Ela contorcia o corpo comprido e musculoso, chicoteando a palmeira chinesa. Quando finalmente parou, Exley afrouxou o punho. A cobra parecia dócil e enrolou-se em seu braço cinco ou seis vezes, como um conjunto de pulseiras de cobre.

— Quer tocar nela?

Estendeu o braço para mim, e eu recuei.

— Não tenha medo. Ela só gosta de criaturinhas de sangue-frio, como lagartos e sapos.

— E de você — eu disse.

Exley afagou a cabeça do réptil enquanto saíamos do quiosque.

— Passo na sua casa no fim do dia e levo as plantas no meu carro.

Com a mão livre, apontou para uma van branca maltratada.

— Você vai deixar a cobra aqui, né?

— Claro.

Fui para casa e passei o restante da tarde agindo como uma garota. Limpei, tirei o pó e apliquei produtos de limpeza no meu apartamento, depois limpei, tirei o pó e borrifei minha ave-do-paraíso.

No fim do expediente, como prometera, Exley trouxe as plantas para o meu apartamento em sua van.

Quando abri a porta, ele estava ali em pé com o cróton debaixo do braço como se fosse um buquê para o seu par num baile de formatura, e a

palmeira-moinho-de-vento-da-China parada ao lado dele como uma acompanhante.

— Você veio.

— Ah, sim. Sou um homem de palavra.

— É mesmo? Que raro!

Ele arrastou a palmeira por meu assoalho novo em folha, deixando um rastro de terra ao passar, e depois colocou uma planta de cada lado da ave-do-paráiso, em frente às janelas voltadas para o sul. Empurrou os vasos para trás e para a frente, até posicioná-los como queria, e limpou o suor do rosto com toda a superfície da palma da mão. Veio para meu lado e sorriu para as plantas. Era um sorriso largo, orgulhoso, como se ele tivesse acabado de me trazer um gigantesco anel de diamante, em vez de um cróton e de uma palmeira.

— Obrigada por entregá-las tão depressa — eu disse.

Ele assentiu.

— Cozinha? — perguntou, virando o polegar para a porta da cozinha.

— É.

Ele estava quase abrindo a porta vaivém quando o agarrei pelo braço e o puxei.

— Não pode entrar aí.

— Por quê? Há um cadáver aí dentro?

— Não. Simplesmente não posso deixar entrar nenhuma claridade.

— Você tem uma plantaçõzinha hidropônica aí dentro?

— Não, claro que não. Você apenas não pode entrar aí.

— Bem, você pode? Porque eu gostaria muito de um copo de água.

— Claro que posso.

Esgueirei-me pela porta, mal a abrindo, tentando deixar chegar o mínimo de luz possível em minha muda de samambaia-de-fogo.

— Aqui está.

Estendi a mão através da porta, entreguei-lhe a água e saí, abrindo a porta o mínimo possível.

— Você é uma mulher interessante, Lila Grace — disse ele e depois bebeu a água toda. — Posso pedir mais um copo?

Eu já ia passando pela porta de vaivém quando ele segurou meu braço.

— Estou brincando. Eu só queria vê-la fazer isso de novo.

Felizmente, Exley mudou de assunto.

— A planta parece bem. Arranje aqueles umidificadores, e ela vai ficar melhor ainda. Mais espigada. Vai ser bom para a palmeira e para o cróton também.

— Eu borrifo com isso — eu disse, mostrando-lhe um pulverizador de plástico cor-de-rosa. — Mantenho-a úmida, mas não muito molhada, exatamente como você disse.

Ele sorriu.

— Tente manter a temperatura acima dos doze graus à noite para a palmeira. Quinze, por segurança. Quando arranjar os umidificadores, mantenha morna a água que usar neles. A água fria dá um choque no organismo, faz tudo colar e travar. O mesmo se aplica aos humanos, sabe? Não beba água gelada se puder evitar.

— Mais uma vez, obrigada por trazer as plantas.

— Não foi nada — disse ele, passando o dedo calçado na luva amarela pelo cabelo louro, num sinal de nervosismo que me agradou.

Procurei dinheiro na bolsa para lhe dar uma gorjeta.

— Não, não, não. Não se preocupe com isso. Gosto de encontrar casas para minhas plantas.

— Ei — disse eu, batendo de leve em seu bíceps —, tive uma ideia.

— Qual?

— Posso lhe preparar um jantar qualquer dia desses? Para lhe agradecer por trazer as plantas aqui em casa e arrumá-las com tanta perfeição?

Exley estava tão silencioso, que pensei ouvir as plantas liberando o oxigênio.

— Está querendo sair comigo?

— Não, não. Não é isso. Só estou querendo retribuir sua gentileza convidando-o para jantar.

— Ah, entendo. É um jantar de agradecimento.

— Eu poderia fazer alguma coisa leve. Tipo peixe, ou massa, ou salada, mas você não deve comer verduras e legumes, certo? Ou a gente pode pedir pizza ou comida chinesa.

— Você não faz isso muitas vezes, faz?

— Não.

A conversa se arrastava tanto, que minha mente parecia acelerar só para aproveitar aquela folga. Talvez eu tivesse deixado esse homem muito simpático e bonito bastante constrangido. Talvez ele morasse com alguém. Ou até fosse casado.

— Vou poder entrar na cozinha da próxima vez? — perguntou.

— Claro — respondi.

— Tudo bem. Está combinado. Daqui a uma semana?

— Ótimo. Perfeito.

Ele se virou no vão da porta.

— Este apartamento que você arranhou, Lila Grace, é perfeito para plantas tropicais.

Aquele era um tipo de elogio estranho, como se eu tivesse escolhido meu apartamento com o único propósito de cultivar as plantas dele.

Tranquei a porta quando ele saiu e fui até a janela. Por entre as folhas da palmeira chinesa observei-o atravessando a rua se dirigindo à van. Eu olhava para as costas da sua jaqueta quando ele parou no meio da rua, deu meia-volta, olhou para mim e acenou. Senti-me como uma idiota, espiando por entre as folhas da planta, e fechei-as como se fossem uma porta.



Segui o conselho de Exley e comprei dois potentes umidificadores, um para cada lado do apartamento. Simulei chuva em casa, numa tentativa de reproduzir um ambiente tropical para minhas plantas. Meu cabelo ficou arrepiado, mas minhas plantas cresceram. As paredes escorriam e o assoalho empenava, mas a umidade deixava minha pele macia e minhas roupas desamassadas.

A ave-do-paraíso sempre seria minha favorita, como um primeiro filho (e eu sabia o que era isso, sendo a terceira), mas consegui os mesmos resultados satisfatórios com as duas novas plantas, a *Trachycarpus fortunei* e o cróton.

Tenho de dizer que é muito fácil gostar de plantas quando elas são saudáveis. Elas não podem ir embora se as coisas não estão perfeitamente em

ordem; não ouvem música ruim; não fazem sons esquisitos nem se vestem mal. De certo modo, limitam-se a ficar ali plantadas, lindas e se dando bem na vida, como modelos. E eu as achava imensamente agradáveis.



¹*Jerk* é um processo em que a carne é marinada e posta para cozinhar lentamente em uma espécie de churrasqueira ao ar livre com um tipo de madeira especial. (N. da T.)



Palmeira-de-saia

(Washingtonia robusta)

Uma palmeira resistente e autossuficiente, com folhas verdes em forma de leque, a palmeira-de-saia pode chegar a mais de vinte e quatro metros de altura. As palmeiras-de-saia são ótimas plantas domésticas porque podem se ajustar a seu estilo de vida, mas não gostam de ser regadas, adubadas nem podadas em excesso. Em outras palavras, contenha seus impulsos controladores. Elas não desejam tudo o que você tem para dar. Basta um pouquinho.

Senti-me ridícula ao colocar óculos escuros para espionar uma lavanderia (realmente, a que ponto eu tinha chegado?), mas eu não acendia a luz da cozinha havia quase duas semanas, e a muda ainda não criara raízes. Eu simplesmente não podia continuar pulando diante da porta da cozinha como uma louca sempre que um homem bonito quisesse um copo de água.

Eu não tinha intenção de falar com ele de verdade, mas achei que talvez fosse uma boa ideia ir até a Primeira Avenida para ver Armand à luz do dia.

Vai ver ele não era um cara de um metro e noventa e cinco que tinha uma lavanderia coberta de musgo com nove plantas escondidas no quarto dos fundos. Vai ver eu era apenas uma recém-divorciada um pouco descompensada que tivera um dia de trabalho horroroso.

Andei para o Leste a partir da Union Square, passando pelo Dunkin' Donuts, na rua Quatorze, e pelo New York Sports Club, na Irving Place. Virei à direita na Primeira Avenida e vi uma aglomeração inusitada em frente à Laundromat.

Havia muitas pessoas devidamente munidas com sacos de roupa suja pretos ou vermelhos estampados com a grande tulipa cor-de-rosa que era a marca da loja de Armand, mas vi outras tantas sem sacolas, zanzando por ali, tomando café e conversando.

Decidi agir como uma pessoa adulta, parar de espionar e entrar para falar com ele. Quando eu já ia abrindo a porta da lavanderia, ouvi um grito que vinha de trás do povaréu.

— Ei, senhora — gritou uma mulher baixinha com uma sacola cheia de roupa —, a fila começa aqui.

— Desculpe — gritei para ela, indo para o fim da fila.

Eu não queria irritar Armand, passando na frente de seus clientes.

— O que você está esperando? — perguntei ao homem na minha frente, vendo que estava sem sacola.

— Quero falar com Armand.

— Sobre o quê?

— Não é de sua conta.

— Eu só quero saber se vai falar sobre as plantas tropicais.

— Plantas tropicais? Não. Não vou falar sobre planta tropical nenhuma.

Peguei um lugar na fila, e pouco depois o homem se virou para mim.

— As pessoas consultam Armand sobre tudo: traição da namorada, desamor do marido, tristezas, rompimentos, depressões, bobagens, as porcarias de sempre. Ele é o guru da área.

— Quanto ele cobra?

— Nada, mas começaram a falar dele, e agora sempre tem fila. Tudo o que é bom acaba, certo?

— Ele é tão bom assim?

— Acha que estou esperando numa fila num domingo à tarde à toa? Tenho filhos.

Passei mais de uma hora na fila, mais tempo do que já esperei no dmv,² ou na nova Trader's Joe³ da rua Quatorze, até afinal entrar na Laundromat.

— Eu estava me perguntando quando você viria falar comigo — disse Armand, sentado num engradado de leite, aparando uma muda com uma tesoura de unha prateada.

— Você me viu lá fora?

— Claro que vi... espreitando minha lavanderia como uma ladra.

— A muda não criou raiz.

— Eu sei. Se tivesse criado, você não estaria rondando por aí como quem não quer nada. Tenha paciência. Ainda é cedo.

— A haste dela não tem olho nenhum.

— Alguém mais já a viu?

— Não, e pode acreditar, não tem sido fácil.

— Ótimo. Precisamos ter certeza de que ela crie raízes só para você. Se tiver mais alguém por perto, ela pode fazer isso para essa pessoa, e aí você nunca vai tirar proveito.

— Como nunca vou tirar proveito?

— Sei lá.

— Faz diferença eu ter vindo falar com você antes que ela criasse raiz?

Armand encolheu os ombros.

— O que você faz não me interessa. Se aquela muda não criar raízes, isso significa que você não tem a menor importância para mim. Se criar, estamos numa posição diferente, que nenhum de nós escolheu.

— Como sabe as respostas para todas as perguntas delas? — perguntei, olhando para a longa fila na rua.

Armand segurou uma muda na luz.

— Você estava com tanta pressa para se ver livre de mim naquela noite, que não me disse seu nome.

— Lila Nova.

— Hmmm — disse ele, rolando a muda entre o polegar e o indicador. — Lila Nova. Tão suave. Tão diferente de você.

— Sou delicada.

— Claro que é. Delicada como uma rocha. — Armand riu.

— Você ainda não disse como sabe as respostas para as perguntas delas.

— Eu não sei.

— Então por que elas estão fazendo fila num domingo à tarde para falar com você?

— Vai ver só estão aqui para ver minhas plantas.

— Acho que não. Aquele homem com quem eu estava falando lá atrás não tinha o menor interesse em suas plantas.

— Vou lhe dar uma dica, porque gosto de você, Lila Nova. Meu trabalho é fácil. Digo a elas o que elas já sabem.

Olhei para as pessoas lá fora.

— Aqui — disse ele, puxando um engradado de leite para junto do dele —, sente-se aqui e ouça. Mas não faça cara de quem está ouvindo, senão ninguém mais vai falar comigo e você vai acabar com minha brincadeira.

O próximo da fila chegou e colocou a sacola de roupa ao lado de Armand. A sacola emitiu um ruído alto quando ele se sentou nela.

— Armand, como vai?

— Bem, vou muito bem. Obrigado por perguntar. O que posso fazer por você hoje?

— Estou preocupado com minha relação com Elaine.

— Como vai Elaine? — perguntou Armand, sem olhar para o homem, e continuando a aparar a muda com a tesourinha.

— Ela vive irritada comigo. Não importa o que eu faça, pega no meu pé e me critica pelas mínimas coisas.

— Um pé no saco — repetiu Armand. — *Pteris, polypodium, phyllitis* — disse ele, erguendo a muda para a luz.

— O quê?

— Apenas umas samambaias de que eu gosto.

— Se eu uso um lápis número dois, ela me pergunta por que não estou usando um número um. Se compro guardanapos brancos, ela quer cor-de-rosa. Não tenho a menor chance com ela. Não há nada que eu faça que lhe agrade. Para dizer a verdade, isso está me deixando meio paranoico. Começo

a achar que ela se cansou de mim. Talvez até pense em me deixar. Você a conhece. O que acha?

— Como você passa seus dias?

— Normalmente. Acordo. Vou trabalhar. Vou ao bar com meus amigos. Vou para casa. Não passo a noite inteira fora de casa, dificilmente olho para outras mulheres, se é o que você está pensando, e quase nunca quando estou com ela.

— Vá direto para casa. Pule o bar.

Quando o homem foi embora, olhei para Armand.

— Pule o bar? Só isso? Você só tem esse conselho para dar? Tem razão, seu trabalho é fácil.

Armand riu.

— A mulher dele já me disse que odeia que ele beba. Como ele acredita no que eu digo, talvez diminua um pouco. Quem sabe? Para mim, tanto faz. De qualquer maneira, ele é mais divertido quando está bêbado.

— Por que citou aquelas samambaias? *Pteris, polypodium...*

— Para me distrair. Essa gente em geral me enche o saco. — Armand pousou a muda e virou-se para mim. — Vou lhe contar um segredinho. Eu poderia ajudar quase todo mundo dessa fila, mas quando me dá um pouco de preguiça, o que acontece com frequência, deixo minhas plantas fazerem o serviço para mim.

— Como assim?

— Um homem entra em minha lavanderia. Ele não sabe que tem uma pergunta para fazer, mas vejo que tem. Nesse caso, não posso responder, porque a pergunta não foi feita, então passo o serviço para uma de minhas plantas.

— Por exemplo?

— Recentemente, um rapaz entrou aqui, um homem muito parecido com você. Tinha a sua idade e era mais ou menos do seu tamanho, mas estava aqui exclusivamente para lavar a roupa. Não queria falar comigo nem ver minhas plantas. Aliás, nem parecia reparar nelas.

— Era cego? — perguntei, olhando para as dezenas de plantas penduradas no teto.

— Não, mas não conseguia ver o que tinha em volta porque estava muito triste. Era um rapaz, mas andava curvado, como se procurasse moedas com um detector de metais. A vida dele se arrastava.

— O que você fez?

— Não fiz nada. Por que deveria? Não sou médico, nem tenho tempo para ajudar todos os que entram em minha lavanderia como se estivessem andando em areia movediça.

— Mas você fez alguma coisa?

— Fiz. Passei o serviço para uma de minhas plantas mais inteligentes, minha maravilhosa palmeira-de-saia. Fui até o rapaz que chorava em cima das meias e cuecas sujas e perguntei-lhe o que havia de errado.

— Ele me respondeu: “Nada. Deixe-me em paz.”

— Sorri para ele da forma mais carinhosa que pude. Disse-lhe que era dono da lavanderia, e, como já o tinha visto muitas vezes e ele era um cliente muito fiel, eu o deixaria lavar a roupa de graça durante seis meses, se ele tomasse conta de uma das minhas plantas.

— Parece um grande negócio — disse eu.

— Como o rapaz estava muito deprimido para se interessar por minha oferta, concordou sem pestanejar. Quando ele saiu, dei-lhe minha palmeira de saia. Era uma planta grande. Tinha entre um metro e um metro e vinte de altura. Uma palmeira deslumbrante, cheia de energia, com muitas palmas sensuais abertas. “Tome conta dela”, eu disse a ele. “E volte e lave roupa à vontade. De graça. Por mais sujas que estejam. Pode usar minhas máquinas!”, gritei para ele.

— Ele sabia cuidar da planta?

— Não. E também não perguntou. Limitou-se a pegá-la e a sair.

— E?

— Voltou umas duas semanas depois muito perturbado e constrangido. E me falou: “As folhas estão com as bordas marrons e amarelas. O que devo fazer?” Eu lhe expliquei que ele estava regando demais e tudo o que precisava fazer era deixar a planta secar completamente. Disse-lhe que não se preocupasse, a planta ficaria bem. Ele voltou três semanas depois, mais perturbado ainda: “Parei de regar a planta, exatamente como você

recomendou, e agora as folhas estão caindo!” Ah, ele estava muito transtornado — disse Armand e riu.

— O que você fez?

— Eu disse a ele que a planta estava num ambiente novo e que aquele comportamento era normal. Sugeri que ele ficasse mais um pouco com ela, que deixasse as folhas crescer de novo, e então, quando a planta estivesse um pouquinho mais forte, ele deveria trazê-la de volta para cá. Ele voltou uma terceira vez, ainda mais aflito que das duas anteriores. Estava com uma cara horrível: “A planta está morrendo. Por favor, me diga o que fazer.” Eu falei que nunca achei que aquilo pudesse acontecer com a coitadinha da minha planta. “Continue tentando”, disse a ele. “Faça o que puder para salvar a bela planta e depois a traga logo de volta para mim.” E sabe o que ele fez, aquele rapaz esperto?

— O quê?

— Foi para casa e fez picadinho da planta! Cortou-a toda a machadadas. Depois, quando ficou completamente exausto, jogou tudo fora. No incinerador.

Armand deu uma risada.

— Qual é a graça? — perguntei, um tanto nervosa.

— Aquela palmeira-de-saia grande e inteligente o irritou tanto, que ele não sabia mais o que fazer.

— Não se importa com o que ele fez com sua planta?

— Ouça o que lhe digo: aquele homem estava deprimido. Precisava ficar irritado, desabafar. Não entende? Aquela planta viu o que havia de errado com ele e o curou!

— Não sei como você pode estar feliz com isso. Ele matou uma de suas plantas preferidas.

— A planta demonstrou habilidades magníficas. Geniais, até. Pense só: primeiro amarelou, depois perdeu as folhas e, quando isso não funcionou, começou a morrer. Rá! Até eu a subestimei. Ela se esforçou para deixar o homem cada vez mais irritado. Quando uma coisa não funcionava, tentava outra, até quase morrer e deixá-lo injuriado. Aquela planta sacrificou a vida para curar o rapaz. Levou-o a matá-la. Isso é magia vegetal!

— Mas como sabe disso? Quero dizer, que a planta sabia o que estava fazendo?

— Ah, não posso afirmar, mas quase tenho certeza. Eu dei a ele uma planta difícilíssima de matar, que sobrevive nos piores ambientes, conhecida pela capacidade de adaptação. Não entende? Não vingar exigiu um grande esforço daquela planta!

— O homem continua vindo lavar roupa aqui?

— Claro. E quando o vejo agora, ele está feliz. Entra aqui de braço dado com uma mulher, sorrindo!

— Para mim, ele parece maluco.

— Não. É uma história linda. Uma história de amor. Aquela planta amou de verdade aquele homem!

Dei adeus a Armand, porque não havia jeito de eu aceitar uma história sobre uma planta que dava a vida por um homem.

— Volte quando tiver aquelas raízes — gritou ele para mim.



No dia seguinte, cheguei do trabalho e fui olhar a muda. Saí correndo da cozinha com um nível de excitação que eu não experimentava desde criança. Eu não sabia o que fazer. Dancei pela casa, derrubando o cróton sem querer, derramando terra no meu assoalho novo. Não me importei nem um pouco. A muda de samambaia-de-fogo tinha quatro raízes brancas compridas e tenras.



² Órgão do governo norte-americano responsável pelo trânsito. Similar ao nosso Detran. (N. da T.)

³ Loja de alimentação. (N. da T.)



Dinheiro vegetal

Cinquenta gramas de maconha podem valer milhares de dólares. Na verdade, em 2006, era o produto agrícola mais lucrativo dos Estados Unidos, rendendo em média trinta bilhões de dólares por ano. O açafrão do Irã é a segunda planta mais cara, pois são necessárias 75 mil flores para produzir 450 gramas da famosa especiaria. As orquídeas, por outro lado, tendem a escapar das leis de oferta e procura e são cotadas muito mais como pinturas ou esculturas, estando seu valor nos olhos de determinado colecionador.

Peguei a muda, com suas raízes novinhas, pulverizei-a com água e coloquei-a num quadrado de celofane. Eu a teria levado para Armand imediatamente, mas a festa de encerramento do filme da Puma era às seis e meia. A noite da festa precisava coincidir com a aparição das raízes? Já era ruim ter de ver Geoff Evans todo santo dia, e agora eu tinha de encontrá-lo à noite também. Meu plano era ir ao jantar, sair à francesa às sete e meia e seguir para a lavanderia.

Olhei para o cróton que eu tinha derrubado e senti uma pontada de culpa. Eu estava com Exley na cabeça, e pensar nele e em seu visível amor

pela planta me fez devolvê-la imediatamente ao vaso. Então lá estava eu às seis e quinze, jogando terra nova na planta, em vez de ir para a rua esperar Kody e o carro que me levaria ao jantar. Quando eu estava pronta para sair, percebi que me sujara toda. Como não dava tempo de mudar de roupa, bati os pés para sacudir a terra, limpei a saia como pude, pus os saltos — o que provavelmente realçou ainda mais a sujeira — saí e tranquei a porta.



Meu porteiro, Carlos, sabia tudo sobre minha vida. Tanto que, só de vê-lo, eu me sentia humilhada. Tenho certeza de que ele reparava que eu nunca saía do elevador com homem nenhum, nunca. Na verdade, todo santo dia, Carlos era um lembrete de minha condição de solteira. Essa era a pior coisa em ter porteiro. Era impossível dourar minha vida, mesmo para mim mesma. Era ainda pior que ter analista.

— Deixaram isso para você hoje — disse ele quando a porta do elevador se abriu.

Entregou-me um envelope branco sujo de terra, igualzinho a mim. O bilhete que continha era curto e direto. *Não posso jantar na quarta. David Exley.*

Não tinha *O que você vai fazer quinta à noite?* Ou o básico *Que tal outra hora?* Nem mesmo um simples *Passe na feira para me dar um alô.* O tom do bilhete era puramente comercial. Ele era um cara da feira de produtos orgânicos da Union Square que tinha me vendido umas plantas, e só isso.

Olhei para Carlos com uma cara de surpresa, como se eu tivesse acabado de receber um convite simpático, em vez de um fora do homem pelo qual estava verdadeiramente interessada. Deu para ver por sua expressão automática de tristeza que ele não acreditou. Era óbvio para nós dois que eu ficaria solteira para o resto da vida. Dei-lhe um sorriso que pareceu assustá-lo e saí.

O carro que me levaria ao jantar estava estacionado na porta. Kody, já instalado no banco de trás, tomava café, de cara emburrada. Sentei-me a seu lado. Usei as unhas para remover a terra das outras unhas, depois esfreguei-as

na saia para alisar os cantos duros. O motorista me olhou pelo retrovisor com uma cara de nojo que dizia: *Não jogue a terra de suas unhas no assento de couro.*

A meio caminho do Upper East Side, Kody finalmente falou:

— Você está toda suja.

— Eu sei. Derrubei uma de minhas plantas. Tive de replantá-la.

— Por que não deixou para fazer isso depois?

— Porque — disse eu segurando o pedaço de celofane — tenho raízes!

Mostrei o envelope para Kody, que o arrancou de minha mão.

— O que é isso?

— Por favor. Não sacuda nem deixe bater em nada. É uma muda de samambaia-de-fogo, e precisei de semanas para conseguir que criasse raízes.

— Parece um tubérculo miudinho.

— Você não sabe o que é um tubérculo miudinho — disse eu, tentando manter a calma.

— Nem você — disse ele, segurando a muda longe de meu alcance.

— É a parte intumescida de uma raiz subterrânea. Como uma batata.

— Você parece tensa — disse Kody. — Tem dado para alguém ultimamente?

— Não é da sua conta.

— Tem visto aquele cara da feira de produtos orgânicos?

— Tenho. E, repito, não é da sua conta.

— Talvez você devesse começar a fazer ioga — disse ele, finalmente me devolvendo a muda. — Seria mais relaxante para você que alprazolam.

— Só tomei Xanax daquela vez, logo depois que me divorciei. Tente passar por um divórcio sem tomar remédio.

Kody começou o mantra dele.

— Ioga nidra, a ioga do sono. Pranayama, controle da respiração. Hatha ioga, Ó suave ioga eficaz.

— Que diabo é ioga do sono?

— É quando você treina dormir acordado para ficar com a mente desperta enquanto seu corpo dorme.

Ficamos completamente parados no tráfego da hora do rush.

— Vou tirar um cochilo — disse eu. — Corpo e mente. Acorde-me quando chegarmos.



O restaurante fazia jus ao nome. Gelo. Era frio no sentido literal e no figurado, como se os donos tivessem investido tudo o que tinham na decoração e não pudessem pagar a calefação. Mas era bastante bonito. Vitrais incrustados no vidro fosco dos tampos das mesas combinando com cadeiras azul-claras. As luminárias de vidro azul fosco tinham lâmpadas azuis, e todos os garçons e garçonetes eram claros, louros, de olhos azuis, que combinavam com a decoração. Os grandes espelhos *art déco* prateados e sem moldura refletiam gente elegante por toda parte, e cada mesa estava posta com um ramo de lírios brancos de alguma parte do mundo onde fosse época de lírios.

Olhei pela janela antes de entrar. Estava todo mundo lá. Havia redatores e diretores de arte do Departamento de Criação, com o pessoal das “letras”, os ECDs, GCDs, EADs e CEOs. Ninguém sabia realmente o que eles faziam, mas sabíamos que era alguma coisa importante, porque seus escritórios tinham belas vistas de Manhattan e elegantes máquinas italianas de *espresso* com um bando de jovens atraentes para operá-las. Nosso chefe, Geoff Evans, levantou-se quando chegamos.

— A equipe do momento — disse ele, já bêbado. — Você está imunda — acrescentou.

Todo mundo olhou para minhas roupas sujas.

— Não estou suja — disse eu. — Estou coberta de uma terra especial para vasos feita de turfa de esfagno canadense, turfa orgânica de sementes de junco, casca de arroz e produtos das florestas tropicais, perfeita para violetas africanas e gesneriáceas e provavelmente mais nutritiva que qualquer prato que vocês venham a pedir.

Todos na mesa estavam calados, e sentei-me ao lado de Kody.

— Legal — disse ele.

— Essa gente não sabe de nada. Tem mais alimentos orgânicos em cima de mim que na Whole Foods da Union Square.

— Então... O que vai fazer com essa raiz? — perguntou ele.

— É uma muda, não uma raiz, e vou levá-la para um homem que conheci numa lavanderia.

— Você está ficando muito estranha, sabia?

— Não é tão estranho assim. Ele cultivava plantas tropicais numa lavanderia na Primeira Avenida.

— Tudo bem, cara, posso ir nessa.

Eu gostava de Kody porque ele era uma daquelas pessoas que entendiam que o mundo e todos os seus habitantes eram um pouco estranhos, e o preferia assim. Eu era uma daquelas pessoas que se assustavam com a estranheza geral da raça humana, embora tivesse me envolvido muitas vezes com gente particularmente estranha.

— Aposto que ele tem alguma *sativa* muito especial naquela Laundromat. Talvez até algum peiote diamante. — Kody adorava se embriagar, e sua cabeça sempre viajava em direção a coisas que pudessem ser fumadas ou ingeridas. — Vai ver ele é um xamã ligado em plantas, como Don Juan.

— Não tenho ideia, Kody. Só estou interessada nas plantas dele.

— Ele está interessado em quê?

— Não sei.

— Eu sei — disse Kody, sorrindo.

— Ele não é o que você está pensando. É velho.

— Como você.

— Muito obrigada.

O champanhe chegava às garrafas e a comida à la carte saía da cozinha em pratinhos. *Foie gras sauté* com maracujá, gaspacho de pinos saki com ostras e cerejas, sopa de castanha-portuguesa derretida com fios de salmão e raiz de aipo e robalo mediterrâneo com parmesão e bulbo de lírio torrado.

— Pelo menos sabemos o que eles fazem quando os lírios murcham — disse Geoff Evans, sentado ao meu lado e botando um bulbo grande na boca.

— Lila conheceu alguém que também gosta de planta — disse Kody. — Mas não para comer. Ele trabalha com plantas. Vende na feirinha de produtos orgânicos da Union Square.

Tomei um gole de champanhe e chutei Kody por baixo da mesa.

Geoff tirou uma coisa verde dos dentes e tornou a comê-la.

— Qualquer pessoa que defenda a natureza atualmente é doida. Seu amigo que trabalha com plantas é um doido. A natureza está indo pelo mesmo caminho da camada de gelo do Ártico — prosseguiu ele. — Está

indo pelo mesmo caminho do leopardo-das-neves, do rinoceronte-branco, do gorila de dorso prateado, do jaguar, dos pigmeus e do povo inuíte. Todos os ursos polares estarão extintos em menos de cinquenta anos. A natureza não tem mais chance. Ainda não sabe disso?

Ele me fuzilou com os olhos, como se o fato de eu gostar de alguém que vendesse plantas fosse um tipo de insulto pessoal.

— Temos de defender as máquinas — prosseguiu, pegando o telefone celular e segurando-o em cima da mesa. — Essa é a nova natureza. Uma espécie invulnerável. Não se pode matá-lo, porque há outros bilhões no mesmo lugar de onde ele vem. Não é biodegradável, portanto é intrinsecamente indestrutível. Não se come, nem se arranca do chão, nem se queima o terreno de onde ele brota para tirar madeira. É uma entidade perfeitamente independente, com uma eterna vida de prateleira.

— E o oxigênio? — perguntou Kody. — Recebemos oxigênio das plantas.

— Oxigênio, fumoxigênio — disse Geoff, olhando em volta da mesa. — Cadê a modelo?

— Está na escola — respondi.

Não sei bem se foi a gordura do *foie gras* ou o zumbido e o toque dos celulares colocados sobre a mesa como um novo utensílio, mas no fim do primeiro prato eu me sentia ligeiramente enjoada.

Atravessei a porta de vidro fosco sem me despedir de ninguém e fui para a lavanderia, sorvendo o ar fresco como se fosse ouro.

Peguei o metrô para o centro e desci na Terceira Avenida, segurando a muda como uma louca. De repente, ela era a coisa mais importante do mundo. Eu simplesmente precisava me envolver com alguma coisa além de Geoff Evans, adolescentes nuas e a morte da natureza.

Já passava da hora do rush, e não havia muito movimento nas ruas. Teria sido um passeio agradável, se eu não estivesse pensando mil coisas a respeito de Armand. E se a muda não fosse de samambaia-de-fogo da Colômbia, e sim de uma samambaia normal que ele tivesse tirado de uma planta no parque da Tompkins Square? E se ele me levasse para o quarto dos fundos onde estavam as chamadas nove plantas e me trancasse lá dentro? Quem vive

cercado de executivos de propaganda passa a desconfiar muito das intenções dos outros.

Fui vencida pelas desconfianças, e, na altura da rua Trinta e Quatro, virei na direção oposta à da Laundromat, e fui para a feira de produtos orgânicos.

Eu precisava falar com Exley. Ele era exatamente o tipo de homem que eu estava a fim de encontrar. Um comerciante, não um homem de meias palavras. É verdade, ele cancelara nosso encontro, mas, romance à parte, saberia se a muda era autêntica ou não.



Quando cheguei à feira, Exley regava os crótons e amaldiçoava baixinho o tempo nublado e inesperadamente frio para abril. Eu ouvia palavras como “nordeste” e “cúmulo-nimbo” proferidas com entonações malcriadas. Pareceu feliz por me ver, mas como acabara de me dar o bolo, demonstrou estar animado e preocupado ao mesmo tempo.

— Como vai sua planta? — perguntou, apertando minha mão com aquela luva amarela de jardinagem.

— Crescendo dia a dia.

— E a palmeira da China? Está lhe dando algum problema?

— Igual à ave-do-paraíso: cresce como mato.

— As duas teriam morrido aqui fora — disse ele, olhando para as nuvens. — Está ruim para as tropicais este ano. O tempo não está nada bom para essa atividade. Não consigo manter as plantas vivas por mais de uma ou duas semanas. Não dá tempo de vendê-las.

— É por isso que não pode jantar? Os negócios vão mal?

Exley coçou a cabeça.

— Você vai mesmo direto ao ponto, não? A verdade é que não gosto de misturar negócios com lazer e essa complicação toda. Nunca dá certo. Nunca é uma boa ideia.

— Não sei bem se minha compra de três plantas se inclui na categoria negócios.

Exley me olhou de soslaio.

— Pode não parecer para você, mas é o que eu faço. Vendo plantas; já lhe vendi algumas, e espero lhe vender mais.

Foi minha vez de ficar calada.

— Sinto muito — eu disse. — Tem razão. Fizemos um negócio.

Ficamos parados lado a lado enquanto Exley regava as plantas.

— O cróton está crescendo como um adolescente — comentei. — Voltei para casa outro dia e encontrei o vaso virado.

— Ele não está cabendo mais na casa dele. Precisa ser replantado. Pegue uns sacos de terra para vasos Schultz e um vaso que seja de sete a dez centímetros mais largo que o vaso no qual ele está agora. Com uma tesoura de jardinagem, corte o vaso velho da borda para o fundo. Não deixe de pôr um pouco de terra no fundo do novo e uns cacos de cerâmica para drenar, depois pegue o torrão com todas as raízes — disse, fazendo um gesto que mostrava uma bola grande — e bote no vaso novo. Ponha mais terra por cima, até uns três centímetros da borda. Ele vai lhe agradecer depois.

— Para lhe dizer a verdade, eu não vim aqui para saber por que você desmarcou o encontro. E já replantei o cróton.

— Ah?

— Tenho uma pergunta que espero que seja capaz de responder.

— Se for relacionada com plantas, é comigo mesmo.

Desembrulhei a muda e balancei suas longas raízes brancas diante de Exley.

— Fui informada por uma fonte um tanto questionável de que isto é uma samambaia-de-fogo da Colômbia. Preciso ter certeza.

Exley largou a mangueira.

Aproximou-se de mim e me encarou; no mesmo instante, antes que eu pudesse dizer alguma coisa, tomou a muda de minhas mãos e correu para dentro do quiosque. Fui atrás dele o mais depressa que pude. Ele espanou a terra e umas folhas que estavam sobre uma mesa velha de madeira que dava ao quiosque um ar de jardim campestre francês. Limpou uma área da mesa onde poderiam caber mil mudas. Aconchegou a samambaia na palma da mão e cuidadosamente a colocou na mesa como se ela fosse um recém-nascido, o que, em certo sentido, era. Em seguida, tirou uma lente de uma gaveta fina

que ia de uma ponta à outra do móvel e estudou as raízes. Ficou um bom tempo em silêncio.

Finalmente, ergueu os olhos.

— É uma samambaia-de-fogo mesmo; dá para ver pela constituição arbustiva. A maioria das oxalidáceas é tuberosa, mas não esta. Ela é muito rara. Certa vez, vi uma na América do Sul.

Parou de falar e olhou bem dentro dos meus olhos, como se eu fosse uma criminosa.

— Onde arranjou isto?

Eu já tinha visto aquele olhar em homens, mas em geral quando desejavam uma mulher, não uma planta. Não gostei do modo como Exley olhava para mim e para a muda, então me debrucei e a peguei. Fiquei ali parada diante dele segurando o broto, apertando-o contra o peito como uma louca. Ele deu a volta na mesa e chegou tão perto de mim, que senti o cheiro da terra na jaqueta que usava. Definitivamente, com certeza, nunca estive tão perto de um homem que desejasse por um motivo tão estranho.

— Quanto quer pela muda? — perguntou ele.

— Está brincando? — respondi, o broto colado no peito.

— Eu lhe dou quinhentos nela, já. Ou posso tentar vendê-la para você pelo preço que eu conseguir, que provavelmente será bem maior. A gente racha a diferença.

— Por que está sussurrando?

— Não quero que ninguém saiba que isso está aqui dentro.

Jamais gostei das pequenas reviravoltas que tanto me sobressaltavam nos últimos tempos, mas, antes de ficar nervosa, ri um pouquinho. Quinhentos dólares era muito dinheiro por colocar uma hastezinha suja num copo de água morna e esperar algumas semanas até que as raízes aparecessem.

— Onde arranjou isso? — ele tornou a perguntar, sem se importar com a fila de clientes que se formava do lado de fora.

Como sabia que ele não acreditaria em mim se lhe contasse, nem me dei o trabalho de mentir.

— Arranjei numa Laundromat.

— Se me der o contato de quem lhe deu isso, eu lhe dou mais duzentos dólares. Posso ser um cara sujo de terra que vive de vender plantas, mas sei

que isso é muito dinheiro, mesmo para quem trabalha em publicidade.

Se normalmente uma pessoa troca de profissão três vezes na vida, eu acabava de vislumbrar minha segunda profissão.

— Então? — perguntou ele.

Eu poderia conseguir mais mudas com Armand e vendê-las para Exley. Poderia dar adeus a Geoff Evans e ganhar dinheiro transitando entre a lavanderia e a feira da Union Square, transferindo mudas de plantas tropicais do produtor para o vendedor.

— Vou ser sua intermediária — propus, embora não tivesse ideia de como um intermediário tivesse de agir. — Arranje as mudas e você me paga.

Exley pareceu irritado.

— Você não quer me contar quem é essa pessoa!

— Não.

— Não confia em mim?

— Nunca trabalhamos juntos.

— Essa pessoa tem outras plantas?

— Não sou do ramo, mas acho que vi primulas silvestres, papoulas e alguns tipos diferentes de grama, tagetes, dalias e uma íris.

Exley falou devagar.

— Quero dizer plantas valiosas — disse, separando as sílabas da palavra valiosa. — Viu alguma planta valiosa, além da samambaia-de-fogo?

— Eu não saberia reconhecer uma planta valiosa. Não sabia que era o caso desta, até você me dizer. Mas ele de fato mencionou umas nove plantas guardadas no quarto dos fundos.

Não vi mal nenhum em falar das nove plantas, uma vez que não tinha nenhuma intenção de dizer a Exley onde era a lavanderia.

— Tem certeza de que ele disse nove? Ele disse nove plantas?

— Disse, com certeza são nove.

— Você as viu?

— Não. Segundo ele, eu ainda não estava pronta. Disse que se eu pudesse fazer a samambaia-de-fogo criar raízes, ele me mostraria as nove.

— Caramba! As nove plantas do desejo — disse Exley para si mesmo.

— O quê?

— Nada. Só uma velha história contada por quem é desse meio. Um mito.

Exley pareceu relaxar. Passou um dos braços em volta dos meus ombros, e embora estivesse com as luvas de jardinagem, era bom senti-lo tocar em mim.

— Consiga tantas mudas dessas quantas puder — disse ele. — Se alguma delas vingar, vou fazer seu esforço valer muito mais do que imagina.

Não era exatamente a proposta que eu queria de Exley, mas era um começo.

Deixei a feira e fui para a lavanderia. Tudo o que eu precisava era mostrar as raízes a Armand. Eu o impressionaria com meu dedo verde e o convenceria a me dar mais mudas. Talvez até das nove plantas do quarto dos fundos — as nove plantas do desejo, como Exley chamara, fazendo-as parecer tão sensuais quanto Armand as fizera parecer misteriosas.

A razão para ter conhecido tanto Armand quanto Exley ficava cada vez mais clara em minha mente. Não tinha relação com nenhum deles. Tinha a ver comigo e com minha vida profissional. Talvez eu não tivesse nascido para trabalhar em publicidade. Talvez meu destino fosse trabalhar em algo mais romântico. Como negociar plantas tropicais raras.





O número nove

Beethoven compôs nove sinfonias. Os gatos têm nove vidas.⁴ Um time de beisebol tem nove jogadores. Nove é o maior dígito, simbolizando a perfeição.

Quando cheguei à Laundromat, Armand estava sentado de costas para a porta, no banco que avançava até o centro do recinto.

— Você voltou — disse ele, sem se virar.

— Como soube que era eu?

— Não é uma hora de muito movimento na lavanderia. Quase todo mundo está em casa com a família, enquanto você, que ao que me consta não tem ninguém, poderia ir a um bar, ou talvez vir para cá.

Seus comentários me incomodaram, mas preferi ignorá-los.

Ele se virou e riu. Tinha dentes muito brancos, com espaços regulares de meio centímetro entre cada um, e muito pequenos para o tamanho dele. Armand tinha dentes separados, de menina. A imagem me perturbou, e eu tratei de não pensar nela.

— Tenho raízes — disse eu, segurando a muda no plástico.

— Sim, infelizmente, você tem.

— Infelizmente por quê?

— Suas raízes são seu problema. Elas a prendem e a impedem de crescer. As plantas precisam de raízes porque não podem se locomover. As raízes são úteis para elas, impedem que o vento as derrube. Nós, humanos, podemos nos deslocar quando queremos, mas nossas raízes nos prendem, sem necessidade. Em geral, num lugar em que não queremos estar. Depois, quando tentamos sair dali, precisamos romper com as raízes, e isso dói, então acabamos ficando onde estamos.

Armand estendeu a mão, e eu lhe dei a muda.

— Da próxima vez, traga a muda num saco de papel... ou, melhor ainda, embrulhada numa toalha úmida. Nunca enrole uma muda em celofane, a menos que queira sufocá-la.

— Claro — disse eu, vibrando por ele ter mencionado uma *próxima vez*, só vendo cifrões na minha frente.

Ele abriu o celofane e se concentrou nas raízes. Levou-as à luz fluorescente e passou-as embaixo do nariz para cheirá-las.

— Essa plantinha gosta de você — disse ele, empurrando a muda em direção a meu rosto muito depressa, fazendo-me recuar. — É melhor ter cuidado.

— Achei que isso fosse bom sinal.

— Se uma planta gosta de você, ela pode querer lhe dar presentes. Alguns deles, você vai querer; outros, não.

— Que tipo de presentes?

Ele cutucou as raízes brancas com o indicador.

— Esta plantinha pode hipnotizá-la e deixá-la gananciosa — disse, olhando-me nos olhos.

Seu olhar parecia me empurrar ainda mais para trás, e precisei me segurar numa das mesas para não cair. Armand deu mais um passo em minha direção. Inclinei-me ainda mais para trás, até quase me deitar na mesa.

— Gostaria de outra muda? — perguntou ele, debruçando-se em cima de mim com um olhar feroz.

Era a segunda vez naquele dia em que um homem me olhava daquele jeito por causa de uma muda de planta. Exley e Armand me deixavam muito

mais intimidada que Geoff Evans.

— Sim — respondi, ainda inclinada sobre a mesa. — Eu gostaria de outra.

Armand subiu a escada até a samambaia e tirou uma muda.

— Talvez esta lhe traga mais dinheiro ainda — disse ao descer.

— Como soube do dinheiro?

— Sei porque lhe dei uma coisa valiosa, e você não é burra. Sei por causa das diferenças entre as gerações. Sei porque uma mulher de sua época e de sua condição olharia para o valor monetário de um objeto em suas mãos antes de qualquer outro aspecto. Uma mulher de sua época e de sua condição não é treinada para ver de outro jeito. Não é treinada para procurar outros valores e significados para os objetos diante de si. Por exemplo, você nunca pensou sobre nosso encontro, sobre a estranheza dele, nem sobre o que poderia tê-lo motivado. Se tivesse, poderia ter refletido mais sobre a plantinha na vitrine, que nos aproximou. Eu simplesmente pensei nos valores de sua época, e presumi que você agiria de acordo com eles. E, como um bom soldado de seu meio, você agiu.

Não gostei de ter agido de acordo com minha época, pois eu me achava mais inteligente que a maioria das pessoas à minha volta. E não gostei da forma como ele usou a palavra “meio”. Ficou estranha, saindo de sua boca, e me deixou muito constrangida.

— Todos agimos de acordo com nossa época. Não se preocupe com isso. Olhe para mim. Sou um velho que cultiva plantas numa Laundromat. Isso é definitivamente da minha época, e não da sua. Não me importo com isso, e você também não deveria se importar. Estamos presos ao nosso meio, até que o reconhecemos e o mudamos se for nossa escolha.

— Se eu escolhesse, poderia mudar.

— É difícilimo mudar. Pouquíssimas pessoas têm essa capacidade.

Armand estendeu a mão, oferecendo a muda.

— Pegue isto aqui e faça um bom dinheiro. Não há nada de errado com isso. Considere um presente da pequena samambaia.

Peguei a muda. Percebia pelo estado de espírito dele que aquela não era a melhor hora, mas perguntei-lhe se poderia ver as nove plantas.

— Hoje não — disse ele.

— Posso lhe fazer uma pergunta, então?

— Pode. Fique à vontade. Pergunte o que quiser.

— Por que são nove plantas? Por que não três, ou vinte?

— Ótima pergunta. Eu estava começando a achar que você nunca iria fazê-la. Cada uma das plantas tem a chave de uma das nove coisas que os seres humanos mais desejam. Sem levar em consideração nenhuma hierarquia, essas coisas são sorte, poder, magia, conhecimento, aventura, liberdade, imortalidade, sexo, e, naturalmente, amor. E há o próprio número nove, que tem muitas qualidades singulares. Por exemplo, se qualquer número for multiplicado por nove, a soma dos dígitos resultantes é sempre nove. Por isso, muitas vezes o nove é chamado de “número matemático”. Um símbolo de verdade imutável. A essência da perfeição. Um círculo perfeito, que sempre dá como resultado a si mesmo. É uma beleza, não acha?

— Nunca pensei nisso antes, mas acho, sim.

— Por isso qualquer pessoa que tenha as nove plantas é completa. Essa pessoa terá tudo o que deseja na vida, diz o mito. Mas precisa ter a posse das nove ao mesmo tempo. Embora uma planta individual possa ser poderosa nas mãos certas, a combinação mágica das nove é invencível. Não importa quem você seja.

— Fiz a muda da samambaia-de-fogo criar raízes. Agora eu gostaria de ver as nove plantas. Você disse que eu poderia.

— Não é a hora certa.

— Quando, então?

— Volte ao amanhecer ou ao pôr do sol. Quando as energias masculinas e femininas são iguais, estão no mesmo nível. É nessa hora que você pode perceber o verdadeiro poder das plantas. Do contrário, você só vê metade da combinação das nove. Você veio de muito longe, para que veja apenas a metade, não acha?

Eu só queria ver as plantas. Enfileiradas, combinadas, em grupo, de dia, de noite, uma, nove, fosse o que fosse, quando fosse... eu só queria ver as plantas.

Parei na porta ao sair.

— Por que eu? Por que vai me mostrar as plantas?

— Porque gosto de você.

— Isso não basta.

— Porque você entrou na minha lavanderia.

- Não acredito nisso.
- Cuido de plantas aqui há trinta anos. Nesse tempo todo, conheci dez pessoas com capacidade de mudar. Você é uma delas.
- Mas que relação isso tem com as plantas?
- Elas a mudarão, se deixar. E estou contando com sua mudança.
- Por que quer que eu mude?
- Porque vai ser bom para nós dois. Para você, talvez ainda mais que para mim. Talvez, não. Depende de quanto você pode mudar, e de que maneira.



Voltei correndo para a feira, tentando não pensar em Armand. Cheguei sem fôlego e mostrei a muda nova. Exley não pareceu impressionado.

- Dou trezentos nela.
- Você disse quinhentos.
- Não sei se vale quinhentos — disse ele, rodando a muda entre o polegar e os dedos enluvados.
- “Por que todo mundo faz isso?”, perguntei-me.
- Esse preço depende da qualidade, claro.
- Claro.

Olhei para a muda, e ela me pareceu boa. Era comprida, bastante verde e continuava hidratada. Tudo o que uma muda precisa ter, ao que eu saiba.

Exley passou o braço em volta de mim e me puxou para junto dele. Pôs a mão em cima de minha cabeça.

— Olhe para você — disse. — Você não sabe de nada. Esta muda não é boa. Não é nem uma muda aceitável. É perfeita. É uma muda absolutamente perfeita. Saudável, forte, viva e pronta para crescer. Você não entende mesmo nada de planta, entende?

- Talvez não, mas entendo um pouco de matemática.
- Exley apertou minha mão, entregando-me o dinheiro.
- A muitos outros momentos como esse — disse.
 - A muitos outros — repeti.
 - De uma Laundromat, hein?

- Sim. Direto da Colômbia para uma Laundromat.
- O que acha de sair direto da feira para jantar? Amanhã à noite?



Saí do quiosque e entrei no mercado com os quinhentos dólares no bolso e um encontro marcado com Exley. Nunca na vida eu tinha me divertido tanto ao ganhar dinheiro.

Passei pelas pessoas empurrando carrinhos de bebê, o que em geral me irritava quando o mercado estava cheio, mas naquela noite não me irritou. Naquela noite, eu sorria para os bebês e para seus pais também.

Passei pela barraca de salmão criado em cativeiro sem sentir nojo dos peixes mornos nas caixas sujas. Até aceitei um copo de suco do cara da cenoura cujo liquidificador estava tão coberto de raspas de cenoura, que parecia não ser enxaguado havia um ano. O suco estava doce.

A barraca da torta de maçã produziu o efeito esperado: fez com que me sentisse saudável e em paz comigo mesma. Procurei dois dólares no bolso para a minitorta de maçã. Em vez dos dois dólares, puxei uma nota de cem e fui inundada por sentimentos bons em relação ao rumo que minha vida tomara. Meus sentimentos se misturaram com a torta de maçã e os bebês, e me senti magnânima. Ali mesmo, decidi dividir meu lucro com Armand, em vez de ficar com tudo. Eu seria transparente e justa. Eu montaria um negócio com Exley e dividiria o dinheiro com Armand, e nós três sairíamos ganhando. Circulei pelo mercado sentindo a satisfação que acompanha uma decisão ética.



⁴ Esse número varia de cultura para cultura e está ligado à resistência do animal a quedas. (*N. da T.*)



Encontro

Uma mariposa voa para a flor banhada pelo luar, poliniza-a, ou acasala com ela, e vai embora. Nós, humanos, fazemos a mesmíssima coisa, só que o processo envolve, antes, um jantar. Portanto, para encurtar a história, sair com alguém é o que duas ou mais pessoas fazem quando vão comer e conversar para descobrir se podem se tolerar a ponto de polinizarem banhadas pelo luar.

Exley me convidou para a Strip House na rua Doze. Embora fosse uma das melhores churrascarias da vizinhança e servisse um contrafilé macio como manteiga, achei a escolha estranha. O interior do restaurante era pintado de vermelho-escuro. Havia pouca iluminação, de um tom mostarda. Era romântico, mas muito triste — como receber uma dúzia de tulipas negras, bonitas, mas que não eram as amarelas que você esperava.

Ele já estava lá, no bar, quando cheguei. Estava de costas para mim, e observei-o por trás. Não estava bebendo, nem conversando com a mulher ao lado, embora ela fosse atraente e estivesse olhando para ele. Exley simplesmente esperava. Eu poderia ter ficado ali parada um bom tempo. Vê-

lo esperando era excitante, mas eu sabia que não era justo deixá-lo ali sentado, então me dirigi ao bar.

Reparei primeiramente nas mãos: eram muito mais claras que o restante do corpo, porque as luvas de jardinagem amarelas que ele sempre usava protegiam-nas do sol. Era a primeira vez que as via descobertas. Eram menores e mais delicadas do que eu imaginara, como se as luvas de jardinagem fizessem todo o trabalho sem nunca envolver as mãos propriamente ditas.

As mangas da camisa social azul-clara estavam arregaçadas, revelando braços bronzeados. O azul da camisa combinava com os olhos e fez com que eu me sentisse na rua, olhando para o céu. Eu me perguntava se ele sabia disso. Exley não parecia ser o tipo de homem que pensava nessas coisas, o que significava que devia ser.

— Você sempre quis fazer isso — perguntei quando já estávamos à mesa —, vender flores?

— Pelo visto você está me perguntando se eu já tive alguma ambição *de verdade*.

— Não, não, absolutamente, não estou lhe perguntando isso.

— Na minha opinião, cultivar e vender plantas tropicais em Nova York é uma atividade muito ambiciosa. É um grande desafio, na verdade.

Eu não estava acostumada com gente como Exley, cuja ideia de desafio e ambição não necessariamente estava baseada no dinheiro.

— As pessoas nesta cidade têm sede de natureza — disse ele, pegando um pãozinho e untando-o com manteiga. — Elas salivam ao contemplarem a natureza, como se desejassem um alimento. Planta é um bom negócio numa cidade como esta.

— Bem, não há muito verde por aqui — comentei.

— Já observou como as pessoas olham a natureza aqui? — perguntou ele.

— Mais ou menos.

— Bem, eu já. Observo isso o dia inteiro. Elas circulam pela feira de produtos orgânicos dizendo coisas como: *Ohhhh, viu aquele tomate? Ou: Ahhh, olhe que tulipa linda!*

— E daí? Elas gostam.

— Não é exatamente o que elas dizem, é como o dizem. Como se fosse a última flor ou a última verdura de verdade que vão ver na vida. É um tom de surpresa total. Uma espécie de choque com a constatação de que ainda resta alguma coisa natural. A primeira vez que ouvi, me deu tristeza. Eu quis levar algo da natureza para a cidade, para que isso não as surpreendesse tanto. E foi assim que comecei.

— Eu não sinto falta da natureza.

— Sente, sim. Por isso gosta de mim. Você ainda quer acreditar no mito do homem natural. E vê isso em mim. Lá no fundo, sente falta de *homens*. Eu já vi os caras de seu bairro, os que compram na feira. Conheço o meu valor para uma mulher como você.

A lucidez dele quanto ao que eu queria me fez perceber que eu o havia subestimado.

— Já foi casada? — perguntou.

Assenti.

— Fui casada durante quatro anos.

— Como era seu marido?

Sorri.

— Era alcoólatra.

— Hmm. Vocês tiveram filhos?

— Não. Ele queria, mas eu tinha medo, porque ele bebia muito.

Fiquei um instante calada, lembrando-me de uma conversa que eu tivera com meu ex.

Se você sair de casa agora, nunca vou ter um filho.

Não é minha culpa. Eu queria filhos. Você quis esperar, esperar e esperar. Não sei o que está esperando.

Se eu nunca tiver um filho é por sua causa. Quero que saiba disso. Quero que tenha isso na consciência.

Se você tivesse tido um filho, como uma mulher normal, eu não estaria saindo de casa. Eu teria uma razão para ficar.

Se você pudesse beber como um homem normal, eu teria tido um filho com você. Mas ter um filho com você significaria que eu deveria tomar conta de outra pessoa que mamava.

Está me chamando de neném?

Estou chamando-o de bêbado.

— Foi por isso que ele saiu de casa? — perguntou Exley. — Porque você não queria ter filhos?

— Como sabe que foi ele quem saiu de casa?

— Você parece um pouco desconfiada.

— Ele disse que saiu de casa porque estava apaixonado por outra. Mas, um ano depois, também largou a outra.

— Aposto que você ficou feliz com isso.

Ri.

— Muito.

Eu não contara a ninguém as coisas que acabara de contar a Exley sobre meu ex-marido, e isso me deixou aflita. Não porque eu não tivesse gostado de conversar com ele — gostei —, mas porque tínhamos acabado de fazer uma transação comercial. Dinheiro era a verdadeira razão de estarmos sentados juntos naquele restaurante.

— Por que estamos aqui? — perguntei-lhe. — É por causa da gente, ou das mudas?

— Ah. É a famosa pergunta: “O que nós somos?”

— Não, não é isso.

— Então você vê algum futuro?

— Pare com isso. Só estou lhe perguntando por que você está aqui sentado comigo, neste restaurante simpático.

— Tudo bem, estou aqui por sua causa. E também estou aqui por causa das mudas. Talvez porque as mudas tenham chegado por seu intermédio, certo?

— Comprei minha primeira planta por sua causa — disse eu. — Sabia disso?

— A sua primeiríssima?

— Sim. A ave-do-paraíso foi a primeira planta que tive.

Ele sorriu.

— Então... Eu fui o seu primeiro.

— Por isso *eu* estou aqui.

— E o homem que lhe deu as mudas? O homem da Laundromat?

— Armand?

— Você gosta dele, não?

— Gosto da Laundromat dele, não sei se gosto dele.

— Por quê?

— Ele é estranho. Às vezes acho que não é deste planeta. Mas a lavanderia dele é o lugar mais fantástico do mundo. Grama verde e papoulas vermelhas e lavandas e verbenas e palmeiras.

— Parece ser lindo.

— Há musgo crescendo no chão. Eu não posso gostar de um homem que deixa crescer musgo no chão.

— Parece um jardim de fadas.

— É. Parece um jardim de fadas com máquinas de lavar.

— Quando eu era criança, meu pai me contava que as fadas moravam nos buracos das árvores caídas, cobertos de musgo. Famílias inteiras. Ele me contava que, se eu deitasse no chão e olhasse para dentro das árvores, eu poderia ver as fadas, mas elas só apareciam para crianças pequenas.

— Talvez por isso você goste de plantas — disse eu —, porque, no fundo, você pensa que há fadas que moram dentro delas.

— Talvez você goste da lavanderia por haver mesmo fadas no musgo lá.

— Talvez.

— Afinal, preciso lhe dizer: para uma mulher que nunca cuidou de plantas, você tem mesmo atração por elas e pelas pessoas que gostam delas.

— Conte-me mais sobre as nove plantas — pedi.

— Eu nunca as vi. Você já teve mais contato com elas que eu.

— Mais ou menos. Armand não quis mostrá-las. Elas estão sempre trancadas no quartinho dos fundos da lavanderia.

— Esperto — disse Exley, correndo os dedos pelo cabelo, levantando a camada loura de cima e revelando a escura por baixo. — As nove plantas são muito bonitas e muito perigosas — ele me encarou —, como um bom amante. Já vi uma delas de perto. E só ouvi falar de outras duas.

— Qual delas você viu?

— A *Sinningia speciosa*, também conhecida como gloxínia, a planta do amor à primeira vista. O mito diz que quem encontra uma gloxínia se apaixona pela primeira pessoa que vê.

— Quem foi a primeira pessoa que você viu?

— Eu estava sozinho numa floresta no Peru na época, procurando as nove plantas.

— Esteve no Peru procurando as nove plantas? Nossa, essas coisas realmente têm poder sobre você!

— A primeira vez que vi a gloxínia, não havia ninguém por perto para eu me apaixonar. Pouco depois, vi algumas pessoas no avião em que eu voltava, mas não me apaixonei por nenhuma delas. E, ao chegar aos Estados Unidos, a primeira pessoa que vi foi Jimmy, o cara que vende suco de maçã atrás da minha barraca no mercado. Nós também não nos apaixonamos, caso você queira saber.

— Então acha que o que dizem em relação às nove plantas não é verdade? Acha que elas não têm poderes especiais?

— Acho que a pessoa precisa ter as nove. Acho que, sozinhas, elas não têm tanto poder.

— Foi o que Armand disse.

Exley fez que sim com a cabeça automaticamente.

— Alguém sabe quais são as nove plantas? — perguntei. — Está escrito em algum livro, ou num poema?

— Não. É difícil saber quais são as nove plantas. Segundo o mito, elas mudam com o tempo, e só se pode conhecê-las se elas se mostrarem para a gente. E elas só se mostram para quem está preparado.

— Preparado como?

— Não sei exatamente. Imagino que a pessoa tenha de ser suficientemente evoluída, ou algo assim.

— Como acha que Armand as descobriu?

— Provavelmente elas *o descobriram*. Como eu disse, realmente não se pode procurar as plantas: são elas que nos procuram. Imagine se fosse possível procurá-las. A população inteira do mundo estaria nas florestas tropicais e nas selvas da América do Sul e da Oceania tentando encontrá-las.

— Mas você as procurava quando foi ao Peru.

— Eu era jovem e tolo, na época. Ainda achava que pudesse encontrá-las.

— E as outras duas de que você ouviu falar?

— Tudo o que sei é que uma delas é uma planta de uma espécie suculenta como o cacto da qual existem milhares. E a outra é um tipo que floresce à

noite. Uma planta feminina que se abre à noite e se fecha de dia, como quase todas as fêmeas.

Sorri e me aconcheguei no suéter.

— Ah, espere aí, não se encolha assim — disse Exley.

Ele descruzou meus braços com as mãos claras.

— Está frio aqui.

Ele esfregou meus ombros.

— Melhor?

— Não muito.

Ele me puxou e me beijou. Fiquei surpresa. Sempre odiei beijos em restaurantes. Eu me sentia mal pelos outros clientes, os que talvez não tivessem ninguém na vida deles, os que eram velhos e viúvos, ou os que eram solitários.

Exley não pensava nas pessoas à nossa volta e tornou a me beijar. Ele tinha o gosto da manteiga com mel dos pães do couvert, e, quando parou de me beijar, minha boca continuou aberta espontaneamente, esperando mais.

Ele se recostou na cadeira.

— Agora está mais quente?

— Muito mais.

— Antes, diziam que as nove plantas traziam vida eterna a quem as tivesse.

Por um momento, me perguntei qual era a idade de Armand, já que ele tinha todas as plantas.

— Mas, atualmente — prosseguiu ele —, o mito mudou e evoluiu, e se considera que as nove plantas trazem abundância em muitos aspectos diferentes, como amor, dinheiro e até filhos.

Pensei naquela gente toda esperando em frente à Laundromat. Naquela gente toda que ia falar com Armand. Aquelas pessoas lhe traziam amor e dinheiro e eram, em certo sentido, seus filhos.

— Vamos dizer apenas que as plantas sejam um bem muitíssimo auspicioso, no sentido de trazerem para as pessoas o que elas mais desejam — disse ele.

— Por que elas não o encontraram?

— Vivo me perguntando isso. Já fiz tudo o que sei para me preparar para as plantas, mas elas não vieram a mim. As pessoas passam anos, às vezes a vida

inteira, preparando o espírito, tentando atingir um nível de consciência que atraia as plantas para elas. Vão para a Índia e vivem com gurus, ou passam anos na bacia Amazônica com xamãs, feiticeiros e curandeiros de todo tipo. Mas, mesmo com todo esse esforço, é difícil conseguir todas as nove. Pode acreditar, muita gente morreu tentando.

— Por um mito?

— Tem gente que já morreu por muito menos que isso.



Quando saímos da Strip House, Exley me puxou para todos os portais da rua Doze entre a Quinta Avenida e a University Place. Nós nos beijamos apaixonadamente, falando de plantas e mitos de imortalidade, de amor e procriação. Beijamo-nos falando de xamãs indianos, curandeiros e mudas de uma lavanderia do Lower East Side.

Quando ele me abraçou, senti o cheiro de terra fresca na jaqueta dele. Desabotoei os três primeiros botões de sua camisa e coleí o rosto em seu peito, onde os pelos eram macios como relva de verão.

Ele era o primeiro homem que eu beijava desde que me divorciara, e me fez sentir que todo o sofrimento realmente tinha valido a pena. Como se o fato de ter conhecido meu marido e posteriormente me divorciado tivesse me levado a estar parada numa esquina com um negociante de plantas dando o melhor beijo de toda a minha vida.

Agarrei a mão dele.

— Quero lhe mostrar uma coisa — disse eu. — Venha comigo.

— Aonde vamos?

— Venha comigo.

Quatro avenidas e uns cem beijos de manteiga e mel depois, chegamos ao nosso destino.

— Chegamos — disse eu com certo assombro. — Aqui está a Laundromat.

Exley deu um passo para trás na rua a fim de ver o espetáculo. Devíamos parecer dois doidos, boquiabertos, olhando estupefatos para a vitrine

engordurada e arranhada de uma lavanderia antiga. Ele tirou um isqueiro do bolso e aproximou-se da vidraça. Com um movimento do polegar, banhou com a luz do fogo a samambaia-de-fogo, como se ela fosse uma estrela de rock ao fim de um show.

— É ela — disse eu. — É a samambaia-de-fogo.

Tive a sensação de ter acabado de dar a Exley o maior presente do mundo.

— É linda — disse ele. — Muito linda. — Virou-se para mim. — Obrigado por me mostrá-la. Obrigado por me mostrar uma coisa tão preciosa.

Quando saímos dali, segurei a mão dele e fomos de mãos dadas até em casa.

Ao entrarmos, vi a ave-do-paraíso caída de lado. Tinha as folhas compridas amassadas numa posição esquisita, aparentemente desconfortável. Em volta dela, o chão estava coberto de terra.

— Ela precisa ser replantada. Você não se importa, não? — perguntou ele.

Exley largou minha mão. Endireitou a planta e começou a pegar a terra do chão e a devolvê-la ao vaso.

— Ela nunca fez isso antes. O cróton já caiu, mas a ave nunca.

Tirei as mãos dele da terra e puxei-as até ele ficar em pé. Abracei-o e sussurrei com a boca colada em seu peito.

— Tenho terra. Tenho tesoura. Sei o que é o torrão. E eu lhe prometo fazer isso amanhã.

— Sinto muito — disse ele. — Está na minha natureza. Ela é uma das minhas crias.

— Não vou deixar nada acontecer a ela.

— Sei que não vai.

Exley me pegou no colo e me levou para a cama. Suas mãos tinham um aspecto melhor agora que estavam sujas de terra. Menos pálidas. Tive a sensação de que ele poderia fazer qualquer coisa com aquelas mãos — construir cabanas, pintar quadros, plantar árvores e comunicar tudo de que precisasse. Ele me afagou delicadamente, assim como eu afagava as folhas da minha ave-do-paraíso. Falou comigo com aquelas mãos — falou mesmo —, e percebi quanto eu sentia falta de que falassem comigo.

Ele pegou uma escova em cima da minha cômoda. Era uma escova macia, de bebê. Sentou-se atrás de mim na cama, passou meu cabelo por cima dos ombros e escovou a pele das minhas costas. A sensação foi incrível.

— Parece uma escova de cogumelos — disse ele. — Tira a camada de cima, deixando sua pele mais exposta e aumentando sua sensibilidade. Você fica com a sensibilidade à flor da pele.

Ele se debruçou sobre meus ombros e escovou meus seios, depois chegou para trás e passou a escova em meu cabelo.

— Estou cuidando de você — sussurrou. — Tirando tudo o que é velho. Criando pele nova, cabelo novo, células novas, uma nova Lila.

— Eu não sou planta.

— É, sim. Seu cabelo cresce de uma raiz, igualzinho a uma planta. Fica comprido e lustroso quando bem-cuidado. Gosto de você num nível celular. Essa camada externa — disse ele, passando as mãos em minha pele —, isso é só um invólucro corporal para protegê-la e contê-la para que você possa ser você. Quero estar mais próximo de você, não apenas de sua pele.

Ele fez amor comigo devagar. Colocando-se dentro de mim, enraizando-se, plantando-se em mim, como se estivesse recuando no tempo. Estava mais próximo de mim, não apenas da minha pele.

Havia algo especial na relação com um homem ligado às plantas. De tão natural, era quase sacrílega. Era tão insólita, que ainda nem tinham inventado um nome para ela.



Exley não ligou no dia seguinte. Nem dois dias depois, nem três. Senti falta dele. Senti falta dele um dia depois — uma hora depois, na verdade. Ele era o primeiro homem com quem eu transava desde que me divorciara, e por causa do jeito como transamos, ele parecia ter sido o primeiro homem com quem eu tinha transado. Até Carlos, meu porteiro, finalmente me olhava com alegria, não mais com pena. Eu tinha de encontrar Exley. Não podia voltar a ser alvo do olhar de compaixão de Carlos.

Passados três dias, decidi que tinha esperado o suficiente de acordo com as regras do decoro referentes a sair com alguém em Nova York. Então, fui à feirinha de produtos orgânicos.

Era sábado, o dia mais movimentado da semana, e a feira estava lotada. Procurei Exley, mas seu quiosque não estava no lugar de sempre. Orientei-me com os pontos de referência do bairro, só para garantir que estava no local certo. Do outro lado da rua, bem à minha direita, estava a Barnes & Noble, e, na diagonal, a delicatessen Raja. O cara das laranjas da Califórnia estava no ponto de sempre, mas eu não via Exley em lugar nenhum.

Não era incomum os vendedores mudarem de lugar na feira, à procura do que chamavam de o *melhor ponto* para vendas. Eu sabia que ele estava ali no meio daquele formigueiro, pois ele jamais perderia um sábado, seu dia mais lucrativo.

Andei os três quarteirões da feira, examinando cada vendedor. Olhei atrás de cada barraca, até as das últimas fileiras. Mais da metade vendia plantas, o que dificultou um pouco a busca, mas depois de fazer o percurso duas vezes, eu ainda não tinha encontrado sinal de Exley.

Dirigi-me a Jimmy, cuja barraca de suco de maçã tinha sido montada no ponto de Exley.

— Sabe onde está David Exley?

— O cara das tropicais?

— É, o louro do quiosque das plantas tropicais que costumava ficar aqui.

— Não. Só sei que ele disse que eu podia ficar com o ponto dele, se quisesse. Normalmente, vendo na traseira da minha picape. É um saco. Como faz uns dias que ele não aparece, montei minha barraca.

— Por quanto tempo?

— Quanto tempo o quê?

— Ele disse que você podia ficar com o ponto dele?

— Para sempre. Uma vez ele disse que quando fosse embora não voltaria mais.

— Quando ele disse isso?

— Não sei. Há quatro, cinco dias, talvez uma semana. Acho que foi sábado passado.

— Sábado passado ele disse que estava planejando ir embora?

Não esperei pela resposta. Fui correndo para a lavanderia. Fazia tempo que não corria, e já estava ofegante depois de uma quadra, mas continuei correndo, segurando o peito como se tivesse 90 anos.

Dobrei a esquina da rua Doze com a Primeira Avenida. Fiquei aliviada ao ver o início de uma feira de rua, realizada nas tardes de sábado. Dezenas de pessoas chegavam, sem dúvida procurando bons pontos para suas barracas, preparando-se para vender camisetas e macacões de bebê “I LOVE NY”. Em uma hora, o cheiro de salame italiano, pimentões e cebolas subiria de churrasqueiras espalhadas por todos os cantos, e as crianças estariam com a cara coberta de açúcar de confeitiro dos *funnel cakes*.⁵ Tudo parecia normal, e me abaixei colocando as mãos nos joelhos, para recobrar o fôlego, o suor escorria sobre meus olhos.

Quando voltei a andar, pisei em algo no chão. Equilibrando-me num pé só, tirei um caco de vidro da sola do tênis. Limpei o suor do rosto e olhei para a lavanderia. A rua inteira brilhava como diamante. Havia vidro para todo lado. Vi que não estava olhando para o início de uma feira de rua, estava no meio de uma cena de crime. Eu tinha chegado tarde demais.

Por trás daquela gente toda, vi que havia um rombo na vidraça da lavanderia, coberto com fita adesiva amarela.

Comecei a empurrar as pessoas, com os olhos fixos naquele ponto. Apavorei-me, com medo de que Armand estivesse ferido. A rua estava cheia de gente do bairro, e olhei pelas brechas entre as pessoas, tentando desesperadamente enxergar o interior da lavanderia.

Finalmente cheguei à vidraça esburacada. Havia estilhaços pendurados na moldura de metal. Olhei para o teto, virando a cabeça muito devagarzinho, sem querer ver o estado das plantas penduradas no teto expostas à friagem e ao vento do início de primavera.

Era pior do que eu pensava. As lâmpadas fluorescentes estavam quebradas ou totalmente destruídas. Fios de linha de pesca pendiam do teto, cortados e sem plantas. Havia terra por todo lado. Devia ter caído dos vasos que tombaram.

As plantas do teto e das tampas das lavadoras estavam jogadas pelo chão, arrancadas e pisoteadas, formando uma colcha colorida sobre o tapete de

musgo.

Roseiras trepadeiras e arbustivas jaziam amassadas e emplastradas embaixo das secadoras, como manchas de sangue. Armand me dissera que elas sempre deviam ser colocadas perto das secadoras, porque o calor estimulava seu perfume.

A *Nicotiana sylvestris* estava despedaçada em cima da mesa dobrável. Ele dissera que o odor almiscarado da nicotiana era a única coisa capaz de cortar o cheiro de alvejante.

A bergamota fúcsia polinizada com as abelhas da casa jazia no chão. As abelhas zumbiam sobre ela, procurando em vão uma flor para polinizar.

Um ficus grande erguia-se solitário no meio da sala, intocado, como testemunha da carnificina.

Com todas as plantas jogadas no chão, dava para ver o interior do quarto secreto de Armand. A porta estava solta das dobradiças, com um rombo perfeitamente redondo no meio, que só podia ter sido feito com uma serra circular. Ao contrário da lavanderia propriamente dita, o quarto dos fundos estava impecável — e completamente vazio. Não havia nada amassado pelo chão nem nada arrancado pelos cantos. Não havia nem mesmo um pingo de terra no chão.

As nove plantas tinham sumido.

Pus as mãos na cabeça. Nada mais, a não ser as nove plantas, fora levado de lá. Nem mesmo a velha máquina registradora de cobre no canto.

Vi Armand saltar de um carro da polícia. Ele levantou a fita amarela e preta que rodeava o estabelecimento como se fosse um enxame de abelhas e entrou. Suspirei aliviada. Eu estivera tentando não pensar que Exley pudesse de algum modo ter ferido Armand.

— Preciso falar com ele! — gritei para o policial.

— Para trás! — gritou ele para mim.

Armand se virou, agarrou meu braço por cima da fita e me puxou com força para junto de si.

— O homem que comprou a muda da samambaia-de-fogo — disse antes que eu pudesse falar.

Assenti.

Ele me puxou para mais perto ainda.

— Você lhe contou sobre as nove plantas?

— Não.

— Como ele soube?

Eu não conseguia contar a Armand que tinha levado Exley até a lavanderia.

— Você não lhe disse nada sobre as plantas?

— Conteí a ele que você as tinha. Mas não lhe disse onde elas estavam — menti. — Ele não deu muito valor a elas — disse eu, tornando a mentir. — Disse que eram uma brincadeira. Uma superstição do pessoal que trabalha com plantas. Um mito.

— Essa superstição acaba de me custar metade de uma vida de trabalho.

Senti lágrimas nos olhos, embora não chorasse havia muito tempo. Eu nunca tinha sido responsável por um prejuízo tão grande.

Imaginei Exley na frente da vitrine com a mão na boca, embasbacado com a beleza da samambaia-de-fogo. Imaginei-o estacionando aquela van branca suja de transportar plantas em frente à lavanderia e atirando um bloco de cimento na vidraça. Dava para ouvir o vidro despencando para dentro da loja e para a rua. Eu sabia que aquele barulho não me sairia da cabeça por muito tempo.

Quando os detalhes foram revelados, eu soube que estava errada em relação à vitrine. Com uma furadeira, Exley fizera um pequeno buraco circular do tamanho suficiente para enfiar a mão e abrir por dentro o cadeado velho. A vidraça ruíra muito depois, ao finalmente desmoronar em volta do rombo.

Senti o dinheiro no bolso e percebi que Armand tinha razão: a samambaia-de-fogo me deixara gananciosa. Hipnotizou primeiro a mim; depois, a Exley.

— Vou indenizá-lo — disse eu. — Vou pagar a vidraça e as plantas.

— Eu a julguei mal — disse ele baixinho. — Pensei que você fosse mais esperta. Mas isso não é vergonha nenhuma. A gente é o que é, até deixar de ser. Da próxima vez, não seja tão burra, e eu também não serei.

Tirei o dinheiro do bolso.

— O pagamento pela samambaia-de-fogo — disse eu, entregando-lhe o dinheiro.

Ele balançou a cabeça e o pegou. Sem dizer mais nada, levantou a fita amarela e seguiu na direção de seus conhecidos, de sua turma do bairro, que se reunira na rua.

Eu o ouvia consolando quem estava mais perto dele, mas sabia que ele estava desolado com a perda das plantas. Elas eram suas mestras, suas amigas e sua ligação com o bairro. E as nove plantas do quarto dos fundos — eu sabia que eram insubstituíveis.

Dei uma última espiada na lavanderia. Agora, ela era igual a qualquer outra do East Village. Tinha ladrilhos arranhados, grandes máquinas cinzentas, mensagens escritas à mão coladas em quadros de cortiça e mesas brancas de plástico dobráveis arranhadas.

Com o desaparecimento das plantas, percebi, talvez pela primeira vez, quanto cuidado e esforço tinham sido dedicados à criação do fenômeno que era a Laundromat.

Dei meia-volta e fui para casa, sabendo que havia destruído um pontinho de beleza no mundo. Há algumas coisas que não podem ser desfeitas, e eu sabia que nunca conseguiria indenizar Armand por aquela perda.

Ele me disse certa vez — que parece ter sido muito tempo atrás — que, se eu mencionasse o paradeiro das nove plantas a qualquer outra pessoa, eu nunca mais conseguiria vê-las. Ele estava certo. Mas agora nem ele conseguiria.



⁵ “Bolos de funil” geralmente são vendidos em feiras, eventos esportivos e de rua, praias e locais de veraneio dos EUA. Em formato arredondado, são preparados usando-se um funil e, depois de fritos em óleo quente, servidos com açúcar de confeitaria, Nutella, frutas frescas e outras coberturas. Tornaram-se uma guloseima popular no país. (*N. do E.*)



A rosa floribunda

Florações abundantes de perfume suave, sedosa ao toque e inebriante para os sentidos, a floribunda pode enganá-lo e o engana. Na verdade, ela é rústica, resistente a doenças, espinhosa e muito forte em zonas mais frias. O proverbial punho de ferro em luvas de veludo das plantas.

Armand e eu nos sentamos na frente da Laundromat em dois engradados de leite cor de laranja virados de cabeça para baixo. Fazia calor lá dentro, e era bom tomar um pouco de ar fresco. Havia um carvalho na nossa frente, uma das únicas árvores da rua Doze, e não se ouvia barulho, porque era de manhãzinha. Eu segurava um copo de café, encostada na vidraça transparente da vitrine nova em folha.

— O homem que assaltou a lavanderia lhe deu sua primeira planta tropical, sua ave-do-paraíso, e por isso você devia muito a ele. Mais do que imagina.

— É só uma planta.

— Ele nos aproximou. Você nunca teria reconhecido a pequena samambaia-de-fogo na vitrine, se ele não tivesse lhe dado o folheto.

— Isso teria sido uma bênção para você.

Armand fez um gesto com a mão para que eu me calasse.

— Agora que ele tem as nove plantas, sua dívida com ele está mais que paga, e você está fora de perigo. A não ser, claro, por sua dívida comigo.

— Claro. Farei qualquer coisa que você pedir.

— Não seja tão precipitada em dizer qualquer coisa.

— Qualquer coisa.

Ambos rimos, e era bom tornar a ver seus dentes miudinhos separados.

— Sabe por que você me deve?

Olhei para a lavanderia sem plantas. Só máquinas de aço e ladrilhos rachados.

— Não, não é pela vidraça, nem por minhas plantas, embora eu sinta muita falta delas e talvez nunca consiga recuperá-las. Você não quebrou a vidraça nem roubou as plantas. Isso foi escolha de outra pessoa. Você me deve porque eu lhe ensinei uma coisa importante sobre você mesma: que você é gananciosa e está desesperada, e por isso me deve. Muito.

Percebi que estava ficando irritada.

— Você foi gananciosa a ponto de começar um negócio paralelo com minhas plantas. E estava tão desesperada por um homem, que se envolveu com uma pessoa manipuladora e perigosa. Seu desespero lhe tirou a capacidade de julgar o caráter daquele homem. É uma posição assustadora na qual estar nesta vida.

Levantei-me.

— Não estou desesperada.

— Ótimo — disse Armand. — Agora você me deve mais ainda, por deixá-la irritada e afastar sua tristeza.

— O que eu lhe devo, Armand? Vou arrumar um jeito de resolver isso. Vou lhe pagar como você quiser.

Na verdade, eu estava desesperada para lhe dar algum dinheiro e deixar aquilo tudo para trás. O envolvimento com ele, as plantas, a lavanderia e Exley passaram a ser demais para mim. Aliás, conhecê-lo fez com que eu respeitasse profundamente as vantagens do mundo da publicidade. Meu

trabalho tinha seus momentos antiéticos, mas, a bem da verdade, era fácil e seguro. Eu não tinha me dado conta disso, achando que o mundo de Exley e o de Armand eram de alguma forma mais fáceis, com menos pressão e mais aventuras.

— Eu pago a vidraça — reiterarei pela nona vez. — E trabalho na lavanderia nos fins de semana ou à noite, se é disso que você precisa.

— Você é muito mole e mimada para trabalhar aqui. Não serve nem para ser caixa.

— Posso aprender.

Armand tornou a me fazer um gesto com a mão.

— Não se preocupe tanto com o dinheiro. Está tudo no seguro. A vidraça não vai ser problema para mim.

Não sei por quê, mas o fato de Armand ter seguro me deixou inquieta. Ele vivia tão à margem das rodas que eu frequentava, que às vezes não parecia real, muito menos uma pessoa que fosse coberta por seguro.

— Você tem o suficiente para cobrir esse prejuízo?

— Tenho. E de sobra.

Bem naquela hora, um caminhão de lixo barulhento e malcheiroso parou na nossa frente. O lixeiro puxou o freio de mão. Saltou do caminhão e usou o espaço na frente da lavanderia para recolher todo o lixo da rua.

Balancei a cabeça, enojada. Armand sorriu para mim e tirou o café de um saco de papel.

— Que cheiro! — disse eu. Eu queria fugir correndo da Laundromat e de Armand e do lixo. — Vamos entrar.

Armand respirou fundo.

— Ahhh, nem tanto!

Ou ele era maluco, ou tão velho, que não tinha mais olfato, pensei.

— Não sou nem maluco, nem velho — disse ele, lendo meus pensamentos. — Simplesmente sei manter o equilíbrio em circunstâncias adversas, ao contrário de você. Só isso.

— Não sei por que eles estacionaram aqui — gritei para me fazer ouvir acima do barulho do caminhão do lixo. — Eles têm o quarteirão inteiro para estacionar. Não sabem que estamos tentando conversar? Dá para ver.

Armand riu de olhos fechados e mostrando os dentinhos para o sol.

— Acha que estacionaram na nossa frente de propósito? Acha que somos tão importantes para eles a ponto de fazerem um complô para impedir nossa conversa?

Armand ria tanto, que se sacodia.

— Ahhh. Às vezes gosto muito de sua companhia — disse ele.

— Só estou dizendo que eles poderiam ter parado mais adiante. Seria mais civilizado.

— Pense em minhas plantas tropicais arrancadas de seu hábitat natural, as florestas tropicais, as selvas e os desertos. Elas conseguem conviver com os cheiros e os barulhos da cidade. Crescem lindamente. Vicejam. Não se encolhem nem se escondem, desejando estar de novo no ambiente delas. Elas se adaptam. — Armand se aproximou um pouco mais. — Quer saber o segredo delas?

— Você não tem mais nenhuma planta — disse eu, sem interesse ou disposição de acreditar que elas tivessem um segredo.

— O segredo de que estou falando é muito simples, mas é difícilimo de explicar. Vou tentar fazê-lo, porque gosto de você e porque ainda está muito abalada.

— Tudo bem, mas é melhor gritar, por causa do caminhão.

— Com prazer — disse Armand. — Adoro gritar!

Levantou-se e começou a gritar:

— Se consegue ouvir o silêncio enquanto é acordada pelos caminhões de lixo, você tem poder. Se consegue perceber as estrelas quando tudo o que vê são as luzes dos arranha-céus, isso é poder. Se consegue sentir o cheiro da floresta na frente do lixão, então você tem poder. Nunca deixe as circunstâncias, nem as pessoas à sua volta, lhe dizerem o que ver, sentir, degustar, cheirar ou ouvir.

Armand gritava a plenos pulmões:

— Por que o lixeiro determinaria que se sintam mau cheiro? Cheiro de comida estragada? De putrefação? Por que os urbanistas lhe diriam que você não pode ver as estrelas? E por que o ladrão da feirinha da Union Square teria de levar minhas plantas tropicais? Por que o deixaria fazer isso? Use sua mente. Pode recriar minhas plantas aqui — disse ele, batendo em minha cabeça. — Vá em frente, imagine todas as plantas tropicais que quiser. Agora

olhe para elas. Olhe mesmo, até que elas se tornem reais. Não seja escrava do absurdo que os outros lhe impõem. Use sua mente. E se conseguir usá-la corretamente, será uma pessoa livre!

Armand tornou a sentar-se no engradado de leite. Parecia revigorado. Eu estava exausta.

— Venha, tenho uma planta que talvez consiga explicar isso tudo melhor que eu.

Lá dentro, ele me mostrou sua mais nova planta. Era uma rosa delicada num vasinho em cima do caixa. Foi a primeiríssima planta que ele comprou desde que Exley assaltara a lavanderia.

— Leve-a para sua casa. Coloque-a na frente da janela mais barulhenta de seu apartamento e depois abra o vidro para que ela sinta frio. Ponha no último volume a pior música que tiver. E dê-lhe só um pouquinho de água e ainda menos luz. Depois veja como ela reage!

“Lembre-se: ela é muito mais delicada que você, mas verá que ela suporta muita coisa. Nas piores condições, ela mantém a beleza e a delicadeza. Ela se adapta! É graciosa. Observe-a e aprenda seus segredos. Se estudá-la o suficiente, ela lhe ensinará a ficar em paz em qualquer lugar que escolher, na mesma hora, na frente de um caminhão de lixo barulhento, ou depois de um assalto. Entende o que a rosa lhe diz?”

— Entendo.

— Ahhh — suspirou Armand —, como sempre, minha plantinha explica tudo melhor do que eu.

— Mas quero fazer alguma coisa para reparar isso agora mesmo. Não quero aprender a me concentrar. Quero consertar o que fiz.

Armand tirou os óculos amarelos redondos e sentou-se no banco que fica no meio de seu estabelecimento. Observou-me com seus olhos acobreados.

— Você precisa mesmo me pagar?

— Mais que tudo — disse eu, incapaz de suportar a culpa por mais um minuto.

— Tudo bem. Há algo que você pode me dar.

— Qualquer coisa.

— Você vai me pagar com seu tempo.

Eu me sentia um pouco atordoada, como me sentira da primeira vez em que ele girou a muda da samambaia-de-fogo na minha frente.

— Quer que eu trabalhe na lavanderia à noite?

— Vou precisar de um pouco mais de tempo que isso.

— Não posso vir durante o dia por causa do meu trabalho. Mas talvez eu possa conseguir uma auxiliar para você. Uma garota da NYU para ajudar na limpeza e no replantio.

— É realmente muito simples — disse Armand. — Eu gostaria que você fosse comigo ao México atrás das nove plantas. Preciso das plantas e de sua ajuda para consegui-las.

— México?

— Não é possível coletar plantas tropicais em Nova York, é?

— Quanto tempo isso levaria?

— Ninguém sabe. Quando as nove plantas se revelarem, nós voltamos. Depende delas. Não de nós.

— Não posso deixar Nova York e me mudar para o México de uma hora para a outra. Tenho responsabilidades. Tenho um trabalho e um apartamento.

— Não vou tentar convencê-la a vir comigo. É o que quero para compensar as plantas que me roubaram. Você me perguntou muitas vezes o que eu queria, e agora respondi.

Fechei os olhos, sentindo mais uma virada na roda da minha vida.

— Minhas plantas não eram plantas comuns, você sabe.

— Sei.

— Elas eram lendárias. Estavam no caminho nove. O caminho do desejo do coração.

— Exley vai conseguir tudo o que quiser na vida, agora que ele tem as nove plantas?

— Não. As plantas não podem ser roubadas. Só podem ser merecidas.

— Como você as mereceu?

— Não precisei merecer. Sou o guardião delas. É o meu trabalho.

— E a Laundromat?

— Não passa do lugar que escolhi para cuidar das plantas.

Eu começava a me sentir bem pior.

— Vamos procurá-las juntos no México. Quero isso por mim, mas quero também por você.

— Por que por mim?

— Diz a lenda que se as nove plantas forem roubadas, a pessoa responsável nunca se sentirá realizada em nada. Exley é o responsável. E, indiretamente, você também. Para quebrar o encanto, a pessoa responsável deve devolver as plantas ao guardião. Vou ajudá-la em tudo o que puder, claro.

— Claro.

— Eu deveria acrescentar que você precisa fazer isso por causa de sua frieza.

— Como?

— Você é fria. É uma mulher fria disfarçada de meiga. É uma artista, uma artista performática, e sua arte é uma exibição na qual você se faz de meiga e ingênua, quando, na verdade, é distante, fria e calculista. E é muito boa atriz. Isso é um verdadeiro dom, e que seguramente vai nos ajudar no México.

— Não estou entendendo nada.

— Está, sim. Pense em como você ia me usar, um pobre velho que trabalha numa lavanderia. Você ia me usar para ganhar dinheiro. E ia usar minhas plantas também. Ia tentar me enganar mesmo depois de eu ter lhe dado um presente tão especial como a samambaia-de-fogo. Isso é prova de que, além de fria, você é burra.

— Eu ia lhe dar metade do dinheiro. Queria que entrasse no negócio comigo.

— Eu? Entrar num negócio com você? Ah! Você não entende nada de negócios e menos ainda de negócios com plantas.

Eu definitivamente não queria ir para o México com Armand.

— E além disso — continuou ele —, quando você fosse me dar o dinheiro, já seria tarde demais. Então você também não tem noção de oportunidade, e essa noção é tudo nos negócios.

— Vou pensar no assunto — disse eu, virando as costas para ir embora. — Eu lhe dou notícias.

— Certa vez você me disse que, mais que qualquer coisa, queria aventura, dinheiro e amor.

Dei meia-volta.

— Isso mesmo.

— E se eu lhe dissesse que se você for para o México terá as três coisas?

— Não sei se acreditaria em você.

— Pense nisso e volte quando tiver resposta. Mas não espere muito, senão já terei partido.

Ele acenou para mim com aqueles dedos ligeiramente repulsivos e ondulantes que ao mesmo tempo diziam adeus e me atraíam.

Fui-me embora da lavanderia — primeiro, andando normalmente; depois, quase correndo. No fundo, sabia que nunca iria para o México procurar plantas com Armand.

— Ah — gritou ele para mim —, só mais uma coisa.

Parei e prendi a respiração. Não me virei. Estava muito perto, quase livre.

— Antes que vá, gostaria que conhecesse minha mulher.

A palavra “mulher” entrou lentamente em minha mente. Eu nunca imaginara que Armand tivesse mulher. Nem mesmo casa, aliás. Se pensei de fato no assunto, imaginei que vivesse só, no quarto dos fundos da lavanderia, com suas plantas.

Virei lentamente para ele. Por mais que quisesse correr, voltei para ouvir o que ele tinha a dizer.

— Como um favor especial a mim, venha conhecê-la. Ela quer ser apresentada à mulher com quem ando farreando, que destruiu meu negócio e fez com que minhas nove plantas fossem roubadas.

Respirei fundo. Eu lhe devia ao menos isso.





A família das orquídeas

(Orchidaceae)

As orquídeas se desenvolvem através de um processo de rigorosa seleção natural e devem ser tratadas como os indivíduos raros que são. Como acontece com os humanos, cada orquídea possui mais ou menos uma chance em um milhão de ter nascido. Entendemos a raridade uns dos outros, e é provavelmente por isso que na nossa sociedade somos, em geral, tão apaixonados por orquídeas. Por outro lado, ao contrário do que se acredita, elas não são difíceis de cultivar. Na verdade, são perfeitas para quem não consegue cultivar nada. Não precisam de terra. Não precisam de fertilizante. Nem precisam estar plantadas em vasos. Só precisam de ar. Gostamos de dizer que as orquídeas parecem difíceis de cultivar para podermos nos sentir especiais quando elas se desenvolvem. Elas são tão difíceis de cultivar quanto capim.

Armand morava numa construção antiga e imponente na Irving Place, que envelhecera lindamente. Em algum momento deve ter sido pintada de um rosa tipo flamingo tropical. Agora a pintura estava descascada e desbotada, com um tom de rosa-claro misturado com o cinza do cimento do emboço.

No alto dos doze degraus que levavam à porta de entrada, erguiam-se colunas de mármore, e duas grandes cabeças de leão descansavam embaixo, como sentinelas.

— Eles impressionam a gente, não? — disse ele, acariciando um dos leões de pedra.

Era verdade: impressionavam. Davam ao prédio uma imponência que os outros na quadra não possuíam.

— Em que andar você mora? — perguntei.

— Em todos. Esta é a minha casa! Minha geração não mora em cubículos, como a sua. Além do mais, quando comprei esta casa, você ainda não era nascida, e os preços eram muito mais baixos naquela época.

— Mas você trabalha numa Laundromat.

— Eu sou dono de uma Laundromat.

— Se tem esse dinheiro todo, por que passa o dia inteiro lavando roupa dos outros?

— Eu já lhe disse: sou o guardião das nove plantas, e a lavanderia é o lugar que escolhi para protegê-las. Quando lavo roupa, ninguém pensa nas nove plantas que estão lá nos fundos. Ninguém desconfia de que elas estejam ali. A Laundromat é um excelente disfarce. E, de qualquer maneira, lavar roupa é um bom negócio. Nos bons tempos, nos maus, em épocas de guerra, de seca, de fome, sempre há roupa suja para lavar.

— Por que não manda alguém lavar a roupa para você enquanto cuida das plantas?

— A lavanderia é o meu negócio, e me interessa muito por todos os aspectos de seu funcionamento. Não se tem uma empresa de sucesso administrada por terceiros. Os outros simplesmente não gostam do negócio tanto quanto você. Por que gostariam? O dono ainda fica com a parte do leão dos lucros, certo? Ah!, está vendo isso? Eu sabia que estávamos parados aqui por um motivo — disse, tornando a acariciar a cabeça do leão.



Subimos os degraus de mármore em direção à pesada porta de madeira cor de cobre, que fazia um belo contraste com a pintura rosa descascada. Quando atingimos o patamar, a porta se abriu como se soubesse que estávamos chegando. No vão estava uma mulher miúda com um quimono preto de seda colado ao corpo, que era espetacular e tinha cada curva realçada por uma flor. Havia uma rosa em cada seio, e margaridas nas curvas acentuadas de cada lado de sua cintura. Ela parecia uma modelo em miniatura de Yohji Yamamoto, envelhecida.

— Minha mulher — disse Armand, esticando o braço com a mão virada para cima em direção à mulher miúda —, Sonali.

— Lila — disse eu, estendendo a mão.

— Entre, entre — disse ela, sem apertá-la.

Entramos, e a pesada porta de madeira maciça se fechou atrás de nós. Subi para o segundo andar atrás de Armand e Sonali por uma escada forrada com um tapete estampado de rosa.

Sonali, em qualquer contexto, e não só por ser a mulher de Armand, era uma pessoa muito estranha. Em primeiro lugar, devia ter um metro e meio de altura, no máximo. Pesava uns quarenta quilos, no máximo. No primeiro contato, dava a impressão de ser uma mulher positiva, sem rugas e com uma pele macia cor de caramelo. Mas, ao mesmo tempo, tinha alguma coisa de inflexível. Uma dureza e uma firmeza inconfundíveis. Parecia inatingível. Quase fria.

Talvez fosse o cabelo. Era preto retinto e preso num coque apertado, com um raio grisalho a lhe riscar o crânio na diagonal, como se ela tivesse o corpo caloso inclinado, ou a cabeça dividida ao meio.

Ou talvez fossem os olhos escuros. Eram muito diretos e assertivos para alguém tão meigo e recatado. Era como se ela tivesse os olhos de outra pessoa no rosto, ou o rosto de outra pessoa em volta dos olhos.

No geral, dava a impressão de ser alguém tão seguro de si, que, além de não ligar a mínima para o que achavam dela, provavelmente nem pensava no assunto.

— Já acabou de admirar minha mulher? — perguntou Armand. — Pode parar agora, porque nunca vai entendê-la.

— Eu não estava admirando sua mulher.

— Ótimo, porque eu gostaria de falar com ela agora.

— Pode falar.

— Lila dá permissão para a gente se cumprimentar — disse Armand à mulher.

— Ah, ótimo — disse Sonali.

Armand abraçou-a, apertando contra seu corpanzil aquela mulher miudinha, cujo cocoruto se aconchegava em sua barriga. O abraço foi tão longo, que me senti francamente constrangida. Abraçava-a como um homem que tivesse saído da cadeia. Como se houvesse anos não a visse. Por cima dela, o que era muito fácil para ele, sussurrou para mim:

— Abraço-a assim todo dia — disse. — Por que esperar até que eu sinta falta dela?



Para fugir do fantástico abraço dos dois, virei-me e fiquei olhando a sala. Claro, vi plantas por todo lado. Havia longas orquídeas de aspecto glamoroso pousadas em cima de espelhos. Os espelhos ficavam em cima de aquecedores, que ficavam nos parapeitos ensolarados das janelas.

— As orquídeas são de minha mulher — disse Armand, ainda grudado com ela.

Sonali finalmente se virou.

— Uma pequena dica sobre orquídeas — disse ela da maneira mais direta, entrando na conversa, como se não tivesse passado os últimos cinco minutos com o rosto colado em Armand, na frente de alguém que ela nunca vira na vida. — Se colocá-las em cima de um espelho em frente a uma janela, o reflexo amplia a incidência do sol. Em determinados momentos do dia, elas são envolvidas pela claridade por todos os lados e por baixo também. Desenvolvem-se incrivelmente nessas condições. Sentem-se ao ar livre e muito atraentes.

— Há quanto tempo se interessa por orquídeas? — perguntei.

— Ah, algumas delas estão conosco há mais de vinte anos. Não me lembro exatamente. Elas gostam de morar aqui, assim como nós. É a casa

delas tanto quanto a nossa, talvez ainda mais. Satisfazemos suas necessidades de luz e calor, e elas satisfazem nossa necessidade de beleza. Uma dança perfeita entre todos nós.

Ela se virou para abraçar Armand, o que me surpreendeu, pois achei que nunca mais fosse ver a cara dela.

— Nunca pensei na beleza como uma necessidade — disse eu em voz alta, tentando separá-los.

— Ah, sim — disse ela grudada nele, as palavras abafadas pela roupa dele —, é por isso que o mundo precisa de artistas e de plantas. A beleza é tão importante quanto o sono, ou o alimento, ou o sexo.

— Especialmente o sexo — disse Armand.

— Como não andam, as plantas usam a beleza para fazer com que a gente cuide delas, assim como os bebês usam a graça e a ternura para conseguir as coisas de que precisam.

— Nada é mais importante que sexo — disse Armand, tornando a abraçá-la.

— Ernesto, pare!

— Ernesto?

— Não é o nome verdadeiro dele, mas eu o chamo assim quando ele mente. Significa “honesto”, então ele se mantém assim.

— Sonali é como uma planta — disse Armand. — Viu como ela se veste?

Olhei para seu quimono preto longo, que não lembrava planta nenhuma.

— Pense na rosa floribunda que lhe dei. Cada pétala atrai seu olhar para os órgãos sexuais que estão em seu interior, mas ao mesmo tempo os esconde. Repare como as roupas de Sonali atraem você, e, no entanto, escondem totalmente os órgãos sexuais dela.

Eu não queria pensar nos órgãos sexuais de Sonali.

— Assim como as pétalas da flor atizam a abelha, as roupas deveriam atizar o olhar. Quem segue as plantas não erra — disse ele, olhando Sonali.

— Ah, não ligue para o que ele diz. Ele é um homem apaixonado.

— E ela sabe me manter assim!

— Há quanto tempo estão juntos? — perguntei.

— Desde crianças — disse ele. — E somos crianças agora.

Riram um para o outro como duas crianças de segredinhos.

— Venha — disse Sonali —, deixe-me apresentá-la formalmente às minhas orquídeas.

Fomos até a janela na qual estavam as plantas.

— Essas são orquídeas silvestres? — perguntei.

— Você está querendo saber se as comprei de um vendedor de orquídeas que procura plantas no mato para colecionadores obcecados, como você leu em *O ladrão de orquídeas*?

— É, acho que sim.

— Você gostaria de ver uma bela pantera negra andando para lá e para cá numa gaiola?

— Não.

— Ou um urso dançando de focinheira?

— Claro que não.

— Gosta de ver os ursos polares sentados em pequenos blocos de gelo atrás das grades de um zoológico?

— Não.

— Então procure manter a mesma atitude em relação às orquídeas. O lugar das orquídeas silvestres é no mato, não na casa das pessoas em Nova York.

— Mas como conseguiu essas?

— Deixo que sejam reproduzidas nos viveiros, depois compro quando tenho certeza de que há muitas e de que a espécie não vai morrer por causa dos meus caprichos. Tirar uma orquídea da floresta não ajuda em nada a perpetuação da espécie. Embora eu admita que haja uma espécie de fetiche em torno das plantas de procedência exótica. Direto da floresta.

— Eu nunca a ouvi admitir isso antes — disse Armand. — Ela deve gostar de você.

— Isso é uma orquídea? — perguntei, apontando para uma plantinha marrom particularmente sem graça.

— *Maxillaria tenuifolia* — respondeu Sonali. — Uma de minhas favoritas. Essa orquideazinha marrom é um gênero não tão espetacular quanto um híbrido, mas mesmo assim muito charmosa. Seus encantos são muito poderosos. Chegue mais perto e sinta.

Debrucei-me em cima da planta marrom feia.

— Torta de coco! Como é possível?

— Maravilhoso, não é? Ela não precisa de cores vibrantes nem de cachos de flores espetaculares. Seus polinizadores, as mariposas, vêm à noite. Ela usa esse aroma de coco para guiar e seduzir a mariposa mais ou menos como usamos perfume para seduzir homens em boates e cafés.

Sonali piscou para mim.

— A aparência de uma orquídea diz muito sobre como ela é polinizada. Flores brancas, cor-de-rosa e verde-claras em geral são polinizadas à noite, pois essas são cores fáceis de enxergar ao luar. A mariposa se aproxima sorrateiramente da flor no meio da noite, como um amante. Pousa nela, poliniza-a e vai embora. Todas nós já passamos por isso, não?

— Já — disse eu, pensando em Exley.

— As orquídeas de cores fortes, por outro lado, são polinizadas por borboletas e pássaros. As borboletas preferem o vermelho e o laranja. As abelhas adoram toda a gama do laranja e amarelo até o ultravioleta.

— Assim como determinados homens gostam de determinadas cores de roupa — disse eu.

— Sim, as pétalas coloridas são as roupas das flores. O inseto precisa encontrar um caminho por entre essas pétalas para conseguir o que quer, como um homem com a mão por baixo das saias de uma mulher.

— Eu lhe falei — disse Armand —, ela vai deixá-la maluca com essa conversa sobre sexo.

— Pare com isso, Armand — disse ela com uma voz tão profundamente sexual, que me deixou excitada.

— Sonali poderia passar anos falando sobre orquídeas. Não estou brincando: anos. Ela fala comigo no mínimo há dez anos, somente quase sobre orquídeas.

— É mesmo?

— É, ela fala pelos lábios da orquídea, como gosto de dizer.

— Ainda não terminei, Armand. Ela ainda não viu meu troféu.

Na verdade, eu tinha visto e não conseguia tirar os olhos da planta. Suas pétalas tinham o fúcsia mais intenso que eu já vira.

— É uma planta muito sensual. *Lycaste skinneri*, o símbolo nacional da Guatemala. É bastante comum e ao mesmo tempo linda. Gosto da

combinação: linda e comum. Eu a adoro porque é a que está comigo há mais tempo e a que mais conheço. Mas não é meu troféu.

Sonali me entregou o desenho de uma planta de aspecto bastante simples. Estava no chão e tinha formato de roseta, com folhas dispostas em espiral.

— O que é isso?

— É meu troféu. E meu maior sonho é vê-la de verdade. Ela é a planta sem nome da paixão.

— Onde está?

— Dizem que a planta da paixão está completamente extinta. Não sobrou nem uma única nesta terra. Até o nome desapareceu. Ninguém sabe como era. Não há registro dela, em lugar nenhum.

Armand se aproximou e abraçou Sonali.

— Suas folhas em roseta formam uma mandala — prosseguiu ela. — Giram como as camadas da mente e formam um buraco negro no centro. Esse buraco é a passagem para o Universo. Representa a possibilidade infinita da mente humana. É uma metáfora perfeita de nosso aspecto interno. Uma dádiva do mundo vegetal para nós. Dizem que ela não existe mais, mas acredito que esteja por aí, em algum lugar.

Sonali parecia triste.

— Vou encontrá-la para você um dia — sussurrou Armand em seu cabelo. — Prometo.



Eu estava envolvida no sonho de Armand e Sonali e da planta sem nome da paixão quando uma buzina ressoou atrás de mim. Gritei.

— Ah!, querida, me desculpe — disse Sonali. — Eu deveria ter lhe avisado. — Sonali passou o braço em volta de mim. — Este é Marco.

— Prazer em conhecê-la — disse Marco com uma voz infantil.

— Prazer — disse eu, um pouco confusa ao ver um homem sentado numa almofada no chão no meio da sala de Armand. Ele tinha uma longa barba preta e usava uma jaqueta de veludo bordô surrada, com apliques de espelinhos. Em cada espelhinho, refletia-se uma orquídea.

— A voz dele é estridente assim porque Marco não a usa muito. Está sem prática — disse Sonali.

Marco soprou o oboé, do qual saiu um som triste e sombrio.

— Ele mora aqui com vocês?

— Ele toca para minhas orquídeas e faz com que elas se desenvolvam. Contratei-o há alguns anos porque elas gostaram dele. Não me entenda mal, eu também gosto dele, mas minhas plantas gostam mais. Ele tocava na rua em frente à nossa janela, por dinheiro, e minhas orquídeas cresciam na direção da música dele. Em pouco tempo, a casa inteira estava inclinada para a esquerda.

Ela apontou para a esquerda, na direção da janela que dava para a rua.

— Percebi que precisava trazê-lo para cá para tocar à direita delas, e o trouxe. Agora a casa está de novo no prumo.

Era verdade que todas as orquídeas estavam retas.

— Então ele trabalha só para você?

— Ele não trabalha, toca.

— Veja — disse ele, apontando para os espelhos em sua jaqueta —, sou a orquídea.

Ele tinha um aspecto sujo e bolorento, nada parecido com o de uma orquídea. Definitivamente, não era o tipo de homem que eu convidaria para minha casa, mas o som do seu oboé era muito doce.

— Olhe só — disse Sonali —, você está se inclinando para a direita só para ouvi-lo.

Endireitei-me imediatamente.

— Ele é mágico assim — disse ela. — Faz as pessoas se inclinarem. Ele produz um som muito estranho, cujo objetivo ainda não consegui entender bem.

— Você também vai para o México? — perguntei a Sonali.

Inexplicavelmente, senti que a amava. Não senti que gostava dela, mas que a amava mesmo. Eu estava extasiada com ela e queria abraçá-la.

— Viu o que ela faz com as pessoas? — perguntou Armand, olhando para mim. — Eu me sinto como você se sente agora, o tempo todo. A cada segundo, todos os dias.

— Você vai para o México? — tornei a perguntar a Sonali.

— Ah, não, as nove plantas são para Ernesto. Tenho minhas orquídeas aqui. Embora sinta falta da Casablanca. É assim que chamamos nossa casa no México.

Sonali abraçou Armand.

— Por que fica trocando o nome dele? — perguntei. — Confunde.

— Eu o chamo de Ernesto quando ele age como um homem. E de Armand quando não age.

— Não é sempre que ele age como um homem?

— Agora, quase nunca — suspirou ela.

— Não suspire, Sonali. Ela vai pensar que não fazemos mais sexo.

— Eu não disse isso — disse eu.

— Você pensou — disse Armand.

— Armand é muito, muito mais que um homem comum — disse Sonali. Mas, mesmo assim, às vezes é apenas um homem.

— Vamos, deixe-a em paz agora. Ela tem de ir para casa e decidir se vai ou não comigo para o México. A escolha será dela, claro.

— Claro — disse Sonali. — Gostaria de um chá de tagetes antes de ir, querida?

— Não, obrigada, Sonali.

— Bem, então — disse ela, tirando um punhado de tagetes de um vaso — leve estas para casa. Antes de se deitar hoje, arranque as flores das hastes. Despedace-as, esmigalhe-as e jogue-as embaixo da cama. As flores das tagetes podem produzir sonhos muito proféticos. Talvez a ajudem a decidir se irá ou não para o México, para a Casablanca, com meu marido.

— Você entende minha hesitação, não? Ele é quase um estranho para mim.

— Ah, sim. Para mim também. Além do mais, é bom ponderar as coisas. Mas não erre — disse Sonali com a voz mais séria que antes. — Ao tomar uma decisão, deve parar de pensar nela e encará-la sem arrependimento, qualquer que seja o resultado.

— Todo o mundo se arrepende.

— Não. Os arrependimentos são para quem acredita que poderia ter agido de outra forma. Se pensar com cautela no que faz e depois agir não se arrependerá, pois saberá que tomou a decisão com todo o cuidado possível.

Dei um abraço de boa noite em Sonali e desci. Ela acenou, e seu gesto era tão perturbador quanto o de Armand, mas muito mais enjoativo. Eu tinha a sensação de que realmente iria vomitar.

— O banheiro é ali, querida — disse ela, apontando para trás com o polegar.

Como eu não suportava olhar para seus dedos, recusei e segui para casa.





Jaguaromens

O grande e misterioso povo olmeca, a primeira cultura original da Mesoamérica — entendendo por isso uma “primeira” cultura que não tinha com quem aprender senão consigo mesma —, afirmava descender do jaguar negro. Acreditavam que o ser vivo ideal teria o intelecto do homem e a espiritualidade e a força do jaguar. Tinham o hábito de deixar os filhos com filhotes de jaguar, para que as crianças pudessem aprender os segredos do misticismo, entre os quais o silêncio e a invisibilidade. Como os olmecas desapareceram sem deixar vestígio, talvez isso tenha dado certo.

Liguei para Kody no caminho. Quando cheguei a casa, ele estava sentado na escada do prédio, me esperando.

— Não quero que você vá — disse ele quando abri a porta.

— Eu sei. — Mas também acho que pode ser legal.

— Pois é.

Lá dentro, ele se atirou no meu sofá branco de vinil e acendeu um baseado. Colocou o cabelo louro-prateado atrás das orelhas e pôs os pés na mesa de centro em forma de rim.

— São Hush Puppies? — perguntei, olhando para as solas brancas de borracha dos sapatos dele.

— São confortáveis — disse ele. — Você me conhece. Conforto é o meu lema.

Sentei-me na cópia da cadeira Adirondack da Ikea, branca com almofadas azul-mediterrâneo, e comecei a fazer um montinho no chão com as flores das tagetes de Sonali que eu arrancava das hastes e esmigalhava.

— O que está fazendo?

— Acredita-se que estas flores me ajudem a ter sonhos proféticos. A mulher de Armand disse que poderiam me auxiliar a decidir sobre ir ou não para o México. Mal não vai fazer, certo?

Kody deu outro tapinha no baseado e falou sem soltar o ar.

— Tome, tente um pouco disso aqui. Vai ajudá-la mais rápido.

Peguei o baseado e comecei a fumar.

— Ei, devagar com isso. Se vai para o México, tem de pegar leve com esses bagulhos. Aquelas gracinhas na América do Norte não são iguais às que a gente tem aqui. As de lá são traiçoeiras. Espertas como gente.

— Fale logo o que pensa sobre isso, Kody.

Ele se recostou no sofá e deu mais um tapinha no baseado.

— Tudo bem, vou falar. Acho que é loucura, é insano, é uma burrice imperdoável, um perigo e uma cretinice ir para o México com o dono de uma lavanderia na Primeira Avenida. Também é inoportuno, uma vez que nossas carreiras estão indo muitíssimo bem.

— E o que mais? — perguntei. — Fale tudo.

— Vou ter de dividir nossa sala com alguém que nunca vi na vida.

— Você tem medo de não poder mais catar as passas de seu bolinho e contá-las na frente dos outros.

Kody sorriu.

— Gosto de contar minhas passas.

— É uma obsessão, você sabe. Uma doença.

— Eu sei que é.

— Mais alguma coisa?

— Bem, nunca pensei que lhe contaria isto, mas sempre esperei muito de você, e, se for para o México, vai superar minhas expectativas. Não sei se

aguento. Vou ter de mudar toda a imagem que tenho de você.

— *Você* espera alguma coisa de *mim*?

— Sempre achei que você tivesse potencial para ser mais que uma redatora ou a mulher de alguém. Achei que tivesse algo mais. Não acredito que eu esteja dizendo isso, mas acho que, na verdade, você está começando a se dar bem, embora de uma maneira muito mais estranha do que imaginei.

— Continuo sendo a mesma pessoa. É só uma viagem. Estou pensando nisso mais como umas férias que como uma mudança radical de vida.

— Não é só uma viagem. É o México, cara! Não são aquelas praias macias e suaves da Tailândia. Sabia que os maias inventaram o conceito de *zero*? Isso é demais, é uma grande sacada. É maior que qualquer uma que você ou eu já tivemos no trabalho.

— Você quer dizer maior que o calendário de leiteiros sexy que inventou para a pílula de cálcio?

— Muito maior que isso. Além do mais, o calendário maia termina no solstício de inverno, 21 de dezembro de 2012. Falta pouco. Segundo os maias, tudo vai terminar em apenas quatro anos. Então, quem vai se preocupar com o que você faz? Vá para o México.

— Por que 2012?

— Exatamente. Ninguém sabe por quê. É um mistério o modo como eles sabiam até o dia exato do solstício de inverno com milhares de anos de antecedência. E por que decidiram que esse solstício específico marcaria o fim dos tempos. Se eu fosse você, eu me mandaria daqui agora mesmo. Sua melhor opção pela sobrevivência talvez seja justamente essa viagem para o México.

— Você está doidão.

— Estou, sim. E como seu grande amigo e sócio atento, trouxe um presente de despedida para você.

Kody tirou da mochila um livro e o entregou a mim: *O guia de sobrevivência no deserto e na selva*.

— Leia antes de ir. Contém todo tipo de bons conselhos, incluindo capítulos sobre como viver sem eletricidade, encontrar plantas comestíveis no mato, fazer fogo e quais cobras são venenosas. Tudo aquilo de que você vai precisar lá.

— Não precisa se preocupar comigo, Kody, não vou para o deserto, vou para a casa de Armand.

— É sempre bom estar prevenido, minha amiga. Ouça bem o que este surfista lhe diz: quanto mais a gente souber sobre o mundo natural, sobre tudo o que não se vê, sobre o que acontece embaixo e no interior das coisas, tanto melhor. Porque, ao chegar lá, por mais que se pense que sabe tudo, perceberá que não está bem-preparado: a natureza é um terror. Repita comigo: a natureza é um terror.

— Não quero ir para o mato, Kody. Quero ir para o México, pagar o que devo a Armand, conseguir as plantas e voltar logo. Não quero saber o que existe dentro nem embaixo de coisa nenhuma.

Ele se levantou e olhou pela janela.

— Hoje é lua cheia. Se você pusesse uma lâmpada de quinze watts no teto, ela não seria tão clara quanto a lua cheia, que está a trezentos e oitenta e dois mil quilômetros. E a lua ali é capaz de revelar paixão, desejo, emoções e imaginação. Mostre uma lâmpada capaz de fazer tudo isso.

Kody abriu a janela e uivou para a lua grande e branca.

— Então acha que devo ir.

— Você vai ver luas de colheita, luas azuis, luas grandes e claras sem as luzes dos carros e dos prédios para atrapalhar. Eu seria capaz até de matar alguém para ver a lua cheia na península de Yucatán.

— Você é tão romântico. Não vou para ver a lua. Já lhe disse um milhão de vezes: vou atrás das plantas que foram roubadas da Laundromat.

— Sabe que não pode dizer essa frase para mais ninguém. Nunca. Todo o mundo que você conhece iria achar que é louca.

— Eu sei disso.

— Precisa de alguma coisa de mim? Precisa que eu faça alguma coisa para você enquanto estiver viajando?

— Preciso que regue minhas plantas.

— Claro.

— Isso significa seguir exatamente minhas instruções.

— Sim, sim, eu sei. Tocá-las, esfregá-las, falar com elas, pulverizá-las, frescurada toda.

— Preciso que você me ligue contando tudo o que estiver acontecendo no trabalho. Vou ser demitida, sei, mas fique falando em mim com Geoff Evans assim mesmo, só para eu continuar a número um na cabeça dele.

— Isso é pedir muito.

— Eu sei.

— Você é um pé no saco.

— Obrigada pelo livro, Kody.

— É um bom livro. Prometa que vai ler antes de ir.

— Prometo. Vou ler hoje à noite.



Peguei o monte de tagetes picadas e joguei-o embaixo e em volta da minha cama. Adormeci lendo o guia de sobrevivência no deserto, e, exatamente como Sonali disse, tive um sonho profético. Um sonho estranho, mítico, erótico. Tão apaixonante, que me fez sair da cama no meio da noite para anotá-lo.

Sonhei que estava na casa em que morei quando criança. Estava deitada em minha caminha de solteira, em meu antigo quarto, e fazia amor com uma criatura exótica: uma bela pantera negra. Eu estava deitada em cima do animal, cujas patas dianteiras envolviam minhas costas, e as traseiras, minhas coxas.

Eu segurava o pelo curto e sedoso de sua cabeça e colava o corpo no dela. Mexia-me colada nela. Sentia o cheiro de seu pelo enquanto nos olhávamos nos olhos. Eu me sentia profundamente ligada a mim mesma e ao animal. Seus olhos brilhantes eram verdes. Nós nos fitávamos. Preto e verde no preto e castanho.

Ouvii-se um chiado no pé da cama. Viramos ao mesmo tempo. Vimos uma cobra se erguer. Presas arreganhadas. Cabeça à frente. Pronta para dar o bote.

A pantera subiu em mim, cobrindo minha cara com a dela. Esticou as patas traseiras e cobriu minhas pernas com as dela, até tapar cada centímetro de meu corpo com o dela. A cobra se levantou e deu o bote, enterrando as presas no pelo negro e macio. Sem conseguir me atingir.

Quando me levantei na manhã seguinte, eu me sentia absolutamente invencível. Eu ia para o México! Eu ia por mim, por Armand e pelas nove plantas. Mas ia também para garantir que Exley não levasse a melhor.

Corri até a casa de Armand e Sonali para lhes contar o sonho da pantera e minha decisão de procurar as nove plantas.

— A pantera negra vive nas selvas de Yucatán — disse Sonali. — Ela gosta de você. O México será um lugar acolhedor para você. Foi um sonho bom.

— Onde está Armand? Eu queria lhe dizer que vou com ele.

— Armand já foi — disse ela.

— O quê? Ele estava aqui ontem à noite. Há doze horas.

— E agora já foi.

— Ninguém pode ir embora tão depressa.

— Isso não é problema, querida. Direi a você exatamente como chegar à nossa casa no México. Chama-se Casablanca. Armand vai encontrá-la lá. Está indo para lá agora.

— Não posso acreditar que ele tenha ido sem mim. E se eu tivesse chegado aqui e dito que não queria ir?

— Por que não haveria de querer ir? Você vai embarcar na segunda maior aventura de sua vida.

— Nunca entrei numa aventura.

— Ah, já entrou, sim. Todos já passamos por isso, só que não nos lembramos. É uma pena. A maior aventura de todos os tempos é o nascimento, claro. É o início da viagem mais fantástica que você vai fazer nesta terra. Mas essa próxima viagem com Armand, essa viagem pode chegar muito perto daquela, se você tiver sorte.

— Como assim?

— Você aprenderá a viver como vivia quando entrou neste mundo e só encontrava novidade. Se tudo correr bem, a viagem vai reabrir sua fontanela, a moleira no alto de seu crânio, e você mais uma vez estará aberta a tudo o que o mundo tem a oferecer.

Sonali deu palmadinhas em meu cocoruto.

— Quanto tempo Armand esperará por mim?

— Ele esperará até você chegar.

— E se eu não aparecer?

— Ele esperará, até que a força de atração da espera dele a faça aparecer, querida.



✿ **PARTE DOIS** ✿

A península de Yucatán



Costa Maya, Quintana Roo, México

Costa Maya é uma pequena aldeia de pescadores na costa da península de Yucatán, no estado de Quintana Roo, no México. A maioria dos aldeões é de descendência maia, com a ínfima quantidade usual de alcoólatras expatriados, de criminosos e de estudantes que, entre um semestre e outro, levam nas praias uma vida alternativa. É um lugar tão especial, que a grande escritora Joan Didion batizou a filha única de Quintana Roo, em homenagem a esse estado.

— *Treinta pesos. Pague ahora por favor* — disse o homem.

Tirei trinta pesos da pochete (nossa! odeio admitir que trouxe uma dessas comigo) e entreguei-os ao homem.

— *Muchas gracias. La última persona que cruzó se parecía mucho a usted. Y se largó sin pagar.*

— Comigo? — disse eu, apontando para mim.

— *Si. Blanco. Com las manos muy blancas. Como si el sol se olvidara de ellas.*

Olhei para ele e apontei para minhas mãos.

Ele fez que sim com a cabeça.

— *Si. Las manos muy blancas.*

O pescador jogou minha mochila na embarcação de um motor só, o que neste caso era um nome sofisticado para um barco a remo velho e desengonçado com um motor de popa. Após várias tentativas e de muito praguejar em espanhol, o motor pegou e seguimos de Puerto Juárez para Costa Maya, numa água tão azul, que parecia que tinham jogado um barril de desinfetante sanitário ali.

Era uma cor que eu não imaginava que a terra pudesse criar sem a ajuda de seres humanos. Eu sabia que a água seria azul, mas pensei que fosse um azul mais delicado, mais suave — uma cor clara, através da qual se pudessem ver perfeitamente a areia e os peixes no fundo. A água era como uma turquesa superondulada e viva, e tão linda, que eu não conseguia parar de olhar. Quando me vi enfeitiçada pela cor da água, percebi que já tinha ficado tempo demais em Nova York e que minha decisão de partir tinha sido acertada.

A temperatura subiu ao longo da manhã. Às 10h, estava quente e abafado. Uma névoa azulada pairava sobre a água. Reinava um silêncio absoluto, assim como acontece em dias enevoados, salvo pelo ruído de um ou outro peixinho pulando. A embarcação se arrastava, e eu estava de olhos fechados, quando o barqueiro se levantou, empurrou-me para o fundo do barco e me jogou uma lona sobre a cabeça.

— *¡Ballena! ¡Quédense quietos!*

Espiei por baixo da lona e vi uma baleia cinza saltando. Ela cortou a névoa e torceu o corpo na vertical, impulsionando-se toda para fora da água bem ao lado do bote. Era do tamanho de um ônibus escolar amarelo, recoberta com uma crosta de cracas.

Fiquei nervosíssima com o tamanho dela. A única vez que eu vira uma baleia fora num aquário numa estação balneária na Flórida. Essa parecia muito maior. E infinitamente mais livre. Era a primeira vez na vida que eu entendia quão assustadores e perigosos são os seres realmente livres.

Quando mergulhou de volta no mar, levantou uma quantidade de água tão grande, que parecíamos ter sido apanhados por uma chuva de monção. O banho me ensopou o cabelo, as roupas e a mochila toda. O bote ficou cheio d'água até a borda.

— *¿Sabe usted nadar?* — perguntou-me o homem.



Ao finalmente encostarmos no cais em Costa Maya, o pescador jogou minha mochila ensopada no cais como mais uma rede cheia de peixes. Ouvi minhas ampolas de trinta dólares de Hidratante Noturno Dr. Hauschka se espatifarem dentro da caixa de papelão.

Fiquei parada sozinha no cais, ensopada, com uma mochila repleta de cacos de vidro. Olhei em volta. O ambiente não era elegante.

O nome turístico desta parte do México é “A Riviera Maia”, mas não havia nenhum iate, nenhum biquíni prateado nem nenhum martíni à vista. Eu já estivera no sul da França, e, ao que sabia, os dois lugares não tinham absolutamente nada em comum, salvo o nome “Riviera”.

Os prédios cinzentos de cimento espalhados pelo porto pareciam quadrados idênticos. Como blocos de brinquedos infantis gigantes sem cor nem graça. Sentados em volta de mesas cobertas de toalhas xadrez vermelhas, sob guarda-sóis brancos de plástico barato, homens e mulheres abanavam-se no calor, fumando e me olhando sem muito interesse.

— *El café, el mercado, la pescadería* — disse o homem, apontando para cada quadrado de cimento idêntico. — O café, o mercado, a peixaria — repetiu, num inglês capenga.

Todos me pareciam exatamente iguais, mas, seguindo instruções de Sonali, fui até a peixaria alugar um carro.

O homem atrás do balcão sorriu. Era desdentado, porém usava um colar de dentes de tubarão amarelados, longos e pontiagudos.

— *¿El auto?* — perguntei.

Ele saiu de trás do balcão, passou as mãos nas laterais do avental branco sujo de sangue de peixe para limpar as escamas grudadas nelas e estendeu a mão. Apertei-a, contendo a expressão de nojo no fundo da garganta.

— *¿El auto?* — tornei a perguntar.

— *Ah, el auto, si, señorita. Un momento. Senta, senta.*

Puxei uma cadeira de plástico de baixo de uma mesa de festa do mesmo material. Ela deslizou facilmente no chão engordurado, e esperei o peixeiro, tentando não respirar muito fundo.

— *¿Agua fría?* — perguntou o homem.

— Não, obrigada — disse eu, olhando para o copo de água sujo de escamas de peixe. — *Só el auto, por favor.*

— *¿Permiso de conducir?* — perguntou o homem.

Entreguei-lhe minha carteira de motorista. Ele a examinou por um instante.

— *Nueva York, ¿eh?*

— *Sí.*

— *Una ciudad muy grande.*

— *Sí. É uma cidade grande.*

Ele me entregou as chaves que tirou do bolso do avental.

— *Nueve dólares por noite.*

Peguei as chaves e lhe dei uma nota de cem dólares. Imaginei que ficaria com o carro pelo menos por dez dias.

— Por aqui. — Ele apontou para uma porta nos fundos.

Entramos na cozinha pela porta de vaivém, e passamos por trabalhadores baixos, carrancudos e suados. Havia arraias jamantas de barbatanas com mais de quatro metros penduradas no teto para secar, e lembravam enormes pipas vivas. Sobre as mesas, havia caçonetes com a boca aberta, como se ainda estivessem espantados por ter sido apanhados. Chocados com a extrema inutilidade de todos aqueles dentes serrilhados.

Finalmente, saímos pela porta dos fundos. Só havia um carro nas imediações. Era um fusquinha vermelho, e fiquei muito feliz ao vê-lo.

— *¿Le gusta?* — perguntou o peixeiro, apontando para o carro.

— *Sí, es muy bueno* — respondi. — *¿Usted sabe donde está Casablanca?* — perguntei-lhe no melhor espanhol que aprendi na escola.

— *Por allí* — disse ele, apontando para a única estrada à vista. — *Es una casa muy grande y muy blanca.*

Ele disse que a casa ficava naquela estrada. Comentou que era muito grande e muito branca. E imaginei, na terra dos blocos cinzentos de cimento, que não poderia deixar de encontrá-la. Coloquei a mochila ensopada no

assento a meu lado e engrenei o carro. Quando parti, as mulheres no café acenaram, dando-me adeus. Todas tinham o mesmo tom de pele bastante moreno sob vestidos brancos bordados de azul e vermelho, e suas sandálias realmente eram só umas tiras de couro amarradas em volta dos dedos e das panturrilhas, que chegavam até os joelhos. Sorri e fui embora depressa. Não quis olhar para os acenos delas depois da experiência que tivera com os de Sonali e Armand.



A estrada para a Casablanca deveria se chamar o atoleiro para a Casablanca, ou o areal para a Casablanca. Qualquer coisa, menos “estrada”. Consistia em trechos pequenos e raros pavimentados, intercalados de longas faixas de terra, areia e, de vez em quando, lama. A princípio, não consegui ver nenhuma lógica na forma como fora construída, no porquê de algumas partes serem pavimentadas e outras não. Mas, à medida que percorria a estrada, ocorreu-me que os trechos pavimentados estavam sempre sob as árvores, como se os operários só estivessem dispostos a despejar o cimento na sombra. Eu não podia dizer que os censurava. Fazia um calor infernal em Yucatán: quarenta graus ao meio-dia.

O sol e o calor intensos deixavam o caminho com um aspecto ondulado e irreal, e, mais de uma vez, dei uma guinada para desviar de absolutamente nada. Era como dirigir no Saara, ou em qualquer lugar sem referências. Senti-me como um personagem de Paul Bowles em *O céu que nos protege*. Era um de meus livros preferidos, e me perguntei se isso era um mau presságio.

A estrada finalmente entrou na mata, onde era mais sombrio e fresco e o sol não me fazia ver miragens a toda a hora. Parei o carro e peguei o mapa desenhado por Sonali. Eu estava na entrada da floresta semitropical que cobre boa parte da península de Yucatán.

No pé da página, identifiquei uma pequena seta. Do outro lado, havia uma observação de Sonali. Em sua letra miúda, ela me avisava que a floresta era “um lugar absolutamente inóspito e de difícil acesso sem um guia”.

Revirei os olhos e me perguntei por que ela não verbalizara essa informação fundamental em Nova York.

A estrada dentro da floresta (e, mais uma vez, uso a palavra “estrada” de uma forma muito leviana) era de barro ou de lama mesmo. O fusca sacolejava ao passar em cima de grandes raízes de árvores, pedras e sabe Deus o que mais. Definitivamente aquele não era um veículo para a selva. Eu dirigia devagar e com a cara o mais perto possível do para-brisa, para tentar prever quando viria o próximo grande solavanco. Era mais ou menos como um passeio em um parque temático cujo conceito fosse “*aleatoriedade*”.

O carro não tinha ar-condicionado, e, com as janelas escancaradas, mosquitos e insetos que eu não reconhecia entravam impunemente e grudavam em mim como se quisessem carona. Era difícil dirigir quando eu precisava a todo o instante matar algo que me sugava o sangue.

Pior que os insetos e a lama era o barulho. Era absolutamente ensurdecedor. Fazia a esquina da rua Quatorze com a Union Square numa noite de sábado parecer um refúgio silencioso na montanha.

Eu ouvia macacos, ou pelo menos esperava que fossem macacos, guinchando feito loucos nas árvores. Pássaros amarelos davam rasantes junto ao para-brisa, berrando como alucinados, brigando por espaço como se estivessem numa autoestrada invisível através da selva. A algazarra constante, o zumbido contínuo de milhões de insetos eram, tenho certeza, o equivalente mexicano da tortura chinesa do pingo d’água.

A certa altura, a quantidade de insetos, pássaros, cocô de macaco e de passarinho era tão grande, que tive de ligar o limpador do para-brisa para conseguir enxergar alguma coisa à frente.

Era fácil perceber por que alguém precisava de guia numa floresta tropical, mas, antes de tudo, não dava para entender por que alguém de fato escolhia estar ali.

Parei o carro. Fechei os olhos e respirei fundo. Segundo o mapa de Sonali, eu não estava assim tão longe da Casablanca — no máximo, a trinta quilômetros.

— Eu posso fazer isso — disse em voz alta. — Sou de Nova York. Já atravessei o Lower East Side sozinha à noite na época em que a área era repleta de traficantes de heroína, não de *marchands*. Assisti a todos os episódios

de *Northern Exposure* e *Homens às pencas*. Até li do início ao fim o guia de sobrevivência no deserto que Kody me deu. Eu posso fazer isso.

Restituída minha confiança, respirei fundo algumas vezes, dei a partida no carro e me embrenhei ainda mais na selva. Eu continuava pensando naquele lugar como selva, mas não tinha certeza se estava numa floresta tropical ou numa selva. De acordo com o guia de sobrevivência, o crescimento de uma floresta tropical é limitado devido à restrita incidência do sol, mas se por alguma razão a cobertura da floresta tropical perder a densidade, as trepadeiras, os arbustos e as árvores pequenas crescem depressa, criando uma selva dentro da floresta tropical. Essa era exatamente a situação em que eu me encontrava. Eu estava dentro de um fusca, dentro de uma selva, dentro de uma floresta tropical. Como uma caixa dentro de uma caixa dentro de uma caixa, cada uma ficando cada vez menor e mais distante da luz.

Em meio a um tapa em que matei pelo menos dez mosquitos de uma só vez, sobressaltei-me ao ver um garotinho na frente do carro. Estava de cócoras, talvez olhando para um inseto, ou um animal, ou talvez apenas satisfazendo suas necessidades fisiológicas. Eu estava muito longe para dizer.

Buzinei para alertá-lo. Ele ergueu a mão com a palma virada para a frente, fazendo sinal para que eu parasse. Não se deu o trabalho de erguer os olhos. Não tinha medo nem interesse, fazendo-me entender que era ele quem mandava.

Diminuí a velocidade de oito para três quilômetros por hora, o que era perigoso por causa da lama e da areia, e aproximei-me mais dele. Vi também outras crianças. Seus cabelos eram pretos lustrosos e os braços com que se seguravam às árvores à beira da estrada eram magros e morenos.

Era óbvio que o garoto não ia se mexer, e não tive outra escolha senão parar o carro. Não sei por quê, mas meu coração palpitava. Acalmei-o, dizendo a mim mesma que ele era uma criança de, no máximo, um metro e vinte de altura e uns 8 ou 9 anos. Eu era uma adulta. De um metro e setenta e três de altura e cinquenta e quatro quilos. Eu definitivamente poderia enfrentá-lo, se necessário.

Saltei do carro. Quando pisei o chão, fiquei impressionada com sua instabilidade. Com certeza, não se tratava de terra firme. Andar no chão da floresta tropical era mais ou menos como andar numa cama elástica. Eu tinha

de levantar os joelhos a cada passo. Mal comparando, andar numa praia de areia era igual a caminhar numa calçada de cimento.

O garoto continuava agachado. Levou aos lábios o indicador erguido: o sinal universal de *fique quieta*. Eu estava tão concentrada em seu corpinho moreno e na surpresa de vê-lo na floresta, que quase não vi a criatura camuflada à sua esquerda: uma imensa cobra cor de terra. À minha inspiração não se seguiu uma expiração. Talvez eu estivesse errada. Talvez eu não tivesse capacidade para enfrentar esse menino de 8 anos, se fosse necessário.

A cobra estava enroscada. Era tão grande, que as voltas de seu corpo pareciam pneus empilhados. Tinha a altura de pelo menos cinco pneus, sendo quase do tamanho do próprio menino. Mexia-se em círculos lentos, e torci para que eu estivesse observando seus movimentos peristálticos. Pelo menos isso indicaria que ela não estava com fome.

Por ter lido no livro de Kody, soube que estava diante de uma cascavel ou de um píton. As imagens no guia eram desenhos simples, do tipo que aparece nos dicionários, de modo que era difícil dizer exatamente de que espécie era aquela. Mas não importava muito. As duas matavam. Era apenas uma questão de como eu preferiria ser morta: se por envenenamento, se por estrangulamento.

Dei um passo atrás em direção ao carro, e a cobra ergueu a cabeça gorda da pilha de pneus e sibilou na minha direção. Só para colocar as coisas em perspectiva: a cabeça *dela* era maior que a *minha*.

Ao ouvirem o silvo, as outras crianças recuaram, embrenhando-se mais na mata, simultaneamente, como se estivessem numa competição de nado sincronizado.

Ver a língua da cobra me fez suar em bicas. Eu havia lido que o olfato das cobras estava na língua, e tentei relaxar minhas glândulas sudoríparas.

A cobra me olhou com olhos que lembravam fendas, e, por uma fração de segundo, visualizei Exley com aquelas mãos claras na minha frente.

Sacudi a cabeça para me livrar da imagem, um movimento profundamente idiota, quando ouvi o ruído revelador do chocalho.

Fiquei imóvel e tentei não ouvir. As cascavéis eram mestres do hipnotismo. Se a pessoa fechasse os olhos e ouvisse o chocalho, o ruído trazia

lembranças da infância, fazia-a sentir-se como um bebê, ninava-a, e depois a matava, no berço mais mortal que já existiu.

Tentei recuar mais, porém já estava encostada no fusca. O chocalhar ecoava na floresta como o som *surround* numa sala de cinema. O efeito era o mesmo: terror amplificado pelo som.

O garoto falou, quebrando o momento de concentração mais singular que eu já experimentara na vida.

— *No se asuste. Mire los árboles, señorita, mire los árboles* — disse o menino.

Eu não sabia o que procurava, mas olhei fixamente para a árvore mais próxima.

— *Suavemente, señorita, mire suavemente.*

Eu não sabia o que ele queria dizer com *olhe suavemente*. Relaxei os músculos da testa, um esforço imenso, se eu considerasse o estado de tensão de meu corpo, e isso pareceu suavizar meu olhar.

— *Intente olvidarse de la serpiente, y ella se olvidará también de usted.*

Eu tentava reunir o que aprendi nos três anos de espanhol na escola e pedi a Deus que estivesse entendendo corretamente.

Fitei o que pensei ser uma amendoeira, tentando esquecer a cobra. Concentrei-me na casca do tronco, impressionada com os sulcos e mossas profundos, alguns tão grandes, que seria possível encaixar neles pequenos embrulhos. Embrulhos de quê?, eu me perguntava. Meus olhos ficaram vidrados, e minha mente se fundiu na árvore até eu me sentir tão pequena, que caberia em seus sulcos. Embora eu estivesse completamente parada, meu corpo se afastou de mim e foi para a árvore. Quando me dei conta, estava abraçada a ela. Eu estava ao lado das outras crianças todas, também abraçadas às árvores.

Eu não tinha noção de como havia ido de um lugar para o outro, mas antes que eu tivesse tempo de pensar, o garoto pulou em cima da cobra e agarrou-a pelo pescoço. Apertou firme. Eu via o esforço em seus bracinhos infantis. Quando os olhos do animal saltaram das órbitas, o menino a soltou. Ela foi se enroscando, se enroscando cada vez mais depressa, até se tornar apenas uma mancha, como uma cobra-tigre da Tasmânia. O garoto não se mexeu. Nem uma só vez. Ficou olhando para a criatura diante dele, e só com o olhar mantinha a cobra girando.

Ele é um xamã, pensei. Um bruxo de nascença.

O bruxinho virou-se para mim.

— *El arbol le salvó. Es un abuelo. Es muy viejo. Debe haberle caído bien, o le habría entregado a la serpiente, para matarla y convertirla em parte de la selva. Quizás habría salido mejor parada.*

Agarrei-me à árvore, paralisada, enquanto o garoto e aquele enxame de crianças entravam em meu carro.

— O que estão fazendo? — perguntei baixinho, sem conseguir gritar, mal ouvindo minha voz.

— *Se parece mucho al outro* — disse o garoto.

As crianças riram.

— Que outro? — tentei dizer.

Nenhuma palavra saiu de minha boca, mas o garoto leu meus pensamentos.

— *El blanco* — disse, apontando para a mão. — *El que parece que vive en una cueva.*

Pensei nas mãos claras de Exley. Era isso que o garoto queria dizer? Ele estava aqui no México? Eu queria lhe perguntar, mas não encontrava as palavras.

O garoto tirou minha carteira da mochila e jogou a mochila onde eu estava, agarrada ao tronco da árvore.

— *Déle las gracias al abuelo árbol antes de irse. Él le salvó, no yo.*

Então ligou o carro e saiu chispando pela selva, manobrando o fusca como se fosse um Porsche numa autoestrada.

Nunca tive tanta vontade de ver um rosto conhecido. Se Exley aparecesse, eu o aceitaria de volta imediatamente, sem perguntar nada. Naquele momento, eu nem queria saber das nove plantas, nem de Armand, nem da lavanderia. Exley saberia o que fazer, conheceria a saída. Nada que ele tivesse feito, ou pudesse fazer algum dia, era tão ruim quanto o que estava acontecendo.

— David — chamei e parei, apavorada, receando que a cobra ainda estivesse por ali.

Uma hora depois, eu ainda não conseguia largar a árvore. Era muito mais que uma reação psicológica: fisicamente, eu não conseguia soltar os braços.

Estava parada na selva abraçada com a árvore-avô, falando sozinha.

— Largue a árvore — disse eu. — Já vai escurecer. Você precisa continuar andando. Largue a árvore.

Finalmente, tive mais medo de estar sozinha que da cascavel e soltei os braços. Estavam tensos e doloridos. Percebi que passara muito tempo agarrada à árvore com toda a minha força.

Ouvi mentalmente a voz do garoto.

— *Déle las gracias al abuelo árbol.*

Naquela situação, sem querer me arriscar mais e sem querer irritar ninguém nem nada que eu não enxergasse ou ouvisse, ajoelhei-me no chão úmido da selva. Meus joelhos afundaram no húmus, que era fresco e tinha cheiro de bosta e coisa podre. Tornei a abraçar aquela velha árvore-avô e a agradecer-lhe profusamente.

Peguei a mochila na lama e a pus nos ombros. Percebi que voltava à vida quando ouvi os macacos guinchando nas árvores. Eu estivera envolvida num casulo inquietante de silêncio seletivo desde que entrara em contato com o garoto. Só conseguia ouvir o garoto e a cascavel.

Segundo o guia de sobrevivência, os macacos na área eram ou macacos-aranha ou bugios, e eu tinha de prestar atenção, porque, o tempo todo, caíam dejetos lá de cima das árvores. Eu me sentia uma imbecil apavorada, andando sozinha pela floresta, desviando de raízes no chão e de cocô de macaco que vinha do alto. Eu não sabia o que estava fazendo, onde estava, nem para onde ia, e agora o mapa de Sonali tinha sido levado pelo bruxinho moreno.

Eu suava em bicas. O dossel formado pela mata criava sombra, mas retinha umidade, tornando o ar abafado e úmido, difícil de respirar. Era como se eu estivesse tentando inalar uma substância sólida, em vez de gasosa. Pensei nos dois umidificadores que eu havia comprado para minha ave-do-paraíso, esperando reproduzir seu ambiente silvestre. Deixei escapar uma gargalhada sarcástica.

Fiquei constrangida por ter invocado o nome de Exley num momento de pânico. Por que ele? Eu estava irritada e assombrada, literalmente assombrada, por ter sido trazida para aquele lugar, para a selva mexicana, sozinha, sem amigos, sem comida, sem bússola, sem carro e sem proteção, por causa de uma breve paixão por um homem, só porque ele parecia um peixe fora

d'água em Nova York. Armand tinha razão. Eu era burra e estava desesperada. Minha única dúvida era: exatamente quão burra? Seria burra a ponto de não conseguir sair viva dali?

Continuei andando, um pé na frente do outro. Eu estava cansada de saber que havia panteras, onças, jaguares, tigres, morcegos, lincês, cascavéis, lagartos, pumas, pítons e dezenas de outros animais, insetos e plantas perigosos e/ou venenosos na área. Eles estavam todos listados, para meu deleite, no *Guia de sobrevivência no deserto e na selva*, que eu ganhara de Kody, a quem agora considerava meu melhor amigo na Terra, não só por ter me dado o livro, mas também por ter insistido em que eu o lesse antes de partir.





Os mares lunares⁶

A Lua tem dois solos distintos: os planaltos muito antigos e os mares mais recentes e mais planos. Os mares lunares são formados por crateras na superfície da Lua, mas essa não é sua característica mais interessante. Mais fascinante ainda são os nomes que astronautas e físicos deram aos mares. Entre eles estão mar da Tranquilidade, mar da Serenidade, mar da Fertilidade, mar das Tempestades, mar da Paz e mar das Nuvens. Por que os mares da Lua têm nomes tão românticos e criativos e os da Terra recebem nomes como mar Negro, mar Vermelho, mar do Norte e mar Báltico?

Eu já estava caminhando havia duas horas quando avistei uma clareira. Espantei-me de ainda ter energia para correr até lá, mas corri — o salto de um sapato dentro da mochila me furava as costas a cada passo.

A clareira superou minhas expectativas mais otimistas. Era um camping abandonado em uma linda praia de areia branca. Tirei a mochila dos ombros e arrastei-a para o mar. Embora continuasse completamente perdida, nunca vou esquecer o prazer de deixar para trás aquela selva tenebrosa, úmida, escura, putrefata e extremamente opressiva.

Num instante, eu saía de uma escuridão verde, quase negra, para uma claridade azul e ensolarada. Era assim que eu imaginava o nascimento.

A península de Yucatán é onde o oceano Atlântico e o mar do Caribe se encontram. Era um cenário selvagem onde eles se digladiavam. Fiquei parada na praia e observei as ondas que se erguiam de um lado e de outro, arrebatando umas contra as outras, criando uma massa de água branca agitada sem direção nem fluxo. Sempre pensei que o mar do Caribe fosse calmo e tranquilo, e o Atlântico, um oceano frio e revoltoso. No entanto, pelo que eu podia dizer, ambos eram igualmente violentos em Yucatán.

Havia quatro ou cinco barracas de bambu rasgadas pelo vento alinhadas próximo à beira da água. Calculei que a praia já devia ter sido muito mais larga. Ninguém em sã consciência iria armar barracas tão perto da água.

Achei uma sorte encontrá-las, pois dava para ver que em seis meses elas já teriam desaparecido, levadas pelo mar. Entrei numa delas. O chão era de areia e havia uma rede rasgada com um mosquitoireiro branco pendurado por cima. Era bom saber que outras pessoas tinham estado ali. Coloquei a mochila na rede para ver o que estava batendo em minhas costas. Era um par de sapatos de salto alto vermelhos abertos na frente. Dei uma gargalhada. Eu os colocara na mochila na véspera da partida de Nova York, imaginando a viagem no conforto de meu apartamento, deitada em minha cama, as tagetes de Sonali, vendo-me dançando em cima de mesas em bares na nova Riviera Maia.

Larguei os sapatos no chão e afundei-os na areia com os pés — com bastante violência, eu acrescentaria —, depois peguei uma tesoura de unha na mochila e cortei o mosquitoireiro pendurado em cima da rede. Eu sabia que seria útil quando eu tivesse que voltar para a floresta.

Nunca tinha pensado que poderia sentir um cansaço como aquele. Quando o crepúsculo verde-limão — demorei uma eternidade para me acostumar com essa cor do crepúsculo — anunciou a chegada da noite, deitei-me numa rede na barraca de bambu com a cabeça em cima da mochila e o mosquitoireiro enrolado no corpo.

Adormeci depressa, mas não por muito tempo. A luz do luar era insuportável — uma frase que eu jamais imaginaria conceber, um sentimento que nunca pensaria ter. Sem prédios nem qualquer tipo de luz ao redor, a lua brilhava como o sol. Entrou a noite inteira pelas frestas do bambu. Não

importava para que lado eu me virasse, eu não conseguia evitar o brilho do luar nos meus olhos. Como último recurso, pus óculos escuros, mas com os mosquitos zumbindo em volta, desisti de dormir e saí da barraca.

Fui para a beira do mar. O luar me permitia ver peixes prateados quase à flor da água. Adormeci. Devo simplesmente ter caído na areia e dormido. Acordei no meio da noite com um tatu se arrastando em minha perna. Era inofensivo, mas senti nojo — com aquela carapaça nas costas, parecia saído diretamente de *O parque dos dinossauros*. Ele deixou um rastro de muco enlameado em minhas panturrilhas.

Quando começou a clarear, virei de costas para o mar para olhar o sol nascer sobre a selva. As araras gritavam e os macacos sacudiam as árvores tentando derrubar as frutas. A chuva de cocos e mangas despencava com estardalhaço. As frutas se acumularam umas sobre as outras em pilhas tão perfeitas, que pareciam uma gôndola da Dean & DeLuca. Depois, elas desapareceram com a mesma rapidez, quando centenas de macacos desceram das árvores para agarrar seu quinhão. Para ser honesta, isso não me assustou nada. Parecia um sábado qualquer na Canal Street, com milhares de turistas disputando Fendis e Pradas falsos.

Quando os macacos se foram, peguei as mangas passadas, as sobras desprezadas pelos nativos.

Voltei para me lavar no mar. O sal pinicou meu rosto. Eu não sabia que minha pele era tão sensível. Joguei a mochila nos ombros e, enrolada no mosquiteiro como se fosse um vestido de noiva, voltei para a floresta.

Segundo o mapa de Sonali, que eu já tinha decorado, eu não podia estar a mais de vinte e quatro quilômetros da Casablanca, talvez a dezesseis. Eu não poderia reclamar com ela nem com Armand por causa da distância. De carro seria moleza. A pé, era, de fato, outra história.



⁶ Os mares lunares são planícies basálticas vastas e escuras na superfície da Lua, formadas por erupções vulcânicas. Astrônomos pioneiros os apelidaram de mares por confundir sua

aparência, observada por meio dos telescópios primitivos, com os mares da Terra. (*N. do E.*)



Zâmia

(Zamia furfuracea)

Você se acha velho? As zâmias possuem o raro privilégio de ter sobrevivido a duzentos milhões de anos. Quando se comparam fósseis de zâmias recentemente descobertos com plantas atuais, estas parecem ter mudado muito pouco nesse tempo todo, o que leva alguns a considerá-las dinossauros vivos. Aprofundando esse raciocínio, qualquer que tenha sido o cataclismo que exterminou os dinossauros — uma idade do gelo, ou talvez a colisão de um cometa com a Terra —, as zâmias se conservaram incólumes. Plantinhas resistentes, não?

Mal eu caminhara um metro na floresta quando percebi um movimento com o canto do olho. Virei-me a tempo de ver as flores de uma boa-noite se fecharem. Suas pétalas brancas resplandecem ao luar e se fecham quando tocadas pela luz do sol. Fiquei ali, fascinada, olhando as flores do tamanho de um prato que se fechavam repentinamente, como centenas de portas que batiam. Sempre associei as flores à beleza estática. Era estranho vê-las dotadas de movimento espontâneo.

Sonali fizera menção à boa-noite. Dissera-me que, se algum dia eu deparasse com uma, não a cortasse nem a arrancasse da terra. Eu me lembrava de suas palavras exatas:

A trepadeira boa-noite é um cordão umbilical que liga todas as mulheres à Lua. Repare especialmente nas plantas que se destacam ao luar e durante o dia são suplantadas por espécies mais chamativas, mais vibrantes. Elas são femininas. Ajudam a curar as partes femininas que foram feridas.

Era estranho eu conseguir citar Sonali tão bem. Eu a conhecia havia pouco tempo, mas tudo o que ela dizia grudava em minha mente como se fosse cola.

Quando a última boa-noite se fechou, segui em frente. A floresta não tinha nenhuma semelhança com os bosques por onde eu fazia caminhadas no norte do estado de Nova York. Era muito mais densa, e, à medida que eu me embrenhava, o dossel da mata escondia toda a luz do sol.

Estava tão escuro, que eu tinha de prestar muita atenção para não tropeçar nas raízes cobertas de folhas das árvores — que tinham a espessura da coxa de um homem — nem confundir a cabeça de um píton com uma pedra de apoio.

Era isso o que eu mais odiava na selva: cada passo era uma armadilha. Exigia o mesmo estado de hipervigilância que eu sentia quando cheirava cocaína na faculdade. E as consequências daquela vigilância, a exaustão esmagadora, eram igualmente ruins.

Minha mochila pesava. O atrito das alças em meus ombros suados, por mais que as tentasse ajustar, criou bolhas. Amaldiçoei Sonali por não ter me mandado trazer uma lanterna, para que eu pudesse enxergar o que fazia no escuro. Amaldiçoei Armand por ter partido para o México sem mim. E, depois, amaldiçoei Exley por absolutamente tudo. Armand tinha razão. Era muito bom gritar de manhã.

Fiz uma pausa. Quis ver as três fotos que tinha guardado no telefone celular, para sentir um gostinho de casa antes do longo dia de caminhada. Uma era de Kody comendo um bolinho com uma das mãos e segurando uma passa com a outra. Outra era de Exley limpando a terra do chão de meu apartamento, foto que eu pretendia deletar imediatamente. E a última era da

minha bela ave-do-paraíso, embora naquele momento eu não estivesse a fim de olhar para nada que fosse verde.

Quando meti a mão no bolso, senti o telefone molhado e pegajoso. Eu o peguei. Um líquido escorria através da parte dobrável. Eu não esperava de fato que ele funcionasse — eu sabia que não havia antenas de celular na selva —, mas também não esperava que estivesse pifado. Abri o compartimento da bateria com as pontas dos dedos suados e vi que o líquido escorria dali: o ácido da bateria estava corroendo o telefone. Pensei em Geoff Evans segurando o celular e chamando-o de *a nova natureza. Algo sem pontos fracos... com uma eterna vida de prateleira*. Que idiota! A nova natureza não sobrevivia a vinte e quatro horas na selva. A velha natureza dava um pé na bunda da nova.

Bati o pé — o que, aliás, era um perigo e uma burrice —, mas eu estava irritada porque o calor e a umidade apodreciam tudo naquele pântano fedido. Tive uma dificuldade incrível de largar meu telefone. Olhei para ele, desintegrando a olhos vistos e com o ácido da bateria vazando, e joguei-o fora. Tudo bem: primeiro dei-lhe adeus, depois o joguei fora. Fiz questão de atirá-lo bem longe, de modo a não incomodar nenhuma criatura que estivesse ali à espreita.

Respirei fundo e me acalmei. Eu não podia me dar o luxo de dar mais nenhum chilique nem bater pé nem atirar objetos. A floresta teve esse mérito. Deixou-me muito atenciosa. Tudo o que eu queria era sair dali sem aporrinhar coisa nenhuma por tê-la esmagado, sentado em cima dela ou tapado sua casa com o pé por descuido.

Depois de quinze ou vinte minutos de caminhada, eu estava com o cabelo e as roupas ensopados. Não digo ensopados como ficaram depois de uma hora na academia; digo ensopados a ponto de torcer e fazer sair uma piscininha de água. Andar na floresta era como andar embaixo de um chuveiro quente que brotava do meu próprio corpo.

Eu me perguntava como aquele suor todo podia estar dentro de mim e se restava algum líquido para a atividade celular necessária para me manter viva, quando vi a gloxínia bem na minha frente. Pela primeiríssima vez, experimentei o lado positivo de estar tão alerta.

A gloxínia era a única das nove plantas que Exley já vira. Era a planta sobre a qual ele me falara no restaurante. Era inconfundível: violeta-escuro

em flores campanuladas. *Sinningia speciosa*. A grande planta mítica do amor à primeira vista.

Fiquei olhando para ela, imaginando se seria um mau agouro tê-la encontrado estando sozinha. Tirei a mochila dos ombros e abaixei-me para arrancar a planta. Puxei delicadamente a haste para ver onde começavam as raízes, mas elas eram compridas e profundas. Acompanhei-as e acabei descobrindo que serpenteavam embaixo das raízes grossas do que parecia ser um coqueiro ou uma seringueira.

Ajoelhei ao lado da planta e esfreguei as pétalas da flor entre o polegar e o indicador, só para ter certeza absoluta de que era a gloxínia. De fato, eram macias como um sofã vitoriano de veludo surrado.

Peguei a tesoura de unha na mochila para tirar uma muda, um pequeno truque que eu aprendera com Armand. Apalpei a haste à procura de um bom ponto para cortar, pois ele me ensinara a nunca cortar abaixo do ponto em que folhas, flores ou hastes novas bifurcavam da haste principal. Ele mandava que eu fechasse os olhos e sentisse as gemas, que sinalizavam um broto novo, e que cortasse entre elas, acima da forquilha. Eu não tinha intenção de fechar os olhos naquele ambiente, mas apalpei a haste até encontrar um lugar satisfatório para cortar.

— Não se mexa nem olhe para cima, senão lhe dou um tiro na cara.

Congelei ao ouvir a voz do homem falando inglês com sotaque espanhol. Já enfrentara muitos dissabores com as plantas, e não ia me arriscar. Fiquei olhando fixamente para uma minhoca que se enfiava furiosamente no chão ao lado de meu pé, com tanto medo de mim quanto eu sentia do homem que eu não via.

— Agora, largue a tesoura.

Obedeci.

— Fique em pé. Levante-se usando os músculos das coxas. Não tire os pés do lugar, senão fuero os dois. Eu lhe prometo que você nunca mais irá usá-los.

Usei a força dos músculos das coxas para me levantar — a ideia de ser alvejada nos pés definitivamente ajudou nessa manobra. Levantei os braços e os abri, com os dedos bastante separados, para que ele visse que eu não estava segurando nada que pudesse ser atirado. Era espantoso o que eu aprendera

com os filmes de ação que adorava. Eu sabia como não deixar que me matassem.

Não havia ninguém ao alcance de minha voz. Ninguém ao alcance do barulho de um tiro. Ninguém que pudesse me ouvir, se eu gritasse por socorro. Eu tinha de me preparar; ficaria à mercê desse homem. Isso era muito pior do que ser assaltada em Nova York. Não seria um assalto-relâmpago. Esse homem não queria meu dinheiro, do contrário teria pegado minha mochila e ido embora. Ele queria a *mim*. Não poderia haver uma situação mais delicada. Não há um capítulo para esse tipo de predador em *O manual de sobrevivência no deserto e na selva*.

— Tudo bem — disse ele. — Levante os olhos. Só os olhos, não a cabeça, e olhe para mim.

Levantei os olhos sem mexer a cabeça.

Ele apontava um grande rifle de caça para mim e era o homem mais bonito que eu já tinha visto. Esses dois fatos eram tão incongruentes, que meu cérebro não sabia o que fazer com a informação. Não sabia o que focar: minha morte ou a beleza dele.

Ele tinha cabelos pretos lustrosos e ondulados e um corpo musculoso que se via nitidamente por baixo de uma camiseta encharcada. É engraçado como o instinto de acasalamento se manifestou mesmo com uma arma apontada para mim.

Ele levantou a espingarda e deu um tiro para o alto. Milhares de criaturas fugiram ao mesmo tempo, como uma cascata de bichos, aves e insetos afastando-se do ponto onde eu estava em pé. Então ele avançou na minha direção, levantou-me com o braço livre e me colocou de novo no chão a um metro de onde eu estivera. Enfiou o cano da espingarda no chão macio.

— Sinto muito — disse. — Tive de fazer isso. Você ia pisar uma zâmia.

Olhei para o chão.

— Estava bem atrás de você. A menos de três dedos de seu calcanhar esquerdo. É uma zâmia raríssima, e quando fosse tentar arrancar a gloxínia, você a pisaria. Tentei detê-la da única maneira que me ocorreu. Se eu tivesse simplesmente pedido, você teria se mexido. Se tivesse se movimentado, mesmo um centímetro que fosse, teria matado a zâmia.

— Quem é você? — sussurrei sem olhar para ele.

— Sou Diego. Sou amigo de Sonali e Armand, da Casablanca.

Suei frio. Pensei na frequência com que eu suava frio naquela selva, o lugar mais quente em que já estivera.

— Sonali disse a Armand que você vinha. Como não apareceu, ele me mandou procurá-la. Também não estou gostando disso.

— Ah.

— Pode acreditar, esta não é uma planta qualquer. Eu não teria agido assim com você se ela não fosse muito especial. É uma espécie ameaçada, portanto é duplamente importante que você não a pise. Existe há muito tempo. Duzentos milhões de anos. Desde o período jurássico. Muita gente procura essas plantas. Elas são arrancadas e vendidas por pequenas fortunas. As zâmias sobrevivem apesar da ameaça dos preços astronômicos oferecidos por exemplar. Não consigo imaginar como é viver assim.

Ele sorriu para mim com dentes brancos como boas-noites. Eu não cairia na lábia de outro especialista em plantas bonitão. Especialmente um que estivesse apontando uma espingarda para mim.

— É mesmo impressionante você ter me trazido até esta planta — disse.
— Eu lhe agradeço.

— Ah — continuava sendo a única palavra que conseguia pronunciar.

— Já vi fósseis perfeitos de zâmia — disse ele, ajoelhando-se ao lado da planta. — Mas é incrível ver uma viva. Obrigado.

— Imagine — disse eu, pronunciando a segunda palavra.

— Não diga “imagine” quando você não entende. Não é inteligente. Quero que me ouça. As zâmias são, e sempre foram, perfeitamente adaptadas ao hábitat. Precisavam ser. Quantas coisas precisaram ser nesta Terra? Quase todas as espécies duram alguns milhares de anos, no máximo, antes que ocorra algo que acabe com elas. Essa planta durou *duzentos milhões de anos*. Sobreviveu a eras glaciais, choques de cometas e tempestades de areia. Acontecimentos que mataram quase todas as outras coisas vivas na Terra não mataram essa planta. E ela nunca teve de mudar. Nunca precisou crescer mais, nem desenvolver asas, ou barbatanas, ou pernas, ou pulmões. Nunca teve de evoluir.

É realmente extraordinária. Perfeita do jeito que é.

— Tinha de ser, hã?

— A zâmia é uma das nove plantas, você sabe. Uma das que você veio até aqui para descobrir. A gloxínia também. Você estava parada entre duas das nove plantas e quase matou as duas.

Ele riu de leve, jogando a cabeça para trás e deixando o cabelo preto lustroso cair nos ombros.

— Quase matou as duas, mas também as encontrou. Armand tinha razão: você é uma mulher estranha.

— Como Armand não me conhece muito bem, eu não acreditaria na descrição dele.

— Ah, conhece sim. Descreveu-a perfeitamente. Disse que nunca viu uma pessoa com tanta sorte. E tem razão.

— É mesmo? Acha que tenho sorte? Estou perdida no meio do nada. Perdi tudo o que eu tenho. Meu carro foi roubado, meu telefone celular se desintegrou na minha frente, não tenho mapa, nem dinheiro, nem trabalho, e quase levei um tiro. Isso é sorte?

— Você encontrou duas das nove plantas em menos de uma semana!

Eu já tinha aprendido que seria pura perda de tempo tentar travar uma discussão racional com qualquer pessoa que estivesse envolvida com essas plantas. Deixei para lá o tema da minha sorte.

— Quer dizer então que a zâmia é uma das nove plantas?

— Sim. E é a única suculenta.

Fiquei exultante. Não porque tivesse encontrado a única suculenta, mas porque talvez fosse embora do México muito antes do que imaginava. Pelo jeito não seria difícil encontrar as plantas. Eu topara com duas delas sem nem sequer procurá-las.

— O que sabe sobre as plantas? — perguntei-lhe.

Imaginei que, quanto mais eu soubesse, mais depressa estaria em minha cama em Manhattan, aspirando o perfume das tagetes, embriagando-me com Kody e deixando tudo isso para trás.

— Sei que elas vêm do México, dos índios maias. Ou pelo menos a história vem deles.

Diego segurava o rifle de caça atravessado no peito enquanto falava comigo. Parecia orgulhoso e, de repente, muito maia.

— Você é maia?

— Não. Sou huichol, mas nasci em Yucatán. Em território maia.

— O que mais sabe sobre as plantas?

— Sei que quem achar as nove e reunir todas elas na mesma sala terá tudo o que deseja. E quem perturbá-las não terá nada. Os maias acreditavam que as plantas significavam fertilidade, provavelmente por desejarem filhos que os ajudassem com a colheita. Cultivavam plantas numa ilha isolada chamada Isla Mujeres, ou Ilha das Mulheres em sua língua. Hoje a ilha é infestada de turistas e de lojas que vendem mantas e *piñatas* mexicanas. Mas, no passado, as únicas pessoas autorizadas a pisar aquela ilha eram curandeiros, ou xamãs de plantas. Com o passar do tempo, as plantas passaram a simbolizar mais que fertilidade. Passaram a representar todo tipo de abundância.

— Mas por que nove? — perguntei.

Só para conferir se as razões dele combinavam com as de Exley e Armand. Não que eu fosse paranoica.

— Da forma como penso nelas e, por favor, desculpe meu inglês, acho que representam as nove formas de fortuna: liberdade, sexualidade, sorte, poder, magia, amor, imortalidade, aventura e conhecimento. Se puder achá-las e reuni-las, terá todas as coisas que os seres humanos mais desejam.

De certa forma era tranquilizador saber que os três tinham a mesma história.

— As pessoas a roubarão ou até a matarão, só para conseguir essas plantas.

— Sim, já ouvi essa história. Mas o homem que me contou achava que elas não passavam de um mito.

— O homem que as roubou de Armand?

— É.

— Ele lhe disse isso antes ou depois de roubá-las?

— Antes.

— E, no entanto, arriscou a liberdade para roubá-las. Se fosse apanhado, seria preso. Pode acreditar: podendo evitar, ninguém quer ser preso. Aquele homem achava que o poder das plantas era real. Pelo menos real a ponto de arriscar a própria liberdade.

— E a zâmia? Qual dos desejos ela representa?

— A zâmia fez o que os humanos não conseguiram. Existe desde sempre. Em minha língua, é chamada de planta-vampiro: é a planta da imortalidade,

um dos desejos mais profundos.

— Armand acha que as pessoas adoram a morte.

— Acho que, quando são crianças e se dão conta pela primeira vez de que vão morrer, ficam tão assustadas com a morte, que param de pensar nela. Criam um mito. O mito da imortalidade. No íntimo, as pessoas acham que viverão eternamente. São imortais até a hora em que morrem. Não têm a presença de espírito para amar ou odiar a morte. Absolutamente não acreditam nela.

— Eu estava prestes a matar a planta da imortalidade. Parece um paradoxo.

— Ah, mas, veja: eu cheguei, e você não a matou. Essa é a natureza daquela planta. Sempre teve sorte.

— Então tenho sorte e ela tem sorte.

— É. Você não levou um tiro, e ela não foi esmagada.

— A gloxínia?

— A gloxínia é a planta do amor à primeira vista, então, é um par perfeito para seres humanos.

— Como assim?

— Os humanos são uma espécie muito peculiar. Não gostamos de trabalhar o amor. Só achamos que ele é verdadeiro se nos surpreende, como uma doença repentina. Como a gripe. Quando se apaixonam gradualmente, as pessoas sempre questionam o amor. Então a gloxínia produz o amor à primeira vista. Como as pessoas gostam.

— Como sabe quais são as nove plantas? Pensei que não fosse possível procurá-las. Que elas tivessem de encontrar a pessoa, não o contrário.

— Isso é verdade para quase todo o mundo. Mas você e eu possuímos uma grande vantagem: temos Armand. Ele é o guardião das nove plantas. Sabe quais são elas.

— Então as plantas não têm realmente de encontrar a pessoa.

— É verdade. Armand é que tem de encontrar a pessoa.

— Quais são as outras sete plantas?

— Vamos primeiro pegar essas duas e ir andando, antes que escureça. Não é fácil andar na selva à noite.

— Eu não tinha percebido que havia alguma diferença entre noite e dia aqui — disse eu, apertando os olhos para enxergar no escuro.

Diego abaixou-se para arrancar a gloxínia. Olhando para ele ajoelhado, debruçado sobre a planta, senti um desejo inexplicável, quase incontrolável, de tocá-lo. Eu estava pertinho dele, observando-o ora puxar, ora afagar as raízes, para desenterrá-las. Ele estava concentrado na remoção da planta e não notava que eu estava ali.

Em geral, eu era uma pessoa muito controlada, mas, naquele momento, não sabia bem o que fazer com o que eu sentia por Diego. Pensei em formas de atraí-lo, de chamar sua atenção sem tocar nele.

— Gosta de boas-noites? — perguntei. — Hoje de manhã vi uma trepadeira se fechar com a primeira luz da manhã.

Ele parou de cavar.

— Onde?

— Aqui perto. Talvez voltando uns quinze minutos em direção à praia.

— Vá pegar uma muda, mas com muito cuidado. Não corte a trepadeira. Pegue uma folha.

Isso não era nada do que eu tinha em mente.

— Não quero voltar lá sozinha. Vamos passar a noite toda andando. Vamos encontrar outra trepadeira amanhã de manhã.

— A boa-noite também é uma das nove plantas. Ela se mostra exatamente antes de se fechar. Ela a esperou e se mostrou a você. Revelou-se. Confiou em você. Precisa buscá-la. Não uma outra boa-noite qualquer, mas *aquela* boa-noite.

— Tudo bem. Caramba. Vou pegar a boa-noite. *Aquela* boa-noite.

— Você não entende — disse Diego. — As coisas correram maravilhosamente bem para você até agora. Você tem duas das nove plantas e logo terá a bela boa-noite, a que traz filhos, procriação e fertilidade, a planta mais feminina de todas. Ainda bem que Armand me enviou para encontrá-la. Qualquer outro homem, ao ver do que você é capaz, iria querer mantê-la aqui na floresta e estar o tempo todo com você. Vá pegar a boa-noite para que possamos ir embora.

Ele me observava com olhos duros e meigos. Eles me confundiam. Diziam sim e não ao mesmo tempo. Eu o fitei e senti uma atração tão forte, que tive de tocar nele ali mesmo. Não consegui me conter. Fui na direção dele, mas

ele esticou o braço e pôs a palma da mão na frente de meu rosto, para me deter.

— Não. Você achou duas plantas muito poderosas. A planta do amor à primeira vista e a trepadeira da fertilidade feminina, a boa-noite. A atração por mim será forte, às vezes até insuportável. Você vai ter de resistir lembrando-se de que não me conhece.

— Eu não quero conhecê-lo. Quero tocá-lo.

Minhas palavras soaram estranhas até mesmo para mim. Parei de falar e, graças a Diego, tentei me controlar.

Ele não facilitou as coisas.

— Sei como se sente. Você sente isso desde a raiz dos cabelos — colocou a mão um pouco acima de minha cabeça —, até aqui — disse, traçando com a mão uma reta na frente do meu corpo, que terminou entre minhas pernas —, o que não ajuda em nada a situação. O que você está sentindo agora é a boa-noite.

— Não é. É você. Sinto você.

— Volte e pegue a planta, senão ela nunca vai libertá-la. Você vai se sentir assim em relação a mim para o resto da vida.

Ele me assustou.

— Não está com calor com essa camiseta ensopada? — perguntei.

Ele riu.

— Vá logo. Pegue a boa-noite antes que eu mude de ideia e me aproveite de você.

— Um toque?

— Tudo bem — disse ele. — Um abraço.

Ele era sólido. Botei o nariz na concavidade de seu pescoço, onde se formara uma pequena poça de suor que recendia a óleo bronzeador com aroma de coco. Soltei-o, porque, do contrário, eu teria de fazer papel de boba.

— Tudo bem? — perguntou ele.

— Tudo bem.

— Vá.

Quando voltei com a trepadeira da fertilidade, ele colocou a gloxínia, a zâmia e a muda da boa-noite numa sacola de couro amarrada na passadeira

do cinto de seu jeans.

— Como se sente agora em relação a mim?

Eu tive de admitir que me sentia muito mais senhora de mim depois de ter pegado a boa-noite.

— Como conheceu Sonali e Armand? — perguntei.

— Conheci-os assim como você, por acaso. Sonali, às vezes, me ensina coisas, como Armand ensina a você.

— Ele não me ensina nada. Eu o estou ajudando a recuperar as plantas.

— Conheci Sonali e Armand ainda criança, quando eles compraram a Casablanca. Eu morava numa choupana — uma *palapa* — com meus pais, perto da casa deles. Minha mãe ainda mora lá. Eu era pequeno e fiquei impressionado com os novos vizinhos que tinham eletricidade e água encanada, enquanto minha choça não tinha nada disso. No começo, meus pais não me deixavam falar com eles, porque eram brancos, mas quando Sonali cultivou orquídeas gigantescas no solo rochoso atrás da casa deles, onde não dava nada, minha mãe ficou impressionada, e fui autorizado a ir lá sempre que quisesse.

— O que aprendeu com Sonali?

— Ah, um monte de coisas sobre plantas, cura e magia.

Olhei-o de soslaio.

— Não se preocupe. Armand é seu professor, e ele é muito mais prático que Sonali. Você é teórica e ele é prático. É uma combinação perfeita. Vejo por que ele gosta de você. Ele vai lhe ensinar milhares de coisas úteis.

Vi uma clareira adiante. Fiquei tão feliz como na véspera, quando saí da floresta pela primeira vez.

— Você não tem afinidade com a floresta, sabia?

— Sei.

— Só gosta da floresta quando está prestes a deixá-la.

— Sou assim com quase tudo.

— Você nunca deveria voltar aqui sozinha. A floresta a poupou, e você provavelmente não terá outra chance como essa na vida.





Escorpiões

Por mais repugnante que possa parecer, há mais de duzentas mil espécies de escorpiões.

Quase todas as variedades possuem uma garra e três ou quatro conjuntos de pernas usadas para andar. Para piorar as coisas, o veneno do escorpião, que parece vir da cauda, na verdade vem do ânus. Os escorpiões machos cortejam as fêmeas realizando uma dança chamada “promenade à deux”. Em seguida, o macho beija a fêmea e ao mesmo tempo lhe injeta na boca uma quantidade mínima de veneno, a medida exata para paralisá-la por um curto espaço de tempo e acasalar com ela. Não sei quanto a você, mas esse cenário lembra muito um cara que deixa cair um pedacinho de Rohypnol na bebida de sua acompanhante num bar. Os homens são todos iguais. As mulheres, por outro lado, não são todas iguais, e quando dois escorpiões terminam de acasalar, o macho precisa sair antes que passe o efeito do veneno, senão a fêmea o janta.

Entramos na clareira e fiquei parada por um instante, olhando para o céu. A amplidão azul fazia com que eu me sentisse segura.

— Esta é a estrada para a Casablanca — disse Diego. — Olhe-a bem e guarde-a na memória, caso precise encontrar o caminho de volta em outra

ocasião. Quando estiver sozinha.

Andamos pela estrada de areia em silêncio. Passamos por choupanas isoladas na praia ventosa. Eram afastadas umas das outras, mas todas tinham varais idênticos, com os mesmos lençóis brancos, voando para o mesmo lado ao vento que soprava do mar.

Depois de seis horas de avião, duas de barco, dois dias e duas noites a pé, eu finalmente chegava à Casablanca, no meio da noite. Estava escuro, o luar banhava a casa e o vento uivava furiosamente, vindo do oceano.



Da estrada, a casa de Armand parecia um bloco de cimento como outro qualquer. Era semelhante aos que eu vira em Puerto Juárez, só que suave e arredondado, com arcadas e uma grande varanda em cima. Parecia solitária e isolada ao luar.

— Eu fico por aqui — disse Diego.

— Não vai entrar para cumprimentá-lo? — perguntei, percebendo que eu iria ficar sozinha pela primeira vez com Armand, um homem que eu conhecera havia poucas semanas numa lavanderia.

— Não se preocupe, ele não vai lhe fazer mal. Não gosta de você o bastante para desperdiçar energia.

— É. É o que ele me diz.

Olhei para a casa depois da relva, enquanto Diego desamarrava a sacola da passadeira do cinto e a entregava a mim.

— Dê as plantas a Armand. Vão deixá-lo feliz. Ele vai ver que a decisão de trazê-la aqui foi boa.

— Ele não me trouxe aqui. Saiu de Nova York sem mim e me fez encontrar essa casa sozinha. Me fez atravessar a selva sozinha. Tem uma diferença, sabia?

Peguei a sacola de Diego.

— Cuidado com os escorpiões na grama. Eles não ingerem sangue humano desde o ano passado, quando Sonali esteve aqui.

Dei meia-volta.

— Está brincando comigo? Não brinque assim comigo. Nunca.

— Sangue humano é uma guloseima para eles, como bala. Se você não tirar os olhos do chão, tudo vai terminar bem.

Lá vamos nós de novo, pensei. O que havia com esse país? Tudo nele guinchava, uivava, apodrecia, defecava, era venenoso ou mortal.

Calculei que do ponto mais curto entre mim e a casa seria uma corrida de cento e oitenta metros na grama.

— Vá — sussurrou Diego. — Pode ir. Pise de leve, na pontinha dos pés. Encostando o mínimo possível no chão. Quanto menos superfície oferecer aos escorpiões, melhor.

Agarrei a sacola com as plantas, respirei fundo, fiquei na ponta dos pés como um velocista prestes a dar a largada e corri pelo gramado com a mochila batendo em minha coluna a cada passada.

— Dê a volta até a frente da casa — gritou ele.

Olhei para trás e o vi indicando o percurso que eu deveria fazer com o braço, curvando-o como se fosse abraçar a casa.

— Até a frente — tornou a gritar. — Vá.

Contornei a casa na ponta dos pés, concentrando-me na relva, à procura de escorpiões, embora não tivesse ideia do aspecto que eles tinham. Consegui chegar à parte da frente, mas era difícil continuar olhando para o chão. A lua, antes escondida pela casa, estava enorme e tão baixa, que parecia sentada no mar, descansando numa banheira. Pensei em Kody e no seu desejo de ver a lua cheia em Yucatán, que me fizera rir dele. Ele tinha razão. Era algo que valia a pena ver. Ele tinha mais imaginação que eu.

— Não se mexa — sussurrou Armand nos meus cabelos.

Gritei. Eu não tinha ideia de que ele estava atrás de mim. Virei-me. Ele brandia uma espátula na mão direita em riste.

— A melhor arma para matar escorpiões — disse ele.

Olhei o chão e enxerguei a criatura mais feia que eu já tinha visto. Muito mais do que os camundongos, os ratos ou as baratas que infestavam a Cidade de Nova York. Era uma roda preta chata e larga com quatro pares de pernas, uma garra separada, e uma cauda dura e comprida de aspecto pré-histórico.

— O perigo está nos ferrões da cauda — disse Armand. — Eles podem ficar abanando o rabo e lhe injetar um veneno tão forte, que você morre na

hora.

Eu sabia que não estava respirando e me esforcei conscientemente para recuperar o fôlego.

— Os escorpiões são muito lentos, e esse é o ponto fraco deles, coitados! Se você vir um, basta bater nele com uma espátula. O segredo é vê-lo antes que ele a veja. Com eles, tudo é um jogo de esconde-esconde, exatamente como quando você era criança. Você já foi criança, não?

Armand se abaixou, alcançou o escorpião com a espátula, e o jogou na grama.

— Por que não o matou?

— Eles protegem minha casa quando não estou aqui. Há tantos, que é possível ter certeza de que um intruso será picado. Talvez até acabe morrendo.

— Uma picada de escorpião pode mesmo matar um homem?

— Ah, claro, e uma mulher também, especialmente se for muito moça ou muito velha. Mas sabe-se que gente de meia-idade como você também morre.

— Não sou de meia-idade.

— Para um escorpião, é.

— Bem, *voce* pode não os matar, mas eu hei de esmagar todos os que encontrar.

Armand me entregou a espátula.

— Ande sempre com ela. Todo o mundo aqui possui pelo menos uma. Tem gente que até manda gravar a sua. Ah, e nunca use uma que tenha a parte chata vazada. Essas são mais práticas para cozinhar, mas se matar um escorpião com elas, o sangue do bicho sai pelos furos e respinga em você. É desagradável.

Ele abriu a porta da casa.

— Espere aí.

Fiquei na entrada segurando a espátula no alto, olhando para o terraço de terracota à procura de escorpiões. Minha vida, definitivamente, tinha piorado. Os banhos de sol no golfo do México e as danças em cima de mesas em Cancún que eu imaginara, já eram.

— Não perca seu tempo procurando escorpiões! — gritou Armand de dentro de casa. — Olhe para cima!

Sem eletricidade para ofuscar o brilho das estrelas, via-se claramente cada constelação. Contornei a Ursa Maior e o Cruzeiro do Sul com o indicador. Senti-me como aos 10 anos, quando, amarrada a uma cadeira, eu contemplava o show espacial no teto do Planetário Hayden.

Que lugar estranho!, pensei. Se olho para cima, tudo é claro e lindo; se olho para baixo, tudo é perigoso e feio. Quem me dera poder continuar com a cabeça no céu, mas os escorpiões me trouxeram de volta à realidade. Ou seria o céu a realidade?

— Seja bem-vinda à Casablanca — disse ele quando entrei.

Rapidamente, percorreu a sala escura com uma vela. Era como olhar sua casa através de um livro infantil ilustrado. Havia velas por toda parte, e Armand as acendeu.

— Aqui não tem energia elétrica?

— Às vezes tem, mas hoje não. Deve ter alguém assistindo à tevê ou ouvindo rádio.

— Basta isso para acabar com a luz?

— Isso também me incomoda. Meu sonho era abrir uma lavanderia aqui, mas consome muita luz; portanto, não consegui realizar meu sonho. O que você perdeu?

Com as velas acesas, eu via o piso de lajotas de barro e as mantas mexicanas vermelhas, turquesa e brancas jogadas sobre uma cadeira de balanço cinzenta patinada pelo tempo. Havia um sofá de alvenaria — um banco comprido, na verdade — cujo encosto era a parede à direita da sala. Havia uma mesa de piquenique, que eu adorei, e uma grande bancada de cerâmica que separava a sala da cozinha.

— Olhe para cima, olhe para cima! Será que preciso sempre lhe lembrar de olhar para cima? Você perde metade de sua vida olhando para baixo.

— Você só me mandou olhar para cima duas vezes desde que o conheci. Não exagere.

— Tudo bem — disse ele calmamente. — Lila, minha amiga, olhe para cima, por favor.

Vi bichos enormes de papel machê rosa e laranja pendurados no teto com o mesmo tipo de linha de pesca usado para pendurar plantas na lavanderia. Havia porcos, baleias, pássaros e burros.

— *Piñatas*. Feitas pelas crianças da aldeia. Não são lindas?

Eram belas e muito benfeitas.

— As crianças de nossa cidade têm um refrão quando furam as *piñatas*. Elas fazem uma roda e gritam. *Fure a piñata como se não houvesse amanhã!*

— Elas estão cheias de bala?

— Não.

Larguei a mochila no chão para olhar melhor as *piñatas*.

— Tire isso do chão, já! Os escorpiões adoram esconderijos secretos, como o interior de roupas, meias e sapatos. Têm uma predileção especial por bolsas e mochilas.

Agarrei minha mochila.

— Você vai se acostumar. Eu espero. Talvez até venha a gostar de escorpiões. Eles são presas perfeitas para treinar. Mais tarde, quando conseguir matá-los sem dificuldade, poderá enfrentar criaturas mais rápidas e muito mais perigosas.

— Não sou exatamente uma predadora. Sou de Nova York.

Armand apontou para uma sombra no chão. Sem titubear, agarrei a espátula com as duas mãos e bati no ponto preto com toda a força. Eu de fato estava suando e ofegante ao levantar a espátula do chão.

— Não — disse Armand, rindo —, você absolutamente não é uma predadora. Só uma simpática moça judia de Manhattan.

Ele me acompanhou até meu quarto.

— Não deixe de pendurar todas as suas roupas em cabides e de colocá-las afastadas do fundo do armário. Guarde os sapatos em cima da cômoda e reviste-os de manhã antes de calçá-los. O melhor mesmo é usar alpercatas ou sandálias de dedo.

Ele pegou a espátula que eu segurava.

— Me dê isso aqui — disse, pegando uma ponta enquanto eu segurava firme a outra. — Tem uma em cada quarto. A sua está pendurada atrás da porta — disse, sem fôlego de tanto puxar a espátula para arrancá-la de minha mão.

Larguei a espátula só para ver Armand cair, mas é claro que isso não aconteceu.

— Você está ficando mais malandra — disse. — Que bom!

Tão logo ele saiu do quarto, agarrei a espátula atrás da porta. Peguei uma pontinha da manta sobre a cama e puxei-a de uma vez só, jogando-a no chão, a espátula em riste na outra mão. Eu não sabia que tinha toda aquela força. Verifiquei a cama toda, levantando cada travesseiro com a espátula e olhando embaixo. Eu sabia que nunca mais conseguiria usar uma coisa daquelas para fritar ovo ou virar hambúrguer.



A Casablanca parecia muito menos ameaçadora de manhã, e, com a luz do sol, vi todas as coisas que eu não tinha visto à noite. A cama em que dormi era de casal com a cabeceira feita de galhos de árvore finos e nodosos amarrados com um tipo de cipó. Os janelões davam para um gramado seco que ia até o mar, que tinha o mesmo tom de turquesa que eu vira na viagem de barco.

Sentei-me na cama, sonolenta. O mar estava tão perto, que eu tinha a sensação de que, se pusesse a mão para fora da janela, encostaria os dedos na água. Até a grama entre a casa e o mar, tão assustadora e cheia de escorpiões na véspera, parecia uma simples e velha grama à luz da manhã.

Levantei-me da cama ainda vestida com a roupa do dia anterior, peguei a sacola de plantas esquecida no tumulto dos escorpiões e levei-a para Armand.

Ele estava sentado na varanda, olhando o mar. Até ele parecia menos ameaçador na claridade.

— A maré está subindo — disse, apontando para a água. — Se olhar bem, conseguirá ver a tainha pulando para não ser comida pelo robalo.

— Tem gente lá, também.

— Pescadores de lagosta. E, no fim do dia, eles se juntam na praia para puxar a rede cheia de crustáceos gritando. Não dá para ouvir os gritos, claro, mas pode apostar que eles gritam. Quando Sonali está aqui, os homens nos

trazem um pouco do que apanham, e, em troca, ela toma conta dos filhos deles enquanto pescam. Não tenho paciência de fazer isso sem ela.

Entreguei-lhe a sacola com as plantas.

Observei enquanto ele abria a sacola. Eu queria uma exclamação, um elogio, uma constatação da minha ligação com a natureza. O reconhecimento de tudo o que eu conseguira em tão pouco tempo.

— Você esteve na selva, e tudo o que me traz são essas três plantas horrorosas? Pelo andar da carruagem, vai ser uma longa viagem.

— Achei que eu tivesse me saído bem — disse eu. — Nunca tinha estado sozinha na selva.

— Você não estava sozinha na selva, então, não seja tão dramática. Mandeí Diego para lhe fazer companhia. Uma boa escolha, não achou?

Olhei para mim mesma. Será que meu tesão por Diego era visível?

— Você não correu riscos. Diego conhece aquela selva melhor que ninguém. Melhor do que eu ou Sonali. A mãe dele é uma xamã huichol, muito respeitada por essas bandas. Ela nasceu no chão de húmus daquela floresta, e Diego também. Ele foi praticamente criado lá. Você estava em segurança, mesmo sem saber.

— O que adiantava estar em segurança, se eu não sabia?

— Isso me ajudou a dormir melhor.

Olhei para ele e fiz um esforço para não começar uma discussão. Respirei fundo.

— O que é um xamã huichol?

— A mãe de Diego é uma curandeira, que entende tudo do espírito dos cervos.

Armand me examinou.

— Não se envolva com Diego. Você não está preparada para um homem como ele. Há menos de duas semanas, você estava apaixonada por um criminoso que destruiu o trabalho de minha vida e agora acha que está apaixonada pelo filho de uma xamã.

— Não estou apaixonada por ele. Mas, se estivesse, não seria um bom sinal? Um sinal de que mudei e cresci?

— Não, isso não é sinal de que você mudou e cresceu. É sinal de que se apaixonou por qualquer um que apareça em sua frente. É sinal de que está

louca para arrumar um homem e de que está desesperada, também. Tive de trancar a porta do meu quarto ontem à noite, de tanto medo de você.

— Não estou desesperada. Diego disse que foram a gloxínia e a boa-noite que fizeram com que eu ficasse interessada por ele. Disse que quem as encontra sente um desejo muito forte, quase insuportável.

— Diego estava sendo educado. Ele tinha um trabalho a fazer e não queria que ficasse no pé dele lá naquela selva. Vocês dois acabariam morrendo, por culpa sua.

Armand colocou as três plantas na bancada de trabalho. E, pela primeira vez, falou com delicadeza naquela manhã.

— São bons espécimes — disse, tirando os óculos de leitura, o que tornou seus olhos muito menores e mais distantes e menos gentis. — Você fez um bom trabalho.

— Por que Diego é tão errado para mim?

— Você só consegue pensar nisso, não é?

— Só quero saber por que você acha que ele não serve para mim.

— Venha.

Sáimos da janela que dava para o mar e fomos para a que dava para as montanhas.

— Diego é huichol — disse Armand. — A família dele descende dos guerreiros astecas, das montanhas de Nayarit. Diego é como um falcão, ou um condor majestoso, pairando sobre aquelas montanhas, com uma envergadura de seis metros. A grande sexualidade e o poder dele vêm desse senso de liberdade. Liberdade para percorrer a selva, para se elevar acima das montanhas, para curar e caçar. Liberdade das restrições do dia a dia. Não estou dizendo que ele não amaria você. É claro que amaria, quem não amaria? Estou dizendo que, como você adora restrições, acabaria por limitá-lo.

— Como pode dizer isso? Olhe onde eu estou. Uma mulher que adora restrições não iria com um estranho para um lugar perdido no meio da península de Yucatán.

— Diego é um homem fascinado pelo processo de aprendizagem. Ele jamais vai querer chegar a um destino único, como um relacionamento. Isso

seria a morte para ele. A maneira de amar dele não é a sua, vocês nunca ficariam satisfeitos um com o outro.

Que droga!, pensei.

— A não ser, claro, que você encontrasse as nove plantas — continuou Armand. — Nesse caso, tudo muda de figura.

— Por que isso mudaria alguma coisa?

— Porque então você teria realizado alguma coisa. E você e ele estariam em pé de igualdade.

Ele sorriu para mim.

— Quer ovos? Ou brioche com geleia de framboesa?

— Ovos.

Observei enquanto Armand preparava ovos quentes. A cozinha estava ensolarada, e os ladrilhos da bancada em que ele cozinhava eram brancos com galinhas azul-marinho e galos vermelhos. Dentro de cada ovo, ele pôs uma raspa de manteiga, que derreteu imediatamente, e uma pitada de sal.

— Café? — perguntou, apertando o êmbolo da cafeteira.

— Sim, por favor.

Quando terminou de cozinhar, Armand sentou-se à mesa de piquenique para dar mais uma olhada nas plantas.

— Estou orgulhoso de você — disse.

— Sei que são só três plantas.

— Ainda faltam seis, mas acho que você vai conseguir.

— Não vou sossegar até encontrá-las.

— Estou contando com isso.

— Por que acha que gosto de restrições?

— Porque vive à procura de um namorado ou um marido para controlá-la, impedindo-a de crescer e de se expandir.

Ele tinha razão nesse ponto.

— Você tem medo da liberdade. Ela é tão assustadora, que você tenta encontrar alguém para pôr amarras em você em cada curva. Espera que eu faça isso, o que, obviamente, nunca farei, nem se você me implorar. Agora, vamos lá: ajude-me a plantar essas suas três plantas.

Eu tentava levantar um dos sacos grandes de turfa de esfagno, quando vi Diego passar lá fora. Pensando em liberdade e falcões e condores e xamãs

huicholes, quis correr ao encontro dele.

Armand me olhou.

— Não seja superficial — disse ele. — Não se apaixone por ideias de magia e poderes especiais e filhos de xamãs. Desenvolva o poder em você, para que seja seu. Não se apaixone pelo que é de alguém. Faça seu trabalho.

— Deixe-me ajudá-la — disse Diego ao entrar.

Ele levantou o saco de terra e o levou até Armand.

Não pude deixar de notar como ele era forte e como sua pele era bronzeada. Parecia que nunca passara um único dia num escritório em Manhattan, sentado numa cadeira giratória diante de um computador, com fones nos ouvidos. Ele parecia pertencer a uma espécie diferente. Devíamos ser assim antes que os carros e as cidades e uma infinidade de dispositivos nos tornassem sedentários, fracos, frágeis e curvados.

— O que tem para hoje, Armand? — perguntou Diego, entornando a terra dos sacos nos vasos. — A pesca do robalo está parecendo boa. Ouvi os barcos saindo ontem tarde da noite.

— Talvez amanhã — disse Armand. — Hoje eu gostaria que vocês dois me fizessem um favor e encontrassem uma das minhas plantas favoritas. *Theobroma cacao*. — Virou-se para Diego.

— Tentem encontrar um pé carregado. Deve ter frutos vermelhos, laranja, amarelos, roxos ou verdes. Certifiquem-se de que sejam da cor de joia colorida (quer dizer que estão maduros) e tragam os que estiverem fechados. Se abrirem, deixe-os no chão para os macacos.

— Onde vamos encontrar essa planta? — perguntei.

Armand mostrou a porta apontando para trás com o polegar.

— Infelizmente, vocês terão que voltar para a floresta.

— Por que você não vem?

— Porque tenho vocês para irem por mim.

— Estou cansada. Andei no mínimo sessenta quilômetros nos últimos dois dias.

— Então é melhor correr enquanto ainda tem energia — disse Armand.
— Vocês não estarão procurando cacau sozinhos. Há uma tremenda concorrência.





Xamãs huicholes

Há cerca de dezoito mil huicholes, a maioria dos quais vive em Jalisco e Nayarit, estados montanhosos e acidentados na zona oeste do México central. Eles descendem dos astecas e fazem parte de uma tradição xamânica pré-colombiana. Os huicholes dizem: se tiver sido feito de milho (eekoo) e comer peiote, (heekoori), você se transforma no jaguar (maye) que caça seus cervos (maxra) que são seu próprio espírito. Em outras palavras, persiga e cace a si mesmo antes de perseguir e caçar qualquer outra coisa. Conheça-se.

Quando saímos da casa de Armand, Diego pôs as duas mãos grandes em meus bíceps magros e me olhou nos olhos.

— Posso lhe ensinar algumas magias huicholes, se quiser. Talvez isso nos ajude a encontrar o *Theobroma cacao*.

Tirou as mãos dos meus ombros, virou a cabeça para a selva e me olhou com o rabo do olho.

— Sei que quer que eu ensine.

Desejei que Armand estivesse ali para ver o majestoso condor flertando comigo, de asas abertas.

— Ora — disse ele —, pense nisso como um atalho. Teremos o *Theobroma cacao*.

— Armand me disse que sua mãe é uma xamã huichol.

— Sim, ela é uma xamã huichol — disse ele —, e poderosa também. Mas tenho certeza de que não é o que você está pensando. Não se trata de uma coisa mística e mágica e cheia de bruxas e feitiços. Os costumes huicholes são simples e práticos. Tudo o que fazemos é ouvir a canção de Tamatz Kauyumari, o maior e mais velho dos cervos. Ele nos dá o poder do espírito dos cervos e nos leva ao que quer que precisemos.

— Isso é simples e prático?

— Claro, por que não? O cervo talvez nos leve ao *Theobroma cacao*, se gostar de você.

— E de você, ele gosta?

— Cresci com ele. Ele é como meu irmão, talvez ainda mais próximo. Pode acreditar, ele gosta de mim. Hoje você é o único ponto de interrogação.

Revirei os olhos.

— Não vou discutir com você sobre se o espírito de um cervo gosta de mim ou não.

— Mas já está discutindo.

— Por que o espírito de um cervo? Por que não de outro bicho, como girafa, lhama ou urso polar?

— Você vê algum urso polar por aqui?

— Também não vejo nenhum cervo.

— Temos de voltar ao lugar preferido deles, a fímbria da mata. É onde se alimentam. Vamos esperá-los lá. Dependendo do humor deles, podemos esperar alguns minutos, ou o dia inteiro, ou a semana inteira.

— Pensei que só estivéssemos procurando um único cervo. O mais velho e maior deles.

— Tamatz Kauyumari nunca anda sozinho. Vive cercado por todos os cervos que já o amaram. Os cervos são assim. Não suportam ficar sozinhos.

Voltamos para a mata pela mesma estrada seca e empoeirada que nos levava à casa de Armand na véspera. Passamos em silêncio total pelas choupanas alinhadas na praia, que tinham o varal nos fundos. Pelas crianças e pelos pescadores morenos, que mal ouvíamos ao longe, segurando as redes e

gritando uns com os outros. Diego disse que não devíamos falar, que poderíamos espantar os cervos, porque eles não estavam acostumados com minha voz — a de uma mulher branca. Por mim, o silêncio era ótimo. Eu estava exausta e nem um pouco disposta a desperdiçar energia em discussões sobre se os espíritos dos cervos gostavam de moças brancas.

— Os cervos não vão nos ajudar hoje — disse Diego depois de termos andado no mínimo oito quilômetros. — Já teríamos visto um ou dois, ou pelo menos ouvido alguns correndo para a mata.

O calor intenso do meio-dia estava me deixando enjoada.

— Por que demorou tanto a saber disso?

— *Saber* não é igual a pensar ou adivinhar ou planejar. O saber sobrevém à pessoa quando escolhe, o que só aconteceu agora. Eu lhe disse assim que soube.

Eu estava toda melada. Tinha a sensação de que ia desmaiar por causa do misto de calor e frio no corpo.

— Preciso me sentar.

— Aqui, não. Não conseguimos achar Tamatz Kauyumari, e isso significa que provavelmente estamos sendo perseguidos pelo espírito de outro bicho, um inimigo de Tamatz. Se você se sentar agora, pode morrer.

— Não estou sendo perseguida pelo espírito de um animal inimigo. Estou exausta! Não consigo mais andar.

Diego pulou na minha frente e segurou meus ombros pela segunda vez naquela manhã. O majestoso condor estava mesmo interessado em me tocar.

— Não consegue mais andar, moça branca?

— Não — disse eu rindo. — Não consigo mesmo.

— Como vai voltar para a Casablanca?

— Preciso descansar. Só uns minutinhos.

— Tenho uma solução melhor.

Diego me pegou no colo. Adormeci quase imediatamente com a cara colada em sua camiseta ensopada. Nós dois, sempre molhados por causa do calor tropical, estávamos acostumados um com o outro assim. O corpo dele recendia a suor e a coco, e sonhei com meu primeiro namorado, sentado no banco dos salva-vidas do Silver Point Beach Club, em Long Island. Eu estava

ao lado dele com um maiô azul e óculos espelhados, coberta de óleo de bronzear.

Quando acordei, senti-me melhor.

— Está bem, já posso andar.

Ele me apertou mais contra ele.

— Tem certeza? — perguntou, com a boca junto a meu cabelo.

— Tenho. Me ponha no chão.

— Mas gosto de você assim colada em mim. Gosto de carregá-la. Você é linda e leve.

Eu também estava gostando, mas não ia deixar o falcão que adorava liberdade saber disso.

— Me ponha no chão.

Ele me passou da posição horizontal para a vertical, escorregando lentamente o meu corpo colado ao dele.

Fizemos a pé o restante do percurso até a casa de Armand. Eu achava que andava muito em Nova York, da Union Square até o trabalho em *midtown*, e do trabalho para casa, mas na verdade não andava, e aquela quantidade de exercícios completamente novos me deixou com as pernas duras e doloridas.

Estávamos quase chegando à casa quando Diego esticou o braço na minha frente. Puxou-me para junto dele, colando minhas costas em seu peito. Apanhou meu cabelo num rabo de cavalo e segurou-o.

— Olhe — sussurrou em meu ouvido —, olhe para a esquerda e não faça nenhum barulho.

Virei a cabeça para a esquerda. O terreno em volta da casa de Armand estava coalhado de cervos. Uns eram castanhos pintados de branco, outros eram cinzentos e sujos, outros tinham galhadas enormes. Havia grandes e pequenos, machos, fêmeas e filhotes. Estavam por todo lado. Aquilo me lembrou um festival de música ao ar livre com milhares de pessoas, sem nem mesmo um pedacinho de chão à vista.

Diego sussurrou em meu ouvido, todo entusiasmado.

— Eles vieram até você. Vieram ao lugar em que você está morando. O que quer que lhe aconteça, saiba que os cervos estão do seu lado.

— O que poderia acontecer agora? Olhei para os bichos contra o sol ofuscante. — Eles são muito delicados. Não acredito que possam me fazer

algum mal.

— Não se engane com o olhar delicado dos cervos. Eles podem não ferir fisicamente, eles não mordem, não têm garras nem veneno, mas, se o espírito deles não gostar da pessoa, ela não conseguirá sobreviver na terra deles. O espírito deles nunca vai deixá-la encontrar alimento ou abrigo, ou mesmo paz interior. O espírito deles vai assombrá-la até que desapareça, física ou mentalmente. Nunca se deve relaxar perto de um cervo, a menos que se tenha certeza absoluta de ser compatível com ele. A delicadeza deles nada mais é que um escudo sedutor. Por trás, eles são ferozes como uma tigresa em volta das crias. Você é assim também; por isso é compatível com os cervos. No fundo, vocês se entendem.

Diego e eu fomos andando pé ante pé em direção aos cervos.

— Tamatz Kauyumari, o grande espírito dos cervos, está em toda parte — murmurou Diego. — Você o sente?

A única coisa que eu sentia era calor e cansaço e certa irritação por Diego considerar minha meiguice apenas uma fachada.

— Kauyumari está fazendo com que se sinta cansada, para não ficar andando por aí e acabar espantando o rebanho. Tudo o que você precisa fazer é se sentar e me observar. Deixe por minha conta.

Era a melhor frase que eu tinha ouvido naquele dia.

— Se os cervos ficarem descontrolados e empinarem como cavalos, não se assuste. Se parecer que a manada está se formando para disparar, lembre-se: eles vieram ao lugar em que você está morando. Você não precisou procurá-los nas fímbrias da mata. Eles *querem* misturar o espírito deles com o seu, portanto, não há por que ter medo deles. Certo?

Fiz que sim com a cabeça. Sentei-me encostada na palmeira mais próxima. Observei Diego, com aquele cabelo grosso e sedoso, caminhar contra o sol em direção aos cervos. Percebi que não sabia a idade dele: ele poderia ter 27 ou 40 anos. Sua saúde escondia a idade. Era tão visível quanto a cor do cabelo ou dos olhos nos outros. Seu corpo irradiava saúde. Seus dentes brancos, seu pescoço musculoso, seu peito forte, bronzeado e sem pelos, suas mãos grandes e seus pés descalços com aquelas unhas limpas e transparentes — tudo isso demonstrava uma saúde física espetacular. Parecia

uma pessoa que viveria muito. Ou, talvez, que já tivesse vivido muito e ainda o esperasse um longo ciclo por viver.

Tentei parar de pensar na longevidade de Diego enquanto o observava se aproximar da manada. Tinha a sensação de que minha vida se enredava em um mito estranho, que não me pertencia. Tentei me concentrar nas nove plantas, o motivo essencial de minha viagem ao México, e em como eu sairia dali e voltaria a meu próprio mito, em Nova York.

Diego acenou com as mãos, sinalizando para que eu o observasse. Quando já tinha minha atenção, dobrou os braços, movendo-os para baixo e para cima como um corredor de marcha, os músculos trabalhando perfeitamente em uníssono, flexionando-se e retraindo-se em sincronia com a longa musculatura de suas costas e de suas coxas. Seu corpo parecia se mover no compasso dos cervos, da folhagem das árvores e da ondulação da relva no chão. Movendo-se num ritmo que meu corpo sentia a quinze metros de distância. Por uma fração de segundo, tudo à minha volta pareceu uma coisa só, movendo-se num ritmo que vinha do interior da terra.

Diego estava tão sintonizado com os animais, que, por mais que se aproximasse, eles nem olhavam para ele. Parou e examinou a manada, procurando, imaginei, Tamatz Kauyumari.

Agachou-se e engatinhou na direção de um cervo que bebia num bebedouro natural, um enorme macho castanho-avermelhado com listras cinza. O cervo tinha uma galhada de chifres compridos e pontiagudos, como se lhe tivessem plantado uma árvore morta na cabeça. Não tive dúvida de que era Tamatz Kauyumari.

Diego parou e se ajoelhou. Eu me levantei silenciosamente, de modo a poder vê-lo por cima dos corpos dos animais. Ele estava ajoelhado na frente do cervo velho, como se estivesse rezando. Fiquei ali paralisada, enquanto, um por um, os cervos se aproximaram, formando uma roda em torno de Diego e Tamatz Kauyumari, até eu não enxergar mais Diego, até ele ser apenas um integrante da manada.

Eu não sabia bem o que fazer. Deveria correr para espantar os cervos? Será que ele estava em apuros? Deveria jogar uma pedra no meio da manada, a fim de dispersar os animais?

Eu olhava em volta à procura de algo que pudesse jogar, quando vi Armand parado na frente da casa, acenando para mim e fazendo que não com a cabeça. Do mesmo jeito que Diego fizera ao pedir para que eu não falasse. Por que todo o mundo vivia me impedindo de agir?

Armand olhava para mim e apontava para Diego, e entendi o que queria dizer: veja, sua idiota de Manhattan, veja o belo homem cercado de belos cervos.

Armand, então, apontou para mim, e de novo para Diego, o que entendi como: vá, sua idiota de Manhattan, vá até Diego e Tamatz Kauyumari.

Tentei imitar os movimentos de Diego. Descobri que, se andasse de olhos fechados, eu podia encontrar algo semelhante a um ritmo. Ah, a quem eu estava enganando? Eu não tinha ritmo.

Continuei andando, tentando esquecer os cervos, esperando que eles também me esquecessem e ficassem onde estavam. Mas claro que não ficaram. Dispersaram-se tão logo me aproximei, deixando-me diante da cena incrível de Diego e Tamatz Kauyumari bebendo juntos do bebedouro, como dois velhos amigos num bar.

Tamatz tinha a cabeça abaixada, a boca meiga de cervo no córrego, e Diego estava ajoelhado com as mãos apoiadas no chão, a boca dentro d'água. Ambas as cabeças subiam e desciam acompanhando aquele vago ritmo da terra.

O animal foi o primeiro a levantar a cabeça. Ao me ver, imediatamente virou as costas e se afastou.

Igualmente, pensei.

Diego tirou a boca da água e levou o indicador aos lábios no mesmo gesto de *Fique quieta* que o bruxinho moreno usara; depois fez sinal para que eu o seguisse e ao velho cervo. Virei-me para ver se Armand continuava ali. Ele não saíra do lugar.

Seguimos o cervo até a floresta, em silêncio total. Tamatz parou muitas vezes para pastar e duas para fazer suas necessidades. Finalmente, no fim da clareira, virou-se e correu para dentro da mata.

— Ali — disse Diego emocionado. — Está bem ali.

— O quê?

— O *Theobroma cacao*, a árvore do chocolate, a planta da fortuna, usada pelas grandes civilizações olmecas e maias como dinheiro e alimento durante milhares de anos.

— O cervo nos levou a ela! Como poderia saber o que estávamos procurando? — perguntei.

Diego olhou para mim, um tanto confuso.

— Eu disse a ele o que estávamos procurando. O que acha que eu estava fazendo com ele no bebedouro?

— Sei lá o que você estava fazendo com ele no bebedouro. Como poderia saber?

— Acho que não poderia — disse Diego, um tanto desapontado. — Eu estava cantando para ele. Cantei uma canção huichol para o espírito dos cervos.

— Posso ouvir essa canção de novo? — perguntei, percebendo de repente que Diego a cantara tanto para mim quanto para Tamatz Kauyumari.

Diego cantou com uma voz aguda, trêmula e melódica, muito diferente da voz grave com que falava. Ao ouvi-la, lembrei-me de Marco, o oboísta na casa de Armand e Sonali.

Espírito dos cervos
Que conheces bem a floresta
Cada folha de capim
Cada cheia dos rios
Deixa-me ir contigo
Para descobrir o alimento que busco
Não destruirei teu lar
Nem jogarei pedras
Pois tu és eu e eu sou tu
Eu sou tu e tu és eu
Traz-me o alimento que busco

— Minha mãe compôs essa canção para o mesmo cervo que vimos hoje.

— Tem certeza de que é o mesmo?

— Eu lhe disse: conheço-o desde que eu era pequeno.

— É uma canção bonita — disse eu, dando-me conta de que Diego e eu não poderíamos ter tido uma criação mais diferente. O mais próximo que meus pais chegaram de uma canção de espírito era quando meu pai cantava a música dos comerciais da Budweiser nos jogos de futebol de segunda-feira.

— Eu não quis lhe dizer isso antes, mas seu totem esteve o dia todo nas proximidades. Por isso demoramos tanto a encontrar os cervos. Seu totem os afugentava.

— Qual é meu totem?

— Quer mesmo saber?

Coloquei as mãos em seu peito e o empurrei.

— Claro que quero saber. Quem não quer saber qual é seu totem? — disse eu, tentando me identificar com a maneira de ser de Diego.

Ele sorriu.

— Sei que isso tudo soa estranho para você.

Ele fitou meus olhos castanhos com seus olhos cinzentos, que contrastavam com seu cabelo preto e sua pele bronzeada. Eles eram mais brancos que cinzentos, como se fossem iluminados por trás por uma lâmpada fluorescente.

— *Panthera onca* — disse ele, pronunciando o c como ç em *onca*. — A pantera negra. Esse é seu totem.

Respirei fundo, lembrando o sonho da pantera negra que tive antes de deixar Nova York.

— Eu o vi na floresta, duas vezes. A primeira quando nos conhecemos, quando encontramos a gloxínia e a zâmia, e a boa-noite. E a segunda, hoje.

— Como sabe que ela é o *meu* totem? Li que há centenas delas nesta floresta.

— É verdade. Mas, pode acreditar, a pantera negra não pode ser vista por humanos, a não ser que queira. Quando ela se mostrou a mim, não consegui entender o motivo e fiquei com medo de que fôssemos morrer. Mas quando ela nos deixou em paz duas vezes, vi que devia ser o seu totem. A pantera negra é menor que o tigre e o leão, mas muito mais mortal. É um predador furtivo, um matador sorrateiro, silencioso como a noite mais escura e mais deserta. Somos presas simples, fáceis, não somos páreo para a *Panthera onca*, nem de perto, nem mesmo armados.

— Por que não me disse?

— Eu não queria que isso lhe subisse à cabeça. A pantera negra é um animal tão poderoso, que as pessoas, ao saberem que a têm como totem às vezes se sentem invencíveis. Quando isso acontece, nunca é bom. Elas acabam correndo riscos desnecessários e cometendo todo tipo de burrice.

— Não acho que conhecer meu totem vá fazer com que eu me sinta invencível.

— Pode acreditar: se algum dia você tiver a oportunidade de vê-lo, ele fará com que você se sinta mais poderosa que nunca. Quando souber, souber mesmo, que está ligada à *Panthera onca*, você nunca mais será a mesma.

Fiquei fascinada. A ideia de nunca mais ser a mesma me pareceu sedutora.

— O que mais sabe a respeito disso?

— Está vendo? Ouça só: você já se sente especial. Dá para perceber por sua voz.

— Vamos lá. O que sabe sobre a *Panthera onca*?

— Minha mãe me ensinou muitas coisas sobre as panteras, porque elas viviam na floresta em volta de nossa casa. Ela achava que quanto mais eu soubesse, mais seguro estaria. Em seu mundo, os pais se preocupam com traficantes de drogas nos pátios das escolas e com garotos malucos que atiram nas salas de aula. No meu, a preocupação é com as onças que roubam seus filhos no meio da noite. No fim, dá no mesmo: as crianças morrem.

— O que sabe?

— Sei que são excepcionalmente velozes, e não há como correr mais que elas na mata. Sei que escalam qualquer coisa e que nadam muito bem, o que é raro nos felinos. Mas os segredos esotéricos da pantera é o que há de mais fascinante.

— As partes mágicas?

— O aspecto mais incrível da pantera negra é seu silêncio absoluto. Por causa de sua cor negra, que é um defeito de nascença, na verdade, e de seu silêncio total, os xamãs huicholes dizem que a pantera negra conhece o segredo da invisibilidade. Se quiser matar alguém, ela mata e pronto. A vítima nunca a vê chegar. E como a pantera negra enterra seus mortos, os amigos jamais encontrarão a vítima. Ela desaparece sem deixar vestígios, e essa é a única pista que indica que a pessoa foi morta por esse animal. Se algum dia

— Você tiver a sorte de sentir a presença da *Panthera onca* sem ser morta, a primeira coisa que notará é o olhar fixo dela. Ela vê a pessoa por dentro e usa os olhos para curá-la num nível celular, profundo, se quiser.

— Você tem um manto negro lúcido e olhos brilhantes.

— Pode brincar, mas você está cercada de panteras. Elas estão em seus sonhos e na cara dos seus amigos.

Pensei no comercial da pantera que vendi para a Puma e no sonho profético com as tagetes de Sonali. Diego estava certo. Eu estava cercada de panteras negras.





Cacau

(Theobroma cacao)

O Theobroma cacao, que em grego significa “alimento dos deuses”, é uma planta que nunca nos deixa na mão. Em épocas boas e ruins, em situações de grande ansiedade e estresse excessivo, nos momentos difíceis dos relacionamentos, quando parece que a paixão acabou, quando não temos com quem conversar, ou quando ninguém quer nos ouvir, nem nos entender, nem acreditar em nós, o Theobroma cacao, também conhecido como chocolate, está sempre ali para nos deixar mais animados.

Diego e eu passamos as horas seguintes extraindo as amêndoas do cacau, o *Theobroma cacao*. Ele subiu na árvore, que tinha uns cinco metros de altura e era bastante fina, e sacudiu-a, até que os frutos maduros caíssem. Era uma das árvores mais estranhas que eu já vira — alta e fina, com enormes frutos coloridos pendentes dos galhos principais. Parecia uma comprida vara marrom com bolas de futebol americano laranja, amarelas, vermelhas, verdes, rosa e roxas grudadas. Achei difícil relacionar a árvore e seus frutos esquisitos

com as barras Crunch, da Nestlé, e o sorvete de caramelo em um dia quente de verão.

Colhemos nove frutos de cacau para Armand e os levamos em redes que colocamos nas costas. Largamos os rachados no chão, para os bugios e os macacos-aranhas, que foram civilizados o bastante para nos deixar terminar o serviço antes de se engalfinharem aos gritos pelas sobras.

— O processo de fabricação de chocolate a partir das sementes do cacau foi introduzido pelo povo olmeca — disse Diego. — Alguns cientistas acham que o cacau nem é uma planta natural, mas que foi criada pela engenharia genética dos próprios olmecas. Eles comiam chocolate, mas também usavam as sementes de cacau como dinheiro, o que transformou o *Theobroma cacao* na planta da fortuna.

Ele parou e tirou um fruto da rede.

Abaixou-se e bateu-o numa pedra enterrada no chão.

— Nunca abra o fruto com facão. Isso estraga as sementes, e o chocolate perde o sabor. Mas, se quiser chupar a polpa das sementes pelo sabor doce e ligeiramente ácido e não quiser usá-las para preparar chocolate, então, pode abrir de qualquer jeito.

Diego me ofereceu um punhado de sementes recobertas com a polpa branca, que extraiu do fruto aberto com a mão.

— Não, obrigada.

Ele pôs as sementes na boca, chupou a polpa esbranquiçada e cuspiu o caroço.

— É gostoso — disse, sorrindo. — Parece uma limonada muito encorpada. O fruto mantém a polpa fresca. Tem certeza de que não quer provar?

O fato de serem frescas definitivamente tornava aquelas sementes mais atraentes.

— Tudo bem. Só um pouquinho.

Diego entornou as sementes do fruto direto na boca. Depois, encostou a boca entreaberta e macia na minha e deixou algumas das sementes deslizarem para minha língua.

— É gostoso? — perguntou.

— Parece limonada muito encorpada — sussurrei.

Beijar na floresta tinha um quê de inexplicável, um algo mais.

— Faz a gente se sentir mais vivo — disse Diego, lendo meus pensamentos. — É porque tudo em volta, tudo o que a gente pisa, tudo o que está acima ou abaixo ou dos lados da gente está vivo. Até o que não se vê.

Ele tinha razão. Beijar em meio àquela vida e cercada por aqueles ruídos e cheiros não era igual a beijar em um quarto, nem em um bar, onde não há nada vivo nem respirando. Beijar na floresta dava a sensação de ser algo completamente natural e improvisado, assim como comer ou dormir.

— Agora você sabe como matar a sede se alguma vez estiver por aqui sem água.

— Sei.

E nunca esquecerei, pensei.



Em casa, Armand extraiu as sementes e as colocou em cima da mesa. Girou na mão um fruto por abrir, e comecei a ficar tonta. Olhei em volta à procura de Diego para ver se ele sentia a mesma coisa, mas ele tinha ido embora.

— Não procure Diego. Ele está descansando.

— Sei que um envolvimento entre mim e Diego não lhe parece uma boa ideia, mas ele gosta mesmo de mim, você sabe.

— Só porque ele lhe contou a história da *Panthera onca*? E talvez a tenha beijado lá naquele cenário sensual, a selva?

Armand riu, enquanto continuava a limpar as sementes de cacau.

— Ele está tratando você como mulher. Está flertando com você, só isso. Não significa que a ame. Sabe que prestará mais atenção nele se flertar com você. No meu caso, eu a deixo tonta para chamar sua atenção.

— Então você faz isso de propósito mesmo!

Armand girou o fruto do cacau na ponta do dedo, como uma bola de basquete.

— Esqueça essa bobagem toda. Vou lhe dizer como se faz chocolate! Anote aí. E você pode experimentar isso em casa. Se voltar algum dia.

Como fazer chocolate com o Theobroma cacao

Abra três ou quatro frutos maduros e retire as amêndoas com a polpa.

Coloque-as numa caixa de fermentação especialmente preparada, ou em qualquer caixa de madeira que encontre, e cubra-as com folhas de bananeira, ou folhas de uma planta da família da bananeira. São fáceis de achar e de conseguir em qualquer lugar.

Deixe as amêndoas fermentar dentro da caixa por sete dias.

Espalhe-as em superfícies de madeira ou cimento — uma tábua de carne ou uma mesa de piquenique servem — e deixe-as secando ao sol. Vire-as de vez em quando, separando-as com os dedos ou com um garfo.

A polpa acaba secando com a fermentação, e as amêndoas perdem todo ou praticamente todo o resíduo da película que as recobria.

Torrefação

O processo de torrefação exige um pouco de experiência, dependendo da quantidade de sementes que você irá torrar. Para o equivalente a um tabuleiro médio, asse por sessenta minutos a duzentos e cinquenta graus.

Quando terminar de assar, retire a película que envolve as sementes com a mão. Algumas pessoas usam um rolo de pastel para soltá-la, mas esse método esmaga muitas sementes. Prepare-se: você pode levar até duas horas para limpar duzentos e cinquenta gramas de sementes assadas. O que fica após a limpeza são os grãos de cacau, que é o chocolate escuro, não processado, não adoçado.

A seguir, triture os grãos num processador. Isso pode levar uns dez minutos. Pode sair um pouco de fumaça; portanto, certifique-se de que a fumaça é do cacau, não do processador. Use seu olfato para conferir. Você sentirá um aroma maravilhoso de chocolate, ou o cheiro não tão maravilhoso de metal ou plástico queimado.

Daí em diante, vale tudo. Você terá de experimentar as quantidades de leite e de açúcar, mas eis aí uma base: acrescente duas colheres de sopa de manteiga de cacau derretida, 85 gramas de leite em pó, de 140 a 170 gramas de açúcar e frutas secas e especiarias a gosto. Leve novamente ao processador para misturar — dois ou três minutos no máximo.

*Conchamento*⁷

Despeje a mistura num copo e bata com um *mixer* elétrico durante uma ou duas horas. É fácil se você tiver um *mixer* que permaneça ligado sozinho sem que precise ficar por perto acompanhando. Caso seja necessário vigiar, pode bater por turnos de uma hora intercalados com uma hora de descanso.

Despeje a mistura numa forma de metal, deixe-a esfriar de um dia para o outro — fora da geladeira — e obterá uma barra de chocolate bastante imperfeita e granulosa. A partir daí, só é necessário muita prática. Boa sorte!

Você vai precisar.



⁷ Processo que consiste em trabalhar o chocolate para torná-lo homogêneo e untuoso. (*N. do T.*).



Chicória

(Cichorium intybus)

Os egípcios antigos consideravam a chicória uma planta mágica capaz de remover todos os obstáculos, bem como de abrir tranças, caixas e portas. Eles untavam o corpo com sumo da raiz da chicória, com o objetivo de se tornarem invisíveis e ganharem favores especiais de pessoas importantes. Acreditavam que a magia da chicória seria muito mais forte se a planta fosse cortada com uma faca de ouro maciço, num silêncio total, à meia-noite. E se nada disso funcionasse, eles trituravam e torravam a raiz e a misturavam a gosto com seu café favorito. Uma planta realmente muito versátil.

— Lembre-me do que temos até agora — disse Armand.

— Temos quatro das nove plantas: gloxínia, a planta do amor à primeira vista; zâmia, a planta da imortalidade; boa-noite, a planta da fertilidade e da procriação, e *Theobroma cacao*, a árvore do chocolate e da fortuna.

— Ótimo! Agora, que tal nós dois irmos ao mercado comprar as plantas número cinco e seis. Você está há algum tempo fora da cidade; aposto que gostaria de fazer umas comprinhas.

— Você está dizendo que podemos comprar as plantas? Numa loja?

— O mercado em Xcaret vende uma ou duas. Vamos ver se ela as vende para nós.

— Quem?

— A moça do caixa, claro.

— Vamos a pé? Para dizer a verdade, estou um pouco cansada de andar.

— Ah, não. Eu também não sou um grande andarilho, e Xcaret é muito longe. Tenho uma moto lá nos fundos.

— Você tem uma moto lá nos fundos, e eu fui a pé para a floresta e voltei umas novecentas vezes?

— Você espantaria os cervos. Não teria a menor chance de conseguir o *Theobroma cacao* de moto.

Segui Armand e vi que, de fato, havia uma velha moto verde-oliva encostada na casa. Eu já a tinha visto, mas não liguei, porque parecia um ferro-velho enferrujado.

— Monte aí — disse Armand, sentando-se no banco. — A moto não é tão velha quanto parece. Eu apenas a deixei com essa cara para evitar que fosse roubada. Um toque de tinta verde-antigo aqui e ali e uma polida com lã de aço. A ferrugem é provocada pelo clima da região.

Por causa do tamanho, Armand ocupava quase a moto inteira, deixando só um pedacinho da garupa para mim.

— Vá em frente, segure em meus ombros. Não tenha medo de se encostar em mim. É gostoso!

Tive de segurar nos ombros dele para não cair da moto.

— Eu sou bem gostoso, não? — perguntou ele.

— Mais ou menos.

Fomos aos solavancos pelo trecho de capim diante da casa, sem dúvida esmagando alguns escorpiões no caminho.

— Eu estava pensando hoje de manhã que já faz vinte anos que Sonali e eu compramos a Casablanca. Fizemos isso para ficar mais perto de nossas amigas — gritou ele para se fazer ouvir com o barulho do motor.

— As plantas?

— Sim. Sonali adora isso aqui. Talvez ela morasse aqui o ano inteiro, não fosse pelas orquídeas dela. Como elas adoram Nova York, ela não vem aqui

tanto quanto gostaria.

— Como sabe que elas adoram Nova York?

— A gente as traz para cá e elas morrem. Nós as deixamos em Nova York, e elas se desenvolvem.

— Não deviam se desenvolver melhor aqui? Nos trópicos?

— Deviam, mas não é isso o que acontece. Elas têm afinidade com nossa casa. Não que a gente não tenha tentado, e, pode acreditar, não é fácil passar com aquelas plantas pela alfândega para cá e para lá. Para começar, é ilegal, e além de tudo, com os preços das orquídeas hoje, isso passou a ser um pouco como contrabandear diamantes. É estressante para Sonali.

— Ela não pode encontrar aqui orquídeas de que goste e recomeçar?

— Trocar uma orquídea por outra, assim, sem mais nem menos?

— Bem, é.

— Sonali cuida daquelas orquídeas há vinte anos. De algumas delas, há mais tempo ainda. Eu lhe digo: a relação que ela tem com aquelas plantas é mais forte que a que tem comigo.

— Duvido.

— É verdade. As plantas dão a ela coisas que eu não posso dar. Muita beleza, cores fantásticas, perfumes inusitados e estabilidade, porque não se mandam para o México com estranhos. As raras dão a ela fama e dinheiro. Já surgiram amizades em torno de um interesse comum pelas plantas. A música entrou na vida dela na forma de Marco, o tocador de oboé. Até a Laundromat foi comprada com o dinheiro de mudas de orquídeas.

Qualquer menção à Laundromat sempre me deixava um pouco tensa.

— Eu não sabia disso.

— Você pode entender quão importantes são as plantas para a vida dela. E para a minha. Às vezes, tenho a sensação de que fui morar com Sonali e a família dela, mas tudo bem, porque ela nunca fez com que eu me sentisse menos importante que as plantas, embora eu saiba que sou.

— E a planta sem nome da paixão? Ela já a procurou alguma vez aqui no México?

— Ela passou anos e anos à procura dessa planta, antes das orquídeas. Antes de mim.

— Ela nunca achou, não foi?

— Nem nunca viu nenhuma.

Armand parecia triste.

— Ela morou um ano no México. Trabalhou com xamãs de plantas, curandeiros, caçadores e traficantes. Procurou por toda parte. Estava absolutamente convicta de que a planta da paixão ainda existia. Ninguém poderia lhe dizer o contrário.

— Ninguém com quem ela falou já tinha visto pelo menos umazinha?

— Não. Eu mesmo visitei xamãs nas montanhas de Nayarit, as mesmas onde Diego nasceu. Pedi a eles que chamassem a planta. Que descobrissem o nome dela. Pensei que se descobrisse o nome, eu poderia encontrá-la, mas estava errado.

— Talvez não fosse o momento certo, ou o local certo.

— Não, é muito mais simples. A planta não tem nome. Só tem paixão pela vida. E sei que seria preciso paixão para encontrá-la. Como Sonali estava muito triste e cabisbaixa, comecei a procurar para ela. Mas não tive sorte.

Armand parou de falar, e fiquei um bom tempo sem lhe dizer nada. Era claro que a planta da paixão era para ele o que a lavanderia era para mim: um assunto delicado.

— Por que vocês não tiveram filhos, Armand?

— Há muito tempo Sonali e eu decidimos pôr nossa energia em muitas pessoas, não em apenas uma ou duas. E nas orquídeas, claro. E depois teve a procura pela planta sem nome da paixão.

— E as pessoas na lavanderia?

— Sim, e Diego, e agora você.

Já estávamos quase em Xcaret quando, do nada, ou de nenhum lugar que eu visse, três enormes cachorros pretos começaram a correr em nossa direção. Eles rosnavam e perseguiram a moto, destroçando minha melancolia por causa da planta da paixão e transformando-a em terror. Estava sem capacete e virei a cabeça para ver os bichos. Eles corriam tanto quanto a moto e arreganhavam os dentes amarelos com água na boca.

— Ande. Mais depressa — gritei, agarrando os ombros de Armand e sacudindo-os, já sem dar a mínima por estar encostada nele.

— Não se preocupe — gritou ele para trás. — Daqui a pouco todos eles vão estar mortos.

Armand acelerou a moto, e o cascalho da estrada entrou no cabelo e me arranhou o rosto.



O mercado era um lugar inusitado que definitivamente era digno dos cães de dentes amarelos e da chuva de cascalho.

Era de madeira — não de cimento, como os outros prédios em Yucatán — e pintado de azul-celeste. Erguia-se solitário na beira de uma estrada de terra, sem nenhuma cidade por perto, e estava quase caindo. Faltavam três grandes pedaços de madeira do lado esquerdo. Na verdade, o buraco era tão grande, que, da estrada, eu conseguia ver as prateleiras do mercado sem precisar entrar pela porta.

— Isso poupa muito tempo mesmo, hein? — disse Armand, em pé a meu lado, espiando pelo buraco.

Lá dentro, havia uma velha caixa registradora em cima de uma mesa de jogo, cinco corredores de prateleiras e algumas geladeiras nos fundos. Não havia nada de verdadeiramente inusitado na disposição do mercado. O conteúdo das prateleiras e das geladeiras é que era incrível.

Para começar, os enlatados eram velhos. E digo velhos no sentido de estarem cobertos por uma camada de vários centímetros de pó. Armand disse que as pessoas na aldeia não comiam alimentos enlatados com frequência, porque eram caros e não tão bons quanto os frescos. Eu entendia isso, mas, mesmo assim, seria difícil espanar as latas de vez em quando, ainda que só pela aparência?

Vi logo os cereais. Caixas de papelão amareladas de Sucrilhos Kellogg's com o antigo logotipo do galo vermelho na frente. Trabalho com publicidade, ou, pelo menos, trabalhava; portanto, eu sabia que esse era um logotipo clássico dos anos 1970. Isso significava que os cereais na prateleira eram mais velhos que eu. Tinham 36 anos, para ser exata. Pus as mãos nos bolsos para ver se tinha dinheiro. Eu estava tentada a comprar todas as caixas, para revendê-las na seção *vintage* do eBay.

A seção de congelados era ainda mais bizarra. Bem ali, entre garrafas de leite e tubos de massa semipronta, havia embalagens de hormônios seladas a vácuo. Ampolas de testosterona, estrogênio e progesterona encontravam-se atrás de uma foto antiga e desbotada em preto e branco de um travesti colada na porta da geladeira. A foto havia sido tirada no *Meatpacking District* de Manhattan antes que o Patis, o Hotel Maritime e os europeus tivessem substituído o Florent e o comércio sexual. Artigos que nos Estados Unidos exigiam dolorosos exames de sangue, receitas e seguros caros que ninguém tinha eram praticamente de graça naquele mercado em ruínas em meio ao nada, e com um rombo na lateral.

Continuei meu passeio no que agora eu considerava o mercado mais maravilhoso do mundo e encontrei pequenas joias em cada curva.

Havia caixas de Retin-A ao lado da pasta de dentes Crest. E ampolas de Botox — que na verdade é um pó, não um líquido — perto do condicionador Pantene. Eu não imaginava que gente que não possuía eletricidade e pendurava cartazes de alerta sobre o cólera em frente às suas casas se preocupasse tanto com rugas. Mas eu estava errada. Aparentemente, beleza é um grande negócio, até para mulheres que precisam matar os frangos que vão preparar para o jantar.

O Botox estava sendo oferecido a dez dólares, em vez dos setecentos e cinquenta que minhas amigas em Nova York pagavam regularmente a um dermatologista/amigo/cara na sala dos fundos da academia Equinox.

Calculei que, por setecentos e cinquenta dólares, eu poderia ir de avião para o México, comprar Botox, ficar com uma cara maravilhosa e tirar férias na praia ao mesmo tempo. Que país! Que mercado! Dei uma risada. Eu estava vendida! O mercado ressuscitara meu senso de humor. Entre os espíritos de cervos, as panteras negras e as boas-noites, convenci-me de que estava perdendo energia e me tornando uma covarde espiritual. Mas não. Por baixo das plantas, das cobras e dos xamãs, eu continuava a mesma. Bastou uma ida ao *el mercado* para recuperar meu cinismo urbano.

Olhei em volta à procura de Armand, mas não o vi.

— *El hombre está en el sótano* — disse a mulher atrás da caixa registradora.

Ela era baixa e morena, com duas tranças negras que iam até a cintura. Tinha o rosto muito enrugado, o que era estranho, porque seu cabelo era

grosso e sem um fio branco sequer. Ela devia ser a pessoa do caixa, pensei.

A mulher me olhava pacientemente enquanto eu a examinava. Quando se deu por satisfeita por eu ter me dado por satisfeita, repetiu:

— *El hombre está en el sótano.*

Fez um movimento rápido com a mão, como se afastasse uma mosca. Imittei o gesto com a mesma atitude.



O lance de escadas que levava ao porão era longo, íngreme e muito escuro. Desde pequena eu tinha ojeriza a porões, mas tratei de não pensar nisso e comecei a descer. Havia no mínimo trinta barras de madeira sem nenhuma inclinação, que faziam as vezes de degraus. Desci de costas, voltada para os degraus, como se descesse uma escada de mão. O cheiro de plantas e terra ficava mais forte a cada passo, e tive a sensação de estar caindo no centro da terra.

— *¿La luz?* — Gritei para a mulher.

— *Lo siento, señorita. No hay luz. Las plantas están en el sótano. No es buena para las plantas.*

Droga, pensei comigo mesma, descendo devagarzinho, na escuridão total. E o que é bom para mim?

Havia muitas luzes no pé da escada, mas não do tipo que normalmente iluminam uma sala. Em vez dessas, havia lâmpadas roxas, para plantas, por toda parte, pairando sobre mesas de madeira retangulares repletas de plantas.

A sala era um espaço comprido e estreito. Tinha no mínimo cinco vezes o tamanho de meu apartamento, com mais ou menos novecentos metros quadrados. As lâmpadas fluorescentes faziam o espaço parecer um gigantesco cartaz fosforescente dos anos 1960, daqueles que tinham figuras de tigres e caveiras que brilhavam no escuro contra um fundo de veludo roxo.

À medida que minha vista se adaptava, eu percebia que ali havia milhares de plantas saudáveis, viçosas e muito verdes. O ar era fresco, doce e cheio de oxigênio. Não havia flores à vista, e talvez nunca houvesse. Eu não sabia. Eu não sabia dizer para quais plantas olhava. Talvez o porão fosse uma espécie de

plantação de maconha hidropônica. Não senti nenhum cheiro de diamba, mas quem sabe as mesmas pessoas que vendiam os hormônios lá em cima tivessem inventado uma erva sem cheiro. Um bagulho que pudesse ser fumado em público sem chamar a atenção. Seria uma ideia e tanto, pensei. Uma verdadeira fábrica de dinheiro. Seria uma virada em minha carreira. Uma virada na vida, na verdade.



— *Atropa mandragora solanaceae*.

Assustei-me ao ouvir uma voz de homem vinda do outro lado do porão.

— Armand?

— A mandrágora — disse o homem, cuja voz era muito mais aguda que a de Armand — é a planta da magia. A grande portadora do mistério.

Esforcei-me para enxergar. Mal consegui divisar um vulto do outro lado do porão. Tinha a cabeça abaixada sobre um monte de folhas, o corpo muito pequeno para ser o de Armand. Constrangida por estar tão enfiada embaixo da terra com um estranho, recuei em direção à escada, de mansinho, tentando não fazer nenhum barulho.

O homem se levantou e deu meia-volta assim que cheguei à escada. A palidez e o aspecto doentio de sua pele ficavam grotescos sob as luzes roxas que estimulavam o crescimento das plantas.

— Oi, Lila — disse ele.

Gelei. Senti-me enjoada. Como um homem no porão de um mercado no México sabia meu nome? Apavorei-me e forcei a vista, mas eu estava muito longe para reconhecê-lo. Ouvi um baque surdo e um estalo no alto da escada. Alguém havia fechado e trancado a porta do porão. Eu sabia que tinha sido a moça do caixa.

O homem veio em minha direção. Seu cabelo louro brilhava embaixo daquelas luzes. Respirei fundo. Era David Exley.

— Sabia que as mandrágoras mais fortes crescem embaixo de forcas? Ou em locais onde alguém se enforcou?

Fiquei calada. Precisava de tempo para pensar.

— A ruptura dos nervos espinhais provoca uma ereção no enforcado. Uma imagem linda, não? Ao ser ejaculado do cadáver, o esperma se entranha no chão, e é aí que a mandrágora se desenvolve. As plantas criadas com sêmen são potentes alucinógenos e afrodisíacos com uma força extraordinária.

— O que está fazendo aqui? — sussurrei, agarrando-me às mesas de madeira que havia de cada lado.

— O Rei Salomão; Alexandre, o Grande; e Joana d’Arc não saíam de casa sem ter um pedaço da mandrágora encostado a alguma parte do corpo. Shakespeare escreveu sobre ela em *Romeu e Julieta*. E Homero, na *Odisseia*. Longfellow, um dos meus poetas preferidos, captou lindamente a essência da mandrágora quando escreveu: “Ensina-me onde cresce aquela maravilhosa mandrágora / Cujas raízes mágicas, arrancadas com gemidos da terra, / À meia-noite pode espantar os demônios, / E estimular a mente em suas fantasias.”

Eu nunca imaginara tornar a ver Exley, e, mesmo se tivesse imaginado, minha fantasia não incluiria um porão escuro e uma citação de Longfellow.

— O que está fazendo aqui? — tornei a perguntar, tentando manter a voz tão firme quanto a situação permitia.

— Estou lhe contando sobre a mandrágora. Ela é uma das nove, sabe? A planta do mistério e da magia.

— Mas por que está aqui? — perguntei pela terceira vez, o cérebro parecendo um carro atolado cujas rodas giravam, tentando sair do lugar.

Exley tentou me tocar. Recuei, afastando-me dele, mas também da escada.

— Estou aqui pela mesma razão que você, Lila. As plantas.

— Você já tem as plantas. Lembra? *Você as roubou da lavanderia*.

— “Roubou” é uma palavra muito dura. Eu não teria pegado as plantas se elas não quisessem vir comigo.

— Se tem as plantas, por que está aqui? Você me seguiu?

— Está com medo de que eu vá roubar as novas plantas que você arranjou? Talvez destruir a casa dele dessa vez?

— Você quer prejudicar Armand? — perguntei num grito estranho sussurrado.

— Estou aqui porque duas das nove plantas da lavanderia morreram em trânsito, por assim dizer. Estou aqui para substituí-las. Só isso.

— Quais foram?

— Sendo eu um concorrente, você sabe que não posso lhe contar isso. Afinal de contas, queremos a mesma coisa, e a oferta é muito limitada. Mas lhe direi que não as vejo neste porão.

— Eu não acredito.

— Continuo sendo eu, Lila, o homem que você conheceu na feirinha de produtos orgânicos, o que despertou seu interesse pelas plantas tropicais. O homem que você levou para a cama. O que escovou seu cabelo e seus seios com a escova de bebê.

Ele falava com uma meiguice falsa, como um homem no pátio de uma escola oferecendo balas a garotinhas. Tornou a tentar me tocar, e afastei sua mão.

— O que aconteceu em Nova York não teve nenhuma relação com você ou com seu amigo Armand. Eu só queria as nove plantas. Só isso.

— Você me usou para consegui-las. E prejudicou meu amigo. Considero isso algo bastante pessoal.

— Lila. Escute aqui. Quando a conheci, gostei de você antes que me mostrasse a muda da samambaia-de-fogo, antes que eu lhe oferecesse o dinheiro, e antes que me levasse à Laundromat. Mas, quando me contou que Armand tinha as plantas, fui obrigado a achar que você tinha entrado em minha vida para me mostrar onde elas estavam. Passei *a vida inteira* procurando essas plantas, e lá estava você, me dando acesso direto ao meu sonho. O que queria que eu fizesse? Tente por um instante se colocar em meu lugar.

— Procurei por você na feira da Union Square — disse eu. — Procurei por você em todo canto, em todas as barracas, atrás de todas as plantas. Falei com todos os vendedores. Quando cheguei à Laundromat e vi o que havia feito, tive a experiência mais degradante de minha vida.

— A vida é longa — disse ele, com um sorriso.

— Preciso perguntar: por que foi comigo lá para casa naquela noite? Eu já tinha levado você à Laundromat. Sabia como conseguir as plantas. Por que teve de voltar comigo?

— Pelo meu prazer. Sou homem. O que posso dizer?

— Que tal: “Sinto muito por ser mentiroso e ladrão?”

Exley riu.

— Eu não sinto muito. Já lhe disse: não foi uma questão pessoal. Foi uma pequena coisa que fiz, se comparada à conquista das plantas. E você gostou de nosso encontrozinho. Eu sei, porque eu estava lá.

Ele tentou tocar meu cabelo. Eu não conseguia entender meus sentimentos. Lembranças da feira de orgânicos e da ave-do-paraíso e de uma noite de sexo quente e desinibido chocavam-se com a imagem da vidraça quebrada na lavanderia. Eu sentia ao mesmo tempo atração e repulsa por ele. Como eu queria correr ao mesmo tempo para junto e para longe dele, fiquei parada, entre os dois extremos.

— Eu poderia mandar prendê-lo, sabia? Você acabou de confessar que arrombou a lavanderia.

— É mesmo? Você acha? Aqui é o oeste selvagem, querida. Tente fazer *la policía* dessas bandas me prender por uma coisa que aconteceu do outro lado da fronteira. Espero que seja rica, que tenha muito dinheiro para subornar os guardas.

Exley recuou. Seguiu por entre as longas fileiras de plantas, indo cada vez mais para o fundo do porão.

— *Adiós, amiga*. Foi bom conversar com você. Sinto muito ir embora tão depressa, mas tenho de voltar a procurar as plantas.

Gritei o nome de Armand, mas era tarde demais. Exley abriu uma porta que eu não vira. Pareceu arrancar o ferrolho com as mãos nuas. A claridade inundou o porão, e ouvi a moça do caixa gritar do alto da escada.

— *¡Ay, Dios mio, las plantas!* — gritou. — *¿Quien abrió esa puerta? ¡Te mataré!*

Atravessei o porão e fechei a porta correndo. Subi a escada, pulando dois ou três daqueles improvisados degraus de cada vez. Quando voltei ofegante para o mercado, a moça do caixa estava parada na porta com Armand.

— *¿Quien abrió la puerta ahí abajo?* — perguntou ela.

Olhei para Armand.

— Exley estava no porão.

Armand olhou para o lado e roeu uma das unhas.

— Ele tinha alguma planta com ele?

— Acho que não, mas levava uma camisa enrolada. Podia ter mudas lá dentro.

— Você o viu pegar alguma planta?

— Não. Ele me disse que as plantas que ele procurava não estavam lá embaixo.

Virei-me para a moça.

— Por que fechou a porta do porão?

— ¿Qué?

— *La puerta del sótano* — disse eu. Fui até lá fechá-la para lhe mostrar. — Por quê? — perguntei.

Ela pareceu entender.

— *Un accidente.*

Não acreditei nela.

— Por que elas estão lá embaixo? — perguntei a Armand. — Por que ela guarda aquelas plantas num porão escuro, quando faz sol o dia inteiro.

— São plantas especiais, cultivadas de acordo com as especificações exatas de determinados curandeiros e médicos da região. São extraordinariamente potentes e perigosíssimas nas mãos erradas. São também muito valiosas, tanto em termos medicinais quanto econômicos.

— Por que ela deixou Exley entrar no porão?

Armand virou-se para a moça do caixa e traduziu a pergunta.

— *Es cliente mio. Y um buon cliente, además. Lleva muchos años comprando plantas.*

— Ele roubou as nove plantas da lavanderia. Assaltou Armand — disse eu horrorizada com o fato de Exley ser cliente dela.

— ¿Qué?

Armand traduziu para mim.

— *Usted le dijo donde estaban las plantas. Usted le llevó a la lavanderia* — retrucou a moça.

— O que ela está dizendo? — Perguntei a Armand. — Não entendo espanhol.

— Ela diz que você contou a Exley onde estavam as plantas. Diz que você o levou à Laundromat.

Fiquei calada e Armand também.

— É verdade? — perguntou ele.

— Foi logo depois que o conheci — disse eu. — Eu não sabia quanto as plantas significavam para você.

— Eu lhe pedi que não contasse a ninguém sobre elas.

— Foi um erro.

— *¿Como quando cerré la puerta del sótano?* — perguntou a moça do caixa. Naquele momento, senti um imenso ódio pela mulher.

— Ainda não entendi como Exley arrancou o ferrolho tão depressa e com tanta facilidade.

— Ele é um homem que entende de passagens ocultas. Entende de aberturas e de espaços entre as coisas. Sabe como entrar e sair desses espaços sem se fazer notar. Entrar e sair de lugares e situações. Conhecendo-me como me conhece agora, você deve se dar conta de que não foi fácil assaltar minha Laundromat e levar as plantas. Ele teve de passar entre os níveis de minha consciência para fazer isso. Teve de ficar invisível para mim. Ele tem um grande talento, o dom da invisibilidade, mas é um talento que usa mal. Você também tem esse dom, concedido pela pantera negra, e também não sabe usá-lo. Você e Exley se parecem nesse aspecto.

— Ele perdeu duas das nove plantas que roubou de você, mas não quis dizer quais são. Ele está aqui para procurá-las.

— Vamos ter de aumentar ainda mais a vigilância sobre as plantas da Casablanca. Ele conviveu um tempinho com as nove plantas até as duas morrerem. Teve a experiência das nove completas, e *há de* querer repeti-la.

— Como sabe que as duas plantas morreram? Eu não disse isso.

— Eu senti. Na época, eu não soube ao certo o quê, ou quem, tinha morrido. Na verdade, cheguei a pensar que tivesse sido Sonali. Virei na cama e sacudi-a, até que ela acordou e ficou muito irritada. Agora, sei que eu estava certo: foram as duas plantas.

— Ele disse que as plantas o queriam. Disse que não poderia roubá-las, a menos que elas quisessem segui-lo.

— As plantas são estáticas. Portanto, são criaturas dependentes.

— Elas não poderiam fugir de Exley?

— Duas delas morreram, se suicidaram, provavelmente, para impedir que ele tivesse as nove.

— Quais foram as duas que você acha que morreram?

— Logo descobriremos. Mas agora vamos pegar o que nos trouxe aqui. Armand e eu descemos, com a moça atrás de nós.

Quando chegamos lá embaixo, ele se agachou, e, com agilidade, o tipo de agilidade com que nunca pude me acostumar direito numa pessoa tão grande, pegou uma coisa no chão. Abriu a mão, e ali estava uma flor miudinha cor de lavanda, com uma haste pequena.

— Ora, vejam só. Olhe o que temos aqui. O Sr. Exley nos deixou um presente. *Cichorium intybus*. A chicória. A planta da liberdade é uma das nove plantas. Ele a usou para sair do porão e depois nos deixou uma muda de cortesia. O seu Sr. Exley tem muito senso de humor.

— Ele não é o meu Sr. Exley.

— Não tem importância. Esta petalazinha nos diz como ele saiu daqui.

— Ele quebrou um ferrolho com uma pétala de flor?

— Em certo sentido, sim. A *Cichorium intybus* é uma planta perene aparentada com o dente-de-leão. É cultivada na Inglaterra e na Irlanda e também da Nova Escócia até a Flórida, e ainda até as planícies a oeste. Não é cultivada aqui, na América do Sul. Ele a trouxe com ele!

— Para quê?

— Por suas propriedades mágicas. A planta tem uma raiz primária comprida com um sumo amargo leitoso. Os antigos egípcios achavam que, esfregado no corpo, o sumo promovia a invisibilidade e a remoção de obstáculos. Os maias chamavam-na de a planta da liberdade, pela mesma razão.

— Ele não quebrou o ferrolho com o leite da chicória. Não posso me convencer disso, mesmo que você possa.

— Não estou dizendo que ele quebrou o ferrolho com a chicória. Estou dizendo que esta muda nos diz algo sobre Exley que pode ser útil no futuro.

— Tem razão. Isso nos diz que ele é um ilusionista e um louco.

— Escute aqui. A muda nos diz que ele conhece a magia das plantas e, o que é mais importante, que acredita nela. Isso nos diz que ele deve ser bastante experiente. Essa muda de chicória faz dele um adversário muito mais temível do que eu havia pensado inicialmente.

A moça do caixa veio, olhou a mão de Armand e bateu na testa.

— *¡Ah chicória! Así es como rompio mi cerradura.*

Armand piscou para mim.

— Não dê muita importância a ela. É supersticiosa.





Mandrágora

(Atropa mandragora)

Se estiver interessado numa planta que seja parecida com uma pessoa; tenha órgãos sexuais visíveis; seja um afrodisíaco de primeira; contenha alcaloides que alteram a consciência, como a hiosciamina; tenha propriedades antidepressivas e anti-insônia, então a Atropa Mandragora é a planta ideal para você. Mas, cuidado! Mais de uma pessoa morreu enquanto tentava arrancá-la do chão.

— Dê uma olhada nisso — disse Armand, abaixando-se diante de uma haste grande. — É um exemplar perfeito de *Atropa mandragora*.

Abaixei-me diante da planta com Armand, o topo de nossas cabeças se encostando.

— Quer saber uma coisa engraçada? — berrou ele.

— Mais ou menos — respondi, dando um passo atrás.

— São todas mandrágoras. Todas as plantas do porão.

Não sei por que, mas isso me deixou morta de medo.

— Como assim?

— É que esta sala é como um templo de culto, um santuário da *Atropa mandragora*, a planta da magia.

— Por que alguém faria uma coisa dessas? — Virei-me para a moça do caixa. — Por que está cultivando todas essas mandrágoras?

— ¿Qué?

Falei num tom de voz muito mais alto.

— Eu perguntei: por que está cultivando todas essas mandrágoras?

— Calma — disse Armand. — Ela não entende você.

— Quando quer, entende.

— Tem gente que chama essa planta de “vela do diabo”, porque brilha a noite inteira.

— Ela é o diabo?

A moça do caixa pareceu irritada.

— Cultivamos a mandrágora à noite porque é mais seguro — disse Armand. — É para proteger quem não entende a planta e tenta arrancá-la da terra sem tomar as devidas precauções. As pessoas que fazem isso adoecem logo, e algumas até morrem. Nós cultivamos a mandrágora dessa forma para não prejudicar quem não é do nosso meio.

— Você sabe muita coisa, não? Muita coisa que não está me contando.

— Só percebeu isso agora? Claro que sei. E a moça do caixa também. Entendemos um pouquinho de plantas. Não é nada que deva temer.

Era a primeira vez que Armand me dizia para não temê-lo, e isso me deixou muito assustada.

— Ah!, vamos, não se deixe levar pela imaginação. Não sou mau. Acredito que a mandrágora vá ajudá-la aqui em Yucatán. Acho que seria muitíssimo sábio fazer amizade com uma ou duas enquanto está aqui embaixo.

A moça do caixa concordou com um gesto de cabeça.

— Por que ela entende o seu inglês e não entende o meu?

— Ela me conhece.

Olhei para a moça. Ela balançou a cabeça, concordando com Armand.

— Ela não gosta de mim — disse eu. — Eu sinto.

— Ela não confia em você. Há uma diferença. Acha que você levou Exley à lavanderia porque estava com a atividade hormonal exacerbada, que você é

regida por sua sexualidade. Na cabeça dela, isso a torna perigosa e imprevisível.

— Você confia em mim?

— Confio porque preciso.

Olhei para os milhares de plantas ali em volta.

— Tudo bem — disse eu, cedendo. — Conte-me sobre a *Atropa mandragora*.

— A mandrágora pertence à família da batata. Tem folhas grandes e escuras e flores brancas ou arroxeadas, que se transformam em perfumadas bagas amarelas do tamanho de uma maçã. É uma planta comestível, o que é bom saber no caso de você estar perdida na selva sem comida. Embora o fruto da mandrágora seja atraente e delicioso, a parte subterrânea da planta é onde toda a sua atividade acontece. É a parte que fascina os humanos desde os tempos bíblicos.

— As raízes?

— Sim, Lila, você e eu estamos de novo às voltas com raízes. Lembra-se de quando nos conhecemos e eu lhe pedi que tentasse fazer minha muda de samambaia-de-fogo criar raízes?

— Como eu poderia esquecer?

— Em certo sentido, foi um teste. Não para ver se você poderia cultivar a samambaia, mas para ver se tinha afinidade com raízes. Uns têm afinidade com flores, e outros, com raízes. Se você não tivesse conseguido cultivar a samambaia, não estaríamos aqui agora. Quem tem afinidade com raízes é atraído pelo lado mais obscuro das coisas, os aspectos subterrâneos ou ocultos. E, como você, essas pessoas muitas vezes são ajudadas e guiadas pela pantera negra, que governa a noite, a lua e o mundo invisível.

Lá vamos nós de novo, pensei.

— Também sou uma pessoa de raízes; portanto, fazemos uma ótima dupla. Nós nos entendemos. Esperei muito tempo para que outra pessoa de raízes entrasse em minha vida.

— Você me esperou? Por quê?

— Tenho minhas razões.

Não gostei que Armand tivesse esperado por mim.

— Nós nos conhecemos por acaso — disse eu.

— Tem gente que usa esse termo.

— Se você me esperou tanto tempo, então teve de garantir que eu ficasse com você. Teve de me manter por perto.

— Quanta paranoia! Tudo o que fiz foi atraí-la com coisas que achei que curtiria. Só isso. O restante foi com você.

— Você tem Sonali. Por que precisa de mim?

— Sonali é uma pessoa de flores, não de raízes. O raciocínio dela é diferente do seu ou do meu. Geralmente ela é mais feliz e desconfia menos dos outros.

— Mas eu amo Sonali — disse eu, admirada com minha paixão pela mulher de Armand.

— Você e mais um monte de gente. Todo o mundo ama Sonali. É isso. Eu preciso de você porque é mais resistente. — Armand prosseguiu: — A mandrágora tem um lugar extraordinário na história das plantas. É uma planta medicinal. Uma erva. Mágica. E folclórica. Essa planta tem tantas utilidades, que eu a considero a mais importante das nove.

— Você sempre tem preferidos.

— A mandrágora é *medicinal* porque a raiz contém um alcaloide do grupo da atropina. É um narcótico e um analgésico de grande eficácia, e, em doses maiores, um anestésico extraordinário. É *mágica* por causa da forma estranha da raiz, que parece uma pessoa: às vezes homem, às vezes mulher. Essa raiz exerce um poder sobrenatural sobre o corpo e a mente dos humanos. É afrodisíaca e um potente alucinógeno. Pense nisso. Essas duas coisas juntas podem criar o sexo mais alucinante que você algum dia possa vir a ter. E bebês, também. No livro do Gênesis, a estéril Raquel come a raiz e engravida de José. A planta produz experiências extrassensoriais em algumas pessoas suscetíveis e exacerba enormemente o impulso sexual em quase todos os homens.

— Gostei de saber disso.

— Muita gente gosta. As pessoas adoram fazer experiências com a mandrágora. O problema é que ela, na dose errada, é venenosa, e, com muita frequência, as pessoas acabam doentes ou coisa pior. Elas esquecem que a mandrágora é da família das solanáceas, semelhante à beladona.

— Acho que não esquecem. Acho que nunca souberam. Ninguém sabe disso, a não ser você, Armand.

— E agora você.

— A raiz pode ser usada como boneco vodu? Por parecer gente?

— Rá! Excelente pergunta. Não sei, nem nunca ouvi dizer que tenha sido usada dessa maneira, mas um dia precisamos tentar! Ouviu isso? — perguntou ele à moça do caixa.

Ela tapou a boca com a mão e olhou para mim como se eu fosse a filha do diabo.

— Vamos para casa, antes que fique muito tarde — disse eu a Armand. — Não quero voltar no escuro.

Armand riu.

— Não seja boba, ninguém vai voltar no escuro. As estradas são terríveis. E aqueles cachorros que encontramos têm muito mais fome e são mais perversos à noite. Vamos ficar aqui. A moça do caixa nos ofereceu generosamente a casa para passarmos a noite.

Achei sinceramente que Armand tivesse perdido a cabeça.

— Ela vai ficar aqui conosco?

— Claro. É a casa dela. E você deve lhe agradecer o convite.

— Não acho boa ideia ficar com ela.

— Agradeça a ela! — gritou ele para mim.

— *Gracias* — disse eu à moça do caixa, com um ódio inusitado na voz.

— *De nada* — disse ela num tom neutro.





Sinsemilla

(Cannabis sativa)

A erva lhe ensina a se encontrar... Quando você se encontra, você encontra... Majestade.

ROBERT NESTA MARLEY

Deixamos a masmorra da mandrágora pela mesma porta que Exley usara para fugir. O ferrolho estava no chão, partido ao meio, como se tivesse sido fulminado por um raio. A moça do caixa me olhou como se eu fosse a culpada daquilo.

— Quem vendia plantas para ele era você — eu disse a ela. — Portanto, não me olhe assim.

— Ela não entende você — disse Armand.

— Odeio essa mulher.

— *¡Como se atreve!* — disse a moça do caixa.

— Ah. Agora ela entende?

Fomos para a casa dela, que era em frente ao mercado.

— É ali — disse Armand.

— Vejo girassóis. Nada de casa, só girassóis. Não entendo.

— *Los girasoles mantienen el sol fuera y dejan la casa fresca.*

— Ela diz que os girassóis protegem a casa do sol e a mantêm fresca.

— Sim, claro que fazem isso. Mas onde está a casa?

— Está ali — disse Armand, apontando para um paredão inexpugnável de girassóis amarelos altos, com enormes miolos pretos aveludados.

Atravessei a rua e já ia separar as plantas, mas Armand pulou na minha frente. Afastou as plantas e recuou, como se abrisse uma porta.

— Deixe-me apresentá-la — disse ele — à maravilhosa horta da moça do caixa. A horta das *sinsemillas* torturadas.

Espiei por entre os girassóis, da altura de pequenos arbustos.

— Não olhe! Feche os olhos e respire fundo.

Respirei.

— É maconha! — disse eu animada.

— É mais que maconha. É *sinsemilla*. A planta da sexualidade feminina. O resultado de um cultivo especial da *Cannabis sativa* feminina.

Passei pelos girassóis e entrei na horta. A casa da mulher ficava ao fundo. Ela seguia na minha frente, afagando as plantas no caminho, com um amor e uma reverência que nitidamente não tinha pelas mandrágoras no porão.

— Os pés fêmeas de maconha adoram ser acariciados e provocados — disse Armand. — De todas as plantas do mundo, são as que têm mais tesão.

— Tesão?

— É, tesão. Lembra-se dessa sensação, não? É o que você sente quando está perto de Diego, ou de Exley. Vai ver que até de mim, pelo que sei.

— Como pode dizer que uma *planta* tem *tesão*?

— Sou eu que deixo a planta com tesão, é assim que posso dizer.

— Como faz isso?

— Do mesmo jeito que deixo uma mulher com tesão. Provoco-a. Infelizmente, para criar *sinsemillas*, a provocação tem de chegar até o limite da dor. Mas é assim que a planta gosta. Os cânhamos fêmeas respondem maravilhosamente bem à dor.

Ele me pegou com essa frase. Definitivamente, eu estava curiosa.

— Para criar uma *sinsemilla*, você tem de maltratá-la. Tem de ser relapso. Nada de água. Nada de comida. Nada de conversinha meiga. Nada que seja gostoso. E você também não tem de se sentir mal por causa disso; ela *quer* ser maltratada. Quando ela realmente secar e estiver prestes a morrer, privada de tudo quanto traz vida, é aí que fica divertido. É hora de começar a tortura. É o momento de pegá-la e de dobrá-la ao meio. Não a quebre, mas dobre-a até quase a quebrar. É exatamente como asfixiar alguém. Exige prática, e você pode perder algumas no caminho. Com o tempo, passa a encontrar com facilidade o ponto de ruptura.

— Por que cargas-d'água você faria isso?

— Para lhe dar a sensação de que vai morrer, mas sem deixá-la sentir o prazer da morte. Para torturá-la.

— Isso é revoltante.

— É lindo. Quando acha que está quase morrendo, ela floresce. Dá flores grandes, suculentas, prontas para ser polinizadas. É mais ou menos um último suspiro da procriação. Uma última tentativa de transmitir seus genes.

Armand rolou um broto de resina entre os dedos e o passou para mim.

— Sente como é pegajoso? As flores das plantas fêmeas moribundas ficam cada vez maiores, na tentativa de atrair um polinizador. Ficam cada vez mais viscosas, esperando segurar qualquer grãozinho de pólen que possa chegar a elas. Soa familiar?

— Não.

— Ela está desesperada. Exatamente como você. Faz qualquer coisa para ser comida.

— Eu não faço qualquer coisa para ser comida.

— Você transou até com Exley.

Olhei de soslaio para ele.

— Quando a flor chega ao auge do tamanho e da viscosidade, é que se cria a *sinsemilla* mais potente. Ela é feita de uma planta fêmea, que está procurando entrar em contato com qualquer macho, *mesmo enquanto morre*. A *sinsemilla* é fruto do desejo sexual puro. Por isso é a planta da sexualidade feminina. Pessoalmente, gosto apenas de observá-la enquanto ela espera. Ela fica esperando um macho, na expectativa. E abre as folhas cada vez mais, o

broto da resina cresce e amadurece dia a dia. É incrível. E é quando ela está pronta para ser fumada.

Armand abriu as folhas de uma planta próxima e acariciou de leve o broto da resina entre os dedos. Sentei-me numa pedra que dava a impressão de ter sido colocada lá para aquela finalidade e fechei as pernas.

— Você nunca vai deixá-la fazer sexo?

— Nunca. Nunca vou deixá-la fazer sexo. — Armand riu. — A satisfação sexual destruiria a potência dela.

Tive vontade de espalhar pólen nos brotos de resina de todas aquelas pobres plantas. Eu correria nua em volta da horta e estragaria a safra. Iria satisfazer pessoalmente cada planta. Faria aquela porcaria de horta ter orgasmos até não mais poder.

— *Sinsemilla* significa “sem sementes”. É forte assim porque a energia da planta é usada para gerar resina, não filhos. Sem sementes as fêmeas são muito mais potentes que quando as têm. Lembre-se disso da próxima vez que quiser conseguir alguma coisa. Faça isso antes do sexo. Antes que algum macho venha ejacular sua semente dentro de você, satisfazendo-a e drenando todas as suas energias.

— Não sou um pé de maconha.

— Aprenda com quem você puder aprender.

Eu sentia a excitação no ar naquela horta. Aqueles gigantescos pés de maconha, preguiçosos, sensuais, balançando-se com languidez eram completamente irreprimíveis.

— Essas pobres fêmeas ansiosas para ser penetradas — disse Armand. — Pense só em toda essa energia. Toda essa energia sexual contida.

— O que fazem com ela?

— Fazem *sinsemilla*! Uma resina maravilhosa que proporciona prazer e visões criativas a milhões de pessoas. E também ameniza a dor para outras tantas. Você não transa há algum tempo. Como vai usar seu desejo sexual contido, Lila? Talvez possa criar uma coisa bonita algum dia. Uma coisa que proporcione prazer a muita gente, exatamente como a *sinsemilla*. Talvez descubra que tem um décimo do talento dessa ervazinha cheia de tesão que está aí em volta.

Virei-me para a moça do caixa, assombrada e com ódio da horta dela.

— Como se impede que a fêmea seja polinizada?

Dessa vez ela entendeu meu inglês — perfeitamente.

— *Matar los machos* — disse friamente.

— Ou castrando-os — disse Armand. — Mas é preciso muito cuidado. Se se destruir um macho a mil e seiscentos metros daqui, um grão de pólen poderia voltar com o vento e destruir a safra inteira.

— Como se diferencia as plantas machos das fêmeas?

— As plantas machos têm dois bagos, desculpe-me a expressão, crescendo no talo. Eles abrem para polinizar os pistilos das fêmeas. A única maneira de evitar isso é cortar os bagos das plantas machos.

Armand começou a afagar distraidamente um dos brotos de resina que estavam mais perto dele.

— O que acontece se a fêmea produzir sementes? Ainda pode ser fumada?

— Pode, mas morre logo depois. Sua vida útil terminou, geneticamente falando. Não polinizada, ela permanece por muito tempo num forte e sexual estado de florescência, capaz de produzir muita *sinsemilla*. Nesse sentido, uma planta não polinizada é mais *fêmea*.

— *¿Quería probar un poco?* — perguntou a moça.

— Ela quer saber se você gostaria de experimentar a *sinsemilla* dela.

Eu hesitava um pouco em ter uma fêmea torturada dentro de mim, mesmo sendo uma planta, mas a curiosidade não me deixava recusar.

Entramos na casa, que era realmente apenas um barraco pintado de um belo tom de azul-marinho. Lá dentro, tudo era verde e tecido com folhas de plantas.

O tampo de mesa era de palha de bambu, e o piso e as esteiras, que também faziam as vezes de camas, eram feitos aparentemente com folhas de palmeira costuradas com agulha e linha. Havia um belo labrador preto cochilando numa esteira verde.

— Quase toda a mobília é novinha, tecida todos os dias — disse Armand.

Fui acariciar o labrador.

— O nome dela é Mallorei — disse a moça num inglês incomodamente perfeito.

— Ela deu esse nome à cadela por causa da Mallorei do filme de Oliver Stone, *Assassinos por natureza* — disse Armand. — É seu filme preferido.

Saber que aquela moça conhecia os filmes de Oliver Stone me deixou muito perturbada. Sentei-me e observei-a arrancando uma glândula de resina de um pé de maconha e enrolando-a em dinheiro mexicano.

— Para dar sorte — disse Armand. — Ela combina o espírito do dinheiro com o espírito da planta para produzir uma safra bastante lucrativa.

— Então ela é traficante de drogas?

— Ela vende *sinsemilla*. Também é dona do mercado, das mandrágoras e de muitas outras plantas. Trabalha com plantas medicinais e só com quem sabe usá-las.

Recostei-me. A esteira de cânhamo e a parede atrás de mim eram surpreendentemente confortáveis.

— Cada centímetro da casa da moça do caixa é planejado para ser confortável. As paredes e os pisos são ergonomicamente corretos, perfeitamente adequados ao corpo humano. Pode acreditar, quando for hora de ir embora, você não vai querer partir. Ninguém nunca quer.

Fumamos a suave e maravilhosa *sinsemilla* fêmea da moça e entrei num barato gostoso encostada na parede anatomicamente perfeita.



— Levante-se — disse Armand. — Está na hora de arrancarmos umas raízes de mandrágora.

— Mas estou muito confortável aqui — disse eu, sem querer admitir que estava mesmo era com um tesão danado.

— É o desejo da *sinsemilla*. Está dentro de você agora, e não podemos desperdiçá-lo. Vamos! Já!

A moça do caixa amarrou uma corda em volta do pescoço de Mallorei e nós quatro atravessamos a rua, entramos no mercado e descemos para o porão. Eu já estava acostumada com a escada íngreme, mas não com o que vi quando chegamos lá embaixo. Todos os pés de mandrágora resplandeciam.

— Larvas — disse Armand. — Elas ficam nas folhas da planta e brilham à noite. Não tem magia nenhuma aí.

— Por que ela está fazendo isso? — perguntei, olhando para a moça, que metia chumaços de pano branco nos ouvidos.

— Ela não quer ouvir o grito da mandrágora quando a arrancarmos do chão.

— Mas elas não estão no chão, estão nas mesas.

— Das que estão embaixo das mesas. Essas estão plantadas direto no chão, e são as únicas que têm idade para ser arrancadas.

Olhei embaixo das mesas e vi mais algumas centenas de plantas. Era a primeira vez que eu reparava que o piso do porão não tinha revestimento, era só de terra batida. As mandrágoras cresciam no chão, como se o mercado tivesse sido construído em cima delas, sem perturbá-las ou incomodá-las nem um pouco.

— Segure-a um minuto — disse Armand, entregando-me a coleira de Malloreay.

Abaixei-me para olhar a cadela e lhe fiz um cafuné entre as orelhas. O animal lambeu minha cara, e eu o abracei. Parecia humano, se comparado com Armand e com a moça do caixa.

— Segure-a bem — disse Armand enquanto ele e a mulher amarravam uma corda grossa num pé de mandrágora embaixo de uma das mesas de madeira.

— Tudo bem, dê-me a cadela.

Armand amarrou a outra ponta da corda na coleira de Malloreay.

— *Quédate atrás e cúbrete los oídos* — sibilou-me a moça do caixa.

Olhei para Armand.

— Supersticiosa — dissemos ao mesmo tempo.

A mulher tirou um naco de carne de dentro de uma sacola plástica e segurou-o na frente do animal. Malloreay farejou-o. Começou a lamber a carne crua, excitada com o gosto de sangue. Quando estava prestes a abocanhar o naco sangrento, a mulher recuou e colocou a carne no chão fora do alcance dela. Malloreay latiu e pateou. Sua coleira, amarrada com uma corda ao pé de mandrágora, forçava-lhe o pescoço. Quando não conseguiu mais resistir à tentação, avançou na carne, grunhindo e puxando a corda até

parecer que a mandrágora ia se partir em duas. Num estranho jogo de cabo de guerra, a planta dava a impressão de puxar a cadela. Malloreay avançava na carne, e, finalmente, a mandrágora começou a ceder, deslizando de dentro da terra como uma criança vindo à luz.

Chapada com a *sinsemilla*, fiquei siderada ao ver a raiz da planta sair da terra. Quando a cabeça e os braços estranhos emergiram, a moça do caixa deixou escapar um uivo. O som transpassou meu corpo e me fez gritar a plenos pulmões ao mesmo tempo.

— Que diabo ela está fazendo? — perguntei, apavorada com o grito dela e com o meu.

— Ela acredita que, ao ser arrancada, a mandrágora dá um grito que pode matar quem o ouve.

— Bem, ela quase me matou com o raio do grito dela.

— Ela só estava tentando proteger você. Estava cobrindo o barulho da planta com o dela. Ela conhece essas plantas melhor que ninguém e já viu gente morrer, de uma maneira ou de outra, ao entrar em contato com elas.

Estou muito chapada para isso, pensei. Estou muito chapada para estar num porão no México com esses dois bruxos.

— Venha dar uma olhada na raiz.

— *No lo toques.*

— Ela diz para não tocar na raiz.

A raiz da mandrágora era uma coisa feia que eu não tinha intenção de tocar, jamais. Parecia muito mais viva do que eu imaginara. Tinha dois braços levantados, um tronco e duas pernas abertas. Tinha uma ponta redonda e bulbosa no lugar da cabeça, com brotos parecidos com capim em cima, como se fosse cabelo. Compreendi o porquê de essa raiz provocar tanto medo e tanta obsessão. Parecia mesmo uma pessoinha horrorosa, e eu nem precisava olhar para ela de esguelha, apertar os olhos ou usar a imaginação.

— Vamos sair daqui — disse eu.

— Primeiro, vamos deixar Malloreay comer — disse Armand. — Afinal de contas, ela fez o trabalho todo.

Quando Armand soltou a corda, Malloreay avançou na carne sangrenta e estraçalhou-a. Assim que acabou de se empanturrar, subimos devagar. Armand, com a raiz na sacola que levava a carne.

— *Un momento* — disse a mulher, tirando uma pistola de uma caixa de madeira perto do caixa.

— Para que isso? — perguntei, já saindo pela porta.

— Proteção — disse Armand.

A rua em frente ao mercado estava coberta de poeira cinza. Era tão deserta e silenciosa, tão sinistra e sem vida, que julguei que fôssemos as únicas pessoas que já haviam posto os pés nela. Caminhamos um pouco, a cadela à nossa frente, abanando o rabo.

— Malloreay — chamou a mulher. — Malloreay, venha cá.

O feliz labrador fêmea deu um pulo e se virou para ver sua dona.

A moça do caixa destravou a arma, mirou, puxou o gatilho e acertou a cadela bem no meio dos olhos. Malloreay desabou no chão com um gemido. O sangue jorrou do buraco em sua cabeça, escurecendo a estrada poeirenta.

Fiquei ali, petrificada, tremendo. Abaixei-me ao lado do bicho e segurei sua cabeça. Encostei o rosto em sua cara ensanguentada e comecei a chorar.

— Levante-se! — gritou Armand, agarrando-me pelo braço e sacudindo-me vigorosamente até eu ficar de pé.

— Porra! — fiquei repetindo. — Por que ela fez isso?

— Ela precisava morrer — disse Armand.

— Ela se chamava Malloreay.

— Sim. E tem uma Malloreay nova toda semana. A moça do caixa pega os cachorros no lixão pelo qual a gente passou ao vir para a casa dela. Ela não tem vínculos com essa cadela.

— Por que aquela peste matou Malloreay? Eu sabia que ela era uma peste.

— Controle-se. Aquela cadela deu a vida pelas nove plantas. As partes prejudiciais e destrutivas do espírito da mandrágora passaram para a cadela quando ela arrancou a planta da terra. Malloreay teve a grandeza de se sacrificar para nos deixar só com o que a planta tem de bom. A moça do caixa considera a cadela uma salvadora que deu a vida pela comunidade das nove plantas, e você também deve considerá-la assim. Aquela cadela fez uma coisa importante em sua curta vida. Mais importante do que o que a maioria das pessoas fará algum dia.

Quando vi a moça do caixa pela última vez, ela ia pela estrada arrastando o cadáver ensanguentado de Malloreay, cujas patas dianteiras estavam

amarradas com a corda que estivera amarrada ao pé de mandrágora.

— Ela vai passar a noite recitando preces encantatórias para os mortos — disse Armand. — Depois, quando clarear, vai enterrar a cadela. Já fez isso muitas vezes.

Armand levava a raiz de mandrágora na mão, e eu o segui, chorando por Malloreu. Na casa da moça, esperei do lado de fora do muro de girassóis enquanto Armand entrava para pegar nossas coisas.

— Venha, vamos para casa.

Montamos na moto, e não olhei mais para a casa da mulher.

— Quanto mais você se aproximar das nove plantas — disse ele —, felizmente ou não, mais estimulante tudo tende a ficar.



Fiquei tão feliz de ver Diego quando chegamos à Casablanca, que fui direto abraçá-lo.

— Você está cheirando a erva — disse ele. — Trouxe alguma para mim?

— Não.

— Eu trouxe — disse Armand, segurando um saco grande de *sinsemilla*. — Lila ficou tão traumatizada com a moça do caixa, que achei que seria bom ter um pouco disso à mão para o caso de precisarmos acalmá-la.

— O que a moça fez? — perguntou Diego.

— O de sempre! Matou Malloreu depois que a pobrezinha arrancou a mandrágora — disse Armand.

— Malloreu *veinte*? Ou Malloreu *veintidós*?

— Malloreu *cien*.

Armand e Diego riram. Olhei para eles, indignada.

— Quantas cadelas chamadas Malloreu já existiram?

Diego foi para trás de mim e me envolveu com os braços. Seu cabelo, com um leve cheiro de coco, não estava preso no rabo de cavalo habitual. Estava solto e roçava no meu pescoço.

— É difícil dizer — respondeu ele. — Ela cultivava aquelas mandrágoras há anos. Para cada planta arrancada do chão, há uma Malloreu que morre com

ela.

— Por que ela dá o mesmo nome a todas? É aflitivo.

— Não quer se apegar a elas.

— Acho que aquela mulher não conseguiria se apegar a nada.

— Você têm mais três das nove plantas — sussurrou Diego, com os braços ainda em volta de mim.

— Temos a mandrágora e a chicória — disse eu, apoiada nele e desejando que ele nunca mais tirasse os braços daquela posição.

— Você conseguiu a *sinsemilla* também — disse ele —, que vem da *Cannabis sativa*. Uma das nove plantas.

— Por que não me contou? — perguntei a Armand.

— Achei que seria mais divertido se Diego lhe contasse. Vá, Diego, conte a ela.

— *Sin-se-milla* — sussurrou ele, estendendo a palavra, enfatizando o som do “s”, e pronunciando os dois “ll” como “y”.

Diego estava tão junto de mim, que tive de me esforçar muito para não me virar e beijá-lo, como havíamos feito na mata.

— Armand considera a mandrágora a mais mágica das nove plantas — disse ele —, mas acho que essa honra pertence à *sinsemilla*. Gostaria de fumar um pouquinho? Comigo?

Quando eu já me acostumava a estar nos braços de Diego, ele me soltou. Senti um vento frio percorrer meu corpo.

— Sente-se aqui — disse ele.

Eu me sentia entre dois extremos — proximidade e depois distância — e aproveitei logo a oportunidade de estar perto de novo. Sua pele caramelo era como uma droga para mim. Pensei em Exley, com aquela tez e aquele cabelo claros. Ele não era páreo para a morenice de Diego, que tinha uma atração irresistível. Diego parecia fazer parte da terra. Como se, brotado dela, não tivesse depois sido separado, como o restante das pessoas.

— Venha, venha, sente-se aqui.

Percebi que eu estivera em pé na sala, fitando-o. Olhei em volta à procura de Armand, mas ele tinha desaparecido.

— Armand vai voltar mais tarde. Ele não fuma.

Tentei me lembrar se ele tinha fumado na casa da moça do caixa, mas não consegui.

— Por que ele não fuma?

— O fumo já está dentro dele. Ele tem o espírito da *sinsemilla* no corpo. Não precisa fumar para senti-lo.

— Quer dizer que ele está sempre chapado?

— Sempre que quer. Armand é parte de tudo. Sente o que quer, quando quer. As emoções passam por ele. Boas, más, indiferentes, é tudo igual para ele.

Diego estava sentado no sofá de alvenaria, em cima de uma manta mexicana azul e branca, com as mãos sobre a cabeça e os pés plantados no chão. Usava uma calça branca de cadarço na cintura, estava descalço e sem camisa. Eu não poderia me imaginar em Nova York naquele momento. Nem em qualquer outro lugar, senão ali, ao lado dele.

— Vejo que já não tem mais medo de escorpiões — disse ele, olhando para meus pés descalços. — Eles já soltaram você.

Diego puxou um broto de resina entre as folhas do pé fêmea de maconha e rolou-o entre o polegar e o indicador.

— Cheire isso.

Peguei a mão dele e levei-a a meu rosto.

Diego riu.

— Minha mão, não, o broto de resina.

Peguei o broto e apertei-o entre os dedos. Era pegajoso e quente como alcatrão. Tinha um delicioso cheiro doce e picante — como o da terra perto de certas plantas.

— Vai enrolá-lo em dinheiro?

— Só a moça do caixa faz isso, quando quer vender as plantas. Fumar assim dá sorte para ela. A não ser que fumássemos no dinheiro dela, passaríamos mal.

Diego abaixou-se e abriu uma gaveta embutida no sofá. Tirou um cachimbo com uma piteira muito comprida e um forninho pequeno. Parecia um cachimbo da paz dos índios norte-americanos.

— Vamos fumar nisso.

Ele me passou o cachimbo. Era de uma linda madeira cor de cobre com entalhes intrincados num idioma que eu não reconhecia.

— É huichol. Esse cachimbo era do pai da minha mãe. Ganhei de presente dela em meu aniversário no ano passado. É uma herança de família.

— Em que dia você nasceu?

— Sou do dia 17 de março de 1979. Mas nasci em 12 de janeiro de 1999. Nasci no inverno do meu vigésimo aniversário.

— Como assim?

— Foi quando passei a ser eu mesmo.

— Quem você era antes?

— Um monte de gente, que não era eu.

— Como sabe?

— É um sentimento. Mais ou menos como estar aberto, mas muito protegido e em segurança. Como estar calmo e elétrico ao mesmo tempo. Quando me senti assim, não quis mais voltar a ser como antes; por isso considero 12 de janeiro o dia de meu novo aniversário. Agora fico longe de qualquer pessoa ou qualquer coisa que tente me forçar a voltar a ser como eu era. Pode acreditar: quando a gente se conhece, nunca mais quer fingir ser outra coisa, porque não tem nada melhor do que ser o que a gente é.

— Se é tão maravilhoso, por que todo o mundo não é sempre assim?

— As pessoas pensam que são, mas, para conviver com a família, a escola, e se encaixar na sociedade, acabam escondendo quem elas nasceram para ser. Vão ficando um pouquinho mais encobertas a cada ano que passa, como um corpo dentro de um saco de dormir que vai sendo fechado devagarzinho. É um processo sutil, até o dia em que desaparecem completamente. O saco de dormir se fecha, e elas nunca mais veem o sol.

— Mas às vezes podem senti-lo.

— Sim. Um pouco de calor se insinua dentro do saco de vez em quando.

Diego deixou a resina cair no forninho do cachimbo e o acendeu. A *sinsemilla* chiou. Era ainda mais doce que a da moça do caixa.

— Espero que eu me sinta assim um dia. Elétrica e calma.

— Ah, vai se sentir. A convivência com Armand vai deixá-la assim. Ele fala para todos os seus eus, mas, às vezes, entra de mansinho no meio deles e fala para o seu eu verdadeiro, também.

— Ele é malandro.

— Não. Só faz com que saiba que ainda existe! Você provavelmente deve ter consciência de que, se algum dia abrir o saco de dormir, não vai se identificar mais com muita gente.

— Vou ter você.

— Isso vai.

— Armand é real?

— Há quase quarenta anos.

Fumamos algum tempo em silêncio, depois Diego se recostou na parede atrás do sofá. Tinha as pernas esticadas à frente, os tornozelos cruzados e as mãos na parte posterior da cabeça.

Senti-me muito próxima dele, mas, estando com as mãos enlaçadas daquele jeito atrás da cabeça, eu percebia que ele não ia me tocar tão cedo. Eu sentia uma urgência incrível de sentir sua pele. O desejo era tão grande, que me sentei em cima de minhas mãos, para me segurar.

Diego sorriu.

— Assim, suas mãos vão ficar dormentes. Pode tocar em mim, se é isso o que quer.

Ele colocou minha mão em cima de seu umbigo. Deixei-a ali pousada um instante, depois afaguei sua barriga, cortada longitudinalmente por uma linha de pelos escuros, macios como cabelo de neném. Fiquei atordoada com essa penugem e me detive um pouco em sentir sua textura. Subi com a mão até seu peito, onde a penugem escura formava um V e tinha a mesma maciez. Eu não me importava se algum dia já tivesse feito qualquer outra coisa; sabia que não queria mais tirar as mãos desse homem.

— Gosta da textura de minha pele?

Eu sabia que minha resposta estragaria tudo, mas não consegui me conter.

— Gosto da textura de sua pele mais que qualquer outra coisa no mundo.

Diego deu um sorriso preguiçoso.

— De que mais você gosta?

— Quero encostar o rosto em seu peito.

— Pode encostar.

Como não queria parecer muito sedenta — temia assustá-lo ao mostrar exatamente quanto eu queria sentir seu peito com meu rosto —, fui com

calma.

— Passe o rosto por meu corpo, se quiser.

Deslizei meu rosto pelo peito de Diego. Seu corpo cheirava a especiarias e a baunilha. Eu via que ele gostava do contato, mas manteve as mãos atrás da cabeça e não fez nem um único movimento.

— Gosto dessa sensação — disse ele. — Não quero deixar de tê-la muito depressa.

Tirei o rosto de seu peito para beijar sua boca.

— Quer tentar uma coisa nova comigo? — perguntou ele antes que eu pudesse beijá-lo.

Ergui os olhos.

— Isso não basta?

— Não. Vamos, é maravilhoso. Eu só quero experimentar uma coisinha diferente com você, só isso. Mas primeiro você vai ter de tirar a roupa. Eu a ajudo.

— Você também vai se despir?

— Ainda não.

Deitei-me nua no sofá. Era só um pedaço de pano fino em cima de uma laje de alvenaria, mas era bastante confortável.

— Não adormeça em cima de mim, agora.

Eu estava tão longe disso do que jamais admitiria.

Diego se ajoelhou no chão a meu lado. Acompanhou meu corpo com o rosto, sem encostar nele, mantendo a boca a apenas um dedo de minha pele. Olhou-me toda, embaixo dos braços, atrás dos ouvidos, abriu minhas pernas e olhou entre elas, aproximando tanto o rosto, que eu sentia sua respiração entrar e sair de mim.

Chegou ao meu rosto.

— Abra a boca e respire comigo — disse.

E então pôs a boca sobre a minha — de novo, sem encostar. Inspirava o ar que saía de mim e me insuflava o dele. Respiramos juntos até estarmos totalmente sincronizados, nossos pulmões e nossos corações e nosso sangue movendo-se juntos num ritmo perfeito, como um metrônomo.

Ele pôs a mão sobre minha barriga, mantendo-a exatamente acima da superfície. Eu sentia o calor que saía de sua mão. Ele estava na verdade me

tocando com o calor. Sua proximidade era insuportável e sua contenção dava nos nervos. Quando não aguentei mais, levantei o corpo e o encostei em sua mão.

— É a *sinsemilla*, sabe, que está fazendo você se sentir assim.

— É você.

— É a planta. Toda a sexualidade dela está dentro de você. Sou apenas o felizardo que está com você agora.

— Você vai tocar em mim?

— Pode acreditar, Lila, estou tocando você muito profundamente. Tome, fume mais um pouco disso aqui.

Dei uma boa tragada no cachimbo, e Diego pôs a mão sobre minha boca.

— Não queremos desperdiçar nada — disse ele, colocando a boca sobre a minha e tragando a fumaça de meus pulmões. Os lábios dele me tocaram pela primeira vez naquela noite, e algo se rompeu dentro de mim. Eu não conseguia largar sua boca. Eu a desejava loucamente. Eu não queria parar de beijá-lo, e ele se afastou com certa violência.

— Quero lhe mostrar uma coisa.

— Sim.

— Quero que você respire fundo e tente levar o ar para o centro de seu corpo. Contraia os músculos do interior das coxas e no meio das pernas. Depois solte o ar pelo nariz.

Suas instruções pareciam bobas, mas, como estava excitada, fiz o que ele queria, torcendo para que fizesse logo o que eu queria.

Diego pôs a mão embaixo de meu umbigo.

— Mais fundo. Leve a energia para dentro do coração. Isso. Sente o ritmo?

A cada tragada, meu corpo começava a vibrar. O prazer era intenso, e tentei tocar em Diego.

— Não faça isso. A excitação está dentro de você. É toda sua. Você é tão competente em matéria de prazer, que pode fazer sexo com o fogo, ou o vento, ou a água. Tudo o que precisa fazer é ficar junto de um desses elementos e tragar a energia deles para dentro de seu corpo. Levá-la para dentro de você até se sentir como se sente agora, e depois soltar. Você fará sexo com o fogo ou com a água.

Eu estava num estado de excitação sexual intolerável e sabia que Diego não ia me tocar. De repente, vi exatamente como se sentia a planta fêmea do cânhamo quando estava sendo transformada em *sinsemilla*. Morri de pena de sua excitação sem fim. Morri de pena de toda aquela horta oferecida e torturada da casa da moça do caixa. Naquele momento, a criação da *sinsemilla* era a invenção mais cruel de que eu já ouvira falar.

— Você pode usar essa energia como quiser. Para fazer sexo, pintar um quadro, preparar uma bela refeição. É só energia. Existe para ser usada.

— Preciso dar um tempo nisso — disse eu, mal conseguindo olhar para ele.

Eu estava enlouquecida de desejo, e me ocorreu a ideia de que Diego era mau e nocivo.

De repente fiquei muito chateada. Olhei para ele de pernas cruzadas no sofá, o mais confortável possível, e soube que ele me levava a esse ponto sem ter intenção de me soltar. Decidi que mesmo que levasse a noite inteira, faríamos sexo, da maneira clássica, com ele por cima, me dando prazer até não poder mais, e sem nada dessa bobajada de respirar com meu ventre. Ele me devia isso.

— Estou morrendo de fome — disse ele. — Quer comer alguma coisa?

— Eu faço — disse eu, feliz com a oportunidade de sair dali. — Eu não permitiria que você se levantasse, Alteza — sussurrei para mim mesma.

Fui para a cozinha, abri a geladeira e tirei pratos de sobras de frango com molho *mole*, que Armand havia feito com os grãos de cacau. Coloquei-os com um pouquinho de força demais em cima da bancada e voltei para pegar as tigelas do flã amarelo. Bem atrás das tigelas, na prateleira do meio, estava a medonha raiz de mandrágora, tão sinistra e antropomórfica como da primeira vez que a vi.

Estava com a cabeça virada para a frente, e puxei-a — com a ponta das unhas — pelo cabelo espetado. Eu sentia no corpo a energia daquela tentativa sexual interrompida com Diego. Dava mesmo para sentir as vibrações que saíam por meus dedos e penetravam na raiz. Bateu-me rapidamente o medo de que eu pudesse animar a porcaria daquela raiz e lhe dar vida bem ali na bancada da cozinha.

Fiquei olhando para ela, lembrando-me do que Armand me dissera. Lembrando-me de que era um afrodisíaco que produziria um *impulso sexual incrementadíssimo em quase todos os homens*. Estudei-a um instante e logo me decidi.

Peguei uma faquinha afiada numa gaveta da cozinha e enfiei-a entre as pernas da raiz, cortando uma fatia grande do que seriam seus genitais caso ela fosse realmente humana. Aguardei, quase esperando que ela sangrasse.

Encontrei um pilão pendurado num prego na parede. Coloquei a fatia de mandrágora no almofariz e triturei o pedaço de raiz até reduzi-la a um fino pó marrom. Espargi esse pó no flã e mexi. Duas pessoas podiam jogar esse jogo. Se a raiz da mandrágora funcionasse como Armand afirmava, eu deixaria Diego com tanto tesão quanto ele me deixara.

— Esse frango está ótimo — disse Diego. — Armand cozinha muito bem quando quer.

Tive de confessar que o frango estava estupendo. Estava suculento e tenro, e já não me incomodava ter visto uma mulher no mercado quebrar o pescoço dele.

— Acho que Armand poderia ter uma segunda profissão, se quisesse.

— Eu queria que você tivesse visto a primeira. A Laundromat em Nova York era uma beleza.

— Quem sabe, um dia — disse ele sorrindo —, eu vá visitar você e Sonali em Nova York.

Diego deixou o frango e pôs-se a comer o flã da tigela. Sem que eu falasse nada, ele meteu uma grande colherada na boca.

Continuei comendo, um olho no frango e outro em Diego. Estava gostando muito de vê-lo comer o pudim batizado.

— Quer que eu guarde um pouco para você? Está muito bom. É a especialidade de Armand.

— Não, pode comer. Tem mais na geladeira.

Fiquei observando, tentando ver se detectava indícios de mudança em Diego, apesar de não saber quanto tempo a raiz de mandrágora levaria para fazer efeito. Recostei-me no sofá pensando no que Armand dissera. *Essa raiz pode exercer e exercerá um poder sobrenatural sobre o corpo e a mente. É afrodisíaca e um alucinógeno forte... Essas duas coisas juntas podem criar o sexo mais alucinante*

que você algum dia possa vir a ter. Aconcheguei-me em Diego, mas quando encostei a cabeça no peito dele, ele tombou, e eu caí por cima dele. Ele desabou de lado.





Digoxina

*(às vezes chamada de
digitoxina ou digitalis)*

Esse remédio para o coração amplamente utilizado é um glicosídeo cardíaco usado no tratamento da fibrilação arterial, do batimento atrial e da parada cardíaca congestiva. Encontrado nas lindas campânulas roxas da digitalis e nas deslumbrantes asas negras aveludadas da borboleta-monarca, a digoxina é provavelmente a medicação mais bela que já existiu.

— Diego! — gritei, sacudindo-o.

Ele abriu os olhos, que estavam enevoados e fora de foco.

— Não consigo respirar — disse com uma voz grave, rouca. — Encontre Armand.

De repente, enquanto eu estava ali sentada abraçando Diego, o restante da frase de Armand ecoou em minha cabeça: *É venenosa em doses erradas... Eles se esquecem de que a mandrágora é da família das solanáceas, semelhante à beladona.*

Era a segunda parte dos ensinamentos dele para a mandrágora — a parte que eu escolhera ignorar por causa do glamour e da magia da informação anterior.

Diego estava de olhos fechados, e eu o sacudi com força.

— Acorde! — gritei. — Levante-se!

Ele não se mexeu. Abriu os olhos, que se reviraram até mal se verem as íris.

Saí correndo pela casa, gritando como louca, chamando por Armand. Não tive resposta. Fui para a varanda. O rugido do vento do mar era tão alto, que eu tinha de gritar a plenos pulmões. Vi Armand encostado na grade da varanda do primeiro andar, a cabeça coroada pela constelação de Peixes, o signo de Diego.

— Diego está passando mal — gritei. — Não quer acordar.

— O quê?

— Não consigo acordar Diego — gritei mais alto que o barulho do mar.

— Você deve ser muito boa de cama — gritou ele em resposta, enquanto descia a escada ladrilhada.

Armand abriu os olhos de Diego e examinou-os. Olhou em volta da sala, observando cada detalhe. Procurava a causa da doença de Diego e ela lhe escapava completamente. Ele presumiu que eu não sabia de nada. Ele confiava em mim sempre nas horas erradas.

Peguei a raiz da mandrágora na bancada da cozinha e segurei sua genitália cortada na frente de Armand.

— Você não fez isso.

— Triturei e misturei na comida dele para fazer com que ele transasse comigo. Devo ter usado demais. O organismo dele não suportou.

Ao dizer isso, percebi quão obcecada eu estivera, misturando poções como uma bruxa.

Armand pegou a raiz da mandrágora e foi correndo para a porta.

— Vai levá-lo para um hospital?

— Claro, vou transferi-lo para onde ele possa receber cuidados médicos. Estamos na selva, Lila. Fique com ele e, se ele parar de respirar, faça uma respiração boca a boca. Você vai saber como.

Na ausência de Armand, observei Diego com atenção, sem tirar os olhos de seu rosto nem um minuto sequer. Umedeci seu corpo com um pano molhado quando sua temperatura pareceu subir. Ele transpirava e balbuciava, mas não dava para eu ouvir nem uma palavra. O vento do mar rugia violento, e os insetos faziam uma algazarra terrível.



Armand voltou com uma mulher que eu nunca tinha visto. Parecia-se com a mulher maia que matava os frangos no mercado. Tinha longas tranças pretas presas em volta da cabeça como uma colmeia e usava um vestido azul-vivo e sandálias baixas de couro, cujas tiras se cruzavam em suas panturrilhas e subiam até os joelhos.

Ela trazia uma espécie de gaiola de pássaro, coberta com uma manta mexicana listrada de vermelho, branco e verde.

— Lila, esta é Lourdes Pinto, a mãe de Diego. Ela é curandeira, como já lhe falei. Está aqui para curar o filho.

Fui apertar a mão da mulher, mas ela me ignorou.

— Lourdes — disse Armand —, esta é Lila, a mulher que pode ter feito um mal irreparável a seu filho.

Fiquei olhando para Armand, incrédula.

— Só estou deixando tudo bem claro, para todo o mundo saber onde pisa. É muito melhor para o processo.

— Conte-me tudo o que aconteceu entre você e meu filho, sem omitir nenhum detalhe porque sou mãe dele — disse-me Lourdes Pinto. — Se omitir, eu vou saber.

Contar-lhe quanto o filho dela me deixara excitada foi mortificante. Pior ainda foi saber que tínhamos fumado a *sinsemilla* no cachimbo que ela lhe dera de aniversário, o que tinha sido do pai dela.

Quando terminei, ela se levantou em silêncio. Foi até Diego e posicionou suas mãos a alguns centímetros da pele dele, exatamente como ele fizera comigo. Passou as mãos sobre cada milímetro de seu corpo. Estava fria e distante.

— Ela não parece perturbada — sussurrei para Armand.

— Ah, ela está bastante perturbada. Mas sabe que assim não tem utilidade para ele. Não pode ajudá-lo, se perder a cabeça.

Lourdes afastou-se de Diego, recuando sem tirar os olhos dele nem um segundo. Foi até a gaiola coberta que trouxera e levantou a manta mexicana. Dentro da gaiola havia centenas de borboletas-monarcas.

— Feche as janelas e as portas — rosnou ela para mim.

Quando terminei, ela abriu a gaiola e as monarcas saíram voando. Cobriram a sala, pousando em tudo. Eram tantas, que as paredes da sala de Armand pareciam um mural laranja e preto.

Lourdes coletou as borboletas que pousaram no corpo de Diego. Com o polegar e o indicador, pegava-as pelas asas. Tantas monarcas pousaram em Diego, que ele parecia vestido com um terno de veludo.

Quando tinha no mínimo cinquenta borboletas, Lourdes as levou para a cozinha e, ainda segurando-as pelas asas, triturou seus corpos negros de dois centímetros e meio no almofariz que eu usara para moer a mandrágora. Encolhi-me. O ruído dos corpos das borboletas sendo esmagados me causava náuseas. Quando estavam todos esmagados, ela acrescentou as asas e triturou-as da mesma maneira.

— Ela é médica? Diego está morrendo, e acho que ela não vai ajudá-lo.

Eu estava ficando desesperada. A vida de Diego estava nas mãos dessa mulher que era nitidamente louca, ainda que fosse mãe dele. Eu sabia que borboletas esmagadas não salvariam Diego. Fui até o sofá e segurei as mãos dele. Mais uma vez, exatamente como na lavanderia, eu fizera um estrago enorme porque gostara demais de um homem.

Lourdes Pinto aproximou-se de seu filho único com as borboletas trituradas. Meteu-lhe na boca uma colherada da mistura sanguinolenta. Tive ânsias de vômito olhando para ela e tapei a boca com uma toalha.

Ela falou comigo num tom grave, monótono e sem emoção.

— A borboleta-monarca contém um cardioglicosídeo, também conhecido como *digitalis*, usado em seu país para tratar falência cardíaca congestiva, fibrilação atrial, taquicardia, bradicardia e outras doenças do coração. Não sou louca. Estou aqui para curar meu filho.

Tirei a toalha da boca.

— Diego está com falência cardíaca? — Eu mal conseguia pronunciar as palavras.

— Está.

— Ai, meu Deus!

— Preste atenção. A borboleta-monarca é um cardiotônico. Ela aumenta o tônus do músculo do coração, provocando um esvaziamento mais eficiente das cavidades cardíacas. A borboleta vai ajudar Diego. Vai ser boa para ele.

— A gente também usa monarcas... nos Estados Unidos, quero dizer? — perguntei desesperada.

— Vocês tomam *digitalis* da digitoxina encontrada nas plantas. Em geral, na dedaleira. Uso uma toxina semelhante à *digitalis* encontrada nas borboletas-monarcas. Ambas têm as mesmas propriedades. A monarca bota os ovos no algodãozinho-do-campo, que também produz cardioglicosídeos. À medida que são chocados e crescem, os insetos se alimentam do algodãozinho-do-campo e ingerem o medicamento para o coração que a planta contém. Eles o isolam dentro do corpo, sem nunca usá-lo nem excretá-lo.

— Por que fazem isso?

— Para manter os predadores longe. A *digitalis* tem um sabor amargo, que repele os pássaros. Se você encontrar um xamã naquela floresta tropical que afirme curar doenças cardíacas, ele é um charlatão. Está simplesmente usando a mesma droga que seus médicos usam em Nova York. *Digitalis*. Não há magia nenhuma nisso.

— Está funcionando.

— Dê um tempinho a ela. Vamos ver.

— Se não se importar que eu diga...

— Tenho certeza de que vou me importar, mas diga.

— Você não parece tão perturbada.

— Sou uma mulher prática, e minha praticidade faz parte de meu processo curativo. Por isso, vou salvar meu filho.

Olhei para Diego, que de fato estava menos pálido. A bela cabeleira negra estava ensopada, cobrindo-lhe os ombros, mas ele parecia dormir e sentir-se melhor que pouco tempo atrás.

Lourdes Pinto triturou mais borboletas na bancada da cozinha enquanto eu aplicava compressas frias na testa de Diego. Quando eu começava a me

sentir aliviada, Diego teve uma convulsão.

— Lourdes! — gritei.

Armand veio correndo e segurou-o na cama pelos ombros. Diego não estava mordendo a língua, mas Armand abriu sua boca e a segurou assim mesmo.

— A *digitalis* não é forte o bastante — disse Lourdes, a voz ligeiramente embargada, o que me apavorou.

Armand sussurrou em meu ouvido:

— Vá calçar os sapatos. Vamos à casa da moça do caixa. Ela nunca cultivava plantas venenosas sem um antídoto.

— A casa dela fica a trinta e dois quilômetros. Por que ninguém tem telefone aqui?

— Se acabou de reclamar, pegue os sapatos e vamos. Diego ainda tem algumas horas.

— Algumas horas? Algumas horas! Ai, meu Deus.



A primeira coisa que vi quando chegamos à casa da moça do caixa foi um labrador fêmea de cor preta, que estava sentada na frente do muro de girassóis.

— Oi, Mallorei — disse Armand ao saltar da moto.

Evitei a todo o custo olhar para a cadela. Para mim, saber o destino dela era insuportável.

— Lila, você vai ter de ser muito mais forte que isso. Não pode ficar nervosa assim com cada coisinha que acontece.

Cada coisinha? Ver uma louca matar uma cadela inocente e outra louca esmagar borboletas para salvar o filho? Isso não eram *coisinhas* em meu mundo.

Armand afastou os girassóis, atravessamos a horta de *sinsemillas* torturadas e entramos direto na casa, sem bater.

— Não há tempo para formalidades — disse Armand. — Agora, cada segundo é fundamental. Até os que levamos para bater na porta.

A mulher estava deitada de lado numa esteira de cânhamo no chão. Encontrava-se numa posição perfeita para fumar ópio, mas dormia.

— *Hola*, Armand — disse ela de olhos fechados, como se enxergasse através das pálpebras. — *Hola*, Lila.

A moça do caixa se levantou, como se tivesse o corpo preso por cordéis. Não se sentou primeiro nem dobrou os joelhos, até onde pude ver.

— Está vendo? — perguntou Armand. — Você viu? É por isso que estamos aqui. Essa mulher é capaz de praticamente tudo.

— Viemos aqui porque ela tem o antídoto — disse eu.

— Claro. Isso também.

— *¿Que puedo hacer por usted?* — perguntou a moça do caixa.

— Diego está muito doente — disse Armand. — Ele ingeriu um pedaço da mandrágora que arrancamos de seu porão.

— *¿Que pasó?*

— Lila deu a ele, para que ele transasse com ela.

A mulher pareceu horrorizada.

— Lourdes não conseguiu ajudá-lo.

— *¿Ella probó con las monarcas?*

— Sim, ela tentou com as borboletas-monarcas.

— *Entiendo* — disse ela.

— Precisamos do antídoto — disse eu com toda a calma possível, embora a última coisa que eu quisesse fazer fosse tornar a descer àquela masmorra cheia de veneno.

A moça do caixa se sentou novamente na esteira de cânhamo.

— O que está fazendo? Levante-se! Pule do chão como pulou antes. Mande-a se levantar — disse eu a Armand.

— Não posso mandá-la fazer nada!

— *Siéntese, siéntese.* — disse a mulher.

— Eu não quero me sentar. Não temos tempo. Diga a ela que nós não temos tempo.

— Se ela quer que você se sente, é por algum motivo. Ela é a moça do caixa. Não desperdiça nada, especialmente quando se trata de tempo.

Sentamo-nos nas esteiras de cânhamo.

— *El hombre que estaba aqui, el del pelo blanco. Él llero el lírio del valle.*

— O que ela está dizendo?

— Que o homem que esteve aqui, o do cabelo branco, levou o lírio-do-vale.

— E daí — gritei? — Precisamos do antídoto.

— É o antídoto — disse Armand. — O lírio-do-vale é uma das nove plantas. É a planta do poder e o antídoto contra o veneno da mandrágora.

Levantei-me.

— Aqui não tem mais?

— *El lirio del valle es una planta común. Hay muchas, pero no aquí, en México. Ella la trajo, y la crio. Era su creación, su bebé.*

— O quê?

— Ela diz que o lírio-do-vale é uma planta comum. Há muitos, mas não aqui no México. Ela trouxe um para cá e o cultivou. Era criação dela. Sua cria.

— Onde eles estão?

— *En los bosques secos de Inglaterra y em partes del norte de Asia.*

— Pergunte a ela quantas plantas tem.

— *¿Cuántas tiene?* — perguntou Armand.

— *Solamente una.*

— Ela só tem uma — disse ele.

Encostei-me na parede, derrotada.

— Por que ela não nos disse quando pegamos a mandrágora?

— Eu já lhe disse, ela condensa o tempo. Ela consideraria perda de tempo contar-nos sobre o lírio-do-vale naquela altura, sem motivo.

Armand se levantou.

— *Muchas gracias* — disse ele à moça do caixa.

— *De nada.*

— Agradeça a ela.

— *Gracias* — disse eu.

— *De nada.*

Bruaca insensível, pensei. Ela provavelmente tem uma daquelas plantas escondidas naquela masmorra.



Quando voltamos para casa, Diego parecia pior.

— O antídoto? — perguntou Lourdes, agora chorosa.

— Ainda não conseguimos arranjar — disse Armand.

Lourdes Pinto deixou escapar um som que só uma mãe poderia fazer. Uma espécie de uivo de lobo. Tapei os ouvidos. Eu era responsável por aquele grito.

Diego balbuciava como se estivesse despertando de um longo sono, só que não acordava. Mesmo quando finalmente abriu os olhos, parecia não saber quem éramos. Tinha as mãos cruzadas no peito, como uma velha num enterro, mas nós sabíamos que a dor em seu coração era física, não emocional. Embora pudesse ser as duas coisas.

Ele parecia ter diminuído enquanto falávamos com a moça do caixa. Era como se seu corpo soubesse que não tínhamos o antídoto e encolhesse para conservar energia. Tinha a pele pegajosa e gelada, mas que de alguma maneira estava quente. Fui pegar uma compressa de água fria, que esquentou na mesma hora quando enxuguei sua testa. Fiquei enxaguando o pano para resfriá-lo e enxugando a cabeça de Diego. Enxaguando e enxugando, enxaguando e enxugando, tentando enxugá-lo até reanimá-lo, até que ele voltasse a ser o Diego que se comunicava com o espírito do cervo, o verdadeiro Diego, que nascera quando ele já estava com quase 20 anos.

Uma espuma sanguinolenta começou a escorrer dos cantos de sua boca. Deixei escapar um gemido que se aproximava em intensidade daquele emitido por sua mãe. Ela reconheceu a gravidade do grito e veio.

— Afaste-se — gritou.

Atirou-se em cima de Diego, sem fingir mais que controlava as emoções.

Armand arrancou Lourdes de cima do filho. Antes de deixá-la voltar para ele, virou Diego de lado para que ele não se engasgasse com a secreção. Os movimentos calmos de Armand pareceram sossegá-la, e ela continuou tentando deixar Diego o mais confortável possível.

— Ele não está estabilizado — disse-me Armand tão logo chegamos onde Lourdes não podia nos ouvir.

— Eu sei — disse eu desesperada. — Dá para ver.

— Você vai ter de encontrar Exley e pegar o lírio-do-vale. Não vai ser fácil. Ele vai cobiçar essa planta mais que todas as outras, porque ela é exatamente do que ele precisa: força vital.

— A situação é muito ruim?

— Ele está envenenado por beladona. Os primeiros sinais são náusea, pupilas dilatadas e taquicardia ou bradicardia. Ele vai ter alucinações, visão turva, perda de equilíbrio, vai se sentir aéreo e sufocado. Ficarás pálido, o que já aconteceu, e depois desenvolverá uma erupção cutânea. Entrará num estado de confusão total, a pele ficará completamente seca e depois poderá descascar toda; o pulso ficará primeiro acelerado, depois fraco. E então, ele morrerá.

— Em quanto tempo?

— Em poucos minutos em alguns casos, ou, no máximo, em poucos dias. Depende da quantidade e do tipo de planta da família da beladona ingerido.

— Como vou encontrar Exley? Ele pode estar em qualquer lugar do México.

— Ele está em Yucatán. Isso eu lhe garanto. Tudo o que ele quer está aqui. Só temos de descobrir exatamente onde ele se meteu.





Datura

(Datura innoxia)

Essa é para os homens. A Datura innoxia é uma planta que se comporta exatamente como uma mulher. Se permitir que passe um tempo com ela, você começará a se sentir poderoso. Mas também enfraquecerá, porque estará à mercê dela. Mas se tratá-la bem e manuseá-la com o máximo de respeito, cuidado e precisão, ela lhe proporcionará visões de um futuro que você não imagina nem em suas fantasias mais delirantes.

— Decidi levá-la pessoalmente à oitava planta — informou-me Armand. — Não gosto de fazer isso, porque as plantas são sempre mais poderosas quando a própria pessoa as encontra, mas agora não há tempo para isso. Ela se chama *Datura innoxia*, a planta das visões, dos sonhos e das aventuras. Não é para pessoas de coração fraco.

— Ela vai ajudar Diego?

— Não diretamente. Mas se quiser, pode ajudá-la a encontrar Exley.

— Vamos lá. Vamos atrás dela.

Fomos em direção à mata, e Armand falava depressa, dando todas as informações que podia sobre a planta das visões e dos sonhos.

— A *Datura innoxia* é uma planta herbácea anual ou perene. Tem flores tubulosas em tons que vão do branco ao róseo, e, mais raramente, ao vermelho ou ao amarelo. As fêmeas são altas, como se fossem pequenas árvores, e os machos são espalhados e semelhantes a um arbusto. A raiz da fêmea é comprida e se bifurca na ponta. A raiz do macho é curta e se bifurca bem na base da haste. A *Datura innoxia* é um alucinógeno mais forte que o peiote, a psilocibina ou o LSD. É também uma planta extraordinariamente romântica, que exala um aroma inesquecivelmente inebriante à noite. — Armand virou-se para mim: — Sabe por quê?

— Sei — respondi, lembrando-me do que Sonali dissera havia tanto tempo. — É porque a datura é polinizada à noite e usa seu cheiro doce para atrair parceiros sexuais, ou polinizadores, mais ou menos como as pessoas se perfumam para atrair parceiros antes de sair para as boates.

Armand sorriu.

— Esteja onde estiver, Sonali está muito feliz agora. E, sim, a *Datura innoxia* é polinizada por mariposas-beija-flor, à noite.

— Eu vou fumar a planta?

— Ainda não sei bem. As sementes da datura podem ser fumadas, trituradas e bebidas na cerveja de milho, em infusão, ou enroladas em folhas e introduzidas no corpo como supositório. É uma planta incomum, pois todas as suas partes podem ser usadas para provocar estados visionários. As raízes, as hastes, as folhas, as flores e as sementes.

Entramos na floresta tropical, como eu tinha feito tantas vezes com Diego.

— Dê uma olhada e veja se consegue localizar a planta.

— Não temos tempo. Pensei que você fosse procurá-la para mim.

— Mudei de ideia. Eu gostaria que tentasse encontrá-la, por Diego.

Andamos mais de uma hora, até, como sempre, eu estar com a camiseta ensopada e exausta por causa da umidade e do calor intensos.

— Acho que não vou encontrar a planta — disse eu.

— Você desiste com muita facilidade. Vamos encontrá-la, porque não temos tempo nem opção, dois dos maiores estímulos. Vou lhe mostrar outro

jeito de localizá-la.

— Estou pronta.

— Escolha uma árvore que lhe convenha. Uma árvore com a qual você simpatize de cara. Sente-se com os pés plantados no chão, os joelhos dobrados, encostada no tronco com os ombros relaxados.

Vi um carvalho com um tronco largo em que parecia ser bom se encostar. Ao sentar-me, espantei-me ao ver quão relaxada eu estava. Acomodei as costas num vão do tronco que parecia feito para minha coluna.

— Os troncos das árvores têm linhas vibratórias que vão do alto dos galhos até o chão. Com essas linhas, elas *enxergam* tudo em volta. Você vai fechar os olhos, imaginar essas linhas e depois pedir a árvore para colocá-la na direção da datura. Não precisa me dizer nada. É só se levantar e andar.

A ideia de Armand parecia idiota. Eu estava muito nervosa para me concentrar nas linhas das árvores.

— Não pense muito nas linhas. Elas não são imaginárias, e você não pode entendê-las a essa altura. Limite-se a visualizar as linhas subindo e descendo do tronco. Quando tiver essa imagem na cabeça, pergunte à árvore onde está a datura.

A princípio, não senti nada. Mas, talvez uns cinco minutos depois, senti uma força me puxando do lado esquerdo — nas costelas, para ser exata. Levantei-me e andei para o lado esquerdo da árvore. A atração era tão forte, que eu nem olhei para ver se Armand vinha atrás de mim. Simplesmente segui. Andei, andei, até ouvi-lo gritar.

— Pare!

Olhei para baixo e vi a flor tubular cor-de-rosa da *Datura inoxia* bem embaixo do meu pé, que ainda estava no ar, pouco antes de pisar o chão. Fiquei tão aturdida ao ver a planta, que, por um momento, livre-me da agonia por ter provocado a doença de Diego.



Tendo encontrado a planta, senti-me imbuída de um estranho tipo de poder. Como se eu tivesse feito uma coisa especial e mágica.

— Não deixe isso lhe subir à cabeça — disse Armand. — Qualquer um pode fazer isso. Seu corpo está mudando desde que chegou ao México, e você agora está muito mais sensível, só isso. Não é nada de mais, realmente. Se alguém merece crédito, é a árvore em que você estava encostada. As árvores podem nos dizer todo tipo de coisa, se estivermos dispostos a escutar, e elas muitas vezes são ótimas orientadoras.

— O que fazemos agora?

— Você volta para aquela mesma árvore e pega um galho curto e fino. É óbvio que ela é amiga da datura, e seria melhor para você arrancar essa planta com o galho de uma árvore amiga. Se usar um galho hostil, você pode prejudicar a datura, e ela não lhe dará as visões de que precisa para ajudar Diego. Talvez ela não lhes dê mesmo que o galho seja bom, mas temos de aumentar nossas chances ao máximo.

Voltei com o galho.

— A datura odeia ser arrancada com objetos de metal, como pás — disse ele. — Ela esconde imediatamente todo o seu poder na presença de metal.

Lutei para arrancar as raízes do chão, sem sucesso.

— Por que você não arranca, para andar mais rápido?

— Você fez com que Diego ficasse doente; agora tem de curá-lo. Do contrário, sempre ficará com receio de fazer com que os outros ou você mesma adoeçam. Pode ser que não consiga, mas suas chances são maiores que as minhas. Sua culpa a estimula. Pode acreditar, se eu achasse que poderia salvá-lo mais depressa, não hesitaria. Aquele rapaz é como um filho para mim. Se Sonali estivesse aqui, você já estaria morta. Ela a mataria pelo que você fez e usaria seu sangue para salvar Diego.

Deixei escapar uma risada nervosa.

— Acha que estou brincando. Não estou. Ela ama aquele rapaz mais que a própria mãe dele, e você viu quanto Lourdes é protetora.

Usando o galho, cavei lentamente até retirar o pé de datura. Levamos a planta para a Casablanca, onde Armand não quis me deixar ver Diego.

— Você não vai servir para nada se estiver muito perturbada — disse ele. — Precisa de toda a sua força para lidar com a *Datura innoxia*.

Ele triturou as sementes da planta com um pilão até deixá-las com a consistência de um creme espesso. Ao mesmo tempo, ferveu a raiz para

amolecê-la. Quando ela estava pronta, ele a triturou também e a incorporou à mistura, obtendo uma pasta grossa. Colocou a tigela com a papa de datura dentro de uma rede e pendurou-a num caibro do teto.

— Para tornar a poção menos telúrica e mais visionária — disse.

Observei a tigela balançando.

— Quanto tempo ela deve ficar aí?

— Não se preocupe. Daqui a pouco você já vai sair correndo. Ou, devo dizer, voando.

Ouvi Diego gemendo em outro quarto na casa, para onde Lourdes Pinto o levava e o colocava numa cama de verdade. Eu me encolhia cada vez que ele gemia.

— Trate de não pensar nisso — disse Armand. — Está desperdiçando energia.

A casa inteira cheirava a vômito, doença e febre, tornando minha culpa difícil de ser ignorada.



— Os principais alcaloides da datura são escopolamina, hiosciamina e atropina. Eles podem produzir alucinações que terão um efeito profundo em sua mente durante anos, senão pelo resto da vida. Em outras palavras, bom ou mau, o efeito da planta é duradouro. Como seu amigo, sinto-me na obrigação de lhe dizer que a maioria das pessoas se prepara muito antes de entrar em contato com a datura. Elas se submetem a exaustivos rituais de purificação emocionais e físicos. Infelizmente, você não tem tempo para isso. Tanto emocional como fisicamente, você não se encontra no estado ideal; portanto, uma viagem ao inferno ou coisa pior a espera. Uma viagem da qual talvez você nunca se recupere.

— Por que não estou no estado ideal?

— Você é mole e não sabe o que sente. Precisaria de anos para conseguir lidar direito com a datura, mas, como não temos escolha, precisamos tentar.

Ele enumerava meus defeitos com tanto fundamento, que eu não podia nem discutir. Não havia emoção em sua voz.

— Se houver algum problema, você tem como me ajudar?

— Não. Eu não tenho esse poder. Não quero assustá-la, mas cabe a mim lhe dizer isso tudo. Na verdade, mesmo com toda a preparação do mundo, seu sucesso ainda vai depender de sua sinceridade na missão. E do grau de simpatia da datura por você. Eu diria que, até agora, ela simpatiza muito com você. Não teve problema para encontrá-la e ainda está em pé.

Armand pegou a panela de papa de datura e levou-a ao fogo para ferver, depois de lhe acrescentar duas xícaras de um líquido verde.

— O líquido verde é chá — disse ele —, para dar sabor.

Mesmo com o chá, a planta era amarga e difícil de engolir.

— O gosto ruim torna os sonhos mais lindos — disse ele.

Ele me levou ao sofá em que Diego estivera. Recendia a doença.

— Diga em voz alta o que você deseja conseguir. Diga quanto deseja que a datura a ajude. Seja o mais específica possível. Não seja vaga.

— Eu sou vaga?

— Concentre-se no que deseja e em quanto deseja que a datura a ajude e diga isso em voz alta — repetiu ele com uma voz estrondosa para alguém ou algo que eu não via.

— Quero ajudar Diego Pinto. Quero que a datura me ajude a ajudar Diego.

— Não! Você precisa ser muito mais específica! E tem que andar depressa. Quando a planta bater, você não vai conseguir dizer nada em voz alta. Talvez não consiga nem falar. Ande logo!

Pensei sobre aquilo.

— Ande logo!

— Quero ver onde David Exley mora.

— Ótimo. Continue.

— Quero ver onde Exley mora, para que eu consiga o antídoto, o lírio-do-vale, e o traga para ajudar Diego Pinto.

— Depressa. O que quer que a datura lhe mostre?

— Quero que a datura me mostre o caminho para Exley.

— Mais alto! Com sentimento. Deixe a planta ouvi-la.

— Quero que a datura me mostre o caminho para Exley! — gritei.

Senti que ia me afastando de Armand, como se estivéssemos sendo puxados por duas linhas enganchadas em nossas costas, levando-nos para lados opostos. Tentei alcançá-lo, mas ele se distanciava muito depressa.

— Estou aqui com você! — ouvi-o gritar.

Eu sabia que ele gritava pela tensão em volta de sua boca, mas ouvia o grito muito longe.

Vi a pantera imediatamente. Uma criatura magnífica de pelo preto lustroso e sedoso e olhos verde-esmeralda. Era mais bonita que qualquer ser vivo que eu já tinha visto. Perguntei-me como seria viver dentro daquela beleza toda, o tempo todo. A semelhança da pantera com Diego me deixou fascinada.

— Não se aproxime dela — ouvi Armand dizer ao longe. — A pantera é muito poderosa. Você não está preparada.

Acho que a vimos ao mesmo tempo, embora eu não saiba como. Armand não tinha bebido nem um gole do chá de datura.

Lembrei-me de quando Diego me disse que vira uma pantera negra atrás de mim na floresta. Eu sabia que estava preparada para ela, mesmo que Armand não o soubesse.

Repassei em minha mente tudo o que eu sabia. A quantidade de coisas me surpreendeu. Eu sabia, por exemplo, que ela matava a presa com uma dentada no crânio para destruir o cérebro. Sabia que sepultava as presas mortas, e que, quando a vítima era descoberta, ela já estava longe, sem poder ser caçada nem rastreada e morta. Eu sabia que ela era inteligente, pois comia o cérebro da presa. E também sabia que ela era uma criatura noturna. Um bicho solitário que se orientava pela lua e repleto de escuridão, desconfiado de tudo e furtivo até a medula.

Segui a pantera pelo chão quente da floresta, andando de quatro para imitar seus movimentos. A vegetação era cerrada, úmida e difícil de contornar, mas os sólidos ombros do bicho abriam qualquer tipo de caminho, e as patas acolchoadas aplainavam o chão, criando uma trilha para eu seguir.

O mundo em volta da pantera era silencioso. Sua pelagem, em particular a das pernas, era feita para absorver todos os ruídos.

A cor preta e o silêncio tornam a pantera particularmente mortal. Ninguém consegue enxergá-la. Ninguém a ouve chegar. Nem a mais noturna das criaturas, a coruja.

Eu não me cansava rastejando, porque a pantera era um bicho que andava atrás dos outros, não era um corredor. Ela andava devagar, sempre na cola da presa, que, nesse caso, era um cervo grande. A pantera era silenciosa e cautelosa. Tão fantasmagórica, que o sensível cervo nem teve chance de levantar a cabeça e farejar o ar antes que a pantera desse o bote. Ela pulou em cima dele e abocanhou-lhe a cabeça, bem entre os chifres, esmagando o crânio com uma única mordida. A pantera descansou um instante no lombo do animal, recobrou o fôlego e, então, chupou calmamente os miolos como um cliente num bom restaurante francês.

Quando acabou de comer, o felino de quarenta e três quilos agarrou o cervo de cento e treze nos dentes e o arrastou para os galhos altos de uma árvore próxima. Sem exagero — ele carregou o enorme cervo nos dentes para cima da árvore.

Quando desceu, ficamos imóveis por uma hora. Fiquei sentada esperando enquanto a pantera limpava meticulosamente cada centímetro do corpo até seu pelo brilhar como o sol da meia-noite, refletindo plantas e insetos. Nunca na vida senti tanta reverência e tanto respeito por qualquer outra criatura viva.

Quanto mais adentrávamos a floresta, mais escuro ficava, e mais difícil era enxergar o caminho que estávamos trilhando. Eu forçava os olhos ainda mais a cada passo. A pantera percebeu minha situação e, de vez em quando, virava a cabeça para mim, e os lampejos verde-esmeralda de seus olhos fluorescentes iluminavam o caminho à minha frente.

Quando estava quase amanhecendo, ela subiu nos galhos mais altos de uma árvore. Tentei acompanhá-la, mas só consegui chegar aos primeiros. Vi suas patas penduradas lá em cima. A pantera dormia. Eu quis subir e agarrá-la e dizer-lhe que não havia tempo, que Diego, que tinha os mesmos cabelos negros e os mesmos olhos fluorescentes, estava doente, mas eu não sabia falar com ela. Fiquei olhando lá para cima, porém não disse nem uma palavra, pois sabia que ela valorizava o silêncio acima de tudo, e eu não queria perder suas boas graças.

O sol saiu, e a pantera continuava dormindo em cima da árvore. Eu estava sentada no galho mais baixo, exausta. Fechei os olhos e pensei nas linhas vibratórias na árvore. Lembrei-me do que Armand me contara, visualizei as linhas e pedi que a árvore me mostrasse o caminho até Exley. De repente, senti uma força que me puxava para o lado esquerdo. Imediatamente pulei do galho e segui para a esquerda da árvore.

Encontrei uma clareira e um barracão de madeira podre no limite da mata.

Comecei a rastejar e, quando cheguei perto o suficiente, tentei olhar pelas janelas, mas elas estavam arranhadas e não dava para enxergar o interior. Recuei, escondi-me atrás das árvores e fiquei olhando a porta da frente abrir devagarzinho. Lá estava ele. Respirei fundo pela boca, como o incrédulo confrontado com uma verdade que ele não pode fingir que não vê. A *Datura innoxia* me levara à pantera negra, que me levara à árvore, que me levara diretamente a Exley.

Agradei em silêncio à pantera. Dei meia-volta e olhei para a árvore, mas ela já tinha ido embora.



Acordei e sentei-me empertigada no sofá na Casablanca. Armand pairava sobre mim como uma mãe.

— Sei onde ele está.

— É muito tarde para Diego — disse Armand.

— Ele está vivo?

— Está. Mas nunca mais será o mesmo. A febre subiu muito enquanto você estava em transe.

Agarrei minha mochila e uma garrafa d'água e fui em direção à porta. Não era possível eu ter destruído a lavanderia, facilitado o roubo das nove plantas, largado o emprego, ido para o México, tomado datura, só para terminar matando a única pessoa que eu poderia amar.

— Espere — disse Lourdes Pinto.

Parei imediatamente à porta.

— Armand, saia da sala, por favor — disse ela. Depois, virou-se para mim.
— Tire a roupa.

— Não. Não temos mais tempo para seus jogos de feiticeira.

— Tire já!

Hesitei, mas seu olhar me dizia que eu não sairia da casa enquanto não lhe obedecesse. Despi-me o mais depressa possível.

— A roupa de baixo também.

Ela não se satisfazia enquanto não fiquei nua em pelo.

— Você tem de estar preparada para seduzir esse homem, a fim de conseguir o lírio-do-vale.

Eu não tinha pensado em como iria tomar o lírio de Exley. Vi-me irrompendo cabana adentro, pegando a planta e fugindo às pressas. Nada de estratégia, nada de plano. Só pura velocidade.

— Ele deve ser narcotizado — disse Lourdes Pinto —, senão vai matá-la para ficar com a planta. Ele quer as nove plantas tanto quanto você. Talvez mais. Lembre-se de tudo o que ele fez até agora para conseguir as plantas que tem. Roubou o lírio da moça do caixa, o que não é uma tarefa simples. Por essa burrice, ele pagará pelo resto da vida, mesmo que nunca mais a veja.

— Como posso tirar o lírio dele?

— Convença-o de que ainda o ama. De que sente muita falta dele. Você precisa tentar evocar um sentimento dentro de você. Um sentimento de amor por ele. O mesmo que você teve quando o conheceu. Ele tem de acreditar em você sem desconfiar. O sentimento tem de ser real.

— Por quê?

— Se você o ama, ele vai se sentir poderoso e no comando e vai desejá-la sexualmente. É no desejo sexual que ele se enfraquece ao máximo. Quando ele mais a quiser, quando o desejo dele for forte, a ponto de parecer uma coisa física, palpável, é aí que você vai pegar o lírio.

— Eu me obrigo a amá-lo. Faça com que ele se sinta poderoso. Faça com que ele queira sexo. Pego a planta.

— Isso mesmo.

Tudo aquilo já tinha chegado a um ponto tão estranho, que eu aceitava qualquer coisa que Lourdes me dizia. Ela era mãe de Diego, e eu estava

prestes a ser a assassina de seu filho. Confiei mais no julgamento dela que no meu.

— Abra os braços e as pernas — disse ela.

Destampou um vidro de geleia e começou a massagear meu corpo com o óleo que havia dentro dele.

— Precisamos garantir que ele a deseje. Este feromônio tem um odor sutil de órgãos sexuais femininos. Vai enlouquecê-lo de tal forma, que ele não vai entender. Ele se sentirá atraído e precisará ficar junto de você sem saber por quê.

Ela se ajoelhou e esfregou o óleo em meus pés e entre os dedos. Massageou-me devagar nas panturrilhas e subiu para as coxas e me deu um toque entre as pernas. Untou-me os braços, as costas e os seios. Suas mãos eram experientes, e, ao notar que ela e o filho tinham o mesmo tipo de toque, o prazer que senti me deixou constrangida. O óleo tinha um cheiro floral e almíscarado, como um bicho de flores.

Ela continuou me massageando.

— Esse óleo contém lilás, jasmim e almíscar de uma corça no cio — disse ela.

O nome dos ingredientes me excitou. *Lilás, jasmim e almíscar*, eu disse a mim mesma. *Lilás, jasmim e almíscar, para mim. Lilás, jasmim e almíscar, para mim.* Parecia um feitiço. Aquelas pareciam as palavras mais sensuais da língua inglesa.

— Fale — disse ela.

Eu mal conseguia respirar.

— Falar o quê?

— Fale — disse ela, passando os dedos em volta de meus mamilos.

— Quero ir agora.

— Me diga mais.

— Quero ir ver Exley. Quero Exley. Quero que ele me toque como você está tocando.

— Agora se vista e vá o mais depressa possível.

Eu já estava na porta para sair quando Lourdes Pinto mandou que eu voltasse.

— Se não conseguir o lírio-do-vale, não volte para esta casa. Não me deixe ver sua cara de novo, senão a mato com as próprias mãos.





Lírrio-do-vale

(Convallaria majalis)

O lírio-do-vale é um cardiotônico eficaz no tratamento da insuficiência cardíaca. Como medicamento para o coração, às vezes é preferível à digitalis derivada da dedaleira, por ser menos tóxico e não se acumular no sangue. O lírio-do-vale tem um dos aromas mais eróticos de todas as plantas e é amplamente usado em perfumaria. Não admira que faça o coração bater mais forte.

Aproximei-me da cabana de Exley com o máximo de cuidado, porque tanto Armand quanto Lourdes haviam me avisado de que ele era especialista em magia vegetal. Não se devia subestimá-lo nem por um segundo. Eles disseram que eu reconheceria o lírio-do-vale pelo perfume. Que tinha cheiro de fêmea no cio, e Exley muito provavelmente estaria sentado junto dele. Eu não sabia ao certo se reconheceria o odor de fêmea no cio, mas eles me garantiram que não havia cheiro igual no mundo, e que eu o identificaria imediatamente.

Já diante da cabana, decidi fazer um movimento ousado. Fui até a porta de entrada, mas parei quando estava prestes a bater. Embora fizesse sol, saía um bafio insuportável lá de dentro.

A porta de madeira, que já fora azul, estava lascada e com aspecto de podre, e pude ver densas manchas escuras de mofo. A madeira parecia mole, como se os nós dos meus dedos fossem atravessá-la, se eu batesse nela.

Espiei por uma janela e recuei ao ver Exley. Ele estava sentado numa antiga cadeira colonial de madeira de espaldar reto, numa sala escura e sem nenhuma luz acesa. O lírio-do-vale estava em cima de uma mesa, ao lado dele. Parecia que ele vigiava a planta, como se soubesse que eu viria.

Respirei fundo e voltei para a vidraça. Exley estava muito diferente em relação à última vez em que eu o vira. Tinha o cabelo mais comprido e mais fino, puxando muito mais para o branco que para o louro prateado de que eu me lembrava. Será que o brilho prateado fora criação minha? O pior era que ele tinha um olhar parado e arreganhava os dentes num sorriso estranho e ameaçador.

Encostei-me na casa. Eu não conseguia imaginar ter algum dia desejado a criatura sentada naquela cabana bolorenta.

— Lila, estou muito feliz por você ter voltado para me ver.

A voz de Exley me assustou. Empertiguei-me e joguei o cabelo para trás dos ombros.

— Eu já ia bater na porta.

— Mas você está em pé ao lado da janela.

— Eu não sabia se você queria companhia.

— Você sabe que sua companhia é sempre bem-vinda, onde quer que eu esteja. Mas, só por curiosidade, como soube que eu estava aqui?

— Uma amiga o viu.

— Você quer dizer uma amiga felina? — perguntou, referindo-se à pantera.

— Muito bem — disse eu. — Estou aqui porque não terminei nossa conversa no mercado.

— A moça do caixa é um amor, não é?

— Você sumiu. Como saiu do porão?

— Armand deve ter lhe contado como foi. Eu até deixei uma pista para ele. Era o que um cavalheiro faria.

— A chicória?

— *Cichorium intybus*, essa mesma. A planta da invisibilidade.

— Você encontrou o que o trouxe até aqui? Encontrou as duas plantas que morreram?

— Já estou sozinho há muito tempo, Lila. Estava precisando de um pouco de companhia. Venha tomar um chá. Podemos colocar a conversa em dia.

Fui até a porta. Não deixei Exley perceber minha hesitação.

— Eu adoraria.

— Sinto muito não ter mais conforto. Não tive tempo de fazer uma boa faxina — disse ele, segurando uma panela cheia de água em cima de um fogareiro.

A cabana parecia uma pocilga, mas tratei de não pensar nisso.

— Tudo bem, não tem problema — disse eu, varrendo cada centímetro da sala até bater o olho numa gaiola de roedores pousada no canto.

— Uso esses bichos para treinar rastreamento — disse ele do outro lado da sala. — Não são muito bonitos, eu sei. Não é a melhor maneira de atrair mulheres.

Descobri uma raiz de mandrágora horrenda no chão de terra embaixo da mesa, com o lírio-do-vale em cima. Ao vê-la, lembrei-me de Diego. Pensar nele, doente e moribundo, evitou que eu sáísse correndo dali. O lírio-do-vale era alto, viçoso e visivelmente muito bem-cuidado. Também senti um leve cheiro de cânhamo e vi uma gloxínia roxa no parapeito sujo de uma janela. Exley estava prestes a ter as nove plantas.

Ele voltou com o chá e me entregou uma xícara. As unhas de sua mão esquerda eram compridas e sujas, e as da direita, curtas e limpas. A borda da xícara estava imunda. Aproximei-a da boca e fingi tomar um gole sem ingerir o chá nem encostar na xícara.

Ele se sentou na cadeira de espaldar reto.

— Sinto muito, Lila, sobre a Laundromat. Eu queria lhe dizer isso, mas não sei por que não consegui quando a vi no mercado. Usei-a para chegar às plantas e sinto muito por isso. Foi para ouvir minhas desculpas que voltou?

Eu não estava preparada para que ele se retratasse.

— Mesmo depois do episódio da Laundromat, eu sempre soube que você voltaria. Sabia que teria que esperar um pouco, mas que se tivesse um pouco de paciência, você voltaria para mim. Eu tinha certeza disso.

— O que fez você pensar que eu voltaria?

— Quando se trata das nove plantas, vale tudo. Qualquer atitude que você tome para consegui-las é desculpável, em última instância. Quando a conheci, você não sabia disso. Mas tenho certeza de que a esta altura já entendeu e me perdoou. Além do mais, nos dávamos bem. — Suas unhas compridas batiam na xícara. — Tínhamos uma química.

Com o rabo do olho, vi uma cobra no chão. Levantei os pés e cruzei-os embaixo das pernas.

— Um amigo? — perguntei.

— Mais ou menos. Ele tem a mesma importância para mim que a pantera negra para você. Ele é mais ou menos um totem para mim. Está aqui desde o dia em que cheguei. Esta cabana é dele, na verdade, não minha.

— Uma cascavel?

— É. Uma das cobras mais venenosas que existe. Lembra-se dele? Estava com o xamãzinho na floresta. O que roubou seu carro quando você voltou para me ver. Quando veio para o México atrás de mim.

Eu não vim atrás de você, eu quis gritar, mas fiquei calada.

— Era a cobra dele — disse eu, apontando para o chão.

— Era. Foi assim que a encontrei. É assim que sempre vou encontrá-la. Você não me viu? Achei que eu tivesse me mostrado a você.

— Sim — eu disse, lembrando-me da imagem de Exley que me veio à mente quando eu estava com o bruxinho. — Eu vi você.

— Eu a salvei, sabia? A cobra poderia facilmente ter matado você. As duas presas vazadas que tem na boca são como agulhas hipodérmicas. Liberam veneno com uma precisão certa nas veias da presa. Quando a vítima morre, ela a engole inteira. É tudo muito preciso e limpo. Nada de sujeira. Nada de sangue. Violência sem sinal de violência. Morte sem sinal de morte. Gosto disso.

Exley se levantou e abriu a gaiola dos roedores, que não paravam de guinchar. Agarrou um esquilo grande pelo rabo, girou-o e atirou-o para a cobra. O esquilo bateu na parede e caiu no chão. Rápida como um raio, a

cobra enterrou as presas no roedor. Meteu centímetro por centímetro daquele corpo peludo na boca, até o esquilo inteiro ter desaparecido em seu ventre. Eu suava e estava enjoada.

— Não faça essa cara. Quando não está matando, ela pode ser muito divertido. Você a viu dançar para o xamãzinho. Quer ver de novo?

Exley se levantou e ligou o rádio.

— Só pega uma estação aqui. Espero que goste de música de percussão, porque não toca outra coisa, vinte e quatro horas por dia. Eu fico enlouquecido com isso metade do tempo, mas ela gosta — disse, olhando para a cobra. — Para dizer a verdade, deixo o rádio ligado quase o tempo todo. Ela fica irritada quando desligo. Faz estragos.

— De que tipo?

— Destroí as coisas de que mais gosto. As plantas. A cobra também gosta delas, infelizmente. Gosta de comê-las.

— Por que fica aqui com ela?

— Já me mudei várias vezes — disse ele, com um olhar parado. — E ela está em todo lugar a que eu vou.

— Nova York?

— Ela está lá toda noite, em meus sonhos.

— Tem medo dela?

— Passo a vida perseguindo coelhos e porcos do mato, esquilos, ratos e outros roedores, só para deixá-la feliz. Para agradá-la, sou obrigado a matar o tempo todo. Ela não faz nada sozinha. Vivo em função dela, faço as piores coisas para ela. Não entende? É por isso que preciso das nove plantas.

— Por quê?

— Para conseguir o que quero na vida. Para conseguir o que desejo do fundo do coração, que é me livrar da cobra.

Percebi que a autopiedade dele me sensibilizava. Por mais horrível que fosse aquilo, pousei a xícara suja e estendi os braços para ele. Toquei-o. A pele dele estava seca e áspera. Fiquei ali sentada segurando a mão dele e tentando evocar uma imagem, qualquer uma, do Exley forte, rijo e louro prateado que me atraiu tanto tempo atrás, na feirinha de orgânicos da Union Square.

— Gostaria de ver a cobra dançar? — ele tornou a me perguntar. — É a única diversão que posso lhe oferecer. Eu gostaria sinceramente de lhe

oferecer alguma coisa além de dor.

— Gostaria.

Exley aumentou o volume do rádio ao máximo. Havia muita estática, mas o som da percussão vibrava nas paredes e fazia a cabana tremer como um terremoto. Segurei-me nos braços da cadeira.

— Já volto — gritou ele. — Preciso arrumar a antena, tirar um pouco da estática.

Assim que ele saiu, levantei-me e pus as mãos no lírio-do-vale. Quando peguei na planta, a cascavel emitiu um horrível silvo, como se milhares de batatas caíssem no óleo fervente.

— Largue o lírio, Lila.

Não me mexi.

— Eu só queria cheirá-lo — disse eu, conservando-me de costas para ele.

— Bom, já cheirou. Então largue-o.

Virei-me para ele e vi a cascavel bloqueando a porta. Quando coloquei o lírio de novo em cima da mesa, entendi que talvez não conseguisse sair viva da cabana.

Exley ajustou o velho botão sintonizador do rádio, como se nada tivesse acontecido.

— Isso deve resolver — disse ele. — Está muito melhor, não acha?

— Muito melhor — disse eu.

Ele me estendeu a mão.

— Venha.

Respirei fundo e visualizei Diego para me fortalecer. Peguei a mão de Exley, a das unhas compridas e sujas.

Sem a estática, a cobra rastejava para trás e para a frente no chão de terra, cada vez mais depressa e agitada, de um lado para o outro. Exley e eu ficamos parados no canto da sala, de mãos dadas, como uma estranha paródia de dois adolescentes num baile da escola.

— Ela vai rastejar para lá e para cá até perceber que a cabana é muito pequena, que não tem para onde ir senão para cima — sussurrou Exley. — Depois vai se esticar toda e vai bailar para mim como uma dançarina do ventre. É o único prazer que ela me concede.

Mostrando que Exley não mentia, a cascavel se ergueu toda. Meneou o corpo para trás e para a frente, levantando e balançando o chocalho como um pandeiro, no mesmo ritmo da percussão.

Exley largou minha mão. Acompanhou o movimento da cobra, meneando o corpo como uma fita, emitindo silvos estranhos. A cabana fedorenta chacoalhava com o batuque e a dança. Com o cabelo branco esvoaçando e as unhas compridas no ar, Exley era irresistível.

Fui ao encontro dele como se fosse um robô, o olhar parado, e entrei na dança com ele e a cobra.

Exley farejou o ar como um cachorro. Passou os braços em volta de mim e, com o rosto em meu pescoço, inspirou o aroma de minha pele. Cheirou-me furiosamente, como se fosse um bicho. Nós três dançamos ao som dos tambores e do chocalho como se tivéssemos nascido para fazer aquilo.

Ocorreu-me então que a cascavel era uma hipnotizadora astuta que atacava quando a vítima relaxava ao som infantil de seu chocalho. A ideia me passou pela cabeça como um raio, tão depressa, que não aguentei.

— Fique comigo, Lila — disse Exley. — Seu cheiro é mais gostoso que o do lírio-do-vale.

Eu mal me lembrava por que queria o lírio. Estava relaxada nos braços de Exley, quase adormecendo em seu ombro ossudo, quando ouvi uma voz. Era alta e parecia vir de dentro de minha cabeça.

— Acorde, Lila! Acorde! Não adormeça!

Era a voz de Armand. Abri os olhos como se eu tivesse levado um banho de água fria. Fiquei chocada ao me ver nos braços de Exley.

— Seduza-o. Já! — disse Armand.

— Não dê ouvidos a Armand — disse Exley, como se também pudesse ouvi-lo. — Armand é um mentiroso. Ele tem as nove plantas. Sempre as teve.

Tentei eliminar a névoa com que Exley me envolvera. Ele continuava me abraçando com o rosto colado em meu peito, cheirando como um louco o perfume de Lourdes Pinto.

— Não entendo — disse eu. — O que você está dizendo sobre Armand e as plantas?

— Pense nisso, Lila. Pense no valor extraordinário daquelas plantas. Pense na capacidade que elas têm de satisfazer tudo o que uma pessoa poderia

desejar na vida. Se tivesse as nove plantas na *sua* Laundromat, você não tiraria uma muda, dez mudas, cem mudas, de cada planta? Não as replantaria em outro lugar? Um lugar secreto? Só por via das dúvidas?

Fiquei perplexa. Claro que Armand tiraria mudas das plantas. Seria burro se não tirasse, e ele era um homem muitíssimo inteligente. Como pude não me dar conta disso antes?

— Você tem de se concentrar em Diego — disse Armand. — Tem de pegar o lírio para Diego, senão ele morre. É só nisso que você tem de pensar.

— Por que estou aqui? — perguntei a Exley. — Se ele tem as nove plantas, então por que estou aqui?

— Não sei. Mas não é pelas nove plantas.

Eu estava confusa, mas sabia que não podia pensar nas plantas. Eu não podia ter certeza se Armand as tinha ou não e precisava ajudar Diego. Se ele morresse, eu não iria me perdoar.

— Amo você — murmurou Exley. — Armand nunca a amou como eu. Ele só mentiu para você e a enganou — ele me abraçou com força. — Eu sabia que você voltaria para mim.

— Sim, David, eu voltei — sussurrei em seus cabelos. Abaixei a cabeça dele e esfreguei meus seios perfumados em seu rosto. — Na verdade, eu jamais quis deixá-lo.

Exley pegou minhas mãos.

— Deite-se comigo.

— Não se deite — sussurrou Armand em minha mente. — Se você se deitar, jamais sairá daí. Nunca. Essa é sua última chance de conseguir o lírio-do-vale.

Ajoelhou-se no chão, a cascavel dormindo enroscada atrás dele. Eu estava em pé ao lado dele, e Exley procurou meu corpo.

— Preciso de você — disse ele do chão.

Suas mãos envolviam minhas pernas. Ele cheirava a parte interna das minhas coxas, colando o nariz em mim como um cão.

Abaixei-me e peguei a cabeça dele.

— Eu também preciso de você.

Visualizei o melhor beijo que eu já tinha recebido, o que Diego me dera na mata quando colocou as sementes agrídoces de cacau em minha boca.

Então, fitando seus olhos semicerrados, beijei-o suavemente e com toda a paixão que pude encontrar. Fiz isso por Diego.

A textura de sua língua ágil e serpeante e seus dentes encardidos e cheios de limo me causaram repulsa. Mas também soube que ele me amava. Embora fosse mau-caráter e depravado, e apesar de me perseguir e de querer me escravizar, Exley ainda era uma pessoa que precisava de mim.

Lembrei-me das palavras de Lourdes Pinto: *Você deve tentar evocar um sentimento dentro de você. Um sentimento de amor por ele. O mesmo sentimento que teve quando o conheceu. Ele tem de acreditar em você sem desconfiar de nada. O sentimento tem de ser real.*

Fiquei aos beijos com Exley. Quando afinal parei, ele estava de olhos fechados e a boca aberta, esperando mais. Continuei um pouco ali, para testemunhar sua paixão, a maior que um homem já sentira por mim. E, quando me saciei, fui me esgueirando para longe dele com meu corpo untado. Ele continuava de olhos fechados e boca aberta quando peguei o lírio-do-vale e saí correndo. Deixei-o de joelhos, os braços abertos. A porta mofada fechou atrás de mim, e a última coisa que ouvi foi o silvo da cascavel, que se erguia.





Plantas aéreas tropicais

(plantas epífitas)

As plantas aéreas incluem as orquídeas, as bromélias e todos os fetos de chifres-de-veado. Elas não são plantadas na terra e não precisam de ser regadas. Nutrem-se de insetos e folhas em decomposição e nitrogênio dos relâmpagos. Não há muito que acrescentar à história das plantas que vivem de relâmpagos e de morte. Há dramaticidade suficiente para dez histórias.

Corri o mais que pude para o meio da floresta. Era de noite e, uma vez lá dentro, eu não enxergava um centímetro à minha frente. Tropecei em raízes de árvores e em arbustos. Folhas e galhos me arranhavam o rosto, e insetos entravam em meus olhos. Como o vaso do lírio era muito pesado para eu carregar, quebrei-o jogando-o contra uma árvore. Abracei-me com a planta e o torrão das raízes e continuei correndo.

Quando senti que estava bastante longe de Exley, reduzi a velocidade, arrastando-me com cuidado pelo bosque. Eu sabia que o tempo passava e a

vida de Diego estava se esvaindo, mas receava continuar correndo e danificar ou perder o lírio. Eu não sabia que parte da planta era medicinal; não podia me dar o luxo de perder nenhum pedacinho na floresta, onde ele jamais seria recuperado.

Desisti de tentar enxergar no escuro. Fiquei de quatro e fui tateando o chão da floresta, como eu vira a pantera negra fazer. Eu não sabia para que lado estava indo. Não sabia se me aproximava ou me afastava da Casablanca.

Exausta, encostei-me numa árvore para descansar. Senti que pisava uma folha grande, uma frondosa folha de palmeira. Era normal encontrar folhas daquele porte no chão da floresta. Sua ampla superfície lhes permitia acumular a quantidade de luz do sol necessária para continuar vivas na escuridão extrema. Peguei a folha e envolvi o lírio nela, para protegê-lo da chuva, do vento e do meu jeito desastrado no escuro. Continuei andando e só parei uma vez para me deitar no chão, que era recoberto por uma camada de húmus, e recuperar o fôlego.

Quando me levantei, a eletricidade estática fez meu cabelo ficar em pé. Isso não era um bom sinal. Anunciava uma tempestade. Armand me dissera uma vez que, a cada ano, morre mais gente fulminada por raios que picada por cascavéis: *A probabilidade de uma pessoa morrer de picada de cascavel é inferior a três por cento. Se algum dia você tiver de escolher entre o réptil e o raio, fique com a cobra.*

Essa informação não era um bom presságio para mim. Eu acabara de escapar por um triz da cascavel. Que probabilidade eu teria de resistir aos raios?

A tempestade começou com relâmpagos, o que significa que se limitava ao interior das nuvens, transformando-as em enormes balões oblongos fluorescentes. Eram tão claras, que atravessavam o denso dossel da floresta, iluminando a copa das árvores, criando uma sensação sinistra de que haviam acendido a luz no alto da mata. Por instantes, enxergava-se tudo, e eu via uma vegetação verde-esmeralda e pontos amarelos, que eu sabia serem olhos de bicho.

Os relâmpagos acabaram sendo uma bênção, dando-me o tempo necessário para que eu me situasse.

Os raios que vieram a seguir foram uma experiência muito menos agradável, atravessando a copa das árvores e caindo no chão. Eu sabia que esse tipo de tempestade de raios era o mais perigoso. Os raios vinham da parte inferior das nuvens com carga negativa e caíam no chão com carga positiva, e em geral eram fatais. Quando as pessoas morrem em tempestades, quase sempre a morte é causada pelos raios.

Agachei-me, encolhendo-me ao máximo para não me tornar um alvo. Observei os raios atingirem pequenos arbustos, fulminando-os instantaneamente. Olhei para cima a tempo de ver a copa de uma árvore pegar fogo depois de ser atingida por um raio.



O fogo no dossel iluminou o chão e me deixou de cara com uma planta que eu só vira em desenho. Uma bromélia extinta havia tanto tempo, que ninguém mais se dava o trabalho de procurá-la. Uma planta tão rara, que até seu nome tinha desaparecido. Era o troféu de Sonali. A planta sem nome da paixão.

Não havia como confundir a misteriosa bromélia, suas folhas espiraladas formando um pequeno buraco negro no centro. Uma mandala sobre a mente humana, criada pelo mundo vegetal, dissera Sonali. Eu tinha diante dos olhos exatamente a planta que Sonali e Armand havia tantos anos procuravam.

Sendo uma planta aérea, ela não necessitava de terra para viver — crescia grudada num toco. Não era uma parasita. Só se encostara ali para se firmar. Esperei o próximo raio, e então, com a maior delicadeza possível, soltei a planta da paixão do toco e embrulhei-a na folha de palmeira com o lírio-do-vale.



Armand a descrevera como a planta da paixão porque ela se alimenta de raios que caem de repente, como a própria paixão. Ele disse que apenas outro ser igualmente apaixonado seria capaz de encontrá-la.

Abracei-me às duas plantas e continuei andando. A única coisa boa da tempestade era o estrondo dos trovões: mantinha os bichos escondidos e à distância, dando-me liberdade para andar sem me preocupar em ser atacada.

Quando a chuva parou, pude ver o sol, e soube para que lado ir. Segui a aurora até chegar à clareira na mata. A estrada para a Casablanca ficava bem em frente.

Eu conseguira sair da floresta, mas não sabia se chegaria a tempo de salvar Diego. Nunca fiquei tão feliz ao ver aquela estrada de terra pedregosa quanto naquela manhã. Corri, corri, andei um pouco e corri mais ainda. As solas de meus pés sangravam. Eu perdera os sapatos na mata, ou talvez os tivesse deixado no barracão de Exley. Não conseguia lembrar. O que importava era que eu percorrera os onze quilômetros até a Casablanca.



Entrei em casa mancando. Lourdes Pinto e Armand pareciam não ter se mexido desde que eu partira. Sem dizer nem uma palavra, entreguei a Armand a folha de palmeira com as plantas. Ao abri-la, ele ficou aturdido quando viu a planta da paixão. Pegou-a como se fosse um recém-nascido e abraçou-a como abraçava Sonali, como se nunca fosse soltá-la.

— Escolhi bem — disse baixinho.

Ele segurava a planta nos braços enquanto Lourdes enchia uma bacia com água quente para meus pés ensanguentados.



Armand e Lourdes se dedicaram ao que realmente importava: salvar Diego. A atitude deles me mostrava que eu trabalhara bem. Via pela cara deles — sem lágrimas nem careta de choro — que Diego ainda resistia.

Entrei na bacia, e a água ficou vermelha de sangue. Encostei o rosto na bancada da cozinha, os braços estendidos à frente, como uma criança em posição de ioga, e observei Lourdes preparar o lírio-do-vale dividindo a planta em raiz, haste e flor.

— Em geral, a planta é colhida em flor e posta para secar inteira — disse Armand, batendo com sua espátula antiescorpião preferida na bancada enquanto falava —, mas, como agora não temos tempo para secá-la, vamos improvisar. A flor é a parte mais ativa, e seus principais constituintes são dois glucosídeos. O primeiro é a convalamarina, o ingrediente ativo. É um pó branco cristalino, prontamente solúvel em água ou álcool, que age sobre o coração como a digoxina. O segundo é a convalarina, que é cristalina em prismas, mais fácil de dissolver no álcool que na água e que tem uma ação purgativa. Forçará Diego a vomitar para se livrar de qualquer veneno que esteja em seu organismo. De dez a trinta gotas de fluido serão extraídas da planta e servidas a ele em pequenas doses.



Depois que a planta foi toda fervida, Lourdes verteu a redução em vidrinhos do tamanho de um conta-gotas e foi para o quarto em que Diego estava. Tirei os pés ensanguentados da bacia para segui-la. Eu estava tonta de cansaço, mas queria ver com meus olhos a recuperação de Diego.

— Ainda não — disse Armand, agarrando meu braço. — Temos uma visita.

— Não estou ouvindo ninguém.

— Vá — gritou ele para Lourdes Pinto.

Ela correu para o quarto de Diego e desapareceu com o remédio na mão, quando Exley abriu a porta de entrada.

Segurei o braço de Armand. Quase desmaiei ao ver Exley.

— O que você quer? — sussurrei.

— Quero o que é meu — disse ele com uma voz calma, sinistra. — Só quero o que é meu, Armand. Não planejo usar isso se não for preciso. — Ele segurava um facão enferrujado. — Não é da minha natureza matar.

— Você me seguiu até aqui? — perguntei-lhe.

— Você é uma amadora. Deixou um rastro malcheiroso de fêmea, fácil de ser seguido por qualquer pessoa com olfato.

Armand virou-se para mim.

— Cale a boca — disse ele. — Não diga mais nem uma palavra. Não deixe que ele a ouça falar. Não deixe que ele entre em sua mente.

Exley olhou a planta da paixão na bancada da cozinha e a expressão de seu rosto demonstrou que ele sabia do que se tratava.

— Então era disso que você estava atrás. Era isso o que estava procurando esse tempo todo. Diga a ela, Armand. Diga a ela a verdade.

Exley virou-se para mim.

— Eu tinha razão desde o começo. Ele usou você, Lila. Ele não a trouxe aqui para conseguir as nove plantas. Ele só se importava com uma coisa. Com uma planta. A planta sem nome da paixão.

— Não permita que ele a envolva de forma nenhuma — disse Armand.

— Eu a amei, Lila — disse Exley. — Armand nunca a amou. Nem por um instante. Ele só ama a planta da paixão. Você era um brinquedo nas mãos dele. Mais nada. Ele a usou de uma forma muito pior do que eu, quando dormi com você em Nova York. Você quase morreu por causa dele, e Diego também. Diego está nessa situação por causa de Armand e de seu desejo de ter a planta da paixão, não por sua causa.

Olhei para Armand, e ele fez que não com a cabeça.

— Ele a usou para encontrar a planta porque sabe, como eu sei, que você está destinada a servir um homem, como uma prostituta. Mas a diferença entre mim e ele é que eu lhe paguei em dinheiro quando você trabalhou para mim. Lembra-se? Paguei-lhe pela muda da samambaia-de-fogo. O que ele lhe deu?

Não dava para evitar. Eu tinha de levar em consideração o que Exley estava dizendo. Se fosse verdade que Armand nunca precisara das nove plantas, se ele me usara para encontrar a planta da paixão, será que algum dia eu poderia perdoá-lo pelo que havia acontecido com Diego?

— Não deixe que ele entre em você — disse Armand. — Ele iria fazê-la dormir naquela cabana e depois matá-la, ou pior.

A voz de Armand era firme, mas eu sentia os músculos de seu braço tremerem no local em que eu segurava. Seu nervosismo me perturbou e me deixou confusa.

— O que você quer? — perguntou Armand.

— O lírio-do-vale, que é meu, claro.

— Esqueça. O lírio já foi dividido e fervido. Já está dentro de Diego Pinto, curando-o como deve.

— Então vou matar Diego para extrair o lírio de dentro dele.

— Você não vai encostar nele — disse eu, de repente, sacudida de meu estupor.

Tentei me lembrar se havia uma pistola ou uma faca ou qualquer tipo de arma na casa.

— O que mais você quer? — perguntou Armand, calmamente, como se já soubesse o que Exley ia dizer antes que ele falasse.

— Lila é minha! — disse ele.

— Eu não sou sua!

— Sshhh — disse Armand.

— Eu a teria, lá na cabana, se você não tivesse entrado na cabeça dela.

— Ela é uma pessoa. Não é uma marionete.

— É por isso que eu estou aqui — disse Exley. — Vou cortar os cordéis que você usa para segurá-la. Os cordéis que unem vocês.

Exley brandiu o facão curvo e enferrujado.

— Que cordéis? De que ele está falando?

— Você e eu temos linhas entre nós, linhas que nos ligam, como as que você viu na árvore — disse Armand.

Depois, com agilidade, jogou-se no chão, derrubando-me junto com ele. Ouvi a faca zunindo no ar. Gritei, e Armand empurrou-me com tanta força, que deslizei nas lajotas mexicanas até o outro lado da sala.

Armand se levantou bem na hora em que Exley ergueu o facão, mas, com um metro e noventa e dois, ele era muito maior e mais forte que o outro. Num dos movimentos de bailarina que não condiziam com seu tamanho, agarrou o pulso de Exley e o sacudiu, fazendo o facão zunir, cortando o ar. Com seu corpo, Armand empurrou-o para baixo da *pinãta* cor-de-rosa em forma de tigre pendurada no teto. Forçou-o a acertá-la repetidas vezes com o facão, cortando o papel machê como se fosse manteiga. Quando ela se rompeu, Armand largou o braço dele e correu para o outro lado da sala. Centenas de escorpiões caíram da *piñata* em cima de Exley. Ele gritava enquanto as caudas pré-históricas se agitavam, injetando-lhe veneno. Desesperado de dor, ele esfaqueava os escorpiões em cima de seu corpo,

ferindo-se inúmeras vezes com a própria faca. Havia escorpiões em seu cabelo e em seu rosto, descendo-lhe pelo peito e entrando em suas roupas, enchendo-o de veneno até ele cair no chão. Observei-o do outro lado da sala, respirando como se tivesse acabado de correr uma maratona. Observei-o até ele parar de se mexer, até parar de gritar, ou chorar, ou gemer. Fitei-o até ele jazer no chão coberto de sangue e escorpiões, morto.

Armand olhou para mim.

— Lembra-se do que as crianças dizem? — perguntou ele.

— Arrebente a *pinãta* como se não houvesse amanhã — sussurrei.

— Isso mesmo — disse ele. — Ouça sempre as crianças. De uma maneira ou de outra, elas sempre têm razão.

Meu espírito e meu corpo começavam a desabar sob a pressão incessante das últimas vinte e quatro horas. A última coisa que eu me lembraria era de Armand me carregando para um lugar escuro e macio. Passei dois dias dormindo.



Quando acordei, Armand e eu demos uma volta na encosta coberta de relva voltada para o mar.

— É verdade que você nunca procurou as nove plantas? Preciso saber.

— É. Exley estava certo quanto a isso. Tenho muitas e muitas mudas das nove plantas.

— Por que não me disse o que procurava? Por que não me pediu para ajudá-lo a encontrar a planta sem nome da paixão?

— Se eu tivesse pedido, você teria largado sua vida em Nova York? Teria procurado durante tanto tempo e com tanto afinco?

— Não.

— Foi por isso que não pedi.

— Mas você deixou que eu me sentisse culpada em relação ao roubo da Laundromat e às plantas, durante muito tempo.

— Eu precisava que você encontrasse a planta sem nome da paixão. Sua culpa era minha última esperança. Era a única coisa no mundo que a traria

para o México e não a deixaria parar de procurar. Achei muita sorte ter sido você a culpada pelo assalto à minha Laundromat.

Ficamos sentados em silêncio, vendo os pescadores puxarem as longas redes.

— Quando nos conhecemos — disse Armand. —, você me disse que não gostava de seu trabalho. Disse que, se pudesse ter qualquer coisa que quisesse no mundo, escolheria aventura, amor e dinheiro. Está lembrada?

— Estou.

— Conseguiu todas as coisas que queria?

— Não sei.

— Conseguiu aventura?

— O suficiente para dez vidas.

— Encontrou amor?

Pensei em Diego e em mim, e em Armand e Sonali.

— Sim. Encontrei amor.

— Dinheiro?

— Quanto a isso, não tenho certeza.

Armand abriu a sacola de couro e tirou uma pequena muda.

— É da planta da paixão. Para todo o mundo, salvo você e eu, ela está extinta. Não sobra nem uma única no mundo. Pegue essa muda. É valiosa. Vá lhe trazer muita sorte.

— Por que quis tanto a planta da paixão?

— Tenho tudo o que quero no mundo, menos a felicidade de Sonali. A única coisa que importa para ela, e, por conseguinte, para mim, é a planta sem nome da paixão. Agora Sonali terá felicidade. E eu terei tudo o que quero.

— Tenho mais uma pergunta.

— Claro.

— Como sabia que eu conseguiria encontrá-la no México?

— Testei você com a samambaia-de-fogo. De todos os milhares de pessoas que vi entrar e sair de minha Laundromat, de todas as pessoas com quem falei e que conheci, só dez receberam uma muda da samambaia-de-fogo. Dessas dez, só a sua criou raiz. Por isso, e também porque gostei de você. Pode acreditar: não estaríamos aqui, se eu não gostasse de você. É muito

difícil partir para uma aventura com alguém de quem não se gosta. Especialmente na minha idade.

— Quantos anos você tem?

Armand riu.

— Está vendo aquelas montanhas lá?

— E se eu não conseguisse encontrar a planta da paixão?

— Teríamos ficado aqui até você encontrar — disse ele, implacável. — A planta da paixão é a décima. O início de um novo ciclo. Faz parte de sua mitologia pessoal. Agora é a sua contribuição para a lenda.

— Estava pensando que talvez eu não queira voltar para Nova York. Quero ficar aqui com você e Diego.

— Você vai voltar amanhã. Já fiz sua reserva.

— Não estou pronta.

— Você tem de voltar para seu mundo e ver como ele é depois de tudo isso. Assim, pode saber o que realmente quer e quem realmente é. Pode escolher que rumo dar à sua vida.

— Posso ver Diego agora?

— Ele está à sua espera.



Diego continuava de cama, mas tinha o rosto corado e saudável e o cabelo, que parecia ter crescido da noite para o dia, preso com um elástico num rabo de cavalo comprido e luzidio. O antídoto funcionara.

Soltei-lhe o cabelo e senti seu cheiro de coco.

Ele se sentou na cama. Abracei-me a ele, apertando-o com força.

— Sinto muito por ter feito você ficar tão doente.

— Eu sei. Eu também.

— Sente muito por quê?

— Por provocar você — disse ele. — Se eu só tivesse me aproveitado de você como queria, isso não teria acontecido.

Ele deu aquele largo sorriso branco.

— Encontrei o antídoto — disse eu colada em seu cabelo.

— Eu sei — sussurrou ele. — Sei o que você passou.
— E encontrei a bromélia sem nome.
— Conte-me como a encontrou — sussurrou-me ele ao ouvido. —
Conte-me tudo.
— Tem certeza de que quer saber?
— Tenho. Conte-me a nossa história.
— Começou quando o conheci na floresta. Quando quase pisei a zâmia e a gloxínia, mas você me impediu a tempo.
— Foi quando eu a fiz voltar para pegar a boa-noite.
— O cordão umbilical, como você a chamou.
— Fomos a pé pela floresta até a Casablanca.
— E depois pela beira-mar.
— Eu já gostava de você.
— Eu também já gostava de você. Você me apresentou a Tamatz Kauyumari, o cervo mais velho e o maior de todos.
— Cantei para você a canção do espírito dele.
— E aí ele nos levou ao *Theobroma cacao*.
— Vi duas vezes a *Panthera onca* seguindo-a pela mata.
— Eu nunca deveria ter ido ao mercado sozinha, mas você estava dormindo.
— Foi onde você conheceu a moça do caixa.
— E encontrei a mandrágora. E a *cichorium intybus*, a planta da invisibilidade.
— E conheceu a centésima Malloreay.
— É, Malloreay.
— E ficou mais alta que uma pipa na horta da *sinsemilla* torturada.
— A *sinsemilla* da moça do caixa me deixou libidinosa.
— Você se apossou de toda a feminilidade dela.
— Por isso eu queria tanto estar com você. Por isso lhe dei a raiz de mandrágora.
— Por isso, e porque me amava. Ela a levou a fazer coisas estranhas.
— Amo você.
— Eu sei.

— Tomei a *Datura innoxia* e viajei com a pantera negra à procura do antídoto.

— E viu as linhas de energia das árvores.

— Como sabe?

— Sabendo.

— Senti o cheiro do lírio-do-vale de perto, mas o cheiro de sua pele é ainda mais doce.

— Não tanto quanto o da sua.

— Dancei com uma cascavel.

— A gente passa por cada uma...

— E depois, numa tempestade, uma árvore pegou fogo e encontrei a bromélia sem nome.

— Que estranho: uma árvore pegar fogo na floresta tropical. Lá é muito úmido.

— Encontrei a planta da paixão. A décima planta.

— Você a encontrou com a sua paixão.

— Amo você.

— Eu também amo você — disse ele.

— E essa é a nossa história.

— É.

— É verdade, então, que quem encontra as nove plantas realmente encontra o que deseja.

— É verdade.

— Vamos recitá-las juntos.

— Boa-noite, gloxínia, zâmia, *Theobroma cacao*, mandrágora, chicória, *sinsemilla*, *Datura innoxia*, lírio-do-vale e a décima planta. A bromélia. A planta sem nome da paixão.



— Gostariam de ver as plantas? — perguntou Armand. — Elas estão tomando sol no balcão. Acho que elas gostariam de vê-los também.

Diego e eu saímos e demos a volta na casa para chegar à escada que levava ao balcão. Era um belo dia de sol, e olhei para o mar. Atravessamos o terreno pedregoso e coberto de capim e não olhei para o chão nenhuma vez, porque sabia que os escorpiões eram meus amigos, e eu agora confiava neles. Eles haviam matado meu inimigo.

Subimos a escada até o balcão no telhado da casa e ali paramos para ver a mãe de Diego, Lourdes Pinto, em pé na frente de sua *palapa*. Ela estava lavando roupa, esfregando-as nas pedras dentro do mar, como se nada tivesse acontecido.

— Onde está Exley? — perguntei a Diego. — Onde está o corpo dele?

— Armand e minha mãe o jogaram no mar. Agora, ela está lavando a roupa deles para tirar o sangue.

As plantas estavam enfileiradas numa mesa de madeira exatamente na mesma ordem em que as encontramos. Já estavam dentro de vasos, tomavam sol e recebiam a névoa fina pulverizada sobre elas de uma mangueira no balcão. Pareciam radiantes, felizes e firmes.

Dei a volta na mesa de madeira para ver as plantas de todos os lados. Diego e eu nos abraçamos.

— Você vai voltar para Nova York, não vai?

— Eu não quero.

— Vai voltar ao México?

— Sim, é o que quero.

— Virei-me para dar uma última olhada.

A décima planta, a planta da paixão, acabara de começar a florir.



 **PARTE TRÊS** 

Nova York



Voltei para a cidade em meados de julho, um dos meses mais quentes do ano em Nova York. Fazia tanto calor, que o asfalto perto da fila do táxi no aeroporto Kennedy grudou na sola de meus tênis. A princípio pensei que tivesse pisado um chiclete, mas na verdade era a rua derretendo.

Não quero discorrer sobre isso, mas o calor em Nova York não era do mesmo tipo do de Yucatán. Também não vou falar sobre aquela velha dicotomia de calor *versus* umidade. Esse calor era simplesmente mais quente. Ponto. Não tinha brisa do mar para refrescá-lo, nem plantas que liberassem oxigênio limpo para respirarmos. Era calor de motores, geradores e transformadores. De motores de aviões e de carros, aparelhos de ar condicionado e exaustores. Um tipo de calor muito mais opressivo que o calor diário do sol, refrescado pela brisa marinha no fim da tarde com que tanto me acostumara. O calor de Nova York tinha um gosto e um cheiro diferentes, e meu corpo o rejeitava como a uma substância estranha, o que resultava em tosse, espirros e uma angústia generalizada. Eu odiava esse calor e me arrependia de ter deixado Armand me convencer a voltar no verão, não no outono, como eu queria.

Por cinquenta dólares, tomei um táxi para Manhattan. Com esse dinheiro, eu poderia ter passado meses na Costa Maia.

O lado positivo era que eu não tinha nenhuma mala pesada me atrapalhando. Eu não carregava nada. Nem mesmo uma mochila. Deixei todas as minhas roupas no México, porque estavam rasgadas ou simplesmente gastas depois de tantas incursões na mata. Era ótimo perder as roupas por excesso de uso, em vez de jogá-las fora porque tinham saído de moda. Era como voltar a ser criança — a época da vida em que nossos jeans rasgavam, ou nosso corpo crescia e as roupas estouravam como se fossem de papel.

Eu estava viajando sem carregar nenhum peso, salvo o de meu coração, que pertencia a Diego e a Armand e às dez plantas na Casablanca.

Pedi ao motorista de táxi que parasse ao chegarmos à feirinha de produtos orgânicos da Union Square. Passei pelo vendedor da cenoura com a máquina de suco suja, pelas roseiras moribundas à venda e pelo homem dos bolinhos de

chocolate com framboesa, até chegar ao ponto onde conheci Exley: o quiosque de plantas no qual eu comprara a ave-do-paraíso.

Agora, o lugar abrigava outro homem, que também vendia plantas — tilândsias pálidas e miúdas e aloísias esbranquiçadas. As plantas tinham um aspecto raquítico, murcho e infeliz, como animais de zoológico. Tinham as folhas enrugadas por causa da rega inadequada e pareciam estar fazendo força para vingar, espremendo-se, em vez de se abrirem para o sol como as asas de um pássaro. A maioria das flores estava curvada para baixo, cheias de manchas marrons. Eu pensava, antes do México, que planta fosse assim mesmo.

Parei onde era a barraca de Exley e imaginei ouvir seus gritos. Visualizei-o coberto de escorpiões e moribundo. Perguntei-me se eu sempre me lembraria dele. Sim, claro que me lembraria e tinha de me lembrar. Ele me deu alguém por quem lutar e algo a conquistar. Fortaleceu-me muito e, por isso, agradeci-lhe em silêncio.

Abri a porta de meu apartamento e fiquei parada na entrada, sem acreditar que eu morava num espaço tão pequeno. Kody estava sentado na falsa cadeira Adirondack, no mesmo lugar em que eu o vira pela última vez. Tinha os pés na mesa de centro de vidro e fumava um baseado.

— Você está bem-disposta — disse ele. — Não parece tensa. Deve ter queimado muito fumo lá no Mérrico.

— Não diga “Mérrico”.

— Fiquei aqui enquanto você não estava. Como a ave-do-paraíso vivia tombando, me mudei para cá para mantê-la em pé, como um bom cidadão.

A planta crescera muito. Tinha no mínimo dois metros e setenta de altura e arranhava o teto.

— Você fez um bom trabalho, Kody.

— Vai ficar, ou vai voltar para o México?

— Por quê?

— Porque, sabe, se voltar, vai me levar junto, bicho.

A ave-do-paraíso não se parecia com nenhuma das plantas da feira de orgânicos. Com certeza, o lugar dela era a floresta tropical de Yucatán, e decidi que levaria uma muda comigo se eu voltasse. Tornei a pensar em Exley. Ele me dera a ave, minha primeiríssima planta, e nunca mais a veria. Eu a manteria saudável e viçosa em homenagem a ele, lembrando-me sempre de que ele teria me matado, se Armand não o tivesse matado.

Mais tarde, desci a rua Quatorze e peguei a Primeira Avenida para ir até a Laundromat. A vidraça nova em folha reverberava no calor. Abri a porta, e o chocalho enferrujado tilintou. Olhei em volta. Havia plantas por todo lado. Sonali devia tê-las repostas enquanto estávamos no México. Tirei os sapatos e meus pés afundaram no musgo. Pela primeira vez desde que eu chegara a Nova York, senti-me como se estivesse em casa. Respirei fundo, puxando o ar para dentro do coração, como Diego me ensinara.

Vasculhei a lavanderia até localizá-la. Não estava na vitrine, estava nos fundos: uma samambaia-de-fogo da Colômbia.

Peguei a tesoura de unha de prata que Armand me dera e cortei uma muda. Eu a colocaria dentro de um copo de água morna num local totalmente escuro e esperaria. Quando ela tivesse raízes brancas tenras e compridas, eu voltaria para o México.

Lembrei-me do que Armand dissera tanto tempo atrás, quando peguei de sua mão a muda da samambaia-de-fogo.

Só a samambaia pode decidir se vai ou não criar raízes, ele disse. Nesta semana, na próxima, no ano que vem, talvez nunca. Vamos ver o que acontece.



Agradecimentos

Agradeço muito aos meus amigos e à minha família: Lisa Levy; Lila De La O; Phil Buehler; Marylu Lambert; Dawn Learsy; Oliver Jolliffe; Grant Collier; Geoff Council; Milton Berwin; Marianne Stewart; Anna Poehner; Claudia Berwin, por ser uma ótima leitora; Jenny Jackson, minha editora maravilhosa; Sam Hiyate, agente extraordinário; Al Grotell, e um agradecimento especial à minha mãe, Evelyn Berwin, por seu amor e apoio constantes.

Sobre a autora



MARGOT BERWIN concluiu o MFA-Master of Fine Arts in Creative Writing, na New School, em 2005. Seus contos foram publicados no Nerve.com, na *New York Presse* na antologia *The Future of Misbehavior*. Berwin trabalhou com publicidade durante muitos anos e mora em Nova York.